



CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA PONTUAÇÃO: ANÁLISE DE UM CORPUS JORNALÍSTICO PORTUGUÊS E BRASILEIRO

Cristina Maria de Sousa Nunes

Tese apresentada à Universidade de Évora
para obtenção do Grau de Doutor em Linguística

ORIENTADOR (A/ES): *Professora Doutora Maria Filomena Candeias Gonçalves*
Professor Doutor Paulo Miguel Torres Duarte Quaresma

ÉVORA, MARÇO DE 2015



RESUMO

Com o objetivo de contribuir para um melhor conhecimento da pontuação como aspeto relevante da escrita do português, partindo de um *corpus* jornalístico, esta tese procura não só inventariar o sistema pontuacional usado em Portugal e no Brasil como também descrever as práticas pontuacionais nestes países, evidenciando coincidências e divergências entre jornais e géneros jornalísticos e diferenças pontuacionais entre as duas variedades nacionais, o Português Europeu e o Português do Brasil.

A presente tese organiza-se em duas partes: na primeira, dividida em dois capítulos, esclarecem-se questões teóricas e históricas relativas à pontuação, matéria complexa e pouco consensual (Capítulo I), e respeitantes ao jornalismo, aos géneros jornalísticos e aos manuais de redação (Capítulo II). Já na segunda parte, centrada no *corpus*, descrevem-se e analisam-se os *pontemas* e as práticas pontuacionais na imprensa portuguesa e brasileira (Capítulo I) e os principais desvios pontuacionais face à “norma” veiculada pelos “manuais” (Capítulo II).

PALAVRAS-CHAVE: pontuação; jornais; desvios; Brasil; Portugal

ABSTRACT

CONTRIBUTION TO THE STUDY OF PUNCTUATION: ANALYSIS OF A PORTUGUESE AND A BRAZILIAN JOURNALISTIC CORPUS

This dissertation aims to achieve a better understanding of punctuation's significance in Portuguese written language. Starting from a newspaper *corpus*, it does not only inventories the Portuguese and Brazilian punctuation systems but it also describes the practices in these countries, highlighting coincidences and divergences between newspapers and journalistic genres as well as differences of punctuation between European Portuguese and Brazilian Portuguese.

This dissertation is organized into two parts. The first one is divided into two chapters which clarify theoretical and historical issues concerning punctuation, a rather complicated and controversial subject (Chapter I), and concerning journalism, the journalistic genres and stylebooks (Chapter II). The second part, which is focused on the *corpus*, describes and analyses the punctuation marks and punctuation practices in Portuguese and Brazilian press (Chapter I) and the main deviations from the "norm" conveyed by such stylebooks (Chapter II).

KEYWORDS: punctuation; newspapers; deviations; Brazil; Portugal

AGRADECIMENTOS

A conclusão do presente trabalho não teria sido possível sem ajuda. Aqui deixo os meus sinceros agradecimentos:

Em primeiro lugar, à Professora Doutora Maria Filomena Candeias Gonçalves, repete no papel de orientadora, pela sua disponibilidade, sugestões, revisões, reformulações, enfim, pelo acompanhamento passo a passo.

Ao Professor Paulo Quaresma, que aceitou ser o meu co-orientador e se disponibilizou para criar a aplicação informática imprescindível à análise dos dados, pelas suas preciosas sugestões.

A Caetano Stanzani e à Biblioteca Municipal de Grândola, pelo auxílio na recolha dos jornais.

À Edite, pela ajuda no Inglês.

À minha família e aos meus amigos, pela sua preocupação.

Ao Paulo, pelo incentivo e apoio incondicionais.

A todos o meu “bem-haja”.

Quem não se exclamou perante uma pontuação diferente, como alguns jornais gostam de usar; perante uma pontuação dúbia, que leva à dupla interpretação; ou, ainda, perante uma pontuação falha? Do mesmo modo, quem não encontrou, ao escrever, hesitações ou dúvidas sobre a própria maneira de pontuar?

(Dahlet, 2006: 23)

ÍNDICE
VOLUME 1

INTRODUÇÃO	17
PARTE I QUESTÕES TEÓRICAS E HISTÓRICAS: PONTUAÇÃO E GÊNEROS JORNALÍSTICOS	27
Capítulo I – Pontuação: teoria e história.....	29
1. Teoria(s) pontuacional(is).....	31
1.1. Sistema gráfico e pontuação	31
1.2. Algumas definições.....	33
1.2.1. Pontuação	33
1.2.2. Unidades de pontuação: <i>pontemas</i> e <i>topogramas</i>	35
1.3. Sistemas pontuacionais	37
2. Breve história da pontuação.....	40
2.1. Antecedentes da pontuação em Portugal e no Brasil: doutrina gramatical (séculos XVI-XIX).....	45
Capítulo II – Da teoria ao <i>corpus</i>	59
1. Breve história do jornalismo em Portugal e no Brasil	61
2. Gêneros jornalísticos: principais características	64
3. Livros de estilo e regras de pontuação.....	67
4. <i>Corpora</i>	76
4.1. Metodologia	77
4.2. Perfil dos jornais	79
4.2.1. <i>Corpus</i> português	79
4.2.2. <i>Corpus</i> brasileiro	82
PARTE II Práticas pontuacionais no <i>corpus</i>	87
Capítulo I – Os <i>pontemas</i>	89
1. Práticas pontuacionais.....	91
2. Função separadora, delimitadora ou organizadora do texto	93

2.1. Ponto	93
2.2. Vírgula	96
2.2.1. Contexto 1	98
2.2.2. Contexto 2	99
2.2.3. Contexto 3	100
2.2.4. Contextos 4, 5 e 6.....	100
2.2.5. Contexto 7	100
2.2.6. Contexto 8	102
2.2.7. Contexto 9	102
2.2.7.1. Orações gerundivas, infinitivas e participiais.....	102
2.2.7.2. Orações temporais	103
2.2.7.3. Orações finais	105
2.2.7.4. Orações condicionais.....	105
2.2.7.5. Orações causais	108
2.2.7.6. Orações concessivas	109
2.2.7.7. Orações comparativas/conformativas.....	112
2.2.8. Contexto 10	114
2.2.9. Contexto 11	115
2.2.10. Outros contextos.....	117
2.3. Dois pontos	121
2.4. Ponto e vírgula	123
3. <i>Pontemas</i> associados à expressão de modalidade.....	126
3.1. Ponto de interrogação	126
3.2. Ponto de exclamação	128
3.3. Reticências	130
4. Unidades sequenciais ou enunciadoras-anunciadoras	133
4.1. Aspas duplas	136

4.2. Aspas simples	139
4.3. Travessão	142
4.4. Parênteses (curvos)	145
4.5. Parênteses retos (ou colchetes)	149
5. Síntese conclusiva	150
Capítulo II - Desvios pontuacionais nos <i>corpora</i> analisados	169
1. Ausência de vírgulas na oração/ construção absoluta intercalada	170
2. Rutura da relação entre sujeito/verbo	180
3. Aspas nas estruturas oracionais de estilo indireto.....	182
4. Aposto sem vírgula	188
5. Adjunto adverbial ou advérbio intercalado sem vírgula	189
6. Antes de oração relativa explicativa em final de frase	193
7. Orações relativas restritivas antecedidas por vírgula.....	195
8. Vírgula antes de “que” (conjunção completiva).....	195
9. Antes de “mas”	196
10. Depois de “mas”	201
11. Orações antecipadas sem vírgula	202
12. Delimitação da expressão “ou seja”	205
13. Delimitação de outros conectores	206
14. Delimitação de “sim”	208
15. Antes da conjunção copulativa “e”	209
16. Antes de EXPRESSÕES/ orações explicativas	213
17. Outros desvios.....	214
18. Síntese conclusiva	216
Conclusão.....	219
Bibliografia	233
Anexos	257

VOLUME 2 – *CORPORA* (CD-ROM)

1. Dados para análise – *exemplos dos corpora com as todas ocorrências analisadas, organizados por pontema:*

Aspas duplas

Aspas simples

Dois pontos

Parênteses curvos

Parênteses retos

Ponto

Ponto de exclamação

Ponto de interrogação

Ponto e vírgula

Reticências

Travessão

Vírgula

2. Imagens dos textos dos jornais brasileiros – *organizadas por jornal e por data*

3. Imagens dos textos dos jornais portugueses – *organizadas por jornal e por data*

4. Resultados do tratamento da aplicação informática criada para o efeito – *estes resultados, obtidos a partir da seleção dos pontemas a estudar e de certos contextos de uso, encontram-se em formato .txt*

5. Textos usados para contagem de palavras: *textos jornalísticos em formato .txt reunidos por jornal e por corpus*

6. Conjunto global dos textos em formato .txt com identificação do jornal, da tipologia e da data

7. Endereço eletrónico da aplicação “Notepad++”

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico n.º 1 – Distribuição dos <i>pontemas</i> nos <i>corpora</i>	92
Gráfico n.º 2 – N.º de ocorrências do ponto por jornal	94
Gráfico n.º 3 – Distribuição do n.º de pontos por função.....	94
Gráfico n.º 4 – N.º de ocorrências do ponto em final de frase	95
Gráfico n.º 5 - N.º de ocorrências do ponto em final de parágrafo	95
Gráfico n.º 6 – N.º de vírgulas por jornal	98
Gráfico n.º 7 – Advérbios intercalados entre vírgulas.....	101
Gráfico n.º 8 – Principais introdutores de orações temporais	103
Gráfico n.º 9 – Principais introdutores de oração causal.....	108
Gráfico n.º 10 – Principais introdutores de orações concessivas	110
Gráfico n.º 11 – Contabilização dos introdutores de orações e construções não-oracionais comparativas/conformativas.....	113
Gráfico n.º 12 – Marcadores de oposição.....	116
Gráfico n.º 13 – Conectores intercalados entre vírgulas	118
Gráfico n.º 14 – N.º de ocorrências de vírgula dentro de números	120
Gráfico n.º 15 – N.º de vírgulas separadoras de elementos com mesma função sintática	120
Gráfico n.º 16 – N.º de ocorrências de dois pontos por jornal	121
Gráfico n.º 17 – Percentagem de ocorrências de dois pontos por função	123
Gráfico n.º 18 – N.º de ocorrências de ponto e vírgula por jornal	124
Gráfico n.º 19 – N.º de ocorrências de cada <i>pontema</i> associado à expressão de modalidade	126
Gráfico n.º 20 – N.º total de pontos de interrogação por jornal e n.º de ocorrências em entrevistas.....	127
Gráfico n.º 21 – Outras ocorrências de ponto de interrogação por jornal	127
Gráfico n.º 22 – N.º de ocorrências de ponto de exclamação por jornal	129
Gráfico n.º 23 – N.º de reticências por jornal.....	131
Gráfico n.º 24 – N.º de ocorrências de aspas duplas por jornal.....	137

Gráfico n.º 25 – N.º de aspas duplas em declarações textuais (por jornal e género jornalístico)	138
Gráfico n.º 26 – N.º de ocorrências de aspas simples por jornal.....	140
Gráfico n.º 27 – N.º de ocorrências de travessões simples e duplos	143
Gráfico n.º 28 – Soluções pontuacionais para as declarações textuais (GLO).....	144
Gráfico n.º 29 – N.º de ocorrências de travessão: destaque da parte final do enunciado	145
Gráfico n.º 30 – N.º de ocorrências de parênteses por jornal	146
Gráfico n.º 31 – N.º de ocorrências de parênteses retos por jornal	149
Gráfico n.º 32 – N.º de palavras por jornal.....	152
Gráfico n.º 33 – Frequência pontuacional por jornal e por <i>corpora</i>	153
Gráfico n.º 34 – Aspas duplas: n.º total e n.º em declarações textuais.....	162

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1 - Inventário dos sinais de pontuação nos séculos XVI-XIX	57
Quadro n.º 2 - Comparação dos usos prescritos e proscritos dos <i>pontemas</i> nos manuais de redação	76
Quadro n.º 3 – N.º de ocorrências e percentagem dos vários <i>pontemas</i> nos <i>corpora</i>	91
Quadro n.º 4 – N.º de palavras por jornal, extensão dos <i>corpora</i> e n.º de <i>pontemas</i> em cada <i>corpus</i>	92
Quadro n.º 5 - Outras ocorrências do ponto	96
Quadro n.º 6 – Vírgula na delimitação de vocativo	98
Quadro n.º 7 - Verbos “dizer” e “afirmar” intercalados por vírgulas.....	99
Quadro n.º 8 – Ocorrências da vírgula na separação de orações gerundivas, participiais e infinitivas.....	102
Quadro n.º 9 – N.º de orações condicionais introduzidas por “se” por jornal e género jornalístico.....	107
Quadro n.º 10 – Ocorrências do advérbio “sim”	114
Quadro n.º 11 – N.º de dois pontos anunciadores de declaração textual por jornal e género jornalístico.....	122
Quadro n.º 12 – N.º de ocorrências de ponto e vírgula por contexto e por jornal.....	125
Quadro n.º 13 - Quantificação das notícias e reportagens com e sem declarações textuais ..	135
Quadro n.º 14 – N.º de aspas por contextos de uso e por jornal.....	138
Quadro n.º 15 – Distribuição de aspas simples por contexto e por jornal.....	140
Quadro n.º 16 – Distribuição de parênteses por contexto e por jornal	147
Quadro n.º 17 – N.º de parênteses na delimitação de siglas por jornal e género jornalístico	148
Quadro n.º 18 – Razão palavras/ <i>pontemas</i> por <i>corpus</i>	151
Quadro n.º 19 - Distribuição das ocorrências dos <i>pontemas</i> por jornal	154
Quadro n.º 20 – N.º de desvios por contexto e por jornal	216

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A escolha do tema do presente trabalho – a pontuação na imprensa escrita portuguesa e brasileira – decorre, em primeiro lugar, da realização de uma dissertação de Mestrado em Estudos Ibéricos, intitulada *A pontuação na Península Ibérica: doutrinas e prática em textos metalinguísticos portugueses e castelhanos do século XVII*. Neste estudo já ficara patente a complexidade de um assunto apaixonante, objeto de divergências entre os vários gramáticos e escritores, passados e contemporâneos. Nele se concluiu que, embora seguissem as ideias gerais dos gramáticos e ortógrafos, autores das doutrinas seiscentistas, ao comporem a pontuação dos textos “os impressores regiam-se por um código pontuacional transnacional, diferente dos sistemas em uso tanto em Portugal como em Espanha” (Nunes, 2006: 129). Esta situação decorria do facto de os primeiros impressores da Península Ibérica, de nacionalidade alemã ou francesa, se deslocarem de oficina em oficina, para oferecerem os seus serviços.

E, se desde o início da investigação chamou a nossa atenção o facto de praticamente não existirem, quer em Portugal quer no Brasil, estudos abrangentes e até comparativos em torno da pontuação, também não deixámos de notar a inexistência de trabalhos fundados em *corpora* eletrónicos, aspeto metodológico que, por só por si, legitimaria a escolha deste tema para uma tese e lhe asseguraria a indispensável originalidade. Do mesmo modo, a importância dos *pontemas*, na língua escrita, para o acesso do leitor aos sentidos pretendidos pelo escrevente/autor/escritor e também o facto de, secundando Catach (1998: 31), considerarmos a pontuação como um (sub)sistema pertencente ao emissor, ao transmissor e ao leitor foram fatores determinantes na escolha deste tema: o estudo das práticas pontuacionais em jornais, importantes veículos de comunicação, transmissores de informações e mensagens dirigidas ao público leitor, que pode ser influenciado pelo que neles foi escrito e pelo modo como está escrito. Por outro lado, atendendo à relação histórica entre a “arte de imprimir”, criada a finais do século XV, e o incremento dos sinais de pontuação dotados de novas funções (cf. Nunes, 2006), consideramos relevante aferir em que medida, na atualidade, a imprensa escrita apresenta ou não usos particulares, próprios de uma atividade tão específica como a de fazer circular diferentes tipos de informação em “letra de forma”.

A nossa experiência profissional determinou igualmente a eleição deste tema, uma vez que a docência da língua portuguesa durante cerca de quinze anos nos permitiu comprovar que a pontuação é um aspeto muitas vezes “desprezado” e maltratado pelos alunos portugueses, com a agravante de ter um papel e uma expressão bastante reduzidos no programa de Português. Embora o “novo” *Programa de Português do Ensino Básico* (Reis, 2009) pareça dar maior atenção a este “conteúdo” que o *Currículo Nacional do Ensino Básico*

– *Competências Essenciais* (2001), consideramos que a pontuação continua a ter um lugar marginal na aula de Português¹. Na verdade, este facto, aliado à falta de hábitos de leitura por parte da população mais jovem, prejudica a construção do sentido dos enunciados escritos, em que não raro proliferam “erros” ortográficos e de acentuação.

As pesquisas realizadas para esta tese² permitiram-nos apurar que a falta de “domínio” da pontuação é também transversal aos alunos brasileiros e que, tal como acontece em Portugal, parece manter-se nos anos subsequentes, uma vez que é frequente encontrarem-se, em textos pessoais e públicos, desvios face às normas e convenções presentes em obras gramaticais. No presente estudo optou-se pelo conceito de “desvio linguístico” numa perspetiva descritiva, visto que o conceito de “erro” se encontra intimamente ligado a uma perspetiva normativa da língua. Segundo Peres e Mória (1995: 40-41), este conceito não está meramente relacionado “com alternativas fonéticas, lexicais ou sintáticas com uma justificação interna num subsistema linguístico e adoptadas de modo (razoavelmente) permanente por uma comunidade linguística”. Para os mesmos autores, o “desvio” está dependente de duas condições: i) constitui uma rutura com o subsistema ou variante de que é suposto fazer parte; e ii) não é totalmente integrado pela comunidade linguística de suporte (*Ibid.*). Mas poderão os desvios pontuacionais ser imputados, exclusivamente, ao deficiente trabalho em torno da pontuação nos sistemas educativos português e brasileiro? Após a saída da escola, os aprendentes ficam expostos a outros meios com capacidade de influência linguística. De acordo com Castro (2003: 12), “a norma portuguesa dotada de maior vitalidade e capacidade de fazer adeptos é a que transmitem os jornais, a rádio e a televisão”. Cabe por isso perguntar em que medida as práticas pontuacionais patentes nos diferentes textos jornalísticos seguem a “norma” prescrita ou um estilo próprio.

Por outro lado, Peres e Mória (1995: 41) também selecionaram textos jornalísticos diversos, produzidos entre 1986 e 1994, como material linguístico para estudarem as “áreas críticas da língua portuguesa”, vale dizer, as áreas em que predominam quer desvios passíveis de serem rejeitados pela comunidade de falantes, quer “sintomas de evolução que possivelmente vingarão” (Peres e Mória, 1995: 41). O interesse destes investigadores centrava-

¹ Numa comunicação livre proferida em Braga no XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Mendes (2009: 349-351) tece comentários críticos bastante pertinentes em relação à abordagem da pontuação no “novo” Programa de Português do Ensino Básico.

² Cf. Ferraz e Lisbôa (2002), Lima (2003), Bernardes (2005), Racilan e Labanca (2006), Silva, A. C. (2010), Silva, J. L. L. (2010).

se nos desvios de ordem sintática e morfossintática³. Outros estudos há que incidem sobretudo nos desvios de natureza morfofonológica ou semântica (Xavier, 2010), ortográfica ou lexical (Móia, 2008).

Observemos agora algumas das premissas passíveis de explicar a existência de desvios pontuacionais. Em primeiro lugar, o facto de poucos sinais de pontuação serem regidos por uma norma, decorrendo o uso da maioria dos *pontemas* da intenção comunicativa ou da interação entre quem escreve e quem lê, poderá estar na origem de alguns desses desvios. Em segundo lugar, pontua-se de forma diferente consoante o género textual. A pontuação de um texto publicitário ou de um texto poético afastar-se-á da pontuação de qualquer outro tipo de texto. Deste modo, vão sendo criados, ao longo do tempo, novos estilos de pontuar, e os modelos existentes vão sendo paulatinamente alterados. Não menos importante é o facto de a pontuação estar associada ao exercício estilístico, conforme defendem alguns autores⁴, e de existir flutuação no modo de pontuar um texto, em consequência da existência de diferentes sistemas pontuacionais ao longo do tempo, das particularidades históricas que envolveram tanto a escrita como a pontuação e da “ambiguidade resultante do [tal] facto de [a pontuação] ser um sistema plantado na confluência entre a fala e a escrita” (Rocha, 1998).

A pergunta – “A que domínio pertence a pontuação?” – tem estado no cerne de um debate inscrito na oposição secular que envolve a língua oral e a escrita. No presente estudo, adotamos uma perspetiva conciliatória, porquanto consideramos que a escrita adquiriu historicamente autonomia relativamente à fala, visto existirem traços desta sem correspondência direta naquela e, do mesmo modo, recursos expressivos peculiares à escrita que não encontram reflexo na fala. Tal como o sistema gráfico, o sistema pontuacional é afetado e influenciado pelo código oral, já que ambos os códigos – oral e escrito – estão intimamente ligados. Dito de outro modo, sustentamos uma perspetiva fonográfica, segundo a qual a língua escrita é uma representação estrutural da língua falada, que integra, igualmente, características específicas (Pétillon-Boucheron, 2003: 46-47), perspetiva esta que se estende, assim, à pontuação, que é concebida como sistema integrante do sistema gráfico, relacionando-se, por sua vez, com a gramática e a fonologia (Halliday, *apud* Rocha, 1997: 10). Na verdade, qualquer estudo sobre a pontuação envolverá, invariavelmente, diferentes

³ As seis “áreas críticas” definidas por Peres e Móia (1995: 41) diziam respeito às estruturas argumentais, às construções passivas, às construções de elevação, às orações relativas, às construções de coordenação e às concordâncias.

⁴ No artigo “Flutuação no modo de pontuar e estilos de pontuação”, Rocha (1998) faz referência ao estilo oral de pontuar (pontuação prosódica) e ao estilo escrito (pontuação gramatical), intimamente ligados ao tipo de leitura predominante: leitura em voz alta e leitura silenciosa (visual).

áreas da Linguística, como a Sintaxe, a Semântica, a Fonologia, a Análise do Discurso e mesmo a Estilística. A existência de uma estreita relação entre a pontuação e a sintaxe conduz à constituição de um núcleo central de *pontemas*, designado por Catach (1994: 49-50) como “pontuação geral”, no qual se incluem os sinais de fecho ou encerramento (*clôture*), que terminam a frase e denotam as diferentes modalidades⁵ – o ponto final, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências –, e outros sinais lógicos: a vírgula, os dois pontos e o ponto e vírgula. Este estreito vínculo da pontuação à sintaxe é visível, por exemplo, nos contextos de uso da vírgula, que é usada para: delimitar o vocativo e o aposto; isolar verbos intercalados nas declarações ou opiniões; delimitar advérbios e adjuntos adverbiais mais longos; separar objetos pleonásticos, palavras repetidas e adjetivos com função predicativa; delimitar as orações reduzidas de gerúndio, particípio e infinitivo, orações adverbiais, especialmente quando antecipadas, orações ou locuções intercaladas; separar os advérbios “sim” e “não”; anteceder conjunções adversativas como “mas”, “porém”, entre outras.

Quanto à metodologia seguida, e tendo em conta a importância dos jornais, acima referida, o presente estudo baseou-se em dois *corpora* jornalísticos, representando um o Português Europeu (PE) escrito e o outro, o Português do Brasil (PB) escrito, expressamente recolhidos para este trabalho. De acordo com critérios pré-definidos – posição dos jornais em *rankings* dos dois países⁶; seleção de diários com distribuição nacional⁷; seleção de jornais de diferentes linhas e temáticas⁸ – foi feita a seleção de quatro jornais portugueses – *Correio da Manhã*, *Diário Económico*, *Público* e *Record* – e quatro diários brasileiros – *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Lance!*. Seguidamente, procedeu-se à recolha de diferentes textos jornalísticos, selecionados entre os géneros informativos (duas notícias, uma reportagem, uma entrevista) e opinativos (uma crónica e dois artigos de opinião), ao longo dos meses de janeiro e fevereiro do ano de 2012 (equivalentes a nove semanas). Esta opção

⁵ Por sua vez, este conceito remete para a existência de uma relação entre a pontuação e a prosódia.

⁶ Assim, para a constituição do *corpus* português, foi consultado o *ranking* dos dez jornais pagos mais vendidos em 2010, publicado pela Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT), e para a do *corpus* brasileiro, o *ranking* publicado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), constituído por cinquenta títulos.

⁷ Este critério levou à exclusão do *Jornal de Notícias*, que ocupava a segunda posição no *ranking* da APCT (ver nota anterior). Em virtude de o Brasil ser uma república federativa, o maior país da América do Sul e o quinto maior do mundo em área territorial, o critério de seleção exclusiva de jornais nacionais, e consequente exclusão de jornais “regionais”, não pôde ser aplicado na constituição do *corpus* brasileiro. Assim, os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, de circulação estadual, foram selecionados por serem vendidos em todo o país. Já *O Globo* apresenta uma edição nacional. Por último, foi selecionado o *Lance!*, do Rio de Janeiro, que ocupava a décima primeira posição entre os jornais mais vendidos em 2010.

⁸ Por exemplo, no *corpus* português, o *Correio da Manhã* é um diário sensacionalista; o *Público*, um jornal informativo; o *Diário Económico*, um jornal económico, e o *Record*, um diário desportivo.

metodológica é explicada pelo facto de se colocar a hipótese de existir uma diferente pontuação em função do género textual. A metodologia baseou-se nos seguintes passos: recolha dos textos e consequente digitalização, para ficheiros de “textos simples”, dos textos jornalísticos com recurso a um sistema OCR (*Optical Character Recognition*). Constituiu-se, assim, um *corpus* linguístico em português escrito passível de fornecer dados observáveis e analisáveis com recurso a ferramentas informáticas, passo importante quando se pretende desenvolver um trabalho em Linguística, de acordo com Nascimento (1996: 19-20):

O valor dos *corpora* como lugar de observação sistemática dos dados e como base de experimentação de hipóteses linguísticas tem sido fortemente reconhecido nas últimas décadas, no que respeita quer à língua falada, quer à língua escrita.

Com o extraordinário desenvolvimento da informática e do poder dos computadores, têm sido possíveis o armazenamento, processamento e codificação de grandes *corpora*⁹ cuja exploração automática permite a investigação de fenómenos linguísticos empiricamente observáveis, a uma escala anteriormente não imaginada.

Atendendo a que o nosso estudo se baseia na análise de um *corpus* jornalístico eletrónico, com recurso a duas aplicações informáticas, uma criada expressamente para efeitos de seriação dos dados, a outra, designada “Notepad++” e disponível gratuitamente na internet, aplicações que permitirão a caracterização e o cálculo do número de ocorrências de determinadas expressões e das unidades pontuacionais associadas, então podemos afirmar que se insere, naturalmente, no campo da Linguística de Corpus¹⁰, área de estudos que, segundo Sardinha (2000), se ocupa:

da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador (Sardinha, 2000: 325).

Uma vez que a Linguística de Corpus permite o tratamento e a análise dos mais variados aspetos da linguagem, a inserção do presente estudo, cujo objetivo é a descrição dos usos dos *pontemas* num *corpus* jornalístico português e brasileiro, nesta área da Linguística não só fica plenamente justificada como era verdadeiramente imprescindível.

⁹ Citando Kroch, “linguista habituado a trabalhar com *corpora* informatizados”, Xavier (1996: 162) refere que é possível começar a fazer análise morfossintática com base em 50 000 palavras. Embora façamos uma análise de natureza diferente, importa referir que o nosso *corpus* global é constituído por 244 058 palavras.

¹⁰ A Linguística de Corpus constitui uma das áreas de estudo da Linguística Computacional, “ramo da linguística que se dedica ao tratamento automático das línguas naturais, incluindo o processamento quer da sua modalidade escrita, quer da sua modalidade falada, [...] é uma área interdisciplinar que congrega os domínios epistemológicos da linguística, da engenharia e da informática, com o objetivo de construir aplicações e recursos para todos aqueles que utilizam a(s) língua(s) como ferramenta de trabalho”. (In [http://www.infopedia.pt/\\$linguistica-computacional](http://www.infopedia.pt/$linguistica-computacional)). Cf. também Othero (2006).

Por outro lado, ainda de acordo com Sardinha (2000: 338-339), são necessários vários critérios para que um conjunto de dados linguísticos possa ser considerado um *corpus*: origem (os dados devem ser autênticos e escritos por falantes nativos); propósito (os dados devem ser objeto de estudo linguístico); composição (os dados devem ser escolhidos e recolhidos com critério); formatação (os dados devem ser legíveis por computador); representatividade (os dados devem ser representativos de uma língua ou de uma variedade linguística) e extensão (o material deve ser vasto para ser representativo). Ora, todos estes critérios presidiram à constituição do *corpus* deste trabalho: os dados provêm de jornais portugueses e brasileiros, tendo sido criteriosamente escolhidos e recolhidos; o *corpus* foi constituído com um objetivo específico – estudar a pontuação na imprensa escrita portuguesa e brasileira; depois de digitalizados, conforme descrito acima, os dados tornaram-se legíveis por um computador; os dados são representativos de duas variedades nacionais da língua portuguesa, o Português Europeu (PE) e o Português do Brasil (PB), e, mais especificamente, da sua variante dita “padrão”; um *corpus* com cerca de 497 textos¹¹ de diferentes subgéneros jornalísticos, correspondente a 244 058 palavras – 112 467, no *corpus* português, e 131 591, no brasileiro –, parece-nos suficientemente representativo para validar a análise e as hipóteses que venham a ser confirmadas ou infirmadas.

Por outro lado, devido às características da aplicação informática, que apenas trabalha com ficheiros de “texto simples”, mas também aos próprios jornais, nos quais frequentemente para se poupar espaço não são considerados alguns “brancos”, as unidades tipográficas *associadas* – maiúsculas, abreviaturas e siglas, marcas de palavra (hífen e apóstrofo), brancos, sublinhado e itálico¹² – não serão objeto de estudo.

Compreender os fatores que norteiam o uso da pontuação nos jornais portugueses e brasileiros e a relação desta com as “normas pontuacionais” constitui o objetivo principal do presente trabalho. Com tal objetivo, espera-se contribuir para um mais profundo conhecimento da pontuação praticada na imprensa portuguesa e brasileira, pois prevê-se que o estudo do *corpus* permita, em primeiro lugar, traçar o(s) sistema(s) pontuacional(is) e inventariar as várias unidades de pontuação usadas nos jornais portugueses e brasileiros. Em segundo lugar, espera-se demonstrar a existência de práticas pontuacionais efetivas nesses jornais, analisando-as quantitativa e qualitativamente com base nas aplicações informáticas acima descritas, o que possibilitará evidenciar não só as coincidências e divergências entre a

¹¹ A contabilização foi feita do seguinte modo: 8 jornais; 7 textos por jornal; 9 semanas perfazem um total de 497 textos. Importa referir que, na oitava semana, foram recolhidos apenas 49 textos de 7 dos jornais escolhidos, uma vez que no dia 21 de fevereiro não houve edição do *Diário Económico* por ser feriado.

¹² Estas unidades constituem o quarto subconjunto pontuacional proposto por Catach (1994: 57-69).

teoria dos livros ou manuais de estilo como também as diferenças entre jornais e entre gêneros jornalísticos, já que serão objeto de análise textos de pendor mais informativo – a notícia e a reportagem – e mais opinativo – o artigo de opinião e a crónica. Do mesmo modo, poderão ser detetadas possíveis diferenças entre as duas variedades do português escrito – o Português Europeu (PE) e o Português do Brasil (PB)¹³ – que, ao arripio da maior nivelção da língua escrita, possam ser atribuídas a um “estilo português” ou a um “estilo brasileiro”. Em terceiro lugar, pretende-se detetar os possíveis desvios pontuacionais em relação à “norma” veiculada por obras codificadoras, como as gramáticas, por exemplo.

Assim, a hipótese de partida deste trabalho é a de que as práticas pontuacionais nos jornais portugueses e brasileiros não obedecem exclusivamente à “norma pontuacional”, sendo, pelo contrário, objeto de variação e podendo originar “estilo(s) pontuacional(is)”, hipótese que, a verificar-se, indicará que os jornais não poderão ser tidos como modelos de práticas pontuacionais, por estas não concretizarem os usos preceituados pela “norma padrão”.

Finda a nossa “digressão” por este *corpus* jornalístico, será possível sistematizar as principais ideias sobre a pontuação praticada na imprensa escrita portuguesa e brasileira, esperando que o presente trabalho traga um contributo válido para o estudo da pontuação, uma vez que, segundo Rocha (1997):

A literatura corrente sobre linguagem escrita e sistemas escritos tem pouco a dizer sobre a pontuação, seja do ponto de vista histórico ou teórico. Do ponto de vista descritivo também há poucos dados sobre como os sistemas de pontuação das línguas são usados atualmente.

¹³ Segundo Biderman (2001: 967), existem “dois níveis em que a norma brasileira e a norma europeia opõem-se de modo muito evidente: na *fonética* e no *léxico*”. Além de apontar alguns exemplos desta oposição, a autora (Biderman, 2001: 967-974) apresenta ainda como principais diferenças morfológicas e sintáticas entre as duas variedades a próclise dos pronomes oblíquos no PB versus ênclise no PE, as formas de tratamento, a construção aspetual (verbo auxiliar + gerúndio no PB; infinitivo precedido de preposição *a* no PE); uso do verbo *ter* com o significado de ‘existir’ no PB; uso de preposições e a regência verbal. De acordo com Wittmann, Pêgo e Santos (1995: 19), “na linguagem corrente as variantes do PE e do PB diferem em cerca de dez por cento”.

PARTE I

QUESTÕES TEÓRICAS E HISTÓRICAS:
PONTUAÇÃO E GÊNEROS JORNALÍSTICOS

CAPÍTULO I – PONTUAÇÃO: TEORIA E HISTÓRIA

1. TEORIA(S) PONTUACIONAL(IS)

1.1. Sistema gráfico e pontuação

Acquisition fondamentale et relativement recente de la communication humaine, les signes de ponctuation nous sont devenus indispensables, et se révèlent aussi pleinement des unités linguistiques.

(Catach, 1994: 6)

As línguas são sistemas organizados que podem revelar-se sob duas formas diferentes – oral e escrita –, detentores de características distintivas, ainda que sejam duas vertentes do mesmo fenómeno. Ao confrontar a língua falada com a escrita, conclui-se que a primeira data de há, sensivelmente, trinta mil anos, sendo a segunda muito mais recente¹⁴, e que existem ainda atualmente línguas sem representação gráfica. Porém, esta primazia cronológica não é válida para afirmar o primado do oral sobre o escrito ou para considerar o sistema gráfico uma mera reprodução do sistema fónico, como sustenta a perspectiva fonocentrista. Por outro lado, dadas as óbvias relações entre os sistemas oral e escrito, este último não pode ser totalmente autónomo, consoante preconiza a perspectiva autonomista.

No presente trabalho, considera-se que a escrita é tida como parcialmente independente da fala, uma vez que existem traços desta sem correspondência direta naquela, e recursos expressivos inerentes à escrita que não encontram reflexo na fala. Nesse sentido, os fonemas, unidades mínimas da fonação, estabelecem relações linguísticas de diferentes tipos¹⁵ com os seus congéneres, os grafemas¹⁶, unidades mínimas distintivas e significativas da cadeia escrita, compostas quer por uma letra, quer por um grupo de letras, quer por uma letra acentuada ou provida de um signo auxiliar, e têm um referente fónico e / ou semiótico na cadeia falada (Catach, *apud* Anis, 1988: 32)¹⁷.

¹⁴ Morais refere: “Les premières traces d’écriture n’ont que six milles ans. Ce sont des comptes, inscrits sur des tablettes en argile.” (Morais, 1994: 15). Higounet (1986: 6-7) identifica como mais antigo sistema gráfico a escrita suméria, que data do quarto e do terceiro milénio antes de Cristo.

¹⁵ Sobre os vários tipos de relações linguísticas que se estabelecem entre as unidades gráficas e fónicas, cf. Gonçalves (2003: 19-20).

¹⁶ Segundo Pétilion-Boucheron, a definição de “grafema” permite diferenciar os fonocentristas dos fonografistas e dos autonomistas (2003: 46-47). Retomando as definições de Anis (1988), aquela autora refere que o fonocentrismo trata a língua escrita como uma representação deformada da língua falada; o fonografismo trata a língua escrita como uma representação estrutural da língua falada integrando, igualmente, características específicas; o autonomismo trata a língua escrita como um sistema específico em interação relativa com a língua falada (Pétilion-Boucheron, 2003: 47).

¹⁷ Segundo Camara Jr. (1997: 128), o grafema é um “símbolo gráfico uno, constituído por traços gráficos distintivos, que nos permitem entender visualmente as palavras na língua escrita, da mesma forma que os fonemas nos permitem entendê-las auditivamente na língua oral”. “Unidade mínima, discreta, do sistema da escrita; compõe-se de um feixe de traços gráficos distintivos”, segundo o *Dicionário de Termos Linguísticos* da AIT (Associação de Informação Terminológica).

Os sistemas gráficos das línguas traduzem-se em escritas alfabéticas e escritas não alfabéticas.¹⁸ Morais (1994: 51) estabelece outra distinção entre os “*systemes d’écriture qui représentent le langage parlé*”: sistemas logográfico, silábico e alfabético. Cada um destes sistemas representa a língua falada a um nível diferente: lexical, silábico e fonémico, respetivamente. “*Les logogrammes se distinguent des phonogrammes par le fait qu’ils ne comportent pas d’information sur la manière dont il faut les prononcer. Par opposition, les syllabaires et les alphabets sont des écritures phonographiques*” (Morais, 1994: 52). Sendo o alfabeto um sistema de signos que exprimem os sons elementares da língua (Higounet, 1986: 39), nas escritas fonéticas alfabéticas estabelecer-se-ia uma correspondência direta entre fonema e letra do alfabeto¹⁹. No entanto, observando a escrita do português ou de qualquer sistema gráfico, verifica-se que não se atinge o paralelismo ideal. Além disso, com base nos diferentes sistemas gráficos, é possível fazer uma distinção entre dois tipos de grafemas: uns, que constituem o núcleo principal do sistema gráfico, são “*significantes de significantes*” ou *cenemas*; outros há que são “*significantes de significados*” ou *pleremas*, dotados de significação e de valor próprios²⁰.

Pela substância, a pontuação integra-se no sistema gráfico, sendo os seus elementos – os chamados *pontemas* – *pleremas*, que constituem uma segunda classe de *grafemas*, a dos *topogramas* ou *pontuo-tipográficos*, necessários à produção do sentido por organizarem a “*sequencialidade*” das unidades textuais e por fornecerem indicações sintagmáticas indispensáveis.

A oposição secular que envolve a língua oral e a escrita repercute-se na própria conceção do sistema pontuacional: será este determinado pela fonologia ou pela gramática? Neste sentido, surgem duas perspetivas no que concerne à relação entre pontuação, como sistema integrante do sistema gráfico, e a fala: a autonomista, que considera a pontuação sem qualquer vínculo ao código oral²¹; e a fonográfica, surgida na década de oitenta do século XX.

¹⁸ Charles Higounet inclui nas primeiras a escrita latina, “*qui est devenue l’instrument définitif de la pensée occidentale et le moyen d’expression par excellence du monde moderne*” (Higounet, 1986: 7), e, nas segundas, as escritas antigas, como a suméria, a egípcia, a chinesa, entre outras.

¹⁹ Segundo Silva (2005: 39), esta correspondência gera a confusão entre grafema e fonema nas escritas alfabéticas, não sendo esta confusão recente. “*Já se fazia sentir na Idade Média e advinha da importância concedida à letra e à comunicação verbal escrita, em detrimento do aspecto fonético da língua [...]*”.

²⁰ Anis (1988: 82) sublinha que o grafema é um *plerema* quando corresponde a um morfema (na escrita chinesa, por exemplo) ou a uma palavra (hieróglifos egípcios), ou um *cenema* quando reenvia para uma sílaba (silabário cipriota) ou para um fonema (escrita alfabética).

²¹ A posição de Ludmila Védénina (1989) aproxima-se das teses autonomistas, quando insiste nas “*assimetrias*” entre marcas de entoação e sinais de pontuação, referindo que não pode haver correlação entre pontuação e entoação. Ferraz e Lisbôa (2002: 130) citam, como defensores desta perspetiva, Smith (1982), Nunberg (1990) e Luft (1998), para os quais a pontuação se encontra no domínio do texto escrito, logo desvinculada da fala,

Esta última perspetiva postula que, tal como o sistema gráfico, o sistema pontuacional é afetado e influenciado pelo código oral, já que ambos os códigos estão intimamente ligados. Ora, segundo Halliday (*apud* Rocha, 1997: 10), a pontuação está relacionada com a gramática e a fonologia. Apesar de as linguagens oral e escrita diferirem, a elas está subjacente a mesma gramática, podendo as unidades gramaticais estar associadas às unidades prosódicas²². No entanto, nem sempre os estudiosos subscreveram esta ideia. Assim, no entender de Claude Tournier (*apud* Perrot, 1980: 67), a pontuação situa-se “no âmbito da escrita e não da fala, visto os seus signos não serem pronunciados”, perspetiva da qual não diverge Frank Smith (*apud* Rocha, 1997: 10), para quem a pontuação pertence ao “domínio exclusivo da escrita, servindo apenas para delimitar os significados no texto e representar certas convenções da escrita, necessárias à sua consistência”.

Das perspetivas acima referidas se conclui que a pontuação constitui, no plano gráfico, um sistema semiótico autónomo, cuja natureza é distinta do sistema primário da língua – o fonológico –, ainda que se aproxime deste de forma “imperfeita”. Assim sendo, as unidades pontuacionais fazem parte de um plano estrutural diferente dos grafemas representativos do plano alfabético, visto pertencerem ao plano extra-alfabético, onde se incluem todas as unidades com “natureza específica, em certa medida semelhante à dos prosodemas²³, por terem carácter discreto” (Gonçalves, 2003: 20-21), sendo portadoras de uma significação própria. Pese embora a sua integração no sistema gráfico, as obras atuais sobre a escrita pouco acrescentam a respeito da pontuação, quer do ponto de vista histórico, quer do ponto de vista teórico, sendo de assinalar o seu pendor normativo, ao invés de proporcionarem dados a respeito dos usos pontuacionais.

1.2. Algumas definições

1.2.1. Pontuação

No que à etimologia diz respeito, o termo “pontuação” provém de “ponto”, do latim PONCTUM, I, cuja primeira ocorrência, em Portugal, data do século XIII. Para os Gregos, os “pontos” eram os sinais ou notas que auxiliavam a compreensão e a leitura de um texto, falando-se, por isso, em “pontuação” de um enunciado. Para Santo Isidoro de Sevilha (1993),

contrapondo-se aos defensores da perspetiva fonográfica – Catach (1980), Kurry (1982), Cunha (1986) e Halliday (1989).

²² Esta ideia é também defendida por Nina Catach. Segundo a autora, a pontuação é determinada pela gramática (estrutura sintática) e pela fonologia. Os *pontemas* codificam simultaneamente a entoação (valor suprasegmental dos *pleremas*) e, em menor grau, as relações sintáticas.

²³ Pétillon-Boucheron (2003: 38), partidária da perspetiva autonomista, critica Catach quando considera que esta vê o *pontema* como o tradutor grosseiro do “prosodema”.

esta “pontuação” englobava não só os sinais de pontuação (*positurae*) como também todos os “pontos” (*notae*) que se juntavam às letras, os acentos tónicos ou distintivos e os sinais de aspiração. O termo “pontuação” deriva do francês “punctuation” e foi utilizado pela primeira vez na língua portuguesa no século XVII (Machado, 1977: 400).

Muitas são as definições deste vocábulo, entre elas merecendo realce a proposta pelo académico francês Nicolas Beauzée (1717-1789), gramático que, no Século das Luzes, elaborou a primeira teoria coerente sobre a pontuação, considerando-a a “parte essencial da gramática”: “l’art d’indiquer dans l’écriture par les signes reçus, la proportion des pauses que l’on doit faire en parlant” (Beauzée, 1765: 15). Nesta definição destaca-se ainda a função rítmica da pontuação.

Estreitamente relacionada com a tradição e a prática tipográficas, e assentando numa função lógica, associada às funções de conferir sentido ao texto e de evitar equívocos, a pontuação foi definida da seguinte forma por Jacques Drillon:

Ponctuer, c’est diviser les diverses parties d’un texte à l’aide de signes conventionnels destinés à donner un sens à un ensemble de mots, ou même à un seul mot. C’est d’abord une question de *logique* plus que de cadence; l’information parlée et de nombreux orateurs donnent trop souvent de mauvais exemples de pauses qui ne doivent pas figurer dans le texte imprimé. La ponctuation sert avant tout à faire saisir toutes les nuances de la pensée d’un auteur et éviter ainsi de fâcheuses equivoques (Drillon, 1991: 125).

Uma definição proposta por Nina Catach remete quer para a tradição tipográfica, quer para a manuscrita, que partilham um:

ensemble de signes visuels d’organisation et de présentation accompagnant le texte écrit, intérieurs aux textes et comuns au manuscrit et à l’imprimé; la ponctuation comprend plusieurs classes de signes graphiques discrets et formant système, complétant au suppléant l’information alphabétique (Catach, 1994: 9).

Nesta noção da pontuação como organizadora do texto destaca-se a função sintática, bem patente, aliás, em outra definição da mesma autora. Esta sublinha a função de reforço dos sinais de pontuação:

système de renfort de l’écriture, formé de signes syntaxiques, chargés d’organiser les rapports et la proportion des parties du discours et des pauses orales et écrites. Ces signes participent ainsi à

toutes fonctions de la syntaxe, grammaticales, intonatives et sémantiques (Catach, 1994: 7).

Por sua vez, a definição proposta por Ludmilla Védénina recusa a correspondência entre os sinais de pontuação e os fenómenos suprasegmentais, preferindo acentuar as funções sintática e enunciativa da pontuação.

C'est un système de signes linguistiques pleins et non des signes seulement typographiques. Ces signes ne se réduisent pas au marquage de phénomènes suprasegmentaux (intonation, accent et pauses), comme dans la tradition phonocentriste survalorisant l'oral. [...] Pour nous, les signes de ponctuation relèvent d'une approche syntaxique-énonciative de l'écrit, servant à «l'actualisation» de la langue en discours, selon les calculs énonciatifs des locuteurs qui rendent compte de la soi-disant instabilité de la ponctuation (*apud* Jarno-El Hilali, 2011: 29-30).

Revistas várias definições de pontuação, delas se extraem algumas ideias gerais. De uma função prosódico-entoacional, ainda predominante nas teorias, embora em séculos passados os autores referissem a função de auxiliar do sentido, chega-se, no século XX, ao predomínio das funções lógico-gramatical e semântica das unidades pontuacionais, grafemas convencionais cuja utilização obedece às organizações lógicas do raciocínio, participando na construção do sentido do texto pontuado. Em paralelo, e uma vez que a pontuação não pode ser separada do ato de comunicação²⁴, desenha-se a sua função enunciativa ou polifónica, podendo, assim, explicar-se a “instabilidade da pontuação”.

1.2.2. Unidades de pontuação: *pontemas* e *topogramas*

Como exposto acima, para Anis (1988: 15), defensor de uma abordagem autonomista da pontuação, as unidades pontuacionais são *topogramas*²⁵ ou grafemas pontuo-tipográficos, dotados de um valor semântico, necessários à produção do sentido por organizarem a “sequencialidade” das unidades textuais e por fornecerem indicações sintagmáticas indispensáveis.

²⁴ Posição defendida por Véronique Dahlet (2006).

²⁵ Anis (1988: 87) distingue três classes de grafemas: os alfabéticos ou *alfagramas*, unidades distintas representadas por uma letra acentuada ou não; os pontuo-tipográficos ou *topogramas*; e os logogramáticos ou *logogramas*, grafemas anexados a uma unidade significativa, situados entre as escritas linguísticas e as escritas científico-técnicas (algarismos, símbolos convencionais, entre outros).

À semelhança dos outros signos linguísticos, as unidades pontuacionais são unidades de duas faces: um significante (o *pontuante*) e um significado (o *pontuado*). Segundo Catach (1980: 21), estas unidades, detentoras de um signo material e de uma função ou valor, recebem a designação de *pontemas*²⁶, vale dizer, “graphèmes purement plérémiques, non décomposables en unités de rang inférieur, et à caractère discret” (Tournier, *apud* Drillon, 1991: 126). São signos gráficos discretos e não pronunciados²⁷ (Perrot, *apud* Rocha, 1997: 11). Possuem, além disso, um carácter paradigmático, pois pode seleccionar-se, para um dado ponto do enunciado, um de entre vários *pontemas*, quando estes são alternativos. Tal distinção entre sinais alternativos e obrigatórios conduz à distinção entre unidades pontuacionais polivalentes, possuidoras de diversos valores, e unidades com um único valor. Outra característica do *pontema* é o seu carácter suprasegmental, visto conferir valores e sentidos variados a um longo segmento do enunciado gráfico, não se cingindo à letra nem à palavra isolada à qual se segue.

No entanto, Véronique Dahlet (2006: 40-41) recusa aplicar a dicotomia de Saussure às unidades pontuacionais por considerar que o significante corresponde a uma imagem acústica, não tendo a pontuação uma correspondência fonémica. Desta forma, a autora prefere a distinção de Hjelmslev para o plano da expressão: por um lado, a substância, que corresponderia à tinta ou à cadeia gráfica; por outro, a forma, correspondente ao grafema. Esta subdivisão estender-se-ia, por sua vez, ao significado: forma do conteúdo, correspondente à unidade significativa, o *plerema*, e substância, correspondente às significações, ao valor semântico. Dahlet exemplifica esta bipartição por meio do *pontema* maiúscula: a substância de expressão (tinta) e forma de expressão (*grafema* maiúscula); a substância (valores semânticos: início de frase, nome próprio, destaque) e forma do conteúdo (unidade significativa – operação de marcação sobre a palavra na qual a maiúscula é usada).

Expostas as propriedades gerais, importa identificar os vários *pontemas* que compõem o(s) sistema(s) pontuacional(is) atual(is), aspeto em que será seguida a lição de Nina Catach (1994). Em sentido lato, considerar-se-ão quer as unidades pontuacionais, quer os procedimentos tipográficos ao serviço da “mise en valeur” do texto: título, margens, escolha dos espaços e dos caracteres, organização geral dos capítulos e a própria “feitura” do livro. Em sentido restrito, o sistema pontuacional será composto por um núcleo central de unidades,

²⁶ Como exposto acima, os *pontemas* constituem uma classe particular de grafemas possuidores de significação própria, os *pleremas*, o que lhes confere um valor ideográfico, não se limitando, contudo, a corresponder a uma pausa ou entoação.

²⁷ Esta característica, bem como o facto de os sinais de pontuação possuírem uma significação própria, afasta-os dos outros grafemas, os *cenemas*.

designado por pontuação geral ou “construtiva”²⁸, no qual se incluem os sinais de fecho ou encerramento (*clôture*), que terminam a frase e denotam as diferentes modalidades²⁹ – o ponto final, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências –, e outros sinais lógicos: a vírgula, os dois pontos e o ponto e vírgula. O sistema integra ainda outros núcleos secundários ou complementares: a um deles pertence a denominada pontuação sequencial³⁰, da qual constam os parênteses, os colchetes, as chavetas, o travessão e as aspas; em outro, incluem-se as maiúsculas de frase, as abreviaturas, o hífen e o apóstrofo (marcas de palavra); os brancos, o sublinhado e o itálico compõem o outro³¹.

Na pontuação em geral, identificam-se três níveis ou ordens de pontuação: na primeira ordem cabe a pontuação *superior* à frase, simples ou complexa; na segunda, a pontuação de *frase*; na terceira, a pontuação *inferior* à frase, ou seja, as partes do discurso e as palavras³². De forma bastante económica, algumas unidades pontuacionais (pontos, vírgulas, brancos, maiúsculas) podem ser encontradas em diferentes níveis, com forças e valores diferentes.

1.3. Sistemas pontuacionais

Existem variadíssimas propostas de sistematização dos *pontemas*. Embora estas possam assentar em critérios tão diversos como o nível em que operam ou o facto de serem simples ou duplos, no momento de constituir os seus sistemas, os estudiosos optam preferencialmente pelo critério funcional.

Nina Catach³³ apresenta um sistema dividido em quatro subconjuntos. O primeiro é composto pelos *pontemas* com função *separadora*, *delimitadora* ou *organizadora* do texto,

²⁸ Esta pontuação apoia-se nos «constructibles» da linguagem identificados pelos antigos gramáticos: som e sílaba (parte fonética, a *vox*); parte da palavra e morfema; palavra ou grupo de palavras (*dictio*); proposição e frase complexa (*sententia*); parágrafo e período (“unidade de sentido total”) (Catach, 1994: 49-50).

²⁹ Recorde-se que, segundo Catach, existe relação entre a pontuação e a prosódia. Assim, alguns sinais de pontuação são “marcadores prosódicos gráficos”. Cf. Cagliari, *apud* Pacheco (2006).

³⁰ Na obra de Nina Catach (1994: 72) são apresentadas várias características distintivas destes *pontemas* sequenciais, que relevam de segmentos “livres”, separados do resto da frase e de marcas de discursos *segundos*: são sempre unidades duplas; apareceram mais tardiamente (do século XVII ao XIX), o que parece associá-las à progressiva necessidade de realçar os segmentos intercalados no discurso principal.

³¹ Além desta classificação, a autora propõe outra: sinais de abertura, de fecho e neutros (Catach, 1994: 55-56).

³² Maria Filomena Gonçalves (2003: 167; 191-195; 213-214) e Véronique Dahlet (2006: 33-34) distinguem pontuação de palavra, pontuação de frase e pontuação de texto.

³³ Diferentes propostas são apresentadas por outros autores. Por exemplo, Claude Tournier (1980: 37) sugere uma classificação geral baseada na função geral de delimitação: um primeiro grupo, do qual constam o ponto, os pontos de interrogação e de exclamação, delimita a frase; um segundo grupo delimita os membros da frase e subdivide-se num conjunto delimitador dos elementos constituintes dos enunciados, formado pela vírgula, dois pontos e ponto e vírgula; e num conjunto de unidades que marcam a interrupção ou a inclusão: aspas, parênteses, colchetes, travessões e vírgula dupla. Halliday (*apud* Rocha, 1997: 14) assinala três funções gerais para a pontuação: 1) marcar limites ou fronteiras (frases, orações, sintagmas, palavras e morfemas); 2) indicar uma função discursiva (declaração, interrogação ou outra); 3) marcar relações – caso do hífen, que sinaliza que o elemento seguinte deve ser considerado como uma aposição ao precedente.

ou seja, as unidades pontuacionais ditas “lógicas” – o ponto, a vírgula, o ponto e vírgula, os dois pontos, os brancos, a maiúscula de frase (estas duas últimas foram as primeiras a ser usadas). Polivalente, o ponto é uma das mais antigas unidades e tem diversos valores: abreviatura, marca de limite de frase, marca de parágrafo ou de sintagma, quando encerra a citação de um autor e da sua obra. Desde o século XVI, a vírgula é uma das unidades mais polivalentes do sistema pontuacional, caracterizando-se pelas suas funções lógicas, entoativas, gramaticais e afetivas, que a fazem participar sempre na construção e sentido da frase escrita (Drillon, 1991: 143-255; Catach, 1994: 64-69). “Signe de ponctuation qui déchaîne les passions” (Drillon, 1991: 366), o ponto e vírgula equivale a uma pontuação média da frase. Os dois pontos têm valores e forças diferentes, visto que, como unidade de pontuação geral, este *pontema* correspondeu durante muito tempo à pontuação fraca ou média, entre a vírgula e o ponto final. No entanto, a partir do século XVII, especializou-se também no “efeito de anúncio” de citação, sentença, máxima, explicação, causa, consequência ou síntese, utilizado sozinho ou em conjunto com as aspas e o travessão.

O segundo subconjunto é composto pelas unidades associadas à expressão de *modalidade*, a saber, ponto de interrogação, ponto de exclamação e reticências. O ponto de interrogação, cuja primeira ocorrência data do século IX, acumula, à semelhança do ponto de exclamação, dois valores: o de pausa lógica, indicando fim de frase, e um valor modal, simultaneamente sintático e entoacional, substituindo-se, neste caso, ao ponto final, tal como as reticências, que surgiram no século XVII, para indicação de suspensão das ideias, subentendidos, abreviação de enumerações muito longas e marcação de hesitação.

Do terceiro conjunto constam as unidades sequenciais (duplas) – *enunciadoras-anunciadoras* – aspas, travessão, parênteses, colchetes e chavetas. Pouco frequentes antes do século XVII, as aspas apresentam funções múltiplas: são marcas do discurso *reportado* (citações) e do discurso direto; assinalam a ironia, o desprezo face ao que o autor cita e os lugares-comuns. Desempenham ainda a chamada “mise à distance” ou “mise en valeur” em títulos de artigos ou partes de obras, palavras raras, nomes de marcas, neologismos (Catach, 1994: 78). O travessão (simples ou duplo) é também um *pontema* polivalente: travessão de inciso, de separação, de reforço da palavra, conclusivo e de oposição. A sua função mais importante é, desde o século XVII, marcar o diálogo e o discurso direto. Também se emprega em enumerações extensas. Usados desde o final do século XIV como único *pontema* duplo, os parênteses correspondiam primeiro a uma figura de retórica que consistia na inserção de uma frase dentro de outra (explicação, comentário, voz do sujeito de enunciação). Os colchetes são utilizados apenas em contextos específicos: supressão no interior de uma

citação (juntamente com as reticências); explicação interior ao texto (da parte do editor, por exemplo); supressão de lacunas de textos (edições críticas). Por fim, as chavetas servem para reunir, num mesmo conjunto, várias palavras, linhas (verticalmente) ou colunas (horizontalmente), emprestando uma organização sistemática a dados ou elementos pertencentes a um dado âmbito. Disso foi exemplo, no século XVIII, a função sistematizadora conferida à chaveta na *Encyclopédie* (1751-1772) de Diderot e d’Alembert. Com efeito, na obra que compilava os saberes daquela época as chavetas cooperavam na organização e na apresentação dos dados.

No quarto subconjunto inscrevem-se as unidades tipográficas *associadas*: maiúsculas, abreviaturas e siglas, marcas de palavra (hífen e apóstrofo), brancos, sublinhado e itálico³⁴.

Contudo, a distinção teórica entre os subconjuntos acima referidos não é completamente rígida, pois as unidades pontuacionais podem acumular várias funções, como se viu a respeito das unidades de *modalidade*, que têm igualmente função delimitadora ou separadora, visto indicarem o final da frase.

Recuperando a proposta de Anis, Véronique Dahlet (2006: 48-51) distingue duas classes funcionais³⁵. Os *pontemas* que integram a primeira – alínea, ponto, ponto e vírgula e vírgula – desempenham a “função de sequencialização”, vale dizer, segmentação de textos com base em critérios sintáticos, semânticos e discursivos. A segunda classe agrupa as unidades pontuacionais com função *enunciativa*, ou seja, que manifestam uma interação com o co-enunciador, e divide-se em quatro subconjuntos: os hierarquizadores discursivos (dois pontos, travessão (duplo) e parênteses); os marcadores expressivos (maiúscula contínua, sublinhado, itálico, negrito); os marcadores interativos³⁶ (pontos de interrogação e de exclamação, reticências); e, por fim, os *pontemas* que se reportam ao discurso citado (aspas, itálico, travessão de diálogo, colchetes). Deste modo, esta segunda classe engloba não só as unidades pontuacionais que indicam formas de citação como também as que efetuam um “desengate enunciativo”, ou seja, um distanciamento do enunciador em relação ao enunciado. Importa ainda referir que a proposta de Dahlet assenta igualmente na distinção de três níveis de pontuação: de palavra, de frase e de texto.

³⁴ Jacques Drillon (1991) identifica outros *pontemas* secundários: o asterisco, a barra oblíqua, a nota de rodapé e a alínea (e parágrafo), que podem surgir integrados neste subconjunto.

³⁵ Esta “colagem” a J. Anis é explicitada pela autora. Esta explica optar pelo conceito de “sequência”, por remeter para a vertente tipográfica e sintática, e pela noção de enunciação, por ser uma noção abrangente, que possibilita reunir, num só conjunto, sinais de pontuação que apresentam, à primeira vista, muitas diferenças. Acrescenta ainda que enquadra os dois pontos unicamente na segunda classe, ao contrário de Anis, que o incluía nas duas (*Ibid.*).

³⁶ Estes também podem integrar a primeira classe, em substituição do ponto.

É de salientar que, no entender de Purnelle (1998: 214), todos os sinais de pontuação assumem a função de delimitação, sua função principal. Por exemplo, os dois pontos separam uma frase “citante” e uma citada, e mesmo aqueles que assinalam a “interrupção ou a inclusão”³⁷, como as aspas, os parênteses, os colchetes, o travessão e a vírgula dupla, “marcam a interrupção da sintaxe linear do enunciado, seja por uma inversão, seja por inclusão – inciso, parêntese ou citação”.

2. BREVE HISTÓRIA DA PONTUAÇÃO

O uso “flutuante” do sistema pontuacional, tal como é conhecido atualmente, advém da circunstância de ter sido uma aquisição bastante tardia, na sequência das próprias necessidades da escrita. A prática de pontuar os textos escritos foi desencadeada por três necessidades: auxiliar a leitura em voz alta (para o leitor compreender melhor as partes mais difíceis); permitir a fixação e o tratamento do texto; e facilitar o canto e a recitação cantada. O facto de os *pontemas* serem concebidos como facilitadores da leitura em voz alta permite explicar a razão pela qual, na atualidade, os critérios pausais continuam a reger as práticas pontuacionais de quem associa a pontuação à leitura e à oralidade.

Outra razão para a flutuação no uso da pontuação decorre do facto de os sistemas de pontuação terem variado e evoluído ao longo do tempo. O número de unidades pontuacionais elencadas foi aumentando, e a morfologia e a denominação delas sofreram alterações. Por outro lado, numa mesma época, coexistiram, e coexistem, diferentes sistemas, consoante o autor que os propõe.

A origem da pontuação é atribuída a uma invenção de Aristófanos de Bizâncio, gramático alexandrino (257-180 a. C.), um dos principais membros da Academia de Alexandria e diretor da sua Biblioteca, que terá pensado num sistema de pontuação composto por três unidades (o ponto ao alto, o ponto ao meio e o ponto em baixo³⁸), correspondentes à pontuação forte, média e fraca, sistema que se baseia em regras fixas. Não obstante este sistema ter seguidores nas figuras de Dionísio, o Trácio (170-90 a. C.) e Santo Isidoro (560-635), não foi aplicado regularmente, por ser considerado um “luxo”, visto que os textos eram escritos para serem recitados em voz alta. Cabia aos *sinais de pontuação*, então meros

³⁷ É o terceiro conjunto proposto por Tournier.

³⁸ Este sistema de três pontos era composto pelo “ponto ao alto”, colocado na parte superior da linha, cujo valor era idêntico ao *ponto* atual, para indicar que a oração estava completa; pelo “ponto em baixo”, colocado na parte inferior da linha, equivalente ao *ponto e vírgula* e aos *dois pontos*, para indicar uma pausa e oração incompleta; pelo “ponto ao meio”, colocado na parte média da linha, equivalente à *vírgula*, indicador de uma pequena pausa para respirar. Cf. Martínez de Sousa (1998).

indicadores rudimentares, assinalar as pausas para respirar na leitura em voz alta. Além de recorrerem aos *stigmai*, isto é, unidades de pontuação, Aristófanos de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia (220-143 a. C.) utilizaram também os *semeia* (sinais críticos: *obel*, asterisco, *sigma* e *antissigma*) e os *prosodiai* (sinais diacríticos).

Na Antiguidade, a escrita era vista como um simples registo da fala. Durante muito tempo, não existia nem segmentação da cadeia gráfica nem marcas gráficas de pontuação, pois a escrita era contínua (*scriptio continua*), e competia ao leitor separar e pontuar o texto. Entre os Gregos, a pontuação era um elemento já usado, não na composição mas na interpretação do texto, para evitar ambiguidades e leituras muito divergentes. Afora o sistema introduzido por Aristófanos, com duas funções distintas – uma semântica, ao indicar se o enunciado estava completo ou não, e outra prosódica, a principal, que instituía as pausas para respirar –, os Gregos recorriam a outro sistema, baseado no uso da *diástole*, vale dizer, da separação das orações por meio de um certo tipo de vírgula.

Por sua vez, os Romanos, que adotaram dos Gregos a leitura em voz alta e a *scriptio continua*, também sentiam dificuldades na leitura, fosse por ausência, fosse por limitação dos signos complementares. Relativamente à pontuação praticada por aquele povo, existem informações muito distintas e até contraditórias. Para uns autores³⁹, já seria usada pelos copistas para resolver dificuldades de leitura; segundo outros⁴⁰, os textos antigos ou dispensavam a pontuação ou não estavam corretamente pontuados. No entanto, a literatura refere vários sinais de pontuação utilizados esporadicamente: o *ponto*, o mais frequente, para indicar abreviatura, marcar uma letra em destaque num texto teórico, indicar rasura e separar sílabas ou palavras; o *branco*, o *travessão*, o *hífen*, o *traço de união*. Mas o sistema grego dos três pontos foi igualmente aproveitado pelos Romanos⁴¹, responsáveis pela sua expansão na alta Idade Média, época em que lhe foram introduzidas algumas alterações, embora estas se prendessem mais com o plano da figura e da denominação do que com a sua função. Os “períodos” e outros segmentos menores de significado e de entoação – os seus “membros” ou

³⁹ Para mais informações, vide: Desbordes (1990: 228-229; 234-247), que confirma a prática pontuacional entre os Romanos. Catach (1994: 12) corrobora esta teoria e apresenta várias referências bibliográficas relacionadas com a prática pontuacional na Antiguidade.

⁴⁰ Segundo Martínez de Sousa (1998: 65), os manuscritos latinos mais antigos não apresentavam pontuação, sendo esta usada de forma muito irregular.

⁴¹ A representação gráfica dos pontos é mantida, diferindo apenas a sua designação. A pontuação forte [°] é representada pelo ponto alto (*teleia* ou *stigmè*), dos Gregos, e pela (*plena*) *distinctione*, dos Romanos; a pontuação média [•], pelo ponto médio (*messè*), dos Gregos, e pela *distinctione media*, dos Romanos; a pontuação fraca [.], pelo ponto baixo (*upostigmè*), dos Gregos, e pela *subdistinctio*, dos Romanos (Catach, 1994: 14).

“incisos” – eram delimitados respetivamente pelo *periodus* ou *plena distinctio* [;]⁴², equivalente a uma pontuação mais forte, seguida de espaço em branco e maiúscula; pelo *colón* ou *media distinctio* [·], seguido de minúscula; e pela *comma* ou *subdistinctio* [!]⁴³. Este sistema continuará a ser alvo de variações quer nas denominações, quer nas representações gráficas nas obras de impressores e teóricos do século XVI (Catach, 1994: 15).

Na Idade Média, importa destacar a influência da doutrina pontuacional de Santo Isidoro de Sevilha (560-636), que se fez sentir não só na Península Ibérica como também no resto da Europa. O autor das *Etymologiae* aumenta o número de unidades pontuacionais, acrescentando aos *positurae*, isto é, sinais de pausa – o tradicional sistema dos três pontos (*cola*, *commata* e *períodos*)⁴⁴ –, as *notas sententiarum*, vale dizer, anotações críticas utilizadas originariamente em poemas e textos narrativos para chamar a atenção do leitor, e ainda os sinais de acentuação e de aspiração. Em número de vinte e seis⁴⁵, as *notas sententiarum* não têm influência no sentido do texto, ao contrário dos *positurae*. Algumas daquelas notas tornaram-se verdadeiras unidades pontuacionais, como o parágrafo, o travessão (*obelos*), o *diple* (ou sinal de citação) e o asterisco. Os dez sinais de acentuação e de aspiração⁴⁶ são utilizados pelos gramáticos para estabelecer distinções nas palavras. Destes dez sinais, a *brachys*, o *hyphén*, a *diástole* e o *apóstrofo* serão integrados nos sistemas pontuacionais seiscentistas.

Aspetto não menos relevante é que, na Idade Média, o leitor continua a ser corresponsável pela pontuação do texto, servindo esta essencialmente seja para marcar pausas

⁴² Apesar de este sinal ter a mesma representação gráfica do ponto e vírgula atual, não deve ser confundido com ele: é um ponto ao alto, reforçado por uma vírgula.

⁴³ É importante não confundir esta *comma* com o ponto de exclamação.

⁴⁴ Estas designações referem-se, simultaneamente, às unidades pontuacionais e às unidades sintáticas que estas delimitam: “Los signos de puntuación sirven para ir delimitando el discurso hablado por medio de *cola*, *commata* e *períodos*, que, siguiendo unas reglas, nos ponen de manifiesto el de lo escrito. Dichos signos se llaman *positurae*, porque son anotados poniendo (positis) puntos, o porque allí donde están colocados, la voz “reposa” un momento como señalando una pausa [...] El primer signo de puntuación es el *punto bajo*, llamado *subdistinctio*, y *comma* en latín. El segundo es el *punto medio*, conocido como *distinctio media* y *cola*. Por último, el *punto alto* – *distinctio ultima* o *período* –, que cierra toda oración. [...] Así, al comienzo de la frase, cuando ésta no posee todavía sentido completo, pero se tiene necesidad de respirar, nos encontramos con una *comma* que divide la frase; el punto se coloca siempre detrás de la última letra, en la parte baja; precisamente por eso a la *comma* se le da el nombre de *subdistinctio*. [...] Cuando, a medida que progresa la oración, va aflorando el sentido, pero todavía falta algo para que éste sea completo, se produce un *colón*, que notamos con un punto a la altura media de la letra. Lo llamamos *distinctio media*, por ir situado el punto tras la letra, a media altura. Cuando en nuestro discurso hablado hemos llegado al final de la frase, nos encontramos con un *período*, y colocamos un punto detrás de la última letra, en la parte alta; y lo llamamos *distinctio*, esto es, separación, porque separa una oración completa” (Sevilha, 1993: 309).

⁴⁵ Eis a designação das várias *notae sententiarum* identificadas por Santo Isidoro: *asterisco*, *obelos*, *obelos sobrepontado*, *lemnisco*, *antígrafo pontado*, *asterisco obelado*, *parágrafo*, *positura*, *crifia*, *antisimma*, *antisimma pontada*, *diple*, *diple peristichon*, *diple periestigméne*, *diple obolisméne*, *diple volta obolisméne*, *diple contraria obelada*, *diple supra obelada*, *diple recta e contraria supra obeladas*, *ceráunio*, *crisímon*, *phrontis*, *áncora superior*, *áncora inferiro*, *corona* e *álogo* (Sevilha, 1993: 309-313).

⁴⁶ Denominavam-se *oxeía*, *bareía*, *perispoméne*, *macros*, *brachys*, *hyphén*, *diástole*, *apóstrofo*, *daseía* e *psilé*.

e distinções entre os “períodos” e outros segmentos menores quanto ao significado e à entoação, seja para delimitar os constituintes de menor extensão, isto é, os “membros” ou “incisos”⁴⁷. Só na parte final da Idade Média as unidades pontuacionais vão multiplicar-se, adquirindo então a pontuação uma nova função – a lógico-gramatical –, que viria a consolidar-se ao longo do Renascimento, período durante o qual começam a ser publicadas listas de unidades pontuacionais, acompanhadas de prescrição do uso.

É ainda na Idade Média, mais precisamente no século XV, que se regista um marco decisivo na história da pontuação – o aparecimento da imprensa. É a partir deste momento que a pontuação, usada até então heterogeneamente por escribas, copistas e pedagogos, se generalizou como parte integrante do sistema gráfico. Os primeiros impressores seguiram o modelo de livro que conheciam, o códice, trabalho de grande perfeição formal desenvolvido pelos copistas e escribas, motivo por que o aspeto dos primeiros livros impressos era muito semelhante ao dos códices manuscritos, cujas características – o tipo de letra, os adornos, as iluminações de letras iniciais e o próprio sistema pontuacional⁴⁸ – eram imitadas. No entanto, a contribuição dos humanistas, que procuravam uma maior distinção entre os elementos constitutivos das “sentenças”, foi muito importante para a renovação do repertório geral de pontuação. Esses autores vão influenciar diretamente os primeiros impressores, eles próprios humanistas em alguns casos, sendo os seus impressos considerados verdadeiros modelos para as seguintes gerações de gramáticos, escritores e corretores.

Surgiram, nos séculos XV e XVI, vários tratados de pontuação, nos quais eram divulgadas listas de unidades pontuacionais. A primeira obra deste género terá sido o *Compendiosus dialogus de arte ponctuandi*, da autoria de Jean Heynlin (c. 1430-1496), impresso em Paris em 1471. Do rol reunido naquela obra constavam os seguintes *pontemas*: a vírgula [,]; o *cólon* [•] (ou ponto a meia altura); o *periodus* [;]; a *comma* ou *distinctio* [·]; o *punctus interrogativus* [?]; o *parenthesis* [()], a *divisão simples* [/] ou *dupla* [//] para cortar a palavra no fim da linha. Essas mesmas unidades pontuacionais surgiram em outras obras, nas de Lefèvre d’Etaples⁴⁹ (c. 1450-1536), Geoffroy Tory (c. 1480-1533)⁵⁰. O tratado *La manière*

⁴⁷ De resto, a retórica está a origem da nomenclatura dos sinais de pontuação nas obras medievais e, mais tarde, nas renascentistas. *Periodus*, *cólon* e *comma* designavam inicialmente tipos de construção de enunciados (Rosa, 1994: 47).

⁴⁸ As dificuldades sentidas na produção dos tipos metálicos, de custos muito elevados, limitaram o número de tipos correspondentes às unidades pontuacionais, que era, por isso, bastante reduzido em oficinas mais pequenas.

⁴⁹ Na sua *Grammatographia* (1529), o autor arrola os três pontos (*periodus*, *cólum* ou *ponto baixo* e *comma*), o ponto admirativo ou exclamativo, o interrogativo, o ponto de divisão (sinal duplo), os parênteses, a vírgula oblíqua (*suspensivum*) e a *comma* /dois pontos.

⁵⁰ Na sua obra intitulada *Champ Fleury* (1529), este sábio humanista e impressor apresenta onze unidades pontuacionais: ponto suspensivo [/]; duplo [::]; semiponto (oblíquo, sinal de divisão); ponto curvo [·]; *comma* [·];

de bien traduire d'une langue en aultre, de Étienne Dolet (1509-1546), publicado em 1540, tornou-se, no século XVI, a “bíblia” dos impressores. Esta obra integrava um tratado intitulado *La punctuation de la langue françoise*, no qual a pontuação é descrita como uma “prática universal”, sendo, por isso, uma teoria aplicável a todas as línguas. Este tratado contemplava: a *vírgula* ou *point à quele* [,], aconselhada antes das conjunções *ou* e *e*; a *comma* [:], que indica *sentença* incompleta; o *point* [·], que veio substituir o tradicional *periodus*, que delimitava a frase; o *interrogant* [?]; o *admiratif* [!]; o *parenthese*; dois sinais de fecho [)] e [(]]; uma tentativa de descrever os dois *meios círculos* para “adição” (antecedente das aspas atuais). Outra obra muito importante no século XVI é a de Aldo Manúcio, o Jovem (1547-1597), *Epitome ortographiae* (1561), que contém um trecho intitulado *Interpungendi ratio*, no qual se reconhece a pontuação como parte da ortografia e que inclui o sistema: *vírgula*, *comma* ou *semipunctum* [,], para separar partes da “sentença”, nomes e verbos nas enumerações; o *punctum semicírculo junctum*, de difícil utilização segundo Manúcio, equivalia ao atual ponto e vírgula [;]; esta unidade era dotada de valor separador intermédio entre a vírgula e os dois pontos e servia para separar nomes opostos e frases compostas, quando uma vírgula era insuficiente e os dois pontos eram considerados pontuação demasiado “forte” para assinalar a pausa; o *geminatio puncti* (dois pontos atuais), com a função de separar frases compostas e valor intermédio entre o ponto e vírgula e o ponto final; o *unicum punctum* [·], que encerra a frase; a *interrogandi nota* [?], para expressar, simultaneamente, dor e admiração, e para delimitar uma interrogação; e, por fim, os parênteses (Mediavilla, 2000: 52-54).

O uso da pontuação generalizar-se-á no século XVII, momento em que ocorre uma intensa normalização da pontuação, devido à necessidade de uniformizar a imprensa, à “popularização” desta e à consequente extensão da leitura a públicos cada vez mais alargados, o que modificaria, inevitavelmente, a conceção de leitura que, de ser em voz alta, passará, gradualmente, a uma leitura silenciosa, intelectualizada ou visual.

Já no século XVIII, o uso dos sinais de pontuação mais comuns, a saber, a *vírgula*, o *ponto e vírgula*, os *dois pontos*, o *ponto* (este último apenas em final de parágrafo), obedecia a critérios (Beauzée⁵¹, 1765: 16), nomeadamente, a proporção entre os distintos tipos de pausas, dependendo esta da combinação de três princípios fundamentais: primeiro, a necessidade de respirar; o segundo, a distinção entre os sentidos parciais que constituem o discurso; o

respirante ou *cólon* (ponto médio); *periodus* (ponto baixo); interrogante [?]; *respondente* (em forma de 3, variante do precedente); admirativo [!]; parênteses [()] (Catach, 1994: 30).

⁵¹ Este é o autor do capítulo “Pontuação” na *Encyclopédie* (1750-1772) de Diderot (1713-1784) e Alembert (1717-1783).

terceiro, a destriça entre graus de subordinação, necessária a alguns destes sentidos parciais no conjunto do discurso. Os demais sinais (*parêntesis, reticências, aspas, alínea, pontos de interrogação e de exclamação*) eram tratados de forma separada, na maioria dos casos. Entre outros valores, os *dois pontos* eram utilizados como sinal de separação com força intermédia entre o *ponto e vírgula* e o *ponto*, tendo ainda um uso diferente do actual.

No século XIX é publicado o *Traité de Ponctuation* (1873), de Ricquier (1833-19--), autor que, ao introduzir os *pontos condutores, o hífen, o travessão, as aspas, os colchetes, a alínea, o apóstrofo, o et caetera, o asterisco, o parágrafo, o sublinhado e a chave*, veio enriquecer a lista das unidades pontuacionais. De acordo com Ricquier, as regras para a utilização da pontuação baseavam-se, preferencialmente, na sintaxe e, em menor grau, em critérios semânticos e prosódicos. Interessa ainda sublinhar que, no século XIX, os profissionais da imprensa conheciam melhor o sistema pontuacional habitual na época do que os próprios autores dos textos impressos, a ponto de estes não aprimorarem a pontuação, deixando-a ao critério dos seus impressores. Por outro lado, a intervenção dos editores é abundante: multiplicam as vírgulas, corrigindo os autores e alterando por vezes o significado das obras.

Concluído no século XIX o processo de “configuração” do elenco pontuacional atualmente em uso, na década de setenta do século XX a pontuação passa a ser descrita como parte integrante do sistema gráfico de uma língua, tornando-se, na esteira deste, um verdadeiro objeto de investigação científica.

2.1. Antecedentes da pontuação em Portugal e no Brasil: doutrina gramatical (séculos XVI-XIX)

No panorama humanístico português é de referir a *Nova grammatices Marie Dei Virginis ars* (1516)⁵², de Estêvão Cavaleiro (14- -15-). Do sistema pontuacional definido pelo autor, ao qual dedica um “Capítulo utilíssimo sobre os sinais de pontuação e seu lugar adequado no discurso”, constam seis unidades pontuacionais: a *vírgula* ou *ponto suspensivo* [/], que se usa “depois de enunciados carentes de verbo ou de acabamento, antes que se possa depreender qualquer sentido da cláusula (*Apud Rosa, 1994: 62*); a *coma* [:], que serve para delimitar “enunciados que têm verbo, mas privados de acabamento”; o *cólon* [.] , que separa

⁵² Maria Carlota Rosa (1994: 56) sublinha que este autor seguiu a teoria de João Vaz, exposta na obra *In grammaticae rudimentis comentarii* (1502), aproveitando quer os seus exemplos, quer as suas definições, apesar de o refutar constantemente, motivo por que diferem tanto no que se refere ao inventário de unidades pontuacionais como no traçado destas. Vaz terá inventariado as seguintes unidades: *ponto suspensivo, ponto geminado, coma* e *semiponto*, descritos, mas não desenhados, além de *cólon* [•], *ponto exclamativo* ou *admirativo* [!], *ponto interrogativo* [?] e *parênteses*.

não só “enunciados que tenham o verbo devido, com sentido acabado”, indicando que “algo pertinente pode ser ajuntado à construção”, como aparta também “palavras ligadas sem conjunção”; o *período* [;], que se coloca no fim da “cláusula” com sentido completo; o *ponto de interrogação* [?], usado depois de “palavra ou construção interrogativa”, e os *parênteses*, que “ocorre[m] quando uma construção é interposta a uma construção ainda incompleta”. Veja-se, em seguida, a definição apresentada por Estêvão Cavaleiro, na qual se reconhece a importância da pontuação e as suas funções na delimitação de frases, no auxílio à construção do sentido do texto e na indicação de pausas:

Já que a arte e ensinamento sobre os sinais de pontuação prestam grande auxílio não só àquele que lê, mas, de facto, também aos ouvintes, julgamos, por isso, esta lição digna de levar a nossos escolares.

É, pois, o ponto o sinal que, pela sua demora, separa as cláusulas, distingue o sentido, recupera o fôlego e propicia tempo de reflectir.

Ocorre, portanto, ou pela pausa na pronúncia, ou pela marca da pena.

(*Apud Rosa, 1994: 61*)

Verifica-se, assim, que esta definição de Estêvão Cavaleiro coloca a tónica na função indicadora de pausa, embora o sentido completo seja o critério a presidir à distinção das unidades pontuacionais na descrição destas, ou seja, é-lhes aplicado um critério sintático e semântico.

Vinte anos mais tarde, é publicada a *Grammatica da lingoagem portuguesa*⁵³ de Fernão Oliveira (1507-1581), a primeira gramática escrita em vernáculo português. Nela, o autor não faz qualquer alusão ao assunto em apreço. Todavia, um levantamento das várias unidades pontuacionais registadas no texto impresso suscita a hipótese de o seu uso não ser da responsabilidade do gramático quinhentista, mas, antes, do seu impressor. Os *pontemas* mais frequentes enquadram-se na chamada “pontuação de frase”: *coma* [:], *cólon* [.] , *vírgula* ou *ponto suspensivo* [/], além da maiúscula de frase e de palavra. Menos frequentes são os *parênteses*. Pertencentes à pontuação de texto, o *caldeirão* e a *capital decorativa* em início de capítulo são recorrentes. Da comparação com a obra de Estêvão Cavaleiro, seu antecedente mais próximo, se retira o desaparecimento do *período* [;].

Quatro anos mais tarde, sai dos prelos de Luís Rodrigues a *Gramática da língua portuguesa*, de João de Barros (1496?-1570?), que inclui já algumas “regras que devemos ter

⁵³ Foi impressa por Germão Galharde, impressor de origem francesa e um dos tipógrafos mais importantes do século XVI.

nas clausulas e periodos da óraçám, e do apontar della (Barros, 1971: 153). Este gramático chama a atenção para a grande importância da pontuação, ao considerá-la “hũa das cousas principaes da ortografia, pela qual entendemos a escritura”, porque ajuda a esclarecer o sentido da “óraçám amfibológica”. Conforme definição de João de Barros, à já referida “pontuação de frase” pertencem as seguintes unidades: a *cõma* [:], a qual, ao permitir o descanso da voz, corta a “cláusula” em duas partes, separadas, por sua vez, por *vírgulas* ou *vergas* [,]; o *cólo* [.] para encerrar a “cláusula”; a *entreposiçam* ou *parêntesis*; o *interrogativo*. Importa referir que os usos efetivos das referidas unidades pontuacionais concordam essencialmente com as orientações, muito gerais, da doutrina de João de Barros, sendo as divergências entre a doutrina gramatical e a prática pontuacional patente na obra imputáveis, possivelmente, a Luís Rodrigues, seu impressor.

Em 1576, Duarte Nunes de Leão vê a sua *Ortographia da Lingoa Portuguesa* ser publicada por João de Barreira, um dos mais opulentos e conhecidos tipógrafos do século XVI. Desenvolvida no capítulo “Do Tractado dos Pontos das clausulas, & de outros que se põem nas palavras, ou oração”, que é “primeiro trabalho sistemático, dotado de fôlego teórico na história das ideias referentes à pontuação [em Portugal]” (Gonçalves, 2003: 837-838), a teoria pontuacional daquele ortógrafo vai servir de base às doutrinas pontuacionais posteriores⁵⁴. O ortógrafo distingue dois conjuntos pontuacionais: o primeiro é constituído pelas unidades com função de “partir e dividir as clausulas, assi na scriptura de mão, como na estampada (Leão, 1576: 74v); o segundo serve “para outros effectos” que não o de “demarcar clausulas”, além de reunir as demais unidades pontuacionais – *interrogante*, *admirativo*, *paragrapho*, *parenthesis*, *meo circulo*, *apices*, *hyphen*, *asterisco*, *obelisco*, *brachia*, *divisão* e *angulo* –, pertencentes à pontuação de palavra e de texto. Se aquele subsistema reúne então as unidades separadoras / delimitadoras das frases e dos seus constituintes, derivadas das *distinctiones* latinas, e cujo uso assentava tanto no sentido completo do enunciado como na função pausal, já o segundo comporta unidades com funções distintas das primeiras. Ademais da sua função entoacional, é de realçar que o *interrogativo* ou o *admirativo* são, igualmente, unidades delimitadoras das frases, embora sem integrarem ainda o primeiro subsistema.

Segundo Nunes (2006), no século XVII, no domínio da ortografia em geral e, no da pontuação, em particular, é evidente que Duarte Nunes de Leão funciona como uma autoridade para gramáticos como Bento Pereira (1605-1681) e João Franco Barreto (1600-

⁵⁴ Esta influência é bastante visível na *Ortographia* (1631), de Álvaro Ferreira de Vera (16---1677), que a dá aos prelos em Lisboa. Este autor apropria-se flagrantemente das definições de Leão, dos seus exemplos e mesmo de trechos completos da obra quinhentista.

1674?), não obstante este último refutar, a cada passo da sua *Ortografia da Lingoa Portuguesa*, publicada em 1671, as ideias do gramático quinhentista. As *Regras gerais, breves e comprehensivas da melhor Orthographia com que se podem evitar erros no escrever da lingua Latina, & Portuguesa. Para se ajuntar à Prosodia: Ordenada pelo Author della (...). Aprovadas por Varoës peritissimos em huma & outra língua*, de Bento Pereira (1605-1681), publicada em 1666, tem um carácter prescritivo, como denota o próprio título, limitando-se a apresentar soluções e não reflexões de natureza teórica⁵⁵. Nesta obra, o ortógrafo e lexicógrafo alentejano expende a sua teoria pontuacional em três das catorze regras que lhe são dedicadas: oitava, nona e décima. A oitava diz respeito à *virgula, ponto e virgula e dois pontos*; a nona, ao *ponto final, sinal interrogativo, sinal admirativo e parenthesis*; a décima, a “outros sinaes importantes ao bom escrever”, ou seja, à *divisam*, ao *angulo*, ao *paragrafo*, aos *apices*, ao *hyphen*, à *desunião*, ao *meyo circulo*, ao *asterisco*, ao *obelisco* e à *brachia*. Bento Pereira parece basear-se em critérios diferentes para delimitar os seus três subsistemas. Os dois primeiros têm uma função delimitadora ou separadora, fundando-se a sua distinção no domínio a que cada um diz respeito: o primeiro, composto pelas unidades relacionadas com o domínio interior compreende as que separam os constituintes da frase; o segundo, composto pelas unidades de domínio “exterior”, engloba as que circunscrevem a frase ou período⁵⁶. O terceiro integra “outros sinaes importantes ao bom escrever”, de entre os quais apenas o *paragrafo* possui função delimitadora, sendo curioso assinalar que tal subsistema congrega todas as unidades pertencentes ao nível da pontuação de texto ou à da palavra.

Por sua vez, João Franco Barreto (1600-1674?) consagra três capítulos à pontuação: no primeiro, trata dos “sinaes importantes ao bõ escrever”; no segundo, de “outros sinaes importantes ao bõ escrever”; e no terceiro, de “outros sinaes”, delimitando, assim, três subsistemas: um integra a *virgula*, o *colon perfeito* [:], o *colon imperfeito* [;] e o *período* [.]; o segundo, a *interrogação*; a *admiração*, o *parenthesis* e o *paragrafo*; e o último, a *divisã*, o *angulo*, o *antígrafo*, o *asterisco*, os *apices*, o *hyphen*, o *obelisco*, a *bracchia* e o *antyphen* ou *hypodiastole*. Esta divisão não parece apoiar-se na convergência de funções das suas unidades. A distinção entre os dois primeiros subsistemas poderá basear-se na frequência de uso das suas unidades, visto que, no primeiro conjunto, as unidades possuem uma função delimitadora da frase e dos seus constituintes, ao passo que, no segundo, três dos seus

⁵⁵ Conferir Gonçalves (2003: 863).

⁵⁶ No entanto, esta ideia apresenta uma falha, visto que o *parenthesis* não se utiliza para demarcar as frases ou períodos. Qual terá sido então o motivo para o seu enquadramento no segundo subsistema? Fica registada esta incongruência.

elementos também podem exercer essa função: *interrogação*, *admiração* e *paragrafo*. As unidades do terceiro formam um conjunto por não possuírem função delimitadora e por, tal como as unidades do terceiro subsistema de Bento Pereira, não se inscreverem na pontuação da frase.

Importa destacar que, embora nos séculos XV e XVI coexistissem *pontemas* com o mesmo valor ou função, esta situação tende a desaparecer neste período, em virtude de às unidades se atribuir, cada vez mais, uma especialização funcional, não obstante continuarem a coexistir unidades pontuacionais polivalentes.

Em 1725 é publicada a 2.^a edição das *Regras da Lingua Portugueza, Espelho da Lingua Latina*, de Jerónimo Contador Argote (1676-1749). A obra contém um “Tratado Breve de Ortografia”, do qual consta o capítulo intitulado “Da pontuação da Orthografia Portugueza”. Nele a pontuação aparece definida como “uns risquinhos, ou pontos, com que se apartam entre si as palavras, e mostram que casta de sentido fazem” (p. 351)⁵⁷, sendo representada por sete unidades: *Virgula*; *Ponto, e virgula*; *Dous pontos*; *Ponto*; *Ponto admiração*; *Ponto interrogação*; *Parenthesis*. Constata-se, assim, que o número de unidades elencadas é bastante reduzido quando comparado com o dos sistemas propostos por gramáticos anteriores. O uso da vírgula é descrito em cinco regras: para delimitar “grupos de sentido imperfeito⁵⁸”; antes dos “nomes” relativos; antes das conjunções copulativas e disjuntivas; depois de “nominativo absoluto”; nas enumerações. O critério que preside ao uso do ponto e vírgula, dos dois pontos e do ponto final é o da maior ou menor completude da unidade de sentido. Quanto às restantes unidades pontuacionais, nada de novo é acrescentado.

Nove anos mais tarde, João de Morais Madureira Feijó (1688-1741) publica a *Orthographia ou Arte de Escrever; E pronunciar com acerto a Lingoa Portugueza* (1734), obra dividida em três partes, estando a pontuação inserida na segunda, conjuntamente com “de como se dividem as palavras. Da pontuação”. A pontuação é definida como um “sistema ou conjunto de sinais que servem para marcar as pausas e entoações da língua falada e constitui, pois, a terceira articulação da língua escrita” (Gonçalves, 1992: 88), à qual é atribuído o papel de *estruturante* sintático. Na segunda parte, explica-se o uso de treze unidades pontuacionais, a saber: *virgula*; *ponto e virgula*; *ponto final*; *dous pontos*; *ponto, e interrogação*; *ponto, e admiração*; *parágrapho*; *Parenthesis*; *Angulo*; *Asterisco*; *Branchia*; *Semicirculo*; *Desunião* (Gonçalves, 1992: 88-89). Os três primeiros *pontemas* marcam essencialmente a pausa, ao passo que os dois pontos, o ponto de interrogação, o de

⁵⁷ Fez-se uma adaptação da grafia da obra.

⁵⁸ O exemplo apresentado corresponde a uma oração subordinada condicional: “Se fizer sol, será um bom dia.”

exclamação e os parênteses marcam, principalmente, a entoação. Estas regras assemelham-se às propostas por Contador de Argote, acrescentando-se alguns contextos de uso, nomeadamente, o uso do ponto e vírgula antes das conjunções e locuções conjuncionais e para separar verbos antónimos; os dois pontos, antes de citações. Quanto às restantes unidades não elencadas por Contador de Argote, o uso do *angulo* e da *desunião* restringe-se aos manuscritos, servindo o primeiro para assinalar o esquecimento de uma palavra, e a segunda, para separar palavras distintas. Por sua vez, o parágrafo e o asterisco são recomendados para os textos impressos; já a *Branchia* não tem qualquer interesse na escrita em língua portuguesa, ao contrário da grega. Verifica-se, assim, que as regras que descrevem o uso destas unidades pontuacionais se baseiam ainda na língua latina.

No século XIX, mais especificamente em 1822, ano da independência do Brasil, é publicada a *Grammatica philosophica da Lingua Portugueza*, da autoria de Soares Barbosa (1737-1816). Inserida na parte da obra (2.^a) consagrada à ortografia, a pontuação é tratada no quarto capítulo e definida como “Arte de na escritura distinguir com certas notas as diferentes partes, e membros da oração, e a subordinação de uns e outros a fim de mostrar a quem lê as pausas menores e maiores, que deve fazer, e o tom e inflexão da voz, com que as deve pronunciar (p. 85). O uso das catorze unidades propostas por este autor – *Espaços em branco*; *Ponto Simples*; *Ponto de Interrogação*; *Ponto de Exclamação*; *Virgula*; *Ponto e Virgula*; *Dois Pontos*; *Parenthese*; *Risca de União* [-]; *Viraccento* [‘]; *Trema*; *Accento Agudo*; *Accento Grave*; *Accento Circumflexo* – é descrito em dois capítulos diferentes, com recurso a regras gerais e particulares. A doutrina neles expendida denota a filiação de Soares Barbosa nos princípios racionalistas e logicistas do século XVIII, o que permite afirmar que esta gramática é “manifestamente setecentista” (Amor Couto, 2004: 12), não obstante esta e as suas restantes edições terem sido publicadas no século XIX. Em relação ao uso da vírgula, interessa realçar os seguintes contextos: para delimitar todas as “orações encravadas” ou intercaladas e as “adições”, assim como “todas as palavras e orações transpostas da sua ordem natural”. Os dois pontos, além de constituírem uma unidade de separação, servem ainda para anunciar o discurso direto. Em relação ao ponto de interrogação e ao ponto de exclamação, numa nota inovadora, Soares Barbosa faz referência ao costume de posicionar estas duas unidades pontuacionais em início de frase, “porém ás avessas”, prática com a qual o autor concorda “quando a frase interrogativa, ou exclamativa he alguma couza mais comprida para se poder abranger toda a huma vista de olhos” (pp. 86-87). Encontra-se subjacente, nesta segunda regra geral, o conceito de fixação do olhar. Pouco se acrescenta acerca das restantes unidades

pontuacionais que, restringindo-se à “pontuação de palavra”, integram o segundo capítulo da *Grammatica* de Soares Barbosa.

Em síntese, o autor assenta o uso das unidades pontuacionais em dois critérios essenciais: o pausal e o sintático. Ainda que o segundo seja o predominante na descrição das diversas unidades pontuacionais, o primeiro surge na gramática de Soares Barbosa quando descreve os usos da vírgula, associado à definição de uma “pausa ordinária”. Ora vejamos: “He por tanto errada a regra da pontuação que alguns dão, mandando pôr sempre virgula antes de *Que*; quando pelo contrario nunca se deve pôr, se não quando a oração principal, e a incidente são tão extensas, que vem exceder a **medida de huma pausa ordinaria**⁵⁹, **que he a de hum verso de treze até dezasete Syllabas**” (p. 88). Por outro lado, o autor estabelece uma hierarquia no uso das mesmas unidades ao aconselhar-se, na terceira regra geral, que a pontuação mais fraca preceda a mais forte: “Nunca se use de ponto e virgula, sem que de antes haja virgula; nem tambem de dois pontos, sem que d’antes preceda ponto e virgula: porque a pontuação mais forte supõe d’antes a mais fraca” (p. 87).

Nove anos após a independência do Brasil, saem à luz no Rio de Janeiro *Regras Elementares sobre a Pontuação, Segunda Parte da Ortographia* (1831), de António Gil Gomes⁶⁰, autor ainda filiado no espírito racionalista do século XVIII, cujas ideias são tributárias da “gramática filosófica” de Soares Barbosa⁶¹. A doutrina de Gil Gomes sobre a pontuação, parte integrante da ortografia⁶², é desenvolvida no quarto e no quinto capítulos, intitulados, respetivamente: *Da Pontuação, sua definição, e fim unico, que tem no discurso, e que meios emprega para o conseguir, &c. &c. &c.* e *Exemplos analyticos, que provão practica, e detalhadamente a doutrina até aqui expendida*, sob a forma de perguntas e

⁵⁹ O negrito é da nossa responsabilidade. Esta noção está, de novo, presente na terceira regra particular: “Antes das conjuncções *e, nem, ou, como, que* e outras semelhantes so se poe virgula, quando as palavras e frases que ellas atão excedem a medida comum de huma pausa ordinaria pelas orações indicentes [...]” (p. 89).

⁶⁰ Este autor parece ser de natural da ilha da Madeira. Não se conhecem outros dados biográficos.

⁶¹ Reconhece-se a influência de Soares Barbosa no “Discurso Preliminar sobre a Grammatica”: “O estudo da Grammatica tanto *universal*, como *particular* hé indubitavelmente o mais necessario a todo o homem por ser ella a Arte, que nos ensina a exprimir correcta, e precisamente as idéas em qualquer Lingua. A *universal* prescrevenos os principios universais, communs a todas as Linguas, isto hé, a Philosophia da Linguagem; e a *particular* faz-nos huma applicação especial d’estes mesmos principios a huma Lingua qualquer: resultando daqui as Grammaticas *particulares*, taes como: a *Portugueza*, a *Latina*, a *Franceza* &c.” (Gomes, 1831: i-iii).

⁶² Citando Gil Gomes, a “*Ortographia* divide-se em duas partes; *huma*, que directamente se occupa com o *material* dos vocabulos, e suas attribuições *physicas*; e *outra*, que trata de marcar por certas *notas*, por certos *signaes* as diferentes relações, que os grupos destes vocabulos, quando combinados em ordem a produzir hum, ou mais enunciados de juizos, tem entre si” (in *Proemio*).

respostas⁶³. Vista como um “mysterio [...] que até ao presente não se tem encarado debaixo do seu verdadeiro ponto de vista” (p. 21) e invenção tardia⁶⁴, para Gomes a pontuação é:

aquella da Orthographia, que por meio de certos *signaes*, de certos *notas* nos ensina a proporção das pausas, que devem ter as orações nos seus finais em ordem á maior, ou menor perfeição de sentido, que cada huma dellas tiver comparativamente ao pensamento total (Gomes, 1831: 20-21).

Salienta-se, nesta definição, a importância da função rítmica da pontuação. O autor quantifica inclusive o tempo de pausa correspondente a cada um dos sinais de pausa – *Virgula, Ponto, e Virgula, Dous Pontos e Ponto*⁶⁵. Fica ainda explícita, nesta definição, a finalidade da pontuação – “distingir as diferentes *orações* de hum discurso, de hum período composto, extremando-as por meio de certos *signaes* de convenção, que se estabelecerão para assim satisfazer ás vistas do espirito, e integridade do sentido” (p. 21) – e dos *pontemas*, que servem para “distinguir huma oração inteira, ou mesmo parte della, que se ache deslocada, e transposta” (*Ibidem*). No entender do autor, a “única dificuldade, que a *Pontuação* oferece, consiste em saber distinguir as diferentes orações de hum discurso, e em discernir com critério os diferentes grãos de perfeição de sentido das orações comparativamente á phrase inteira” (*Ibidem*).

Além dos *pontemas* já referidos, outros são elencados: os *Pontos Interrogativos*, os *Pontos Admirativos*⁶⁶, que denotam, respetivamente, o tom interrogativo ou admirativo, os

⁶³ Este tipo de organização é comum em obras de carácter normativo e prescritivo, como se pode constatar igualmente na obra de Contador de Argote.

⁶⁴ Segundo o autor, “a *Pontuação* só seria inventada depois que o homem por analyse, e decomposição miuda do discurso conheceu esta verdade tão importante: eis aqui em summa o que deo origem á *Pontuação*, e faz, que ella não date de tempo mui anterior. O que deo motivo às diferentes especies de *signaes*, que ella emprega, foi a diferente natureza dos enunciados de juízos, de que consta o mesmo discurso, porisso que não pareço acertado empregar o mesmo signal para extreimar orações, cuja essencia logica eera distincta por ordem ao pensamento total, de que ellas erão partes integrantes” (Gomes, 1831: 30).

⁶⁵ A vírgula (ou *Coma*), “signal de pausa inferior, e mais fraca”, corresponde a uma pausa de ½ segundo; o ponto e vírgula (ou *Semicolon*), um segundo; os dois pontos (ou *Colon*), um segundo e meio; e o ponto, assim como os pontos de interrogação e de exclamação, a dois segundos (Gomes, 1831: 23-24).

⁶⁶ Gomes refere a possibilidade de os combinar e assinala que alguns ortógrafos têm por costume colocar, às avessas, estes sinais em início de frase, prática não condenada pelo autor quando as frases são mais extensas (Gomes, 1831: 25).

*Pontos de Reticencia*⁶⁷, cuja finalidade é suspender o discurso, e os *Parentheses*, que servem para interpor uma informação acessória dentro de uma oração⁶⁸.

No segundo capítulo, dedicado aos exemplos práticos da pontuação, com base em excertos retirados das obras de autores consagrados, como Camões e António Feliciano de Castilho, são prescritos usos específicos para alguns dos sinais de pontuação. A vírgula serve para delimitar o vocativo, a exclamação e a interjeição, considerados “orações ellypticas”. Deve usar-se antes de “*Que*, ou seja pronome *relativo*, *interrogativo*, ou conjuncção *determinativa* [...], porque sempre se dão duas orações” (p. 33). Resumindo, antes de qualquer conjunção, conclui Gomes, sempre deverá haver um sinal de pausa, uma vez que “as Conjunções sempre vem entre duas orações, huma das quaes se considera como antecedente, e outra subsequente” (*Ibid.*). Por sua vez, o ponto e vírgula coloca-se “entre orações, que encerrão verbos, que tem um sentido opposto⁶⁹” e antes de “*Mas*, *Ainda que*, *Supposto que*, *Todavia*, &c.” Por último, os dois pontos são prescritos “no fim de qualquer oração, quer grande, quer pequena, que anuncie qualquer discurso, ou dito de outrem” (*Ibid.*).

Cerca de quarenta anos mais tarde, em 1870, também no Rio de Janeiro, é publicado o *Tratado elementar da pontuação da lingua portugueza ensinada por meio de exemplos extrahidos dos melhores clássicos*, do conselheiro José Feliciano de Castilho (1810-1879)⁷⁰. Este “Tratado” reproduz, de forma flagrante, as ideias de Beauzée (1717-1789). A definição de pontuação corresponde, *ipsis verbis*, à do gramático francês: “arte de indicar na escripta, por certos signaes de convenção, a proporção das pausas que o leitor deve fazer lendo, e o tom e inflexão da voz” (Castilho, 1870: 5), dependendo a proporção da combinação dos princípios fundamentais decalcados do mesmo autor⁷¹ (cf. ponto 2). Por outro lado, acentua-se, através da apresentação de cinco exemplos⁷², a função semântica da pontuação, imprescindível “para

⁶⁷ A propósito da *Reticencia* ou *Pontos de continuação*, o autor acrescenta que este sinal serve para “suspender o discurso contra a nossa vontade, e como de sobresalto. Isto acontece realmente quando a fôrça da paixão hé muita, e a cólera, a dôr, a *desesperação*, a *desconfiança*, o *rancor* &c. &c. nos embargão a voz na garganta” (p. 24). Para ler a *Reticencia*, “dá-se-lhe a pausa de ponto final acompanhada de huma certa emoção, que denote suspensão de idéas, com desejos de querer expende-las.” (*Ibid.*)

⁶⁸ Explica o autor que a “pausa inicial, e final, do *Parenthese* hé a da *Virgula*; ainda que dentro delle possam ir *Pontos* e *Virgulas*, e *Dous Pontos*, quando eles são mais extensos. As palavras encerradas entre *Parenthese* lem-se em voz mais baixa, e rapida” (Gomes, 1831: 24).

⁶⁹ O exemplo que ilustra esta ocorrência é o seguinte: “O louco ora ri, ora chora; ora se aquieta, ora se enfurece; ora grita, ora está calado; &c.” (Gomes, 1831: 33).

⁷⁰ De seu nome completo José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, era filho do Doutor José Feliciano de Castilho (1769-1826), irmão de António Feliciano de Castilho e pai de José Feliciano de Castilho (1838-1864).

⁷¹ Veja-se o que se pode ler na página 8: “A escolha das pontuações depende da proporção que convém estabelecer nas pausas; e esta proporção depende da combinação de tres principios fundamentaes: 1º, a precisão de respirar; 2º, a distincção dos sentidos parciais que constituem um discurso; 3º, a diferença dos grãos de subordinação que convém a cada um destes sentidos parciaes no todo do discurso” (Castilho, 1870: 8).

⁷² A título de curiosidade, apresentam-se alguns dos exemplos citados nas páginas 5-7: 1.º “Reina de crime em crime; emfim eis-te rei. / Reina; de crime em crime, emfim eis-te rei.”; 2.º “Reina como pai; logo que tiverdes

evitar os equívocos do discurso” (Castilho, 1870: 5). À semelhança dos autores oitocentistas já referidos, os sinais principais propostos, a saber, a *virgula*, o *ponto e virgula*, os *dous pontos* e o *ponto final* são definidos pela pausa que assinalam, associada à maior ou menor completude do enunciado que delimitam. Deste primeiro grupo constam ainda o ponto de interrogação e o ponto de *admiração*, com as finalidades que lhes estão atualmente adstritas. Os restantes sinais de pontuação são o *parenthesis*⁷³, a *reticencia* ou pontos suspensivos, o *paragrapho*⁷⁴ e as “*virgulas dobradas* (») que se põem á esquerda de todas as linhas de um discurso citado, afim de o distinguir do principal” (pp. 7-8). No fundo, também os sinais elencados correspondem à proposta de Beauzée, uma vez que o *parágrafo* poderá equivaler à “alínea” do autor francês (cf. ponto 2).

Castilho dedica um “Artigo” a cada um dos sinais de pausa, fixando os usos principais destes *pontemas* em regras gerais. A vírgula serve para separar: a.1. – “partes similares de uma proposição composta”, desde que não ligadas por conjunção⁷⁵ e “que ambas juntas não excedem o alcance comum da respiração”; a.2. – dois membros de um período; a.3. – várias proposições seguidas⁷⁶; para delimitar b. 1. – “toda a proposição incidente explicativa” – contrariamente, este uso é proscrito na “proposição incidente determinativa”, que não pode estar separada por vírgulas – b. 2. – qualquer outra adição, seja um adjetivo, seja um particípio seguido de algum complemento, uma vez que todas as inserções são explicativas; b. 3. – qualquer “membro de phrase” deslocado; b. 4) ou ainda o vocativo colocado no final da

vencido, lembrai-vos que tendes um senhor no céu. / Reina como pai, logo que tiverdes vencido; lembrai-vos que tendes um senhor no céu.”; 3.º “Elle violou todas as leis; para conseguir seus designios, não respeitou nem se quer o pudor das senhoras. / Elle violou todas as leis para conseguir seus designios; não respeitou nem se quer o pudor das senhoras” (Castilho, 1870: 5-7).

⁷³ Outro aspecto a salientar é o facto de os parênteses não integrarem o rol inicial proposto pelo autor. O parêntesis é referido aquando da explicação de um uso da vírgula: “Logo que se insere alguma cousa no discurso entre parenthesis, a pontuação que deve seguir o que precede o parenthesis, deve ser posta depois do ultimo semi-circulo, e não antes do primeiro.” Exemplos: “A ardente paixão de Gregorio de Nazianzeno pela solidão (diz o abbade de Ladvoat), lhe dava um humor triste, infadado, e um pouco satyrico. / No anno seguinte (1632) Gustavo deu a batalha de Lutzen.” (Castilho, 1870: 18-19). É novamente referido no artigo IV, relativo a “Do Ponto e do Paragrapho”: “O parenthesis, que é uma espécie de signal análogo á pontuação, como grandes virgulas; serve para incorporar nas frases parágrafos, pequenas notas, datas, mesmo membros de frases que poderião ser suprimidas sem obscuridade, mas que servem para aclarar-las, e fazer excepções, restricções, adições, observações [...]”(Castilho, 1870: 33).

⁷⁴ Este é um “signal de distincção para differençar, por exemplo, as diversas provas de uma mesma verdade [...], quando se passa de um ponto de vista a outro” (Castilho, 1870: 32). Assinala-se com mudança de linha, pelo que não corresponde, assim, a nenhuma “figura”.

⁷⁵ Os dois exemplos apresentados para ilustrar a prescindibilidade da vírgula neste caso integram as conjunções coordenativas copulativa “e” e disjuntiva “ou”: “A imaginação e o juizo não estão sempre de accôrdo.”; “Elle falla do que não sabe ou do que sabe mal.” (Castilho, 1870: 33).

⁷⁶ No fundo, o uso da vírgula assenta essencialmente na necessidade de parar para respirar. Citando o autor, “se a extensão de uma proposição excede o alcance ordinario da respiração, é preciso colocar repousos por virgulas postas de maneira, que sirvão para distinguir algumas das partes constitutivas, como o sujeito logico, a totalidade de um complemento” (Castilho, 1870: 15). O exemplo citado “em que a virgula distingue o sujeito logico” é o seguinte: “A vinda dos falsos christos e dos falsos profetas, parecia ser um mais proximo encaminamento para a ultima ruina.” Note-se que, actualmente, seria proibido o uso da vírgula na frase anterior.

frase⁷⁷. Ainda relativamente a este sinal, no fim do *Tratado* são proscritos alguns usos: “Nunca devem empregar-se para separar os verbos activos⁷⁸ dos seus sujeitos, do sujeito da sua acção, dos advérbios; o *que* relativo das palavras a que elle se liga [quando introduz uma oração relativa restritiva]” (Castilho, 1870: 33).

Nos restantes artigos dedicados aos diferentes sinais de pausa, são prescritos os seus usos, que pouco acrescentam em relação às obras setecentistas e oitocentistas acima analisadas. Para o ponto e vírgula, são inventariados os dois usos já prescritos anteriormente: separar partes da frase e “ cousas opostas ou somente diferentes quando se comparam duas a duas” (Castilho, 1870: 24). Além da sua função separadora, com valor delimitativo médio, os dois pontos servem para introduzir o discurso direto, acompanhados de “virgulas dobradas”, colocadas no início de todas as linhas desse discurso⁷⁹. Contudo, já é prescrito um dos usos atuais deste *pontema*: antes de uma enumeração ou explicação⁸⁰. Em relação ao ponto e aos pontos de interrogação e de exclamação, nenhuma novidade surge.

Pela leitura das obras acima citadas, constata-se que, até meados do século XIX, a pontuação é considerada um domínio ou uma parte da ortografia, integrada no sistema gráfico da língua, em estreita relação com o sistema oral, visto que as unidades pontuacionais indicam os lugares em que o leitor deve realizar as pausas para respirar. Por outro lado, os *pontemas* são tidos como balizas ou marcos das frases e dos seus membros, sendo, por isso, usados para delimitar as várias sequências de discurso conhecidas como “orações”, “sentenças”, “cláusulas” ou “períodos”, cuja relação com a pontuação é um dos principais aspetos a destacar na teoria ortográfica renascentista (Martínez Marín, 1994: 430-440). A pontuação desempenha, ainda, um papel essencial na clarificação do sentido do texto escrito, visto fornecer informação ao leitor. Não admira, por isso, que os gramáticos seiscentistas deem destaque à função delimitadora da pontuação, que tem sobretudo motivação semântica, ou seja, sempre que as unidades sintáticas do texto sejam equivalentes a unidades de sentido e de entoação são separadas pelas unidades pontuacionais, cujo uso obedece, em nome da maior clareza do discurso, a um critério sintático. Os ortógrafos enfatizam, de resto, o facto de um texto poder ser ininteligível devido a erros de pontuação. Como função secundária da

⁷⁷ É curioso constatar que, nas palavras do autor, se o vocativo, ou “apostrophe”, estiver antes de um verbo na segunda pessoa, não se deve separá-lo com vírgula: “Tribunos cedei aos cônsules.” (Castilho, 1870: 18).

⁷⁸ Segundo uma definição do *Dicionário de Lingüística*, “O verbo *ativo* é o que exprime ação, podendo ser intransitivo (*subir, descer, partir* [...]), transitivo (*amar, ver* [...]), ou bitransitivo (*dar, contar* [...])” (1973: 78).

⁷⁹ Outra opção apresentada é a de empregar um “caracter de letra diferente” (Castilho, 1870: 29).

⁸⁰ Citando o autor, “Se uma enumeração é precedida de uma proposição destacada que enuncia , ou que mostre o objecto debaixo de um aspecto geral, esta proposição deve ser distinguida da exposição por dous pontos [...]. Exemplo. Ha na natureza do homem dous principios opostos: o amor proprio, que nos faz lembrar á afeição que temos a nós mesmos; e a benevolencia, que nos familiarisa” (Castilho, 1870: 27).

pontuação, surge ainda a função pausal, predominante na Antiguidade, mas progressivamente menos presente em função dos hábitos de leitura do século XIX.

Na mesma linha, nas obras setecentistas parece destacar-se a função sintático-semântica, aliada à função pausal da pontuação. Em contraponto às anteriores, as obras oitocentistas voltam a colocar a tónica nesta última função, atribuindo um papel central aos sinais de pausa – vírgula, ponto e vírgula, dois pontos e ponto – nos sistemas pontuacionais nelas arrolados. A este propósito, importa salientar alguns factos: o ponto e vírgula, *pontema* que figura nos elencos a partir do século XVII, começa paulatinamente a ser usado em contextos mais específicos e mais próximos dos atuais. As reticências apenas são elencadas nos sistemas de Gil Gomes (1831) e Castilho (1870), embora remontem ao século XVII. As aspas, ou “vírgulas dobradas”, são apenas mencionadas na última obra analisada, não obstante terem tido um ancestral no “meo circulo” de Nunes de Leão (1576) e Bento Pereira (1666), ou “antígrafo”, de Franco Barreto (1671). Contudo, o travessão, cuja origem, segundo alguns estudiosos, se pode encontrar no século XVII, não é elencado pelos autores acima referidos. Quanto aos usos dos sinais de pontuação, repetem-se, essencialmente, os contextos já identificados pelos gramáticos quinhentistas e seiscentistas. Como se constatou, aos dois pontos, delimitadores das proposições ou dos membros e períodos, associa-se a função de pontuação média, cujo uso depende da extensão do enunciado. Ressalta-se, no entanto, que a função enunciativa de enumeração ou explicação dos dois pontos já se encontra presente na obra de Castilho (1870).

Século	Autor	Inventário
XVI	Estêvão Cavaleiro (1516)	<i>vírgula</i> ou ponto <i>suspensivo</i> [/]; <i>coma</i> [:]; <i>cólon</i> [.]; <i>período</i> [;]; <i>ponto de interrogação</i> [?]; <i>parêntesis</i> .
	Fernão Oliveira (1536)	Não há qualquer referência à pontuação.
	João de Barros (1540)	<i>cõma</i> [:]; <i>virgulas</i> ou <i>vergas</i> [,]; <i>o cólo</i> [.]; <i>entreposiçam</i> ou <i>parêntesis</i> ; <i>o interrogativo</i> .
	Duarte Nunes de Leão (1576)	- <i>virgula</i> ; <i>comma</i> [:]; <i>ponto</i> ; - <i>interrogante</i> ; <i>admirativo</i> ; <i>paragrapho</i> ; <i>parenthesis</i> ; <i>meo circulo</i> ; <i>apices</i> ; <i>hyphen</i> ; <i>asterisco</i> , <i>obelisco</i> ; <i>brachia</i> ; <i>divisão</i> ; <i>angulo</i>
XVII	Bento Pereira (1666)	- <i>virgula</i> ; <i>ponto e virgula</i> ; <i>dois pontos</i> ; - <i>ponto final</i> ; <i>sinal interrogativo</i> ; <i>sinal admirativo</i> ; <i>parenthesis</i> ; - <i>divisam</i> ; <i>angulo</i> ; <i>paragrafo</i> ; <i>ápices</i> ; <i>hyphen</i> ; <i>desunião</i> ; <i>meyo circulo</i> ; <i>asterisco</i> ; <i>obelisco</i> ; <i>brachia</i> .
	João Franco Barreto (1671)	- <i>virgula</i> ; <i>colon perfeito</i> [:]; <i>colon imperfeito</i> [;]; <i>período</i> [.] - <i>interrogação</i> ; <i>admiração</i> ; <i>parenthesis</i> ; <i>paragrafo</i> ; - <i>divisã</i> ; <i>angulo</i> ; <i>antígrafo</i> ; <i>asterisco</i> ; <i>ápices</i> ; <i>hyphen</i> ; <i>obelisco</i> ; <i>bracchia</i> ; <i>antypphen</i> ou <i>hypodiastole</i> .
XVIII	Contador de Argote (1725)	<i>Virgula</i> ; <i>Ponto, e virgula</i> ; <i>Dous pontos</i> ; <i>Ponto</i> ; <i>Ponto admiração</i> ; <i>Ponto interrogação</i> ; <i>Parenthesis</i>
	Madureira Feijó (1734)	- <i>virgula</i> ; <i>ponto e virgula</i> ; <i>ponto final</i> (marcam a pausa); - <i>dous pontos</i> ; <i>ponto, e interrogaçãõ</i> ; <i>ponto, e admiraçãõ</i> ; <i>Parenthesis</i> (marcam a entoação); - <i>parágrapho</i> ; <i>Angulo</i> ; <i>Asterisco</i> ; <i>Branchia</i> ; <i>Semicirculo</i> ; <i>Desunião</i>
XIX	Soares Barbosa (1822)	- <i>Espaços em branco</i> ; <i>Ponto (Simples)</i> ; <i>Ponto de Interrogação</i> ; <i>Ponto de Exclamação</i> ; <i>Virgula</i> ; <i>Ponto e Virgula</i> ; <i>Dois Pontos</i> ; - <i>Parenthese</i> ; <i>Risca de União</i> [-]; <i>Viraccento</i> [‘]; <i>Trema</i> ou <i>Dierese</i> ; <i>Accento Agudo</i> ; <i>Accento Grave</i> ; <i>Accento Circumflexo</i>
	Gil Gomes (1831)	<i>Virgula</i> (ou <i>Coma</i>), <i>Ponto, e Virgula</i> (ou <i>Semicolon</i>), <i>Dous Pontos</i> (ou <i>Colon</i>) e <i>Ponto</i> (sinais de pausa); - <i>Pontos Interrogativos</i> , <i>os Pontos Admirativos</i> ; <i>Pontos de Reticencia</i> ou <i>Pontos de continuação</i> ; <i>Parentheses</i>
	Castilho (1870)	- <i>virgula</i> , <i>o ponto e virgula</i> , <i>os dous pontos</i> e <i>o ponto final</i> (sinais de pausa); <i>ponto de interrogação</i> ; <i>ponto de admiração</i> ; - <i>parenthesis</i> , <i>a reticencia</i> ou <i>pontos suspensivos</i> , <i>o paragrapho</i> e as “ <i>virgulas dobradas</i> (»)

Quadro n.º 1 - Inventário dos sinais de pontuação nos séculos XVI-XIX

CAPÍTULO II – DA TEORIA AO *CORPUS*

1. BREVE HISTÓRIA DO JORNALISMO EM PORTUGAL E NO BRASIL

Os meios de comunicação social ensinam-nos a comportar numa determinada sociedade. Têm um peso prioritário na aprendizagem das funções dos objectos, dos papéis sociais, das relações do quotidiano, dos códigos e da moral das novas gerações.

Del Rio (*apud* Fontcuberta, 2002: 29)

Segundo Pizarroso Quintero (*apud* Sousa, 2008a: 12), existem três grandes teorias sobre a origem do fenómeno jornalístico: a primeira localiza-a na Antiguidade⁸¹; a segunda liga-a ao aparecimento da tipografia, caracterizando-o como uma invenção da Modernidade⁸²; a terceira circunscreve o seu nascimento ao século XIX e ao desenvolvimento de dispositivos técnicos, tais como impressoras, rotativas e telégrafos, entre outros. Uma vez que a perspectiva que nos interessa é a da dita “imprensa moderna”, a saber, a “imprensa organizada segundo os moldes industriais da produção, da livre concorrência, da oferta e da procura” (Crato, 1982: 31), que terá surgido em consequência da expansão do capitalismo e da Revolução Industrial, e do crescimento do público-leitor, assumir-se-á, no presente trabalho, esta terceira opção.

No início do século XIX, a fuga da família real para o Brasil, aquando da primeira invasão francesa em 1807, levou ao surgimento da imprensa na colónia sul-americana, sendo criada, no ano seguinte, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro órgão oficioso do governo do Reino de Portugal e do Brasil. Embora a maioria dos periódicos aparecidos em Portugal durante as invasões francesas fosse de natureza estritamente noticiosa⁸³, desenvolveu-se uma “imprensa política” em que “o *artigo* por vezes substituía a notícia como género jornalístico dominante” (Sousa, 2008b: 97). Aliás, será este jornalismo político e de opinião, dirigido a uma elite intelectual, que caracterizará o panorama jornalístico português na primeira metade

⁸¹ A esse propósito, o artigo “História do jornal”, publicado no sítio da Associação Nacional de Jornais (ANJ), refere que o “jornal” mais antigo terá sido publicado no ano de 59 a.C., a mando de Júlio César. As primeiras “notícias” teriam sido escritas em grandes placas brancas e expostas em lugares públicos.

⁸² O mesmo artigo da ANJ atribui à imprensa, inventada por Johann Gutenberg em 1447, o papel de inauguradora da “era do jornal moderno”. Destaca ainda o facto de, na primeira metade do século XVII, os jornais começarem a surgir como publicações periódicas e frequentes na Europa ocidental. Neste ponto, tal como na segunda metade do século anterior, em que eram editadas “folhas noticiosas ocasionais de temas variados”, Portugal terá acompanhado os outros países da Europa, afirma Jorge Pedro (2008b). Assim, em 1641, começou a circular a *Gazeta em Que se Relatam as Novas Todas Que Houve Nesta Corte e Que Vieram de Várias Partes no Mês de Novembro de 1641*, o primeiro jornal periódico português, publicado em Lisboa até 1647. Contudo, a partir de meados do século XVII, o país começou a atrasar-se em relação aos outros países do Norte e do Centro da Europa, por causa da censura exercida quer pelo regime absolutista, quer pela Igreja Católica.

⁸³ Opinião de Tengarrinha, citado por Sousa (2008b: 97).

do século XIX, tendo sido possível o seu aparecimento devido ao abrandamento da censura⁸⁴ (1820-1823) e a consolidação após a vitória das forças liberais em 1834⁸⁵. Data ainda desta época a criação de uma nova profissão, a de jornalista, de que os pioneiros, em Portugal, foram Alexandre Herculano (1810-1877), Rodrigues Sampaio (1806-1882) e Sousa Bandeira (1789-1861). Esses primeiros jornais do século XIX eram dirigidos pessoalmente por um só homem, apoiado por um editor, responsável legal, um chefe de redação, um ou dois noticiaristas, encarregados da informação nacional e da tradução de artigos estrangeiros, o folhetinista, que escrevia crónicas e críticas literárias, e colaboradores pontuais. No Brasil, a partir de 1821, e principalmente entre 1822 e 1840 (data em que foi declarada a maioria do futuro D. Pedro II), também floresceu uma imprensa política e ideológica⁸⁶, prolongando-se esta fase até ao final do século⁸⁷.

Em Portugal, a partir da segunda metade do século XIX, na sequência do derrube do governo ditatorial de Costa Cabral (1803-1889)⁸⁸, e da consequente estabilidade política e do crescimento económico, estavam criadas as condições para o desenvolvimento de “uma imprensa popular noticiosa, neutral, de baixo preço e difusão massiva já existente noutros países” (Sousa, 2008b: 102), de que o *Diário de Notícias*⁸⁹, fundado por Eduardo Coelho em 1864, é ilustrativo. Estes jornais caracterizavam-se pela sua linguagem clara e acessível, pois destinavam-se a ser lidos por todas as classes sociais, as quais passavam a ter acesso a notícias locais, nacionais e internacionais. As próprias redações sofreram transformações, passando a integrar dezenas de profissionais, entre os quais os repórteres iam ganhando um papel relevante.

Já nas duas primeiras décadas do século XX, não obstante a ação da censura, que se repercutiu em diversos momentos na imprensa, apareceram novos jornais, alguns politicamente alinhados mas noticiosos, como o *Mundo*, fundado em 1900, e o *República*,

⁸⁴ Segundo Sousa (2008b: 98-99), a existência da censura retardou a expansão da imprensa. Em 1803, Pina Manique (1733-1805) reforçou-a contra todas as publicações, nacionais e estrangeiras. O *Correio Braziliense ou Armazém Literário*, publicado entre 1808 e 1822 e considerado um dos “progenitores da imprensa brasileira”, sofreu a oposição do regime. Quem o adquirisse poderia ser multado, preso ou condenado ao degredo.

⁸⁵ Sousa (2008b: 100) afirma que a promulgação de uma nova Lei da Liberdade de Imprensa permitiu um reflorescimento da imprensa portuguesa.

⁸⁶ Apesar de haver jornais apolíticos, como o *Diário do Rio de Janeiro*, primeiro diário informativo brasileiro, publicado entre 1821-1878, a imprensa “engajada”, doutrinária predomina.

⁸⁷ Muitas dessas publicações político-panfletárias, surgidas durante a fase mais acentuada de exaltação republicana – em 1870, data da fundação do Partido Republicano, e entre 1886-1889 –, não passam das quatro páginas e são efémeras.

⁸⁸ A 3 de agosto de 1850 foi promulgada a célebre Lei das Rolhas pelo governo cabralista, revogada em 1851, aquando da instauração da Regeneração.

⁸⁹ Nuno Crato (1986) refere que este jornal reúne, pela primeira vez, uma série de características próprias da imprensa industrial, sendo um jornal barato e essencialmente informativo. Sousa (2008b: 100) cita o *Periódico dos Pobres* como primeiro diário “popular” português, publicado entre 1826 e 1846, sendo o *Diário de Notícias* o primeiro diário noticioso “industrial”.

criado em 1911. A partir do estabelecimento da ditadura militar a 28 de maio de 1926, os conteúdos dos jornais sofreram, de novo, a ação da censura e a falta de liberdade de imprensa até ao 25 de abril de 1974. No entanto, a ditadura “não impediu o jornalismo português de se desenvolver formalmente mais ou menos sintonizado com o que se fazia nos restantes países ocidentais”⁹⁰ (Sousa, 2008b: 117). Segundo Correia (2008: 118), o pós-25 de Abril foi, “para o melhor e para o pior, o mais interessante período da história do Jornalismo português”, pelas “transformações mais significativas em termos estilísticos, políticos, organizacionais, empresariais e profissionais”. De acordo com Faustino (2004: 221-224), estas transformações foram provocadas por fatores exógenos bem identificados: reprivatização da imprensa a partir de 1986; adesão de Portugal à CEE em 1986; aparecimento do jornal *Público* em 1990; globalização da comunicação; aparecimento e adesão às novas tecnologias; entrada em bolsa de alguns dos *media*; realização da Expo 1998; desenvolvimento das empresas de telecomunicações.

Na segunda metade do século XIX e no século seguinte a história da imprensa escrita no Brasil foi bastante mais atribulada, devido aos acontecimentos históricos vividos no país desde a instauração da “República Velha”, em 1889. E, se os jornais viram os “benefícios” das inovações tecnológicas – introdução de novas máquinas de compor e de imprimir –, a Era Republicana caracterizou-se pelo surgimento de uma nova fase no jornalismo brasileiro⁹¹ – o informativo – na viragem do século XIX para o XX; pelo crescimento de periódicos operários; pela falta de liberdade de imprensa e pela aproximação ao jornalismo norte-americano. A censura manteve-se desde a revolução de 1930 até ao fim do Estado Novo, em 1945, com a deposição de Getúlio Vargas (1882-1954). No “interregno democrático” (1945-1964), “o jornalismo político [é] o tema central da imprensa brasileira”⁹², a qual, durante esse período, acompanhou o ciclo de modernização tecnológica, seguindo o modelo americano. A partir de 1964 e até 1985, o regime militar estabeleceu um novo ciclo autoritário. Devido a reformas tecnológicas e editoriais, nos anos setenta deu-se um processo de concentração da imprensa, o que levou ao desaparecimento de algumas publicações e à hegemonia de outras.

⁹⁰ Baseada em Ángel Benito, Mar de Fontcuberta (2002: 80-81) diferencia três etapas no jornalismo a partir de 1850: o ideológico, “jornalismo doutrinário e moralizante”, com pouca informação e muitos comentários, que dura até ao fim da Primeira Guerra Mundial; o informativo, aparecido por volta de 1870, e que se apoia no relato de factos, coexiste com o ideológico; o interpretativo, que surge após a Segunda Guerra Mundial, aborda os factos em profundidade e utiliza com equilíbrio o relato e o comentário. Parece-nos que esta divisão também se adequa ao que ocorreu em Portugal, apesar do atraso relativo ao início da terceira etapa, em virtude da ditadura.

⁹¹ Segundo Barbosa, cria-se, “a partir de 1890, um novo jornalismo, com profundas repercussões na sociedade”, com mudanças gráficas e editoriais, passando-se a integrar notícias policiais ou “sensacionais”, o qual vigorará até à década de vinte do século XX (Barbosa, 2008: 131).

⁹² Informações disponibilizadas no artigo “Imprensa Brasileira – dois séculos de história”, publicado no sítio da ANJ (Associação Nacional de Jornais): <http://www.anj.org.br>.

A partir de 1980, ocorreram novas reformulações: a substituição de temas políticos e sociais por temas económicos, a utilização das tecnologias de informática, e, já na fase da transição do regime militar para a democratização, o surgimento do jornalismo de investigação.

Na atualidade, os “problemas” e as questões que afetam a imprensa escrita portuguesa e brasileira, numa época em que se discute o seu futuro face ao jornalismo multimédia e hipermédia, são similares aos das suas congéneres mundiais.

2. GÉNEROS JORNALÍSTICOS: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Nuno Crato define os géneros jornalísticos como “rotinas próprias da escrita, caracterizadas em cada caso por fatores variáveis, desde a forma como aparece a posição do autor, o estilo, o tema, até fatores como a apresentação e a dimensão”⁹³ (Crato, 1982: 138). Esta é apenas uma das posições sobre a possibilidade e / ou necessidade de serem definidos géneros jornalísticos, em virtude da sua multiplicação e variedade consoante as épocas, dos gostos e das modas, da diversidade de assuntos e de públicos a que destinam. Exemplificando, o jornalismo da primeira fase valorizava os géneros mais opinativos e destinava-se às elites intelectuais. Já o da segunda fase, escrito para as “massas”, assentava essencialmente na transmissão de factos e, conseqüentemente, nos géneros informativos – notícia, reportagem e entrevista⁹⁴. Sem entrar na discussão dos géneros jornalísticos, esta bipartição e agrupamento dos géneros em informativos e opinativos⁹⁵ parece-nos facilitadora e pertinente. Assim, os primeiros servem para dar a conhecer factos / acontecimentos, ao passo que os segundos visam dar a entender ideias, através da exposição de comentários e juízos de valor sobre os factos / acontecimentos (Fontcuberta, 2002: 80-81). Outra característica “diferenciadora” prende-se com o facto de os segundos poderem ser escritos por outras pessoas, muitas vezes personalidades conhecidas do público, além dos profissionais dos jornais.

⁹³ A definição proposta por Fernando Cascais no seu *Dicionário de jornalismo – as palavras dos media* (2001: 98) vai ao encontro dessa definição: “conceito operacional que designa as diferentes formas que o texto jornalístico pode revestir e que correspondem a diferentes rotinas de produção informativa”. O autor alerta ainda para o facto de esta noção ser contestada pela dificuldade de delimitar géneros e “por aprisionar o tratamento jornalístico da realidade em fórmula pré-existent” (*Ibid.*). Mar de Fontcuberta (2002: 81-84), depois de definir os quatro géneros jornalísticos fundamentais – *notícia, reportagem, crónica e artigo* ou *comentário* –, refere o facto de atualmente haver uma rutura entre as fronteiras destes géneros. Rebelo (2002: 129) também afirma: “Nenhum dos géneros existe no seu estado puro, ou seja, a maior parte dos textos jornalísticos integra características próprias de diferentes «géneros».”

⁹⁴ A título de curiosidade, Fontcuberta (2002: 81-82) sublinha que, em Espanha, a crónica faz parte dos géneros informativos.

⁹⁵ Cascais (2001: 98-99) também opta por esta subdivisão, de acordo com o seu objectivo prioritário: informativos (notícia, reportagem, entrevista) e opinativos (editorial, artigo de opinião, crónica e crítica).

Constando do primeiro grupo, tal como a *reportagem* e a *entrevista*, entre outros⁹⁶, a *notícia* surge como “o género jornalístico básico”, sendo a sua razão de ser a informação de “factos verídicos atuais, de significado social e interesse para o público”⁹⁷ (Crato, 1982: 139). De acordo com Cardet (1988: 20), um “diário poderia passar dez anos sem publicar editoriais, mas não pode passar três dias sem publicar uma notícia”, pois esta é “a alma do diário”. As *notícias* dividem-se em duas grandes categorias: as globais e as locais. Qualquer diário ou semanário generalista apresenta nas suas páginas acontecimentos atuais, quer nacionais, quer internacionais, usando um estilo claro, direto e facilitador da leitura. Obviamente, o leitor da notícia verá a sua atenção despertada por um acontecimento que ocorre num lugar específico, preferencialmente no seu país ou na sua região, por atividades de pessoas e organizações específicas e por temas especiais. Tradicionalmente, a *notícia* segue, na sua estrutura, a “técnica da pirâmide invertida”, apresentando no “lead” as mais relevantes informações sobre o acontecimento descrito e as respostas às quatro questões - *quem? o quê? onde? quando?* -, desenvolvendo essas mesmas informações no seu “corpo”.

Similarmente, a *reportagem*, de maior extensão que a notícia, destina-se a informar sobre os factos, fazendo-o numa estrutura diferente, em virtude de o jornalista, ou repórter, pretender valorizar a informação própria do jornal ou fazer o leitor viver os acontecimentos. Não há, contudo, qualquer pretensão de transmitir opiniões sobre os factos relatados, apenas de partilhar com o leitor as impressões sobre tais factos. Já a *entrevista*, enquanto género jornalístico, é um relato de informações obtidas a partir de questões colocadas por um jornalista.

A *entrevista* pode apresentar dois modelos organizativos, a saber, estilo indireto⁹⁸ e “pingue-pongue”⁹⁹, sendo esta última escolhida quando se pretende evidenciar o entrevistado ou as suas afirmações. De acordo com o *Novo Manual de Redação da Folha* (1996), a entrevista “pingue-pongue”, publicada na forma de perguntas e respostas, deve conter um texto introdutório, em itálico, com notas contextualizadoras. Separada do texto introdutório por uma estrela, a parte central da entrevista deverá ser “uma transcrição fiel, mas sempre

⁹⁶ Outros géneros informativos poderiam ser caracterizados, a saber, a *breve*, pequena informação com o máximo de vinte linhas, podendo surgir sem título, substituído pelo destaque das primeiras palavras a negrito ou itálico; o *inquérito*, definido por Crato (1982: 142) como a “vulgarização, para um público vasto, de problemas sociológicos, artísticos, científicos ou outros que ultrapassem a superficialidade da actualidade diária”.

⁹⁷ Segundo Gaillard (1971: 28), são também estes os três os critérios que presidem à escolha das notícias: a atualidade, a significação e o interesse.

⁹⁸ De acordo com o *Novo Manual de Redação da Folha* (1996), nas páginas deste jornal são preferidas as entrevistas em estilo indireto.

⁹⁹ Designação da entrevista tradicional na forma de pergunta e resposta (referência no *Novo Manual de Redação da Folha*).

completa, da entrevista”. Segundo as “normas técnicas”, cada pergunta será antecedida pelo nome do jornal, ao passo que a primeira resposta sê-lo-á pelo nome completo do entrevistado (nas restantes, basta o nome por que o entrevistado é mais conhecido); as perguntas e o nome do entrevistado devem ser editados em negrito e itálico, ao contrário das respostas, “em texto redondo e normal”. Facto curioso é a prescrição do hífen, também a negrito e em itálico, para separar o nome do jornal e o nome do entrevistado na primeira pergunta e resposta. A explicação para esta regra estará relacionada com a proscricção terminante do travessão para substituir ou reforçar as aspas.

No *Livro de Estilo do Público*, anuncia-se o “modelo editorial” da entrevista: deve abrir com um pequeno texto introdutório, até quatrocentos caracteres, pormenorizando as circunstâncias da entrevista. As perguntas devem ser destacadas a negro, e as respostas, “a fino”. A primeira pergunta será antecedida pelo nome do jornal em maiúsculas (ou “caixa alta”), seguido de travessão, assim como a primeira resposta, antecedida pelo nome do entrevistado por extenso. As restantes perguntas e respostas serão antecedidas por travessão e pela inicial de pergunta e resposta (P. e R.).

O segundo grupo de textos jornalísticos integra todos os géneros que apresentam um tratamento mais subjetivo dos factos, nomeadamente: artigos de opinião, artigos de análise, crónicas, críticas e editoriais. O *artigo de opinião*, que pode ser redigido por um jornalista ou por uma personalidade conhecida do público, evidencia uma perspetiva pessoal – apreciação, visão subjetiva, comentário explicativo –, baseada em informação relevante, como não poderia deixar de ser, sobre um dado acontecimento ou um problema atual. O *editorial* é, no fundo, um artigo de opinião, no qual é exposto o ponto de vista do órgão de informação sobre um importante tema da atualidade, surgindo na primeira ou terceira página, com ou sem assinatura. Também a *crónica*, sob o molde de rubrica regular ou de artigo de ocasião, valoriza e comenta livremente factos da atualidade, podendo revestir-se de carácter polémico, irónico ou humorístico. A *crítica*, por sua vez, é um texto jornalístico que apresenta a visão pessoal de um jornalista ou colaborador especializado sobre um acontecimento cultural. O *artigo de análise* é, segundo Crato (1982: 143), uma “forma híbrida entre a notícia desenvolvida (ou reportagem) e o artigo de opinião”. Na realidade, neste género jornalístico, bastante usado nos semanários, comenta-se a informação sob a perspetiva de um analista.

Como se pode constatar através da leitura dos parágrafos anteriores, o discurso jornalístico praticado em qualquer dos géneros contempla cinco características fundamentais: a atualidade, a novidade, a veracidade, a periodicidade e o interesse público.

Importa ainda explicar que, além da periodicidade dos jornais e da temática dos textos jornalísticos publicados¹⁰⁰, a “política” de seleção da informação é outro dos fatores que podem originar a distinção entre vários “tipos” de imprensa. Assim, na imprensa dita *informativa*, a atualidade, o significado e o interesse são os critérios que presidem à seleção da informação nela publicada. Já na imprensa *sensacionalista* o critério do significado é preterido em favor do interesse público pelos escândalos, pelos acontecimentos insólitos e fortemente emotivos. A imprensa *mexeriqueira*, embora “menos espaventosa” que a sensacionalista, pesquisa pormenores pessoais e secundários dos acontecimentos, abusando dos *faits-divers*. Por fim, o jornalismo de opinião político seleciona e trata a informação atual, seguindo critérios de uma tendência política bem marcada (Crato, 1982: 115-119).

3. LIVROS DE ESTILO E REGRAS DE PONTUAÇÃO

De uma forma geral, fala-se na existência de uma linguagem¹⁰¹ e um estilo jornalísticos, caracterizados pela simplicidade de vocabulário e de linguagem, com frases curtas e pouca adjetivação, a fim de permitir a qualquer tipo de leitor o acesso à informação; pela concisão, pois tenta-se dizer o máximo no menor número possível de palavras; e pela vivacidade, para cativar o interesse e a atenção do leitor.

A consciência de que os jornalistas precisavam de conhecer algumas regras para escreverem corretamente os seus textos levou os autores de “manuais de jornalismo”, na década de oitenta, período de explosão do aparecimento deste tipo de obras, a nelas incluírem algumas “teorias”. A título de exemplo, veja-se o preconizado por Cardet (1988: 84-114) a respeito da pontuação: os três sinais “imprescindíveis para a clareza da linguagem direta e popular que se utiliza no jornalismo noticioso” são a vírgula, considerada “o mais comum e elementar dos sinais de pontuação” e “o mais indispensável para entender uma leitura jornalística”, o ponto e vírgula e o ponto. Os dois pontos, o travessão, as aspas e o ponto de interrogação podem ocorrer quando há diálogos ou citações. Já o uso de asteriscos, pontos de exclamação, parênteses, reticências, entre outros, é considerado “pedantismo do jornalista”, criando “confusão mental no leitor de pouca instrução” (*Ibid.*). Por outro lado, o autor prescreve algumas regras para “combater a falta ou o mau uso da **vírgula**¹⁰², do **ponto e**

¹⁰⁰ Existem jornais com periodicidade diária ou semanal; jornais generalistas ou especializados, como o *Diário Económico*.

¹⁰¹ Citando Phillips, Traquina (2001: 85) fala mesmo em “jornalês”, uma linguagem jornalística com as suas próprias regras estilísticas: sintaxe direta e concisa, palavras concretas, uso da voz ativa, descrição detalhada e precisão de pormenor.

¹⁰² Negrito da nossa responsabilidade.

vírgula e do **ponto** nas notícias”: coloca-se sempre **vírgula**, na oração, entre palavras enumerativas ou entre incisos; o uso do **ponto e vírgula** é prescrito, no parágrafo, entre períodos que agrupem nomes e dados agrupados entre si e para separar cláusulas distintas; o **ponto** deve ser usado quando a descrição ou a expressão está completa. Cardet também proscree o uso desnecessário das aspas, por tirar importância aos temas, ao dar “sentido figurado ou transitório a factos que são reais e permanentes”.

Para fixar as regras pelas quais se pautam, vale dizer, as instruções precisas que possibilitam a utilização eficaz da linguagem informativa, é prática corrente os jornais terem os seus próprios *livros de estilo* ou *manuals de estilo*¹⁰³. São estes “um conjunto de normas linguísticas e estilísticas¹⁰⁴ que um meio de comunicação social adopta para produzir mensagens mais coerentes, eficazes e correctas” (Fontcuberta, 2002: 85), normas essas que variam consoante o meio de divulgação: imprensa, rádio e televisão, entre outros.

No que diz respeito ao caso português, o jornal *Público* publicou em 1998 o seu *Livro de Estilo*, conjunto de regras técnicas e deontológicas. Na segunda parte, subdividida em “Alfabeto do PÚBLICO” e “Normas e nomenclaturas”, consegue-se descobrir algumas regras relativas à pontuação, consultando o alfabeto nas letras “P” (pontuação) e “A” (aspas), já que este assunto não surge descrito em nenhum ponto específico¹⁰⁵. Na mesma entrada, são listados nove¹⁰⁶ sinais de pontuação – vírgula, ponto, dois pontos, ponto e vírgula, ponto de interrogação, ponto de exclamação, reticências, travessão e aspas. É curioso verificar que a prescrição se realiza pela negativa, isto é, pela indicação dos usos “proscritos”. Ora, veja-se: a **vírgula** nunca pode separar o sujeito do predicado nem expressões do tipo “de tal modo que...”; esta também não deve delimitar palavras como “ainda”, “também”, “talvez” ou advérbios de modo, a fim de não cortar a fluidez do texto; o **ponto**, que termina uma frase, não deve ser tomado como uma vírgula e anteceder uma frase iniciada por “que” ou uma frase que retome o último nome do período anterior; também não deve ser usado nas legendas das fotografias, nem para separar as iniciais de uma sigla; o **ponto de interrogação**, que

¹⁰³ Em relação aos manuais de estilo, Rogério Christofolletti afirma que estes “funcionam não só como gramáticas das redações, mas como plataformas de acção dos jornais” (Christofolletti, 2010: 15). O autor atribui à *Folha de S. Paulo* a primazia na inclusão de aspectos estilísticos no seu manual de redação, em 1984. Outras empresas jornalísticas seguiram este exemplo, nomeadamente, *O Estado de São Paulo* (1990), *O Globo* (1992), e também jornais regionalizados ou especializados, como *Zero Hora*, *Lance!*, este último um jornal desportivo.

¹⁰⁴ Citando Martínez Albertos, Mar de Fontcuberta salienta o facto de os manuais de estilo actuarem em duas dimensões distintas, fixando normas linguísticas, referentes à fonologia, gramática e léxico, e normas estilísticas, particulares e próprias do trabalho jornalístico.

¹⁰⁵ Na primeira parte, dividida em “Ética e deontologia” e em “Critérios, géneros e técnicas”, é possível encontrar neste segundo ponto uma “convenção” ou “norma prática” interessante: “A pontuação deve estar ao serviço da clareza e da economia da leitura.”

¹⁰⁶ Embora tenham uma entrada específica, as aspas são também referidas nesta entrada: “Não é indiferente a colocação da pontuação em relação às aspas”.

marca as frases interrogativas, não deve ser usado nas interrogativas indiretas; o uso do **ponto de exclamação** é desaconselhado em textos jornalísticos (apenas pode ser usado em citações diretas).

No entanto, são prescritos alguns usos para os outros sinais de pontuação, por vezes acompanhados de pormenores técnicos: a seguir aos **dois pontos** usa-se caixa baixa, exceto se se iniciar uma citação em discurso direto; o **ponto e vírgula**, considerado mais forte que a vírgula, mas mais fraco que o ponto, separa ou liga duas frases interdependentes; as **reticências**, aplicadas principalmente nas citações, indicam uma suspensão, uma hesitação ou uma frase inacabada; quando colocadas no final da frase, não podem ser antecedidas de espaço, o que não ocorre em início de frase; usadas para assinalar um corte na transcrição, devem vir entre parênteses retos, marcadores de uma intervenção alheia; o **travessão**, que não deve ser confundido com o hífen, é usado para intercalar uma frase explicativa ou para realçar mais um complemento de frase, substituindo nessa função as vírgulas. Por sua vez, as **aspas** são usadas nas transcrições e citações; em palavras estrangeiras, nomes de barcos ou animais, nos títulos dos livros, filmes e exposições; para enfatizar ou assinalar um sentido figurado; e para marcar referências simplificadas, de domínio público, e epítetos. Quando é inserida uma segunda citação dentro de outra citação, deve ser delimitada por **plicas**.

No caso brasileiro, o *Novo Manual de Redação da Folha* (1996), publicado *online*, apresenta as normas e recomendações básicas que orientam o trabalho jornalístico na *Folha*. Um dos princípios expostos indica que um bom texto jornalístico deve ser não só claro e direto como ainda exato e conciso e, para isso, é necessário que os parágrafos e frases sejam curtos, contendo cada frase uma única ideia. Alerta-se para o facto de a entrevista ser a matéria-prima da “maioria das notícias publicadas no jornal [...], embora nem sempre pareça assim.” Acentua-se, igualmente, o facto de a reprodução de declarações textuais conferir credibilidade à informação, fornecer “vivacidade à reportagem e ajuda[r] o leitor a conhecer melhor o personagem da notícia”. Limita-se, todavia, essa reprodução às “frases mais importantes, expressivas e espontâneas”, às “afirmações de grande impacto, por seu conteúdo ou pelo carácter inusitado que possam ter”, uma vez que “quanto menos usado o recurso da declaração textual, mais valor ele adquire”. As declarações textuais devem ser delimitadas por aspas duplas, ainda que se trate de diálogo, sendo que o travessão não deve ser usado para substituir ou reforçar aspas. Por sua vez, o uso das aspas simples é possível dentro de uma declaração já delimitada por aspas duplas, mas deve ser evitado quando seguido destas últimas. Por economia de espaço, nos títulos admite-se a substituição das aspas duplas pelas simples.

Embora se prescrevam e proscrivam os usos de alguns *pontemas* – aspas, colchetes, parênteses, ponto de exclamação, ponto e vírgula e vírgula¹⁰⁷ – em verbetes no capítulo “Texto”, não se atribui explicitamente à pontuação um papel primordial na delimitação das unidades sintáticas e semânticas do texto. Além dos usos prescritos para as **aspas**, já referidos no parágrafo anterior, este *pontema* duplo serve, ainda, para delimitar palavras e expressões estrangeiras, títulos de livros, de obras artísticas (filmes, peças de teatro, música), de revistas e jornais. Os **colchetes** têm uma função semelhante à dos parênteses, “mas mais abrangente”, permitindo “introduzir breves esclarecimentos no interior do texto, em especial quando interrompem declaração textual”. Os **parênteses** devem ser evitados “em texto para introdução de explicações longas” e nunca devem ser usados dentro de outros parênteses. Este *pontema* duplo é usado para: indicar código telefônico de área; introduzir datas de nascimento de personagens da notícia; registrar regiões de cidades; soletrar a pronúncia de estrangeirismos; informar o partido e o Estado a que pertence um político; dar informações sobre o Estado a que pertence uma cidade; e, por fim, fazer remissões para outros textos na mesma página. O uso do **ponto de exclamação** apenas cabe nas declarações textuais, devendo ser evitado nos textos jornalísticos e nos títulos. O **ponto e vírgula** é definido como *pontema* indicador de “uma pausa maior que a da vírgula e menor que a do ponto”, servindo para: “separar orações coordenadas, não unidas por conjunção, que guardem relação entre si”; separar orações coordenadas já delimitadas por vírgulas; separar os elementos de uma enumeração, “principalmente quando há vírgulas em seu interior”. A **vírgula** é definida como o “sinal gráfico mais usado, por isso mesmo aquele que ocasiona a maior quantidade de erros de pontuação”, a saber, separação do sujeito e do verbo ou de verbo e complemento e uso de uma vírgula isolada em intercalações. Os usos prescritos para este *pontema* são os “tradicionais”: separar os elementos das enumerações; isolar qualquer elemento explicativo, aposto, vocativo e orações intercaladas; apartar adjuntos, principalmente quando deslocados e extensos; anteceder conjunções adversativas como “mas”, “porém”, entre outras; separar orações adjetivas explicativas; e para indicar elipse de um verbo.

Seguindo o exemplo da *Folha de S. Paulo*, o jornal *O Estado de S. Paulo* adotou, em 1990¹⁰⁸, o *Manual de Redação e Estilo*, da autoria de Eduardo Martins. Dirigida não só aos jornalistas como também “a todos aqueles que precisem escrever com regularidade”, a finalidade desta obra é “expor, de modo ordenado e sistemático, as normas editoriais e de

¹⁰⁷ Nesta edição *online*, não conseguimos descobrir referências aos dois pontos, ponto, ponto de interrogação, reticências e travessão.

¹⁰⁸ A edição consultada foi a 3.^a, que veio a lume em 1997. Esta foi acrescentada de três capítulos em relação à primeira.

estilo¹⁰⁹ adotadas pelo **Estado**¹¹⁰” (Martins, 1997: 9-10) e expostas no primeiro capítulo da obra. Conforme as instruções gerais delineadas, o jornalista deve ser “claro, preciso, direto, objetivo e conciso”, usar frases curtas e evitar intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias, a fim de não dificultar a leitura dos seus textos.

No que respeita à pontuação, além de se preconizar a construção de períodos com o máximo de duas ou três linhas e de parágrafos com uma média de cinco linhas cheias, é necessário consultar os verbetes dedicados a cada sinal de pontuação, a fim de averiguar os usos prescritos e proscritos para cada um. São organizados verbetes para as **aspas, os colchetes, os dois pontos, os parênteses, o ponto, o ponto de exclamação, o ponto de interrogação, o ponto e vírgula, as reticências, o travessão e a vírgula**¹¹¹. Os verbetes destinados às “declarações textuais”, aos “destaques”, às “maiúsculas e minúsculas” e aos “títulos” complementam os usos pontuacionais prescritos ou proscritos.

Em relação às **aspas**, o seu uso é prescrito nas citações ou transcrições¹¹², independentemente da sua extensão; como forma de destaque do valor de uma palavra ou expressão; na referenciação de títulos; e para salientar o uso de uma palavra fora do seu contexto habitual. O seu uso é proscrito no nome de obras artísticas e científicas e nas palavras estrangeiras. A função dos **colchetes** é intercalar observações em textos alheios. A utilização dos **dois pontos** é prescrita antes das citações, com verbo expresso ou oculto; das enumerações, das exemplificações, sínteses e esclarecimentos; dos vocativos que encabeçam cartas, requerimentos e ofícios; é proscrita “nos títulos para introduzir retransmissão ou procedência e assim ganhar espaço”. Os **parênteses** são usados para diversos fins: intercalar num texto qualquer palavra, expressão ou oração acessória (explicação, circunstância incidental, reflexão, comentário ou observação); isolar do texto uma palavra ou expressão que se pretenda realçar; transcrever as siglas a seguir à explicação do nome de uma entidade ou órgão; apresentar uma referência bibliográfica ou uma data.

¹⁰⁹ Estas normas internas e de estilo são “instruções gerais e específicas indispensáveis à preparação de um bom texto noticioso” e “normas internas, gramaticais, ortográficas e de estilo necessárias a esse trabalho” (Martins, 1997: 13)

¹¹⁰ O negrito não é da nossa responsabilidade, obedece à regra do jornal, segundo o qual o seu nome deverá vir em negrito (Martins, 1997). Cf. <http://www.estadao.com.br/manualredacao/>.

¹¹¹ Este *Manual de Redação* lista, assim, mais dois sinais de pontuação que o *Livro de Estilo*, do *Público*: os parênteses e os colchetes. No *Livro de Estilo do Público*, os colchetes não são contemplados na entrada “pontuação”, e as regras de uso dos parênteses aparecem disseminadas por várias entradas. Apenas os parênteses retos possuem uma entrada específica, na qual se especifica que estes servem para enxertar numa citação um termo ou uma ideia indispensável à sua compreensão.

¹¹² Na transcrição de documentos integrais, específica o *Manual* que apenas se deve colocar aspas no início e no fim da mesma e não em todos os parágrafos; caso a citação corresponda a uma frase inteira, o ponto final deverá vir antes da aspa de fecho; poderá ser usada aspa simples para marcar uma frase ou expressão de um texto entre aspas.

O uso do **ponto** é prescrito no fim de uma oração, nas abreviaturas e nas iniciais colocadas na base das matérias (sem qualquer espaço). Pelo contrário, é proscrito nas siglas e nos títulos. O uso do **ponto de exclamação** é limitado a casos muito especiais, quando se pretende realçar uma declaração ou enunciado, pois apresenta um “valor eminentemente literário”. O **ponto de interrogação**, que também só deverá ser usado nos títulos em casos muito especiais, serve para introduzir interrogações, mesmo que retóricas. O uso do **ponto e vírgula**, “sinal intermediário entre o ponto e a vírgula”, é preceituado para separar: as partes de um período que já contemple o uso de vírgulas; orações iniciadas por conjunção ou advérbio que indiquem restrição ou conclusão, quando se pretende dar destaque a esse sentido; os itens de leis, enumerações, regulamentos, entre outros. Por possuírem um valor literário, o uso das **reticências** deve ser evitado nas notícias, sendo, contudo, aceite nas legendas em sequência e, entre parênteses (curvos), indicando a interrupção da citação. A utilização do **travessão**, com funções equivalentes à vírgula e aos parênteses e aos dois pontos, é preconizada para intercalar uma expressão explicativa ou complementar, para destacar a parte final de um enunciado, para ligar palavras ou grupos distintos, para separar as datas de nascimento e de morte de uma personalidade, para indicar a cidade de procedência de uma notícia (uso do **Estado**), para marcar o diálogo. Contudo, é de evitar quando um período já apresenta dois travessões e para isolar os verbos de uma declaração, sendo preferível o uso da vírgula dupla. Por fim, os usos da **vírgula**, por esta ser certamente o sinal de pontuação com maior número de ocorrências nos textos jornalísticos, constituem uma lista bastante mais extensa que a dos demais *pontemas*.

É curioso constatar que alguns desses usos obedecem ainda a critérios pausais ou rítmicos, como se pode constatar nas “observações finais”: de acordo com o *Manual*, a vírgula indica pausa ou ênfase, e, quando o seu uso for facultativo, preconiza-se o uso do “bom senso” ou o seguimento do ritmo da frase para consequente decisão. Determina-se o seu uso para: delimitar o vocativo, o aposto e “palavras e locuções explicativas, rectificativas e continuativas”; indicar a omissão de um verbo ou grupo de palavras; separar, nas datas, o nome do lugar; demarcar o nome, a rua e o número nos endereços; separar os elementos paralelos de um provérbio; delimitar advérbios e adjuntos adverbiais mais longos, devendo evitar-se, no entanto, a virgulação excessiva; separar objetos pleonásticos, palavras repetidas e adjetivos com função predicativa; delimitar orações reduzidas de gerúndio, particípio e infinitivo, orações adverbiais, especialmente quando antecipadas, orações ou locuções intercaladas; isolar verbos intercalados nas declarações ou opiniões; separar os advérbios

“sim” e “não”. O uso da vírgula é proibido a seguir à conjunção “mas”¹¹³; entre o sujeito e o verbo; entre o verbo e o complemento; na delimitação de uma oração restritiva; antes de uma oração completiva ou integrante.

Pese embora a maior atenção dada às regras pontuacionais no *Manual de O Estado de S. Paulo*, provavelmente decorrente da colaboração do gramático Celso Cunha, os parágrafos anteriores são ilustrativos da preocupação dos profissionais da imprensa escrita em relação à necessidade de escrever com correção, uma vez que, como se explicita na epígrafe com que abrimos esta secção, os meios de comunicação social, e de forma mais restrita os jornais, se constituem como modelos a seguir pelos cidadãos.

E quanto à imprensa digital, estar-lhe-á associada uma escrita específica, com regras linguísticas próprias? Bastos (2000: 146-148) afirma não haver resposta definitiva para esta e outras questões similares. A escrita do jornal eletrónico deverá estar mais próxima da oralidade, com frases corretas mais curtas e vocabulário mais simples e imagético, uma vez que existem entre o ecrã e o jornal impresso diferenças de legibilidade. Vejam-se a propósito as palavras de Correia (2008: 128):

As insistências que se fazem acerca de um presumível livro de estilo para o jornalismo *online* não vão diferir muito das do jornalismo tradicional: é necessário escrever frases breves (não necessariamente telegráficas), que sejam inteligíveis. Há que evitar as palavras grandes e as palavras compostas. Há que evitar proposições desnecessárias: “Logo”, “portanto”, “por conseguinte”, “por consequência”.

Usos prescritos e / ou proscritos dos sinais de pontuação	<i>Livro de Estilo do PÚBLICO</i> (1998)	<i>Manual de redação de O ESTADO</i> (1997)	<i>Nova Manual da Redação da FOLHA</i> (1996)
aspas	. nas transcrições e citações; . em palavras estrangeiras, nomes de barcos ou animais, nos títulos dos livros, filmes e exposições; . para enfatizar ou assinalar um sentido figurado; . para marcar referências simplificadas, de domínio público, e epítetos.	.nas citações ou transcrições, independentemente da sua extensão; . como forma de destaque do valor de uma palavra ou expressão; . na referência de títulos; . para salientar o uso de uma palavra fora do seu contexto habitual; . proscricção no nome de obras	. delimitar uma citação; .em palavras e expressões estrangeiras que não tenham tradução, não tenham sido aportuguesadas ou cuja utilização seja rara em texto jornalístico; . destacar títulos de livros, obras artísticas (filmes, peças de teatro, música etc.), revistas e jornais,

¹¹³ Do mesmo modo, também não são seguidas de vírgula, quando iniciam frase, as conjunções “ou... ou”, “quer...quer”. A vírgula é prescrita antes de todas as conjunções coordenativas como “mas”, “porém”, “todavia”, etc, à exceção de “e”, “nem”, “ou” (a vírgula só antecederá estas conjunções: a) quando o “e” ligar orações com sujeito diferente, não obstante em textos jornalísticos ser quase proibido colocar vírgula nestas situações; b) quando se pretende enfatizar uma afirmação antecedida por estas conjunções; c) para introduzir uma pausa na frase); sempre que as essas conjunções coordenativas estiverem intercaladas no período, devem ser delimitadas por vírgula dupla; quando iniciarem a frase, podem ou não ser seguidas de vírgula.

		artísticas e científicas e nas palavras estrangeiras.	exceto a Folha , que aparece em negrito; <ul style="list-style-type: none"> . aspas simples no lugar das aspas quando a palavra ou expressão destacada fizer parte de período já entre aspas . proscrição de aspas simples seguidas de aspas normais; também das construções em que apenas o ponto separa aspas fechadas de outras que abrem nova frase . Em títulos e legendas, admite-se o uso de aspas simples no lugar de aspas para ganhar espaço.
colchetes	Não são contemplados nesta obra.	. para intercalar observações em textos alheios.	. introduzir breves esclarecimentos no interior do texto, em especial quando interrompem declaração textual.
dois pontos	. a seguir aos <i>dois pontos</i> usa-se caixa baixa, exceto se se iniciar uma citação em discurso direto	. antes das citações, com verbo expresso ou oculto; . antes das enumerações, das exemplificações, sínteses e esclarecimentos; . antes dos vocativos que encabeçam cartas, requerimentos e ofícios; . proscrição “nos títulos para introduzir retranca ou procedência e assim ganhar espaço.	
parênteses	Apenas são referidos os parênteses retos “quando se enxerta numa citação um termo ou uma ideia indispensável à sua compreensão”.	. para intercalar num texto qualquer palavra, expressão ou oração acessória (explicação, circunstância incidental, reflexão, comentário ou observação); . para isolar do texto uma palavra ou expressão que se pretenda realçar; . para transcrever as siglas a seguir à explicação do nome de uma entidade ou órgão; . para apresentar uma referência bibliográfica ou uma data.	. proscrição em texto corrido para introdução de explicações longas e em parênteses dentro de parênteses; . para indicar código telefónico de área; . introduzir datas de nascimento de personagens da notícia; . registar regiões de cidades; . soletrar a pronúncia de estrangeirismos; . informar o partido e Estado de um político; . dar informações sobre o Estado a que pertence uma cidade; . fazer remissões para outros textos na mesma página.
ponto	. não deve ser tomado como uma vírgula e anteceder uma frase iniciada por “que” ou uma frase que retome o último nome do período anterior; . não deve ser usado nas legendas das fotografias;	. no fim de uma oração; . nas abreviaturas; . nas iniciais colocadas na base das matérias (sem qualquer espaço); . proscrição nas siglas e nos títulos.	

	. não deve separar as iniciais de uma sigla		
ponto de exclamação	. desaconselhado em textos jornalísticos (apenas pode ser usado em citações diretas)	. para realçar uma declaração ou enunciado.	. nas declarações textuais; . proscrito nos textos jornalísticos e nos títulos.
ponto de interrogação	. não deve ser usado nas interrogativas indiretas	. uso exclusivo nos títulos em casos muito especiais; . para introduzir interrogações, mesmo que retóricas.	
ponto e vírgula	. separa ou liga duas frases interdependentes	. para separar: as partes de um período que já contemple o uso de vírgulas; orações iniciadas por conjunção ou advérbio que indiquem restrição ou conclusão, quando se pretende dar destaque a esse sentido; os itens de leis, enumerações, regulamentos, entre outros	. separar orações coordenadas, não unidas por conjunção, que guardem relação entre si”; . separar orações coordenadas já delimitadas por vírgulas; . separar os elementos de uma enumeração, “principalmente quando há vírgulas em seu interior.
reticências	. quando colocadas no final da frase, não podem ser antecedidas de espaço, o que não ocorre em início de frase; . usadas para assinalar um corte na transcrição, devem vir entre parênteses retos, marcadores de uma intervenção alheia;	. a evitar nas notícias; . aceites nas legendas em sequência; . entre parênteses, indicando a interrupção da citação.	
travessão	. é usado para intercalar uma frase explicativa ou para realçar mais um complemento de frase, substituindo nessa função as vírgulas	. para intercalar uma expressão explicativa ou complementar; . para destacar a parte final de um enunciado; . para ligar palavras ou grupos distintos; . para separar as datas de nascimento e de morte de uma personalidade; . para indicar a cidade de procedência de uma notícia (uso do Estado); . para marcar o diálogo; . a evitar quando um período já apresenta dois travessões e para isolar os verbos de uma declaração, sendo preferível o uso da vírgula dupla.	
vírgula	. nunca pode separar o sujeito do predicado nem expressões do tipo “de tal modo que...”; . não deve delimitar palavras como “ainda”, “também”, “talvez” ou advérbios de modo, a fim de não cortar a fluidez do texto	. para delimitar o vocativo, o aposto e “palavras e locuções explicativas, retificativas e continuativas”; . para indicar a omissão de um verbo ou grupo de palavras; . para separar, nas datas, o nome do lugar; . para demarcar o nome, a rua e o número nos endereços; . para separar os elementos paralelos de um provérbio; . para delimitar advérbios e adjuntos adverbiais mais	. separar os elementos das enumerações; . isolar qualquer elemento explicativo, aposto, vocativo e orações intercaladas; . apartar adjuntos, principalmente quando deslocados e extensos; . anteceder conjunções adversativas como “mas”, “porém”, entre outras; . separar orações adjetivas explicativas; . para indicar elipse de um verbo;

		longos, devendo-se, no entanto, evitar a virgulação excessiva; . para separar objetos pleonásticos, palavras repetidas e adjetivos com função predicativa; . para delimitar orações reduzidas de gerúndio, participípio e infinitivo, orações adverbiais, especialmente quando antecipadas, orações ou locuções intercaladas; . para isolar verbos intercalados nas declarações ou opiniões; . para separar os advérbios “sim” e “não”; . proibição a seguir à conjunção “mas”; . proibição entre o sujeito e o verbo; . proibição entre o verbo e o complemento; . proibição na delimitação de uma oração restritiva; . proibição antes de uma oração completiva ou integrante.	. proscrição entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento.
--	--	---	---

Quadro n.º 2 - Comparação dos usos prescritos e proscritos dos *pontemas* nos manuais de redação

4. CORPORA

Foram vários os critérios que presidiram à seleção do *corpus* português. Em primeiro lugar, apoiámo-nos no *ranking* dos jornais pagos mais vendidos em 2010, publicado pela Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT)¹¹⁴. Segundo este *ranking*, o *Correio da Manhã* foi o diário generalista mais vendido em Portugal no ano em questão. O segundo lugar foi ocupado pelo *Jornal de Notícias*, o qual, por ser regional, foi excluído à partida. Posicionado em terceiro lugar, o *Record*, jornal desportivo, foi escolhido por representar uma temática mais específica¹¹⁵. Em contraponto ao diário sensacionalista, foi selecionado o *Público*, que representa uma linha informativa e que surge na quarta posição do *ranking*. O quarto foi um jornal económico, o *Diário Económico*, que ocupa o oitavo lugar do mesmo *ranking*.

¹¹⁴ Importa esclarecer que a APCT apenas se limita a publicar uma lista com os números das tiragens e das vendas de cada publicação. Coube-nos organizar o dito *ranking*, com base no cálculo do número de exemplares em circulação nos seis bimestres do ano de 2010. Foram excluídos os jornais de distribuição gratuita pelas razões óbvias. A escolha do ano de 2010 é explicada pelo facto de os dados relativos a 2011 não serem conhecidos à data em que foi iniciado o presente estudo.

¹¹⁵ Apesar de reconhecermos que *A Bola* é, na verdade, o jornal desportivo mais vendido em Portugal, este título foi excluído por se recusar a ser auditado pela APCT.

Na seleção do *corpus* brasileiro tentou-se aplicar critérios idênticos. Contudo, uma vez que a realidade geográfica do Brasil não é comparável à portuguesa, tornou-se difícil a aplicação dos critérios delineados para o *corpus* nacional. Em primeiro lugar, foram consultados os dados¹¹⁶ oficiais das vendas de jornais no Brasil, em 2010, divulgados pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC). Neste *ranking*, as dez primeiras posições são ocupadas por jornais generalistas, cinco dos quais se enquadram numa linha mais popular¹¹⁷ e outros oito são de circulação estadual. Apenas os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, editados no estado com o mesmo nome, são vendidos em todo o país, enquanto *O Globo* apresenta uma edição nacional. Esta circunstância advém do facto de o Brasil ser uma república federativa, o maior país da América do Sul e o quinto maior do mundo em área territorial¹¹⁸. Deste modo, como é compreensível, o critério de seleção exclusiva de jornais nacionais, e conseqüente exclusão de jornais “regionais”, não pôde ser aplicado na constituição do *corpus* brasileiro. Por outro lado, e por razões que se prendem com o dispositivo de recolha dos exemplares dos jornais impressos a analisar¹¹⁹, não nos foi possível ter acesso aos jornais de cariz mais popular, como o *Super Notícia* e o *Extra*, em circulação em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, respetivamente. Pelo mesmo motivo, apenas conseguimos que a recolha se estendesse a um diário especializado desportivo, o *Lance!*, do Rio de Janeiro, que ocupa a décima primeira posição entre os jornais mais vendidos em 2010. O facto de o *corpus* brasileiro não integrar um jornal económico como o seu congénere português não nos parece relevante, uma vez que a *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* integram um “caderno” exclusivamente dedicado aos temas económicos.

4.1. Metodologia

Para a constituição do *corpus*, procedeu-se à recolha de diferentes textos jornalísticos¹²⁰. Estes foram seleccionados entre os géneros informativos (duas notícias, uma reportagem, uma entrevista) e opinativos (uma crónica e dois artigos de opinião), ao longo dos meses de janeiro e fevereiro de 2012 (equivalentes a nove semanas¹²¹), o que nos permitiu reunir um acervo

¹¹⁶ Estes dados correspondem ao *ranking* publicado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), o qual, em vez dos dez títulos mais vendidos – *Super Notícia*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Extra*, *O Estado de S. Paulo*, *Zero Hora*, *Meia Hora*, *Correio do Povo*, *Diário Gaúcho*, *Aqui* – estende o rol até à quinquagésima posição.

¹¹⁷ São estes *Super Notícia* (1.º), *Extra* (4.º), *Meia Hora* (7.º), *Diário Gaúcho* (9.º) e *Aqui* (10.º).

¹¹⁸ Portugal é, por sua vez, o centésimo nono.

¹¹⁹ Após serem recolhidos em Brasília ao longo dos meses de janeiro e fevereiro de 2012, os exemplares foram expedidos por correio.

¹²⁰ Para os textos dos jornais brasileiros, ver nota anterior.

¹²¹ Na oitava semana, foram recolhidos apenas 49 textos de 7 dos jornais escolhidos, uma vez que, no dia 21 de fevereiro, por ser feriado, não houve edição do *Diário Económico*.

que, com cerca de **497** textos¹²² de subgéneros jornalísticos, é suficientemente representativo para avaliar hipóteses e comprovar as nossas conclusões. No entanto, nem sempre foi possível encontrar nos oito jornais escolhidos exemplares de cada um dos subgéneros seleccionados. A título de exemplo, foram sentidas dificuldades na recolha de reportagens e de crónicas. Quando tal ocorreu, substituíram-se esses textos por outros similares, a saber, uma notícia mais desenvolvida e outro artigo de opinião¹²³. Em relação à entrevista, optou-se pelo tipo “pingue-pongue”. Quando não foi possível encontrar este tipo nas páginas dos jornais, seleccionaram-se entrevistas em estilo indireto ou “depoimentos”¹²⁴. Outro critério definido para a escolha dos textos prendeu-se com a questão da sua autoria. Sempre que possível, tentámos seleccionar diversos textos do mesmo autor.

Feita a recolha, procedeu-se à digitalização, para ficheiros de “textos simples”, dos textos jornalísticos com recurso a um sistema OCR (*Optical Character Recognition*). Seguidamente, com base nestes ficheiros .txt foi criada uma aplicação informática para seriação dos dados. Desenvolvida expressamente para o presente trabalho, esta aplicação informática permitiu reunir todos os parágrafos com ocorrências dos diversos *pontemas* e de determinadas expressões e das unidades pontuacionais associadas, permitindo a análise sumária dos dados. Recorrendo a uma segunda aplicação informática, designada “Notepad++”¹²⁵ e disponível sob licença GPL¹²⁶, procedeu-se à caracterização e ao cálculo do número de ocorrências quer dos *pontemas*, quer das expressões a eles associadas. Em conjunto, as duas aplicações informáticas permitiram um tratamento automático e estatístico dos dados, não dispensando, contudo, um tratamento manual dos dados, tratamento que se tornou necessário não só pela existência de “falsos positivos”¹²⁷ como ainda de *pontemas* e expressões/conjunções polissémicas.

¹²² A contabilização foi feita do seguinte modo: 7 textos por jornal; 8 jornais; 9 semanas (cf. nota anterior) perfazem um total de 497 textos.

¹²³ Tal opção deveu-se ao facto de a notícia e a reportagem serem os géneros informativos com mais semelhanças. Do mesmo modo, a crónica e o artigo de opinião são os que mais se aproximam entre os géneros opinativos.

¹²⁴ Eis os tipos de entrevista identificados nos oito jornais: CM e REC – nove do tipo “pingue-pongue”; DE – sete “pingue-pongue” e duas em estilo indireto; PUB – cinco “pingue-pongue” e quatro em estilo indireto; ESP – sete “pingue-pongue” e duas em estilo indireto; FSP – quatro “pingue-pongue”, duas em estilo indireto e três “depoimentos” ou “Minha história”; GLO – duas “pingue-pongue” e sete em estilo indireto; LAN – nove entrevistas curtas do tipo “pingue-pongue”.

¹²⁵ Disponível em: <http://notepad-plus-plus.org/>.

¹²⁶ **GPL** é “a designação da licença para *software* livre idealizada por Richard Matthew Stallman em 1989, no âmbito do projeto GNU da Free Software Foundation (FSF)”. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/GNU_General_Public_License. A aplicação “Notepad++” é uma das aplicações licenciadas sob esta licença.

¹²⁷ A título ilustrativo, na contagem e caracterização dos exemplos com ocorrência de aspa simples de fecho foi necessário excluir os exemplos com apóstrofo.

Uma vez que a validação das nossas conclusões carecia da comparação dos *corpora* português e brasileiro quanto à sua extensão, foram levados a cabo alguns procedimentos para efeitos de contagem de palavras: em primeiro lugar, foram selecionados do *corpus* geral os “átomos” passíveis de serem considerados “palavras”; seguidamente, procedeu-se à verificação manual da lista resultante para exclusão de duplicados e de “falsos positivos”¹²⁸; por fim, confrontou-se o conjunto de textos de cada jornal e os *corpora* português e brasileiro com a lista resultante, a fim de contabilizar todas as ocorrências de “palavras”. Obteve-se, assim, a extensão de cada jornal e de cada *corpus* – o português e o brasileiro.

A análise dos dados foi orientada para a descrição das prática(s) pontuacional(is) e da eventual variação nos usos pontuacionais dos oito jornais selecionados; a análise de possíveis desvios em relação à norma linguística; e, por fim, a avaliação da (im)possibilidade de os jornais poderem ser tidos como modelos de práticas pontuacionais.

4.2. Perfil dos jornais

4.2.1. *Corpus* português

Correio da Manhã

Pertencente ao grupo Cofina, este jornal diário de cariz popular, fundado por Vítor Direito, e cujo primeiro número foi publicado a 19 de março de 1979, destaca essencialmente assuntos da sociedade, em particular o noticiário oriundo das polícias e tribunais, sendo, por isso, caracterizado como um jornal de leitura rápida e fácil.

Original e dinâmico, o novo diário privilegia os temas do quotidiano em notícias tratadas com objectividade. A linguagem é acessível, e os assuntos de política, muito destacados nos outros jornais, são confinados à sua dimensão própria. Sintética, incisiva e irreverente, a prosa do director, Vítor Direito, publicada diariamente no ‘Bilhete Postal’, torna-se na imagem de marca do CM.

(in http://30anos.correioanha.xl.pt/historia_cm.php)

Isto explicará talvez o facto de este ser o jornal com maior tiragem e o mais lido em Portugal desde 2003 (40% da quota dos diários). A 2 de julho de 2002, passou a estar *online* de forma autónoma e, desde 24 de fevereiro de 2007, a ser dirigido por Octávio Ribeiro.

¹²⁸ Por exemplo, considerámos como “palavras”: números; endereços de correio eletrónico; números entremeados por barras (1984/85); números seguidos de parêntesis direito – 2) –, a marcar alíneas; números entre parênteses junto com pontuação, do tipo (11-3) e (1230-45), respetivamente representando tipicamente classificações desportivas e identificação de datas; abreviaturas com ponto; palavras ligadas por hífen; palavras ligadas por barra, como *e/ou CDS/PP*. Por sua vez, os *pontemas* isolados e o símbolo de numeral separado foram tidos como “falsos positivos”.

Presentemente, a opinião que predomina acerca deste jornal entre a classe média é a de Carlos Barbosa, atual presidente do ACP e um dos fundadores do jornal:

Da vontade de fazer um tipo de jornalismo que não havia em Portugal, nasceu um jornal popular, mas não era um jornal popularucho. Hoje o 'Correio da Manhã' é popularucho e não popular", apontou Carlos Barbosa (Público, 2009).

Quanto à organização, integra, na segunda página, a secção “Correio de Hoje”, com textos de opinião e o sumário. Nas páginas seguintes são dispostas notícias, breves e outros textos dispersos pelas temáticas: Atualidade, Portugal, Sociedade, Economia, Especial, Política, Mundo, Desporto, Cultura e Espetáculos. Importa referir que as secções mais extensas são as da Atualidade e do Desporto.

Diário Económico

Sendo um jornal especializado em temas económicos, na linha do *Financial Times*, do qual detém o exclusivo dos artigos para Portugal, as notícias e outros textos publicados no *Diário Económico* têm carácter eminentemente económico e são distribuídos por várias secções: Destaque, Economia, Especial, Política, Opinião, Mundo, Empresas e Finanças. As últimas páginas são ocupadas pelas secções Desporto, Publicidade e Média e Opinião, surgindo um artigo de opinião do diretor, António Costa, na última página do jornal. Importa ainda destacar que as segunda e terceira páginas são dedicadas ao Editorial e à Sociedade Aberta, com artigos de opinião de personalidades diversas¹²⁹.

Público

Fundado a 5 de março de 1990, este é o único jornal português dirigido por uma mulher, Bárbara Reis. Mas não só neste aspeto foi o *Público* pioneiro. Segundo Rodrigues (2011), foi “o primeiro jornal diário de qualidade internacional, tendo sido responsável pela mudança de conteúdos que atravessou a grande maioria dos jornais portugueses [...] na década de 1990”. Também foi o primeiro jornal a lançar, em 1995, uma versão digital na internet. Promotor de um jornalismo reflexivo e crítico da atualidade, este jornal destaca-se no panorama português pela qualidade dos seus textos e pelo rigor da escrita, apostando não só na informação internacional, cultural e política mas também na informação regional de qualidade, na informação económica e desportiva de rigor.

¹²⁹ A título de exemplo, no primeiro número consultado escreveram José Reis Santos, historiador, António Vidigal, presidente da EDP Inovação, e Basílio Horta, deputado do PS.

O PÚBLICO tem um estilo próprio que identifica o jornal perante os seus leitores e a opinião pública em geral. Esse estilo integra os grandes princípios fundadores do jornalismo moderno — adoptados pelos jornais de referência em todo o mundo, do "The Washington Post" e do "The New York Times" ao "La Repubblica", "El País", "Le Monde" ou "The Independent" — e uma nova sensibilidade para captar e noticiar os acontecimentos, que caracteriza um jornal como o "Libération", por exemplo (LIVRO DE ESTILO, 1998).

Não obstante ter estas características, no *ranking* dos jornais mais vendidos em 2010, posicionou-se atrás do *Correio da Manhã* e do *Record*.

O *Público* apresenta notícias, reportagens, breves e entrevistas desenvolvidas nas secções seguintes: Destaque, Portugal, Economia, Mundo, Local, Classificados, Desporto, Espaço Público. Nas últimas páginas, cabem o Editorial, as Cartas à Diretora e Debate. Apesar de predominarem textos preferencialmente noticiosos, os textos de opinião e as crónicas também estão presentes, ocupando, maioritariamente, as quatro últimas secções.

Notícias completas e originais, escritas correctamente, num estilo fluente e incisivo, são o capital informativo mais precioso do PÚBLICO. Por isso, e sem prejuízo da desejável e necessária variedade de vocações orientadas para os diferentes géneros jornalísticos — notícia, crónica, reportagem, inquérito, entrevista, crítica, etc. —, é fundamental ter em conta que a notícia é a origem e o objectivo básico do nosso trabalho quotidiano (LIVRO DE ESTILO, 1998).

Record

Ocupando a terceira posição do *ranking* dos jornais mais vendidos em 2010, é um diário desportivo, com sede em Lisboa e delegação no Porto, com circulação nacional e formato tabloide¹³⁰, pertencente ao grupo Cofina. Fundado por Manuel Dias, vendedor de jornais e atleta olímpico, começou a ser publicado a 26 de novembro de 1949 e, cinquenta anos mais tarde, foi lançada a sua versão *online*, a 20 de abril de 1999. Inicialmente, era um semanário,

¹³⁰ O tabloide, surgido em meados do século XX, é um formato de jornal que mede metade do tamanho de um jornal *standard*, cerca de 37,5 cm x 60 cm. Contempla notícias mais resumidas e sensacionalistas do que os jornais "tradicionais". A denominação "tabloide" é proveniente do termo em inglês "tabloid". Vide <http://www.infoescola.com/jornalismo/tabloide/>. Citando López de Zuazo, Fontcuberta (2002: 54) refere os outros três formatos jornalísticos: o grande, *standard* ou lençol, que mede mais de 50 cm; o intermédio, 44 a 49 cm; o pequeno, menos de 36 cm. A propósito do *tabloide*, que pode medir 37 a 43 cm, menciona ainda que antigamente se acreditava que este formato correspondia à imprensa sensacionalista.

passando a diário a 1 de março de 1995, depois de ter atravessado tempos muito difíceis. Desde fevereiro de 2003, o seu diretor é Alexandre Pais.

A segunda página – a de opinião – oferece dois artigos de opinião, um escrito pelo diretor-adjunto, António Magalhães, e o outro por uma personalidade diferente, consoante o dia da semana¹³¹. Nas restantes páginas publicam-se notícias e outros textos referentes, essencialmente, ao futebol e à Taça da Liga. As outras temáticas organizam-se nas secções: Modalidades, Internacional (notícias sobre futebol), Fora de Campo (notícias nacionais e internacionais), Televisão e Tempos Livres, O Jogo da Vida e Minuto 90. Na última página, pode ler-se um artigo de opinião de Octávio Ribeiro, diretor do *Correio da Manhã*.

4.2.2. Corpus brasileiro

O Estado de S. Paulo

Fundado a 4 de janeiro de 1875, com o nome *A Província de São Paulo*, e tendo por base os ideais de um grupo de republicanos e abolicionistas, este jornal manteve, até à década de 1970, a sua propensão para o “engajamento” em lutas políticas. Em janeiro de 1880, adotou o nome atual. Em 1930, ligado ao Partido Democrático, apoiou a candidatura de Getúlio Vargas pela Aliança Liberal. Contudo, em 1932, a derrota da revolução constitucionalista, liderada pela diretoria do jornal, leva ao exílio Júlio de Mesquita Filho e Francisco Mesquita. Nos anos seguintes, o jornal manteve a oposição ao regime, sendo confiscado pela Ditadura e administrado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda de 1940 a 1945¹³². Em 1964, apoiou o golpe militar e a eleição indireta de Castelo Branco, rompendo logo a seguir com o regime. A partir de 1969, ganhou visibilidade mundial por denunciar a censura prévia ao publicar excertos de *Os Lusíadas* em vez de matérias censuradas.

Atualmente é um jornal de circulação nacional, dirigido por Ruy Mesquita e orientado para o noticiário político e para os temas culturais. Organiza-se em vários Cadernos: A – Notícias e Opinião, Fórum dos Leitores, Notas e Informações, Nacional, Internacional, Vida, Planeta; B – Economia, Opinião e Editorial Económico, Notícias Nacionais e Internacionais, Mercados, Negócios; C – Metrópole; D (Caderno 2) – Cultura, Passatempos; E – Esportes; V – Viagens.

¹³¹ À terça-feira, dia da recolha, o autor é João Querido Manha, jornalista e comentador da TVI. Nos restantes dias, escrevem Ricardo Costa (domingo), António Oliveira (2.ª feira), João Govern (4.ª feira), Rui Santos (5.ª feira), Jorge Gabriel (6.ª feira) e colunistas do jornal (sábado). Uma nota presente na margem dos textos dá-nos conta do facto de os artigos de opinião serem da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

¹³² Os números publicados entre esses anos não são considerados na contagem e na história do jornal.

Folha de S. Paulo

Este jornal é editado na cidade de São Paulo, mas circula a nível nacional. Segundo o Instituto Verificador de Circulação, é o segundo maior jornal de circulação no Brasil – com 294 498 exemplares –, tendo sido destronado do primeiro lugar em 2010, posição que ocupava desde 1986, pelo jornal *Super Notícia*, de Belo Horizonte. O diretor atual deste jornal que obedece ao lema “um jornal a serviço do Brasil” e é propriedade da empresa *Folha da Manhã* é Otavio Frias Filho. Segundo dados de 2000, publicados no sítio do próprio jornal, o leitor típico do jornal “tem 40 anos e um alto padrão de renda e de escolaridade”, apresenta formação superior e pertence às classes A ou B.

No que respeita ao percurso histórico, a *Folha* foi fundada a 19 de fevereiro de 1921 com o nome original de *Folha da Noite* por Olival Costa e Pedro Cunha. Aquando da Revolução de 1930, foi destruído e fechado por ter apoiado a eleição de Júlio Prestes à presidência da república. Voltou a funcionar em 1931 com novos donos e nova linha editorial com o nome *Folha da Manhã*, voltado para a agricultura e dirigido até 1945 por Octaviano Alves de Lima, Diógenes de Lemos Azevedo, Guilherme de Almeida e Rubens do Amaral. Nessa altura, seguiu uma política de imparcialidade. Em 1962, foi comprado por Carlos Caldeira Filho e Octavio Frias de Oliveira, tendo sido rebatizado com o seu nome atual. Inicialmente apoiou o golpe de 1964 e a ditadura militar, tendo sofrido ataques por este apoio. A partir de meados da década de 1970, passou a defender o regresso da democracia, dando oportunidade aos líderes militares e aos políticos de oposição de se exprimirem e de debaterem as suas ideias nas suas páginas. Foi o primeiro jornal brasileiro a tomar partido pelas eleições diretas e a cobrir o movimento das Diretas Já. Em julho de 1985, “a **Folha** publica o novo projeto editorial, que tem como política, além de um jornalismo crítico, apartidário, moderno e pluralista, implantar um jornalismo de serviço e adoção de novas técnicas visuais.”

Desde a sua reforma gráfica de 23 de maio de 2010, este jornal é integrado por vários cadernos, a saber, **A**: Capa, Opinião, Poder, Mundo; **B**: Mercado (temas económicos); **C**: Cotidiano, Saúde, Ciência, Folha Corrida; **D**: Esporte; **E**: Ilustrada, Acontece (desenvolvendo temas da cultura e variedades, este caderno data de 1958)¹³³. A rubrica “Opinião” ocupa as primeiras páginas do jornal, A2 e A3, com dois editoriais, três artigos de colunistas, de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, Painel do Leitor, secções Erramos e Tendências/ Debates (esta última foi criada a 22 de junho de 1976), com artigos assinados por políticos,

¹³³ O jornal de terça-feira integra ainda um sexto caderno, dedicado ao Turismo.

empresários e cientistas conhecidos. Seguem-se, no primeiro caderno, notícias nacionais e internacionais, reportagens, breves e outros textos. Aliás, os textos jornalísticos de diferentes géneros integram também os outros cadernos.

O Globo

Fundado em 1925 por Irineu Marinho, este diário do Rio de Janeiro, orientado para o público desta cidade e com orientação política conservadora, apresenta uma edição nacional, sendo dirigido por Rodolfo Fernandes. Foi o primeiro jornal a circular aos domingos, a partir de 1972, estreando nesse mesmo ano a secção “Carta do Leitor”.

Quanto à organização, este diário, maioritariamente direccionado para o leitor da classe B, é composto pelo Primeiro Caderno, com secções diversas – O País, Opinião, Dos Leitores e Rio –, pelo Segundo Caderno, secção cultural, pelos cadernos Economia e Esportes e pela revista “Boa Viagem”.

Lance!

Fundado a 26 de outubro de 1997 e com sede no Rio de Janeiro, este jornal desportivo apresenta versões regionais para outros estados (São Paulo, Belo Horizonte, Manaus – aqui a edição circula com outro jornal) e uma edição nacional dirigida a Brasília e Goiânia, podendo, por esta razão, ser considerado de circulação nacional. Outro motivo para tal é o facto de a sua missão aparecer definida como “Ser referência em conteúdo esportivo no País oferecendo um jornalismo de qualidade e independente, em defesa dos interesses do torcedor e do desenvolvimento do esporte nacional”.

O seu diretor é Afonso Cunha, sob cuja orientação o jornal venceu, na categoria Jornalismo Impresso, o segundo “Prémio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social” com uma série de reportagens dedicadas ao retrato de quatro adeptos futebolísticos deficientes no Rio de Janeiro, publicadas em setembro de 2009 e da autoria do repórter Erich Onida.

Nas suas páginas iniciais, surgem artigos de opinião, uma secção orientada para o humor, “breves”¹³⁴ e informação desportiva sobre as várias equipas de futebol. As páginas seguintes estão organizadas por clubes: Flamengo, Vasco da Gama, Botafogo, Fluminense, Corinthians e Palmeiras. Seguem-se notícias sobre futebol nacional e internacional, outros desportos, sendo as últimas páginas dedicadas aos passatempos.

¹³⁴ As “breves” são pequenas notícias, sem assinatura, que não ultrapassam os 500 caracteres e têm normas específicas de paginação. Cf. http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/16b-palavras.html.

PARTE II

PRÁTICAS PONTUACIONAIS NO *CORPUS*

CAPÍTULO I – OS *PONTEMAS*

1. PRÁTICAS PONTUACIONAIS

No presente estudo, foram objeto de análise os seguintes *pontemas*: ponto, vírgula, dois pontos, ponto e vírgula, reticências, ponto de interrogação, ponto de exclamação, travessão, parênteses, colchetes (ou parênteses retos), aspas duplas e aspas simples. Dos **35 444** *pontemas* identificados nos *corpora*, a maior percentagem corresponde à vírgula (**50,28%**) e ao ponto (**32,36%**), ambos integrantes do núcleo duro do sistema pontuacional. As aspas duplas ocupam a terceira posição (**5,12%**), numa percentagem bastante inferior, como ilustra o quadro *infra*. O uso dos restantes *pontemas* é bastante inferior como se comprova no mesmo quadro.

<i>Pontemas</i>	<i>Corpus português</i>		<i>Corpus brasileiro</i>		<i>Corpus global</i>	
	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência absoluta	Frequência relativa
Vírgula	7656	48,92%	10164	51,35%	17 820	50,28%
Ponto	5033	32,16%	6436	32,51%	11 469	32,36%
Aspas duplas	998	6,38%	818	4,13%	1816	5,12%
Travessão	594	3,80%	730	3,69%	1324	3,74%
Parênteses	347	2,22%	573	2,89%	920	2,60%
Dois pontos	297	1,90%	348	1,76%	645	1,82%
P. de interrogação	277	1,77%	288	1,45%	565	1,59%
Aspas simples	177	1,13%	66	0,33%	243	0,69%
Ponto e vírgula	65	0,42%	152	0,77%	217	0,61%
Reticências	110	0,70%	61	0,31%	171	0,48%
P. de exclamação	32	0,20%	125	0,63%	157	0,44%
Colchetes	63	0,40%	34	0,17%	97	0,27%
Total	15 649	100%	19 795	100%	35 444	100%

Quadro n.º 3 – N.º de ocorrências e percentagem dos vários *pontemas* nos *corpora*

Uma segunda leitura do quadro anterior demonstra que o uso geral dos *pontemas* é maior nos jornais brasileiros do que nos portugueses, na proporção indicada no **gráfico n.º 1**. No entanto, a análise da frequência relativa de cada *pontema* confirma que as aspas duplas, o travessão, os dois pontos, o ponto de interrogação, as aspas simples, as reticências e os parênteses retos/colchetes predominam no *corpus* português, ao passo que os restantes *pontemas* sobressaem no brasileiro.

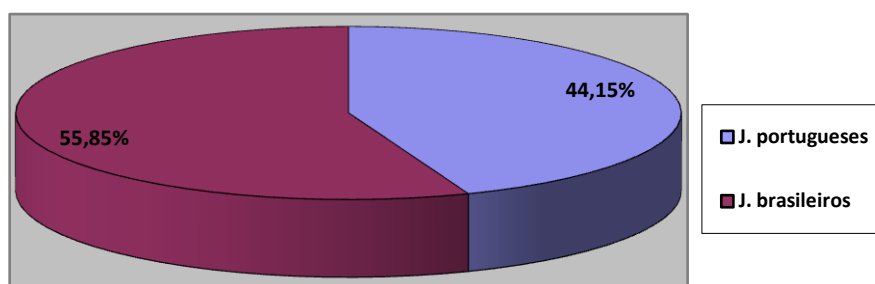


Gráfico n.º 1 – Distribuição dos *pontemas* nos *corpora*

Como a utilização exclusiva do valor global de ocorrências de *pontemas* poderia distorcer algumas análises, considerámos importante a caracterização dos *corpora* no que respeita ao seu tamanho, em concreto, quanto ao número de palavras.

O quadro *infra* permite visualizar não só a extensão de cada *corpus* e de cada jornal como também o número de *pontemas* em cada conjunto.

Jornal ¹³⁵	N.º de palavras	N.º de <i>pontemas</i>
CM	17 185	2576
DE	27 895	3770
PUB	44 165	5965
REC	23 222	3338
Corpus português	112 467	15 649
ESP	40 096	5969
FSP	29 954	4618
GLO	42 065	6311
LAN	19 476	2897
Corpus brasileiro	131 591	19 795
Total dos corpora	244 058	35 444

Quadro n.º 4 – N.º de palavras por jornal, extensão dos *corpora* e n.º de *pontemas* em cada *corpus*

¹³⁵ Os jornais foram arrolados por ordem alfabética em cada *corpus*. Seguir-se-á este procedimento nos quadros seguintes.

2. FUNÇÃO SEPARADORA, DELIMITADORA OU ORGANIZADORA DO TEXTO

Dos *pontemas* que integram o primeiro subconjunto funcional proposto por Catach (cf. *supra* Parte I, Cap. I, 1.3.), foram analisadas as ocorrências do ponto, da vírgula, dos dois pontos e do ponto e vírgula, excluindo-se os brancos e as maiúsculas de frase, em virtude das características da aplicação informática usada (cf. *supra* Introdução).

2.1. Ponto

Tendo sido um dos primeiros *pontemas* a surgir (cf. Parte I, Cap. I, 2.), na Antiguidade o ponto serviu, em conjunto com o branco, para separar as palavras gravadas na pedra. Por ser também a unidade utilizada com maior frequência pelos Romanos, o ponto tinha ainda funções de indicador de abreviatura, de marcador de letra em destaque, num texto teórico, de indicativo de rasura e de separador de sílabas ou palavras. No século XV, este *pontema* manteve a sua polivalência, exercendo várias funções: separador de membros de “cláusulas”, separador de “cláusulas”, introdutor do discurso relatado e delimitador de saudações em início de texto. No final do século XVI e no século XVII, foi conhecido como *colon*, *periodo*, *ponto final* e *ponto redondo*, apresentando como único valor a delimitação de frase ou período.

Segundo os manuais de redação, o ponto deve finalizar as orações, deve ser usado nas abreviaturas e nas iniciais colocadas na base das matérias, sem qualquer espaço, sendo totalmente proscrito nas siglas e no final dos títulos.

Nos dois *corpora*, este *pontema* apresenta três valores essenciais: abreviatura, marca de limite de frase e marca de parágrafo. Contabilizando um total de **11 469** ocorrências (32, 38% da totalidade dos *pontemas*), a sua distribuição pelos jornais observados é a seguinte:

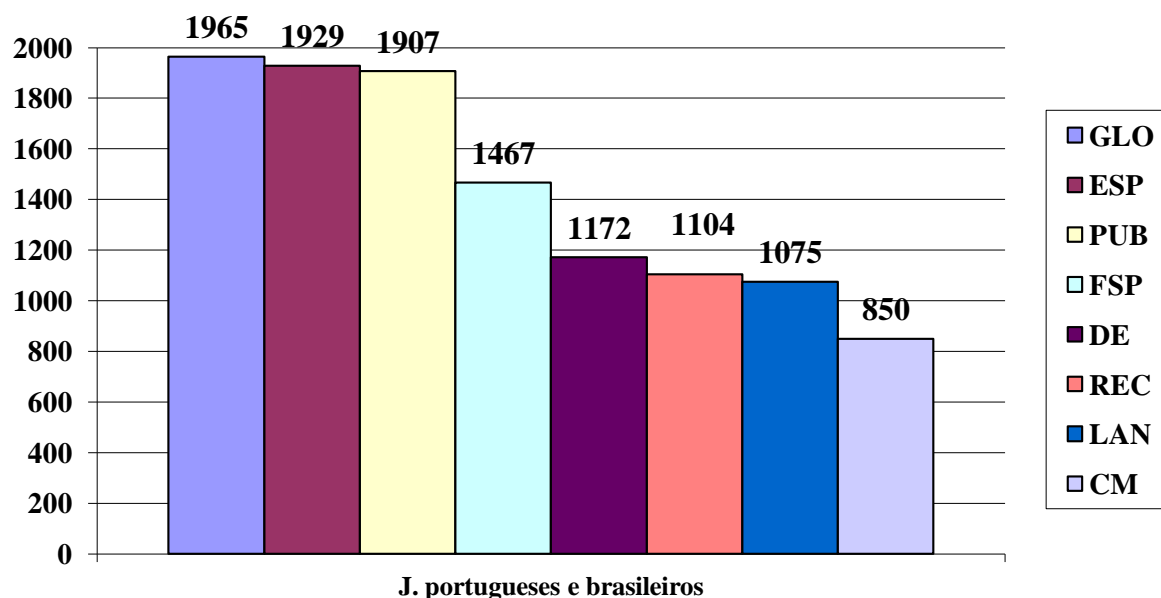


Gráfico n.º 2 – N.º de ocorrências do ponto por jornal

O gráfico n.º 3 ilustra a distribuição das ocorrências do ponto pelos três principais valores associados ao ponto (marca de final de frase e de final de parágrafo e abreviatura) e por outros contextos de uso evidenciados nos dois corpora.

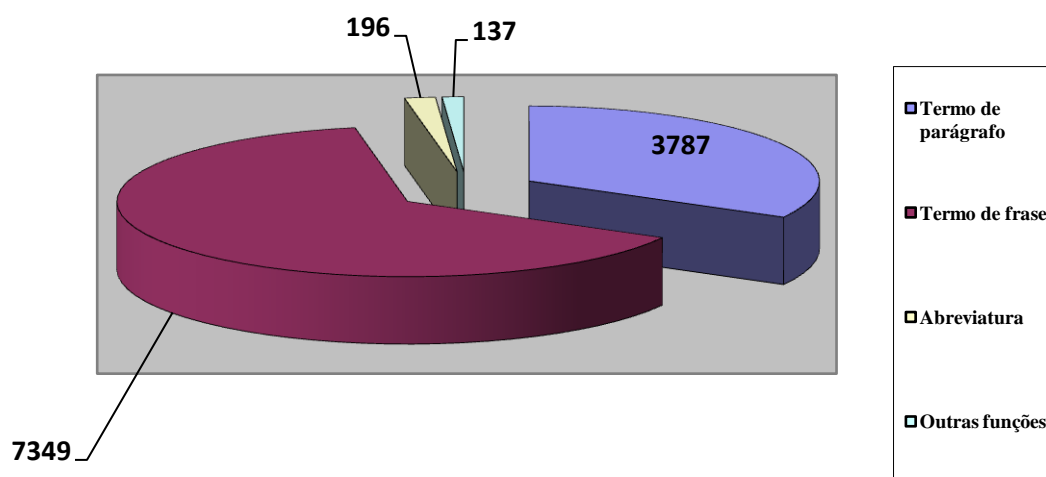


Gráfico n.º 3 – Distribuição do n.º de pontos por função

Os gráficos 4 e 5 permitem visualizar, por jornal, a distribuição das 7349 ocorrências que finalizam frases e dos 3787 pontos localizados em final de parágrafo. Esta distinção foi feita com recurso à aplicação Notepad++. Contabilizaram-se todas as ocorrências de ponto e todas as ocorrências de parágrafos. Seguidamente, analisando caso a caso, contabilizaram-se todos os *pontemas* usados em final de parágrafo.

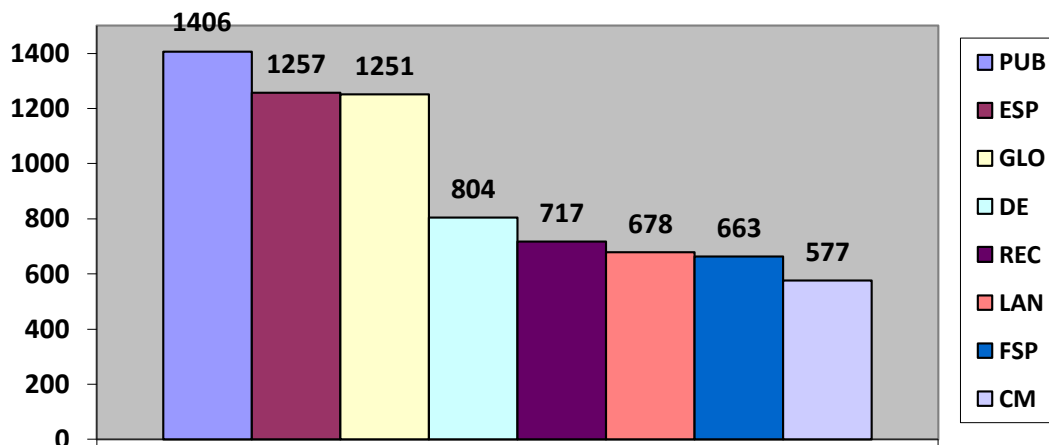


Gráfico n.º 4 – N.º de ocorrências do ponto em final de frase

Das **7349** ocorrências em final de frase, **3502** reportam-se aos jornais portugueses e **3847** aos brasileiros.

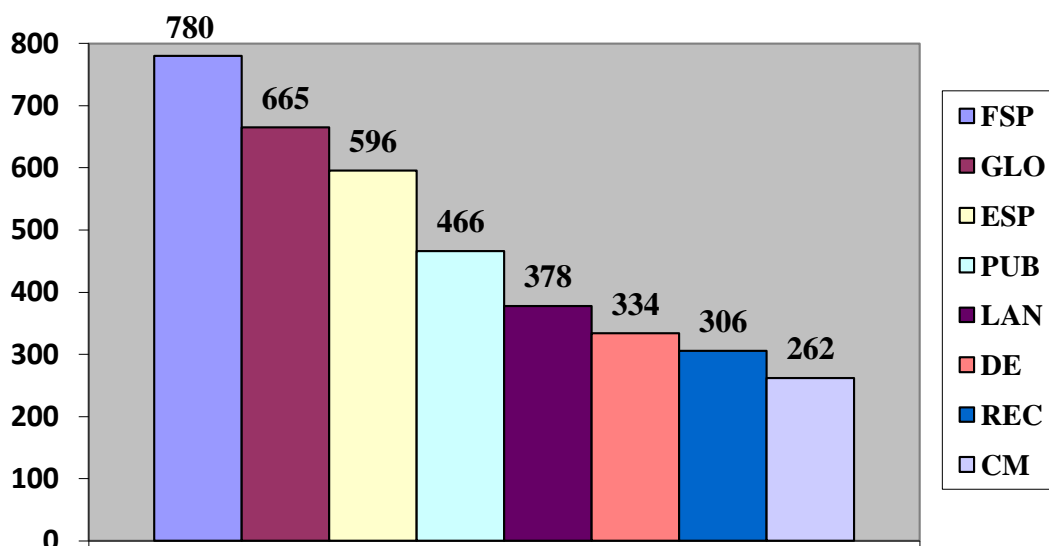


Gráfico n.º 5 - N.º de ocorrências do ponto em final de parágrafo

Das **3787** ocorrências que marcam o termo do parágrafo, **1368** localizam-se em jornais portugueses e **2419**, em jornais brasileiros.

Das **333** ocorrências remanescentes, 200 são usadas para assinalar diferentes abreviaturas, nomeadamente: 1) numerais ordinais; 2) nomes¹³⁶; 3) *doutor*; 4) *senhor* ou *senhora*; 5) *mister*; 6) *etc.*; 7) *número*; (8) *Dom* ou *Dona*; 9) outras (abreviação de “artigo”, “companhia” e *post scriptum*). Foram ainda identificadas 23 ocorrências do ponto no interior

¹³⁶ Eis um exemplo de abreviatura de nome localizado no CM: “James R. Gandolfini Jr.”.

de referências a documentos alojados na internet (b) e 110 pontos usados para separar classes na numeração árabe (c). A distribuição destas ocorrências por jornal e contexto de uso é ilustrada no quadro abaixo.

Jornais	a) Abreviaturas									Total/ jornal	b)	c)
	1)	2)	3)	4)	5)	6)	7)	8)	9)			
CM	5	4	---	1	---	---	---	1	--	11	---	---
DE	3	3	1	---	2	1	2	---	--	12	---	22
PUB	21	7	---	---	1	---	---	1	--	30	---	5
REC	51	19	---	---	---	---	7	---	2	79	---	4
ESP	11	2	6	13	---	1	3	---	--	36	---	40
FSP	---	7	1	6	---	1	---	---	--	15	3	6
GLO	5	4	---	---	---	1	---	---	--	10	15	24
LAN	---	3	---	---	1	1	---	---	2	7	5	9
Total	96	49	8	20	4	5	12	2	4	200	23	110

Quadro n.º 5 - Outras ocorrências do ponto

2.2. Vírgula

Além do sistema dos três pontos, os Gregos recorriam a outro sistema baseado no uso da *diástole*, ou seja, a separação por meio de um certo tipo de vírgula. A designação (*comma* ou *subdistinctio*, *suspensivum*) e a forma desta unidade pontuacional foram variando ao longo do tempo, devendo-se o nome latino de *virgula* aos primeiros impressores.

Desde o século XVI, a vírgula, apelidada ainda de *inciso*, *meio ponto* e *coma*, é uma das unidades pontuacionais mais polivalentes do sistema pontuacional, caracterizando-se pelas suas funções lógicas, entoacionais, gramaticais e afetivas, que a fazem participar sempre na construção do sentido da frase escrita (Drillon, 1991: 143-25; Catach, 1994: 64-69). No século XVI, a sua função principal consiste em delimitar orações e seus membros e, simultaneamente, indicar ao leitor o local onde este há de fazer pausa para descansar¹³⁷. Ficam assim patentes os critérios sintático-semânticos e pausais que presidiam ao uso desta unidade pontuacional naquela época.

Os gramáticos e ortógrafos seiscentistas prescreveram vários contextos de uso da vírgula, nomeadamente separar elementos que exercem a mesma função sintática, ligados, ou não, por conjunção, como adjetivos e substantivos com a mesma função sintática; o substantivo e o seu atributo; advérbios “puros”; verbos simples, sem nenhum complemento; nomes sinónimos. Este *pontema* é ainda prescrito para separar as orações da frase: depois de verbos acompanhados de seus complementos; introduzidas pelo relativo; depois de conjunção

¹³⁷ Segundo Nunes de Leão, “a virgula se põe, & faz distinção, quando ainda não stá dicto tal cousa, que dee sentido cheo, mas somente descansa para dizer mais” (1576: 74r).

e antes de relativo; introduzidas pela conjunção copulativa “e”; introduzidas pela conjunção disjuntiva “ou”.

Nas obras gramaticais do século XVIII, os contextos de uso da vírgula mantêm-se. Já no século XIX, Soares Barbosa (1822: 88-90) destaca outros contextos: delimitação de todas as “orações encravadas” ou intercaladas; circunscrição de “adições”; demarcação de “todas as palavras e orações transpostas da sua ordem natural”. Por sua vez, Gomes (1831: 33) refere que a vírgula serve para delimitar o vocativo, a exclamação e a interjeição, considerados “orações ellypticas” e que deve usar-se antes de “*Que*, ou seja pronome *relativo*, *interrogativo*, ou conjunção *determinativa* [...]”, porque sempre se dão duas orações”. Castilho (1870: 33) não acrescenta qualquer novidade em relação aos usos prescritos, acentuando apenas a proscrição da vírgula antes de oração relativa restritiva e na separação dos “verbos activos dos seus sujeitos, do sujeito da sua acção, dos advérbios”.

São essencialmente estes os contextos prescritos para este *pontema* nos manuais de redação e nas principais gramáticas:

- 1) delimitar o vocativo, o aposto e “palavras e locuções explicativas, retificativas e continuativas” (Manual de Redação do ESP);
- 2) isolar verbos intercalados nas declarações ou opiniões;
- 3) indicar a omissão de um verbo ou grupo de palavras;
- 4) separar, nas datas, o nome do lugar;
- 5) demarcar o nome, a rua e o número dos endereços;
- 6) separar os elementos paralelos de um provérbio;
- 7) delimitar advérbios e adjuntos adverbiais mais longos, devendo evitar-se, no entanto, a virgulação excessiva;
- 8) separar objetos pleonásticos, palavras repetidas e adjetivos com função predicativa;
- 9) delimitar as orações reduzidas de gerúndio, particípio e infinitivo, orações adverbiais, especialmente quando antecipadas, orações ou locuções intercaladas;
- 10) separar os advérbios “sim” e “não”;
- 11) anteceder conjunções adversativas como “mas”, “porém”, entre outras.

Por outro lado, o uso da vírgula é estritamente proibido em cinco contextos: 1) a seguir à conjunção “mas”; 2) entre o sujeito e o verbo; 3) entre o verbo e o complemento; 4) na delimitação de uma oração restritiva; 5) antes de uma oração completiva ou integrante.

O **gráfico n.º 6** permite visualizar a distribuição das **17 820** ocorrências da vírgula, *pontema* mais utilizado nos *corpora*.

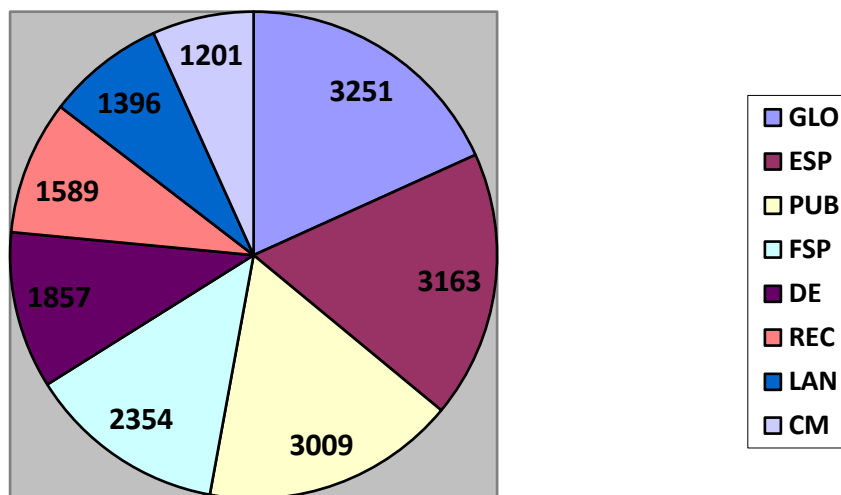


Gráfico n.º 6 – N.º de vírgulas por jornal

Vejam-se os dados observados no que respeita a cada contexto prescrito pelo manual de redação de *O Estado de S. Paulo*.

2.2.1. Contexto 1

Para facilitar a análise dos dados, procedeu-se à subdivisão do primeiro contexto prescrito naquele manual. Embora não fosse expectável o uso de vocativo em textos jornalísticos, foi possível identificar 51 ocorrências de vírgula a delimitar esta construção sintática em todos os jornais dos *corpora* e em todos os géneros jornalísticos, como comprova o quadro a seguir.

Jornais	Notícia	Reportagem	Entrevista	Crónica	Opinião
CM	---	1	---	---	4
DE	---	---	---	---	1
PUB	---	---	---	1	---
REC	1	---	1	---	1
ESP	1	2	---	8	---
FSP	---	---	4	3	---
GLO	---	1	2	---	18
LAN	---	1	---	---	1
Total	2	5	7	12	25

Quadro n.º 6 – Vírgula na delimitação de vocativo

Já o uso de vírgula para delimitar o aposto e as “explicativas” é bastante mais expressivo nos *corpora* português e brasileiro: 1363 e 1418, respetivamente. Foram também identificadas 1281 ocorrências de vírgulas na demarcação de orações relativas explicativas introduzidas pelo pronome relativo “que” e outros equivalentes.

2.2.2. Contexto 2

Quanto ao segundo contexto de uso – isolamento dos verbos intercalados nas declarações ou opiniões –, a análise dos dados permitiu identificar um total de **461** ocorrências, divididas por um leque de verbos *dicendi* repetidos: *dizer* (168); *afirmar* (49); *explicar* (33); *contar* (18); *referir* (10); *revelar* (9); *acrescentar* (9); *lamentar* (8); *admitir* (7); *comentar* (7); *defender* (7); *sublinhar* (7); *frisar* (6); *alertar* (5); *concluir* (5); *garantir* (5); *adiantar* (4); *avisar* (4); *considerar* (4); *escrever* (4); *lembrar* (4); *recordar* (4); *assinalar* (3); *continuar* (3); *criticar* (3); *destacar* (3); *justificar* (3); *perguntar* (3); *responder* (3); *sugerir* (3); *assegurar* (2); *concordar* (2); *confessar* (2); *observar* (2); *prever* (2); *reconhecer* (2); *sustentar* (2); *vincar* (2). Alguns destes verbos têm uma única ocorrência: *aconselhar*; *acreditar*; *agradecer*; *alegar*; *analisar*; *anotar*; *antecipar*; *assumir*; *atirar*; *avaliar*; *avançar*; *começar*; *completar*; *confidenciar*; *constatar*; *declarar*; *denunciar*; *desabafar*; *desafiar*; *elogiar*; *ênfatisar*; *esclarecer*; *especificar*; *estimar*; *exclamar*; *exemplificar*; *finalizar*; *gabar-se*; *ilustrar*; *ironizar*; *ler-se*; *limitar*; *mostrar*; *ordenar*; *pronunciar*; *protestar*; *queixar-se*; *questionar*; *reagir*; *relembrar*; *rematar*; *repetir*; *ressaltar*; *vaticinar*.

O **quadro n.º 7** permite visualizar os jornais e os géneros jornalísticos em que foram recolhidas as ocorrências de “afirmar” e “dizer”, verbos *dicendi* com maior frequência nos dois *corpora*.

Jornais	“Dizer”				“Afirmar”			
	Notícia	Report.	Entrev.	Cró/Op.	Notícia	Report.	Entrev.	Cró/Op.
CM	14	4	---	4	2	1	---	---
DE	14	12	1	---	2	---	---	---
PUB	11	16	6	3	5	4	3	---
REC	1	---	---	---	3	2	---	---
ESP	17	14	7	---	7	4	1	---
FSP	13	17	6	1	7	4	3	---
GLO	1	1	4	1	---	---	---	1
Total	71	64	24	9	26	15	7	1

Quadro n.º 7 - Verbos “dizer” e “afirmar” intercalados por vírgulas

É, ainda, possível diferenciar duas situações neste contexto:

(1) o verbo *dicendi* antecedido por vírgula segue a declaração textual delimitada por aspas duplas: "*A mefedrona está a ter consequências nefastas, sobretudo em jovens que não eram consumidores e muitas vezes são enganados*", alerta. (PUB, notícia, 3/1)¹³⁸;

(2) a declaração textual antecede a vírgula e o verbo *dicendi*, sem estar, contudo, circunscrita por aspas duplas: *Curso superior não tem elevado renda, diz estudo do IBGE*. (FSP, notícia, 21/2).

Embora a primeira seja a predominante (429 ocorrências), a segunda, com 32 ocorrências, também foi encontrada em todos os jornais dos *corpora*, à exceção do *Record* e do *Lance!*, e em todos os géneros jornalísticos.

Foi identificada, também, uma ocorrência única nos *corpora* – a declaração textual entre aspas é antecidida por um primeiro verbo *dicendi*, antes da vírgula, a qual é seguida por um novo verbo *dicendi*: *E admite, "podem assumir inúmeras formas, como unir a personalidade de um animador a um produto, espectáculos ao vivo com integração de marcas ou a criação de músicas com letras criadas para passar uma mensagem comercial"*, explica. (DE, notícia, 24/1).

2.2.3. Contexto 3

Nos *corpora*, o uso da vírgula no terceiro contexto – indicar omissão de verbo – não é muito frequente, tendo-se identificado apenas 28 ocorrências limitadas, curiosamente, aos jornais brasileiros (ESP – 10; FSP – 9; GLO – 8; LAN – 1).

2.2.4. Contextos 4, 5 e 6

Não se registou qualquer ocorrência de vírgula nos quarto, quinto e sexto contextos, uma vez que os dois primeiros serão mais frequentes em cartas e textos do mesmo género, e que o sexto contexto – separar os elementos paralelos de um provérbio – se pode associar a textos literários.

2.2.5. Contexto 7

Já o número de ocorrências da vírgula no sétimo contexto – delimitar advérbios e adjuntos adverbiais – é bastante mais significativo, com um total de 721 ocorrências em jornais portugueses e 3959 nos brasileiros, presentes em todos os géneros jornalísticos e em

¹³⁸ Usou-se o itálico para assinalar os exemplos transcritos, nos quais as aspas são utilizadas como forma de assinalar a declaração textual.

todos os jornais, principalmente quando colocados em início de frase e intercalados no discurso jornalístico.

Identificaram-se, nos *corpora*, alguns advérbios intercalados na frase e delimitados por vírgulas. No **gráfico n.º 7**, é possível observar alguns destes advérbios, nomeadamente “afinal”, “assim”, “principalmente” e “também”, e a sua distribuição pelos jornais portugueses e brasileiros.

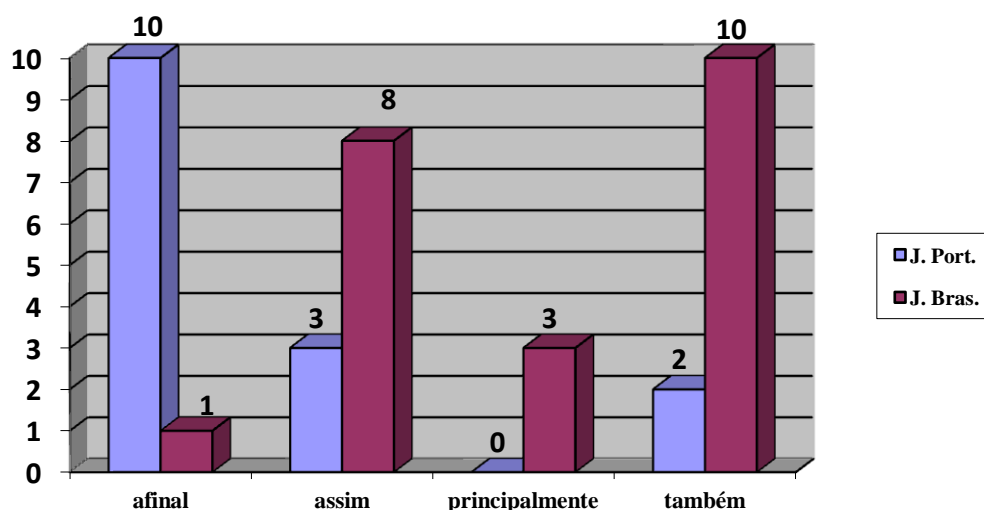


Gráfico n.º 7 – Advérbios intercalados entre vírgulas

Além das 11 ocorrências do advérbio “assim” entre vírgulas, procedeu-se à recolha de 19 ocorrências do mesmo advérbio em início de frase e seguido por vírgula tanto nos jornais portugueses como nos brasileiros (nove e dez, respetivamente)¹³⁹.

As três ocorrências de “principalmente” restringem-se aos jornais brasileiros (ESP, GLO e LAN). Em 17 outras ocorrências, este advérbio encabeça complementos adverbiais antecidos por vírgula (três, em jornais portugueses, e 14, nos brasileiros).

Em relação ao advérbio “também”, há apenas a acrescentar que, além das 12 ocorrências assinaladas no **gráfico n.º 7**, limitadas a entrevistas, crónicas e artigos de opinião, se identificou uma ocorrência isolada deste advérbio em final de frase e antecido por vírgula¹⁴⁰, presente num artigo de opinião divulgado no LAN.

¹³⁹ Por outro lado, também foi possível identificar ocorrências deste advérbio intercalado no meio de frases sem qualquer vírgula delimitativa (20 ocorrências), colocado em início de frase, também sem vírgula (3 ocorrências). Estas pertencem, em maior número, aos jornais portugueses.

¹⁴⁰ A título de curiosidade, apresenta-se aqui o exemplo citado: «Na vida as pausas são fundamentais e o silêncio, tão bem representado pelo trabalho de Von Sydow e especialmente por "O Artista", que conta a história de um astro de cinema mudo na Hollywood de 1927, também.» (LAN, opinião1, 28/2).

2.2.6. Contexto 8

No que respeita ao oitavo contexto, foram identificadas as ocorrências da vírgula na separação de palavras repetidas e na delimitação de constituintes – complementos direto, indireto e oblíquo –, antecipados ou realçados por este *pontema*. Estas perfizeram um total de 28 ocorrências (respetivamente cinco e vinte e três, nos *corpora* português e brasileiro). Usada para separar palavras repetidas, a vírgula ocorre no título de um artigo de opinião publicado no DE, numa entrevista do PUB, numa entrevista do ESP (duas ocorrências) e numa declaração textual presente numa notícia da FSP. As restantes 23 distribuem-se pelos vários jornais e pelos diferentes géneros jornalísticos.

2.2.7. Contexto 9

A fim de agilizar a análise dos dados, procedeu-se à divisão do nono contexto – delimitar as orações reduzidas de gerúndio, participio e infinitivo, orações adverbiais, especialmente quando antecipadas, orações ou locuções intercaladas –, visto que este corresponde à principal função da vírgula nos *corpora* estudados.

2.2.7.1. Orações gerundivas, infinitivas e participiais

Identificaram-se **658** ocorrências de vírgula na delimitação de orações gerundivas, **724** na circunscrição de orações participiais e **192** na separação de orações infinitivas¹⁴¹, correspondendo a um total **1574** ocorrências, distribuídas por todos os jornais, conforme ilustra o quadro a seguir.

	CM	DE	PUB	REC	ESP	FSP	GLO	LAN
Gerundivas	23	87	148	75	140	9	114	62
Participiais	35	24	108	43	263	27	164	60
Infinitivas	21	26	35	18	35	8	30	19

Quadro n.º 8 – Ocorrências da vírgula na separação de orações gerundivas, participiais e infinitivas

A observação do quadro *supra* indica que o número de ocorrências de vírgula na separação de orações gerundivas e de orações infinitivas é semelhante nos jornais portugueses e brasileiros: orações gerundivas: 333 e 325, respetivamente; orações infinitivas, 99 e 90. Já o

¹⁴¹ Este número não contempla as orações reduzidas infinitivas temporais, finais, causais, e outras, contabilizadas em conjunto com as restantes orações subordinadas adverbiais.

número de vírgulas delimitadoras de orações participiais nos jornais brasileiros é bastante superior ao dos jornais portugueses: 514 e 210, respectivamente.

Como referem Cunha e Cintra (2002: 586), a *polissemia conjuncional* leva a que o valor das conjunções esteja condicionado pelo contexto em que se inserem. Deste modo, considerou-se pertinente e útil a compartimentação das diversas orações adverbiais com base na sua localização – início de frase, final de frase e intercaladas –, uma vez que a mesma conjunção pode apresentar valores diferentes conforme o contexto. Serão, assim, analisadas as ocorrências de vírgula na delimitação de orações subordinadas adverbiais temporais, finais, condicionais, comparativas, causais e concessivas.

2.2.7.2. Orações temporais

Das **609** ocorrências de vírgulas que delimitam orações temporais nos *corpora*, **261** seguem oração em início de frase e **181** circunscrevem orações intercaladas. Apesar de não se preceituar o uso de vírgula antes das orações em final de frase, **167** surgem nesta posição.

As orações subordinadas temporais são, geralmente, introduzidas por algumas conjunções ou locuções subordinativas mais frequentes, a saber, “antes que”, “assim que”, “até que”, “depois que”, “desde que”, “enquanto”, “logo que”, “mal”, “quando”, “sempre que”, entre outras.

O **gráfico n.º 8** permite visualizar os principais introdutores de orações temporais.

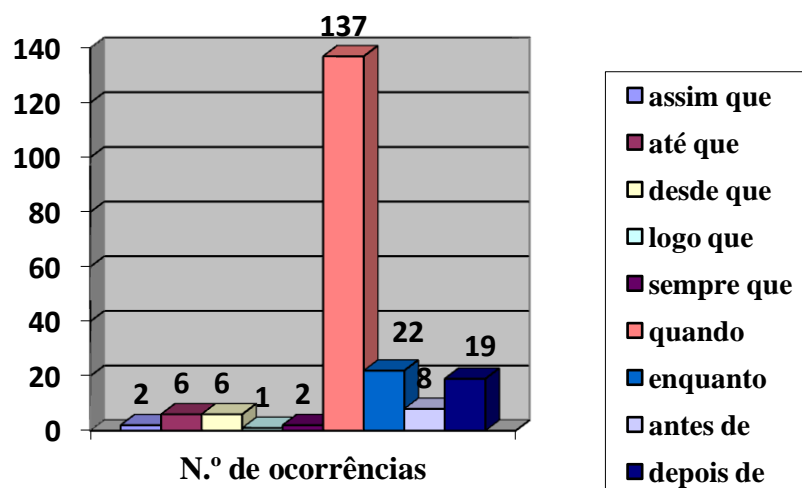


Gráfico n.º 8 – Principais introdutores de orações temporais

Nos *corpora*, as locuções conjuncionais “antes que” e “depois que” e a conjunção subordinativa temporal “mal” não têm qualquer ocorrência.

Por sua vez, a locução “assim que” introduz apenas duas orações temporais intercaladas e delimitadas por vírgulas em uma notícia do jornal *Lance!* (21 de fevereiro). Também as locuções “até que”, “desde que”, “logo que” e “sempre que” têm pouco sucesso nos *corpora* estudados. A primeira surge em seis ocorrências, antecedidas por vírgula, a iniciar oração temporal em final de frase¹⁴² (notícia – CM; artigo de opinião – PUB; entrevista – REC; artigo de opinião e entrevista – GLO; notícia – LAN). A locução conjuntiva temporal “desde que”¹⁴³, usada em início de frase e delimitada por vírgula, tem seis ocorrências, distribuídas por vários gêneros e jornais: entrevista (CM, GLO e LAN); notícia (2 no REC) e reportagem (ESP). Curiosamente, numa crónica do DE¹⁴⁴, esta locução posicionada em início de frase não é seguida por vírgula. A locução “logo que” apresenta uma única ocorrência numa entrevista da FSP, surgindo em final de frase antecedida por vírgula. A última (“sempre que”) tem duas ocorrências, abrindo oração intercalada por vírgulas: notícia de 17/1 do CM e entrevista de 7/2 do GLO.

A conjunção subordinativa “quando” é bastante mais recorrente nos dois *corpora*, distribuindo-se por todos os gêneros jornalísticos e por todos os diários estudados: **69** ocorrências estão presentes em orações intercaladas por vírgulas, **quatro** iniciam frase, seguidas por vírgula e **64** abrem oração antecedida por vírgula em final de frase. Nesta última situação, a presença da vírgula explica-se pelo facto de, frequentemente, delimitar uma oração temporal com valor explicativo ou resultar da presença de outro constituinte sintático.

Apresentando valor temporal, a conjunção “enquanto” contabiliza um total de 22 ocorrências, distribuídas por vários gêneros jornalísticos e por seis dos oito jornais (exceção REC e LAN): oito em orações intercaladas entre vírgulas; cinco em início de frase, seguidas de vírgula, e nove, em final de frase, antecedidas por vírgula.

Nos *corpora*, a vírgula delimita, ainda, orações reduzidas infinitivas introduzidas por “antes de” e “depois de”, distribuídas por todos os gêneros e jornais. Na primeira situação, quatro das orações estão intercaladas entre vírgulas, e quatro, antecedidas por vírgulas, localizam-se em final de frase. Já a segunda locução ocorre em 11 orações intercaladas por vírgulas e em oito orações em final de frase, precedidas por vírgula.

¹⁴² Em três das ocorrências, a vírgula pode dever-se à presença de outros constituintes sintáticos. Veja-se, por exemplo: “Vamos aceitando, por isso, que no-lo roubem aos bocadinhos, em pequenas garfadas, **até que** já não nos sobre dignidade nenhuma e nos vendamos por três vinténs.” (PUB, 17/1, artigo de opinião).

¹⁴³ Também foi encontrada a locução “desde que” com valor condicional.

¹⁴⁴ Eis a ocorrência: “Desde que chegámos à Argentina que o ambiente é extraordinário, com a população a mostrar enorme interesse.” (DE, 3/1).

2.2.7.3. Orações finais

Das **185** ocorrências de vírgulas que delimitam orações finais nos *corpora*, **55** surgem a delimitar esta oração em início de frase, **67** circunscrevem orações intercaladas, e **63** antecedem este tipo de oração em final de frase.

As orações subordinadas adverbiais finais são, geralmente, introduzidas por algumas locuções subordinativas mais frequentes, a saber, “a fim de” e “para que”. Por outro lado, as orações reduzidas infinitivas adverbiais finais são introduzidas por “para”.

Das **185** ocorrências, 16 delimitam orações introduzidas pela locução “para que”. Estas orações localizam-se, essencialmente, em final de frase (sete orações), mas também podem surgir antecipadas nas frases (quatro orações) ou intercaladas (três orações¹⁴⁵). Foram ainda registadas três ocorrências da vírgula antes de oração introduzida por “a fim de”, localizada em final de frase.

Identificaram-se também orações finais introduzidas por “de forma a” (três em final de frase), “com o objetivo de” (quatro em final de frase), “de maneira a que” (uma em final de frase), “de modo a” (uma em final de frase e outra intercalada com apenas uma vírgula) e “com a intenção de” (uma em início de frase). Estas orações são delimitadas por um total de 11 vírgulas.

As restantes 155 ocorrências de vírgula neste contexto reportam-se às orações reduzidas infinitivas adverbiais finais introduzidas por “para”: 50 vírgulas em orações antecipadas, 42 em orações em final de frase e 63 em orações intercaladas, distribuídas por todos os jornais e por todos os géneros jornalísticos.

2.2.7.4. Orações condicionais

Foram identificadas **272** ocorrências de vírgulas delimitadoras de oração condicional: 157 antecipadas, 29 em final de frase e 86 intercaladas. Estas orações são introduzidas pelas conjunções condicionais mais usuais, nomeadamente “se” e “caso”. Nos *corpora*, encontram-se apenas duas orações condicionais introduzidas pelas locuções subordinativas “a menos que” e “a não ser que”, antecedidas por vírgula. Ambas estão presentes no DE (notícia de

¹⁴⁵ Somando todas as ocorrências da vírgula neste contexto, contabilizam-se 16 ocorrências, sete antecedem as orações em final de frase, quatro seguem a oração antecipada em início de frase, e cinco delimitam as orações intercaladas, pois uma destas orações é delimitada por uma única vírgula, provavelmente devido à presença da conjunção “e”. Veja-se o exemplo: “**E para** que se tenha uma ideia da falência do modelo atual, com times e jogos demais, e de como a audiência diminuiu, vai aqui uma comparação entre tempos distintos.” (LAN, crónica, 14/2).

17/1 e reportagem de 10/1¹⁴⁶) em duas declarações textuais de terceiros. Com valor de condição, a expressão “desde que” introduz seis orações antecidas por vírgula e em final de frase, e, uma oração em início de frase. Estas estão presentes em textos jornalísticos diversos e na maior parte dos jornais estudados (DE, PUB, ESP, GLO, LAN)¹⁴⁷.

As **onze** orações condicionais introduzidas por “caso” ou “no caso de”, maioritariamente intercaladas e delimitadas por duas vírgulas¹⁴⁸, distribuem-se por todos os géneros jornalísticos, excluindo a entrevista, e por todos os jornais, à exceção de *O Globo*: CM (uma, notícia e uma, reportagem); DE (uma, notícia); REC (uma, reportagem); ESP (uma, opinião); FSP (uma, reportagem); LAN (duas, crónicas, e uma, notícia).

Nos *corpora*, a conjunção subordinativa “se” introduz **72** orações condicionais, distribuídas por todos os jornais e pelos vários géneros jornalísticos e, preferencialmente, intercaladas. Estas orações também foram encontradas em final de frase, antecidas por uma vírgula e, em dois textos¹⁴⁹, localizam-se em início de frase, seguidas por vírgula. O **quadro n.º 9** ilustra esta distribuição.

¹⁴⁶ Aqui ficam as frases em que ocorrem as duas situações: «"O contrato com a TVI termina no final de Maio e é renovado automaticamente, **a menos que** qualquer uma das partes decida o contrário".» (notícia, 17/1); «"Não creio que Ronaldo seja ultrapassado nesta questão, **a não ser que** sofra uma lesão grave.» (reportagem, 10/1).

¹⁴⁷ Eis as localizações exatas: DE, reportagem, 31/1; PUB, opinião, 7/2; ESP, entrevista, 10/1 e opinião, 3/1; GLO, opinião, 31/1; LAN, notícia, 14/2).

¹⁴⁸ Destas 11 orações condicionais, sete estão intercaladas, uma surge antecipada em início de frase, e três, em final de frase. Foram ainda localizadas cinco orações condicionais introduzidas por *caso* e localizadas em final de frase sem qualquer vírgula delimitativa. Curiosamente, uma das orações intercaladas é delimitada por uma única vírgula, talvez devido à presença de *pois*: «**Pois caso não ocorra algo de imponderável que só o futebol é capaz de produzir**, o campeonato do Rio em 2012 entrará para a lista do festival de besteiras que assola o país (febeapá), ao lado do BBB, do "ai se eu te pego" e do "menos Luiza, que está no Canadá".» (LAN, crónica, 24/1). Ainda mais curioso é o facto de, numa notícia deste mesmo jornal, na mesma situação, a oração condicional intercalada apresentar as duas vírgulas. Veja-se: «Nos últimos dias, como mostrado pelo LANCE! na edição de ontem, Bernardo tem sido sondado por outros clubes brasileiros, que acompanham de perto o desfecho da situação com o Cruz-Maltino, **pois, caso consiga a rescisão**, poderia se transferir sem custos.» (LAN, notícia, 21/2).

¹⁴⁹ Eis os dois exemplos: «**Se eu puder visualizá-lo, se o roteiro for forte o suficiente e se eu puder contar com a cooperação da equipe e dos atores**, eu poderia filmar com 1 milhão de dólares, sim.» (ESP, entrevista, 14/2); «**Se frustra a falta de novos e grandes nomes chegando, se não é bom para o negócio um mercado murcho e sem novos atrativos** (o que até acaba mudando a grade de transmissão de televisão aberta...), vai acabar sendo melhor para a bola ser melhor tratada por quem se conhece melhor.» (LAN, opinião, 24/1)

	Notícia			Reportagem			Entrevista			Crónica			Opinião		
	IF	FF	Int.	IF	FF	Int.	IF	FF	Int.	IF	FF	Int.	IF	FF	Int.
CM	---	---	---	---	2	1	---	---	---	---	---	2	---	---	---
DE	---	3	2	---	---	---	---	---	---	---	---	1	---	1	---
PUB	---	---	3	---	1	1	---	---	1	---	---	1	---	2	2
REC	---	---	1	---	1	2	---	---	---	---	---	---	---	2	5
ESP	---	---	---	---	1	3	3	2	---	---	---	---	---	---	1
FSP	---	---	2	---	---	---	---	---	2	---	---	4	---	---	4
GLO	---	---	---	---	1	1	---	---	---	---	1	1	---	1	5
LAN	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	2	---	4
Total	0	3	8	0	6	8	3	2	3	0	1	9	2	6	21

Quadro n.º 9 – N.º de orações condicionais introduzidas por “se” por jornal e género jornalístico

Em relação às orações intercaladas, em maior número em todos os jornais e em todos os géneros jornalísticos, convém referir que nem todas se encontram devidamente delimitadas por duas vírgulas. Numa crónica publicada em *Folha de S. Paulo* a 28 de fevereiro, foi possível identificar uma oração intercalada sem qualquer vírgula. Curiosamente, no mesmo texto, encontra-se outra oração introduzida por esta conjunção e intercalada, devidamente enquadrada por este *pontema*.¹⁵⁰ Em três outras situações, as orações apresentam apenas uma das vírgulas delimitadoras:

- (1) *Mas se essa linguagem for mantida de forma constante e com grande intensidade, torna-se apenas num ruído enervante e ineficaz* (REC, opinião, 21/2).
- (2) *Mas, segundo analistas, se o ex-governador de Massachusetts vencer mais uma vez na Carolina do Sul será muito difícil impedir que a vagado Partido Republicano fique com ele* (ESP, reportagem, 10/1).
- (3) *Para Churchill, se Hitler invadissem o inferno até o diabo mereceria ao menos uma palavra favorável* (GLO, opinião, 24/1).

Nos três casos acima apresentados, seria necessária mais uma vírgula para delimitar as orações subordinadas condicionais introduzidas por “se”. No exemplo (1), a ausência da primeira vírgula poderá ser explicada pela presença da conjunção adversativa “mas”. Já nos segundo e terceiro exemplos, não parece haver explicação aparente para a ausência da segunda vírgula, uma vez que as orações subordinadas nelas presentes foram antecipadas em relação à oração subordinante.

¹⁵⁰ A título de curiosidade, aqui fica o excerto: «E **se a Angelina Jolie emagrecer dez gramas** ela some no tapete! Um cara no meu Twitter disse que ela tá a cara da Noiva Cadáver! Não deve comer nada, **se vê uma fatia de abacaxi**, grita: "OBA!" Rarárá!»

2.2.7.5. Orações causais

Foram identificadas **249** ocorrências de vírgulas delimitadoras de orações causais. Estas orações podem ser introduzidas por várias conjunções ou locuções, nomeadamente “porque”, “pois”, “porquanto”, “como”, “já que”, “uma vez que”, “visto que” e “dado que”. À exceção das orações introduzidas pela conjunção “como”, que costumam localizar-se, preferencialmente, em início de frase, este tipo de oração surge, geralmente, em final de frase ou, em menor número, intercalada na frase.

A conjunção “porquanto” ocorre uma única vez no *corpus* português, num artigo de opinião publicado a 3 de janeiro no *Público*, anunciando uma oração subordinada causal posicionada em final de frase. Por sua vez, a locução “visto que” surge em duas ocorrências no *corpus* português: na reportagem do DE, publicada a 24 de janeiro, introduz uma oração em final de frase; numa notícia do REC, publicada a 7 de fevereiro, inicia uma oração intercalada na frase.

O **gráfico n.º 9** permite visualizar a distribuição e o número de ocorrências dos restantes introdutores de orações causais acompanhados por vírgula.

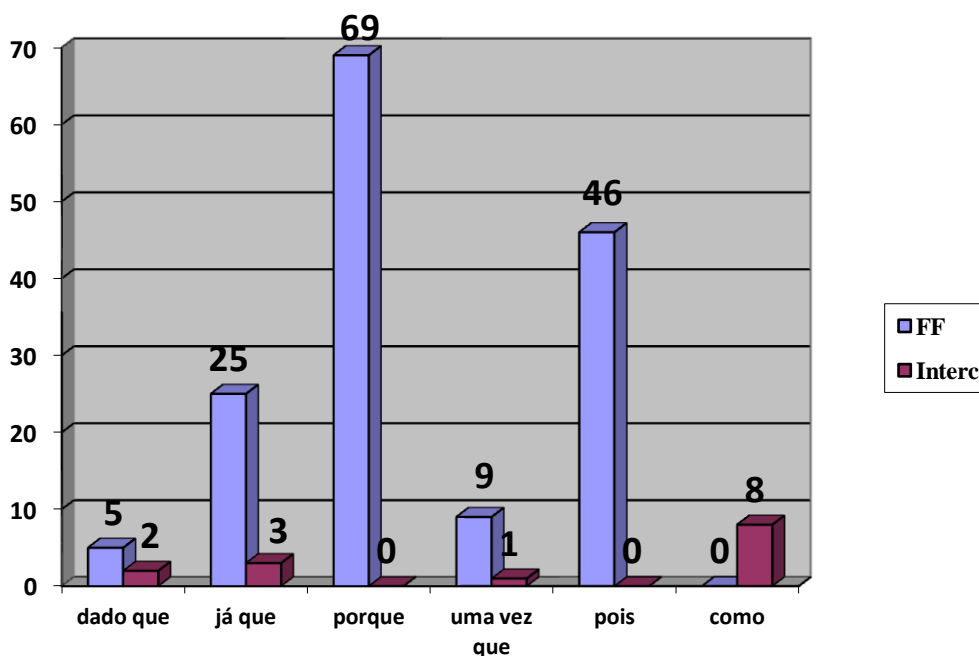


Gráfico n.º 9 – Principais introdutores de oração causal

Da leitura do gráfico acima, deduz-se que a conjunção “como” introduz, preferencialmente, orações causais em início de frase. Foram identificadas 27 orações deste

género nos *corpora*, distribuídas por todos os géneros jornalísticos e por todos os jornais, à exceção do DE¹⁵¹.

As conjunções “pois” e “porque”, que podem ser classificadas como explicativas ou causais¹⁵², introduzem, preferencialmente, orações localizadas em final de frase. Importa ainda referir que, ao passo que “pois” introduz sempre uma oração causal posicionada em final de frase e antecedida por vírgula – a única exceção prende-se com o facto de a oração ser antecedida por travessão¹⁵³ –, a conjunção “porque” nem sempre é delimitada por vírgula, quando introduz uma oração causal em final de frase¹⁵⁴ e, por vezes, abre este tipo de oração em início de frase.

2.2.7.6. Orações concessivas

Nos dois *corpora*, foram identificadas **322** orações concessivas, **113** em início de frase, **89** em final de frase e **120** intercaladas. Os introdutores mais comuns deste tipo de orações são conjunções, locuções ou outro tipo de palavras, a saber: “ainda que”, “apesar de”, “conquanto”, “embora”, “mesmo que”, “não obstante”, “se bem que”, “posto que”. Este último não ocorre nos *corpora*.

O **gráfico n.º 10** permite visualizar o número de ocorrências de cada um destes introdutores, desde que acompanhados de uma ou duas vírgulas¹⁵⁵, presentes em todos os géneros jornalísticos e em todos os jornais dos *corpora*.

¹⁵¹ Neste jornal, foram identificadas duas das oito orações intercaladas introduzidas por esta conjunção (uma em uma crónica; a outra em artigo de opinião). As restantes seis orações intercaladas fazem parte do PUB (uma, crónica; uma, entrevista), do REC (uma, reportagem), do ESP (uma, opinião), da FSP (uma, crónica) e do GLO (uma, crónica).

¹⁵² A distinção entre estes dois tipos de orações foi feita manualmente.

¹⁵³ A título de curiosidade, fica aqui o exemplo: «Outro, indispensável, é a atuação célere e efetiva do Judiciário no julgamento e punição dos culpados – pois a impunidade é a principal aliada dos que se sentem estimulados ao enriquecimento fácil à custa do contribuinte.» (FSP, opinião, 3/1).

¹⁵⁴ Confirmou-se esta situação em mais de 100 casos.

¹⁵⁵ Foram localizados alguns destes introdutores sem qualquer vírgula delimitativa, não contabilizados neste ponto.

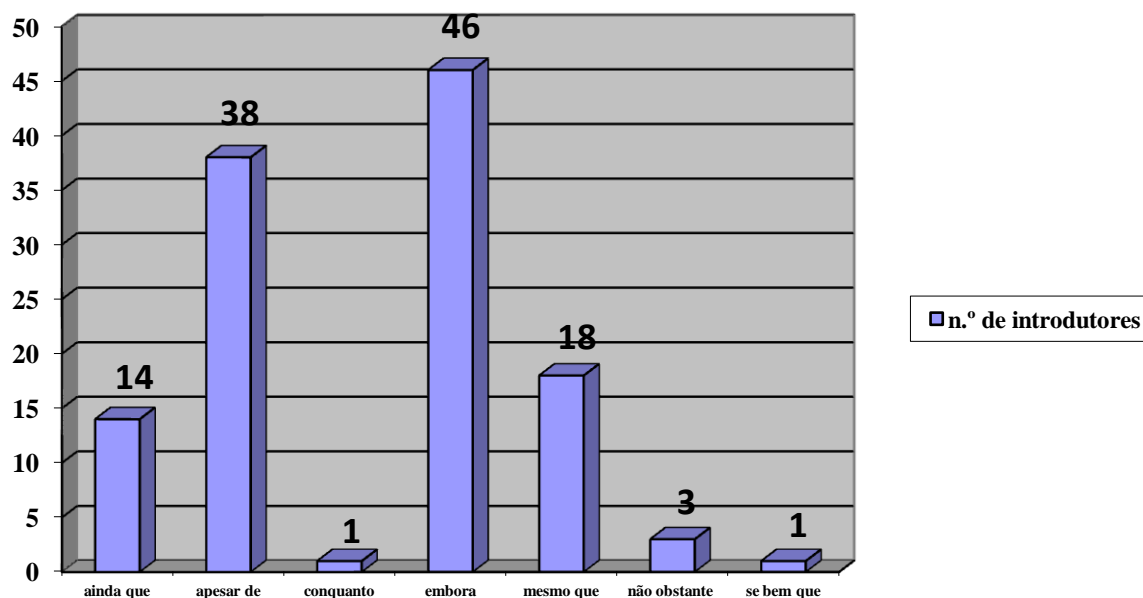


Gráfico n.º 10 – Principais introdutores de orações concessivas

Vejamos agora cada um destes introdutores.

Em relação a “ainda que”, das 14 ocorrências, sete encabeçam oração concessiva em final de frase, três anunciam oração intercalada entre vírgulas, quatro abrem oração concessiva em início de frase. É de referir que algumas destas orações se apresentam com o verbo subentendido ou oculto: duas em final de frase; três intercaladas; uma em início de frase¹⁵⁶.

O introdutor “apesar de” ocorre sempre em orações reduzidas infinitivas. Como se pode observar no **gráfico n.º 10**, esta expressão ocorre em 38 orações, distribuídas por todos os jornais e pelos vários géneros jornalísticos (à exceção do artigo de opinião): 11, em final de frase; 14, intercaladas; 13, em início de frase. Os únicos dados de interesse dizem respeito à existência, no DE, de uma oração em início de frase sem vírgula delimitadora¹⁵⁷ e à delimitação de duas orações concessivas com ponto, curiosamente, em dois artigos de opinião do DE e do ESP¹⁵⁸.

¹⁵⁶ Veja-se um exemplo de cada uma destas situações: «"Apesar de tudo, acabou por ser muito divertido", afirmou LeBron James no final, **ainda que com alguma amargura na voz.**» (REC, notícia, 28/2); «Como os próprios bancos já enfrentam suas dificuldades e seus governos não conseguem mais capitalizá-los, a moratória, **ainda que muito esperada**, pode produzir novos tremores.» (GLO, opinião, 17/1); «**Ainda que de forma menos expressiva**, Berlim acaba assim por cumprir a sua ambição desde o início da crise da dívida de penalizar de alguma forma os juros dos países sob programa de ajuda financeira.» (DE, reportagem, 17/1).

¹⁵⁷ É esta a oração mencionada: «**Apesar de ter caído AA+** conseguiu colocar com êxito 8,59 mil milhões de euros, a uma taxa ainda mais baixa que no passado.» (DE, reportagem, 17/1).

¹⁵⁸ Os exemplos são estes: «Apesar de a Caixa continuar a ser o maior banco português.» (DE, opinião, 31/1); «Apesar de serem 99% do número total de empresas brasileiras.» (ESP, opinião, 7/2).

Com uma ocorrência isolada, a conjunção “conquanto” introduz uma oração com o verbo subentendido num artigo de opinião do ESP:

Nele, por inteiro, se põe em evidência o segredo de Polichinelo da modernização brasileira, que, desde sempre, de Vargas a JK, passando pelo regime militar e que ora se renova, **conquanto de modo velado**, nos governos Lula e Dilma Rousseff, se radica no pacto implícito – quando necessário, explicitado – entre as elites modernas e as tradicionais, no caso em tela, dos seus setores vinculados social e politicamente à história do exclusivo da terra e ao sistema de controlo autocrático que ele impôs no hinterland (14/2).

Já o sucesso da conjunção “embora” é bastante superior, encontrando-se em todos os jornais e nos diversos géneros jornalísticos representados nos *corpora*. Das 46 ocorrências desta conjunção subordinativa, 17 encabeçam orações concessivas localizadas em final de frase¹⁵⁹, 19 iniciam orações intercaladas entre vírgulas e 10 abrem orações concessivas antecipadas, em início de frase, e separadas por vírgula. Importa referir que, em duas das orações em final de frase, o verbo encontra-se subentendido, assim como em três das orações intercaladas e em uma das orações antecipadas.

À semelhança das suas congéneres, é possível descobrir a locução “mesmo que” a abrir orações concessivas posicionadas em início de frase (quatro), em final de frase (cinco) e intercaladas (nove). Apesar de não ocorrer em todos os jornais – excluem-se FSP e LAN –, a locução é transversal a todos os géneros jornalísticos. Há apenas a salientar três factos em relação a esta locução: abre três orações concessivas em final de frase, não antecedidas por vírgula; encabeça duas orações delimitadas por ponto; uma das orações intercaladas não é delimitada por uma segunda vírgula devido à presença de parênteses¹⁶⁰.

¹⁵⁹ Encontrou-se uma oração concessiva encabeçada por esta conjunção, localizada em final de frase, sem vírgula delimitativa: «Uma proposta de aumentar o tecto do fundo de resgate permanente para 750 mil milhões de euros, dos actuais 500 mil milhões, foi discutida **embora a decisão final fique para a cimeira dentro de uma semana**.» (DE, reportagem, 24/1).

¹⁶⁰ Vejam-se as orações mencionadas nas três situações: 1) «Porque, como de facto no tempo do mudo, eles falam uns com os outros **mesmo que não haja som**.» (PUB, entrevista, 14/2); «Propõem-nos, no essencial, trocar um bibelô eleito pelas pessoas, de cinco em cinco anos, por um adereço extravagante que ninguém escolheu e cujo bisneto seria rei **mesmo que fosse um pouco atrasado mental**.» (PUB, opinião, 7/2); «Esta determinação foi criada em 1992 pela BOA, e elimina tais atletas **mesmo que estes alcancem índices para competir**.» (LAN, reportagem, 31/1); 2) «**Mesmo que seja para a vender numa melhor altura**.» (DE, opinião, 3/1); «**Mesmo que não sejam eles a pagar**.» (PUB, crónica, 24/1); 3) «E, **mesmo que não seja adoptada por agora** (à hora que escrevo não se conhece a decisão da cimeira europeia) ela está no ar do tempo.» (PUB, opinião, 31/1)

Das três ocorrências de “não obstante”, duas abrem oração intercalada¹⁶¹ e outra, uma oração em final de frase, sendo que esta última não apresenta verbo.

Por fim, a única ocorrência de “se bem que” localiza-se num artigo de opinião publicado a 14 de fevereiro no ESP¹⁶²:

Na sociologia brasileira, Sergio Miceli, ex-discípulo de Bourdieu, Leôncio Martins Rodrigues e Jessé de Souza [...] têm demonstrado em seus influentes trabalhos o papel explicativo, **se bem que não determinante**, da origem social a fim de dotar, ou de privar, os indivíduos do capital social que lhes vai demarcar, positiva ou negativamente, seus lugares em termos de poder ou de prestígio social.

2.2.7.7. Orações comparativas/conformativas

São em grande número as construções comparativas¹⁶³/conformativas identificadas nos *corpora* e delimitadas por vírgula. Este *pontema* circunscreve não só as que se encontram antecipadas na frase (165 ocorrências) ou intercaladas (227) como também as que se posicionam em final de frase (294 ocorrências). Há ainda a mencionar que, em muitas destas orações, o verbo se encontra subentendido.

Estas orações são introduzidas por “como”, “assim como”, “como se”, “conforme”, “segundo”, entre outros introdutores, geralmente acompanhados por vírgulas delimitativas, como foi possível observar nos *corpora*. O **gráfico n.º 11** apresenta o número de ocorrências de cada um destes introdutores.

¹⁶¹ Uma delas não apresenta qualquer vírgula delimitativa: «O gesto mais eloquente de que **não obstante seja discreta** está disposta a pôr o governo a serviço do projeto partidário, **foi** a transferência da realização do Enem, o exame de avaliação de desempenho que tantos problemas causou aos estudantes do ensino médio, para depois das eleições. (ESP, opinião, 24/1). Neste exemplo, constata-se que uma vírgula separa, inevitavelmente, o sujeito do verbo “foi”.

¹⁶² Encontrou-se uma segunda ocorrência desta expressão numa oração delimitada por ponto: «Se bem que eu não a conheço.» (CM, entrevista, 28/2).

¹⁶³ Rodrigues (2006) distingue “construções comparativas oracionais” e “construções comparativas não-oracionais”.

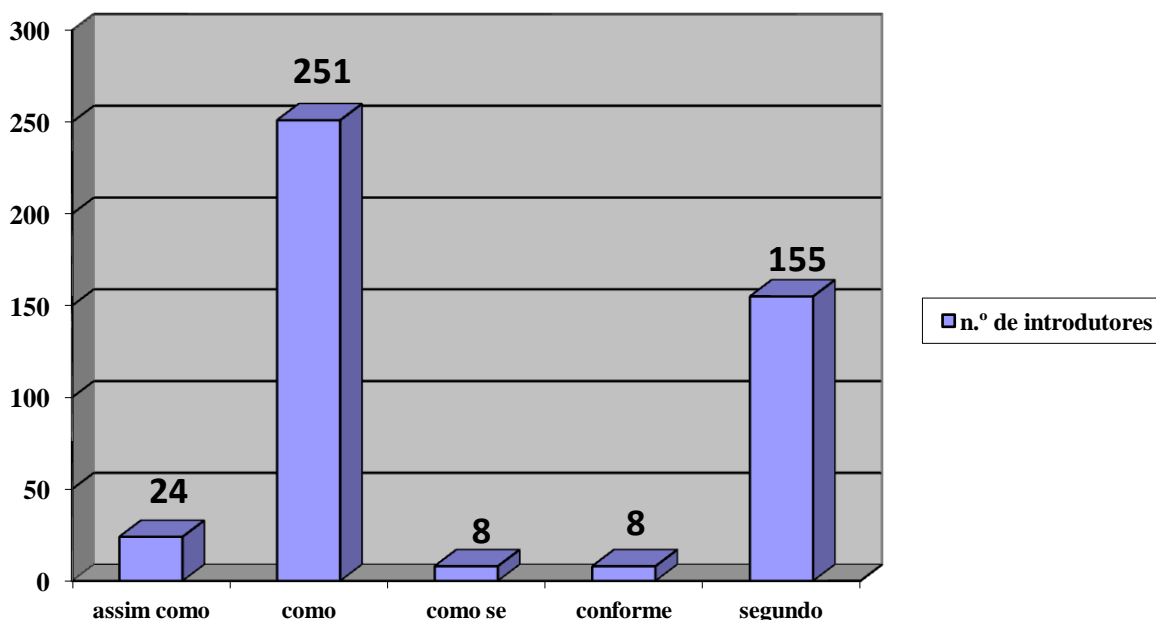


Gráfico n.º 11 – Contabilização dos introdutores de orações e construções não-oracionais comparativas/conformativas

A frequência da conjunção “como” é evidenciada nos *corpora*, uma vez que introduz **108** orações subordinadas comparativas/conformativas, distribuídas por todos os jornais e por todos os géneros jornalísticos¹⁶⁴. Do total de orações, 47 encontram-se em final de frase. Regista-se uma única oração antecedida em início de frase. As restantes 60, a maioria, estão intercaladas nas frases.

Com um número bastante inferior de ocorrências (10), o introdutor “assim como” abre cinco orações em final de frase, quatro, em início de frase, e uma intercalada. Por outro lado, introduz **14** “construções não-oracionais”: cinco, em final de frase; cinco, em início de frase; quatro, intercaladas. É possível localizar este introdutor em todos os jornais, à exceção do CM, e em todos os géneros jornalísticos.

Já a locução “como se” inicia, preferencialmente, orações em final de frase. São oito estas orações que se registam nos jornais PUB (uma, entrevista), REC (uma, opinião), ESP (três, crónicas) e FSP (uma, entrevista; duas, reportagens). No GLO, esta locução introduz uma oração intercalada num artigo de opinião.

¹⁶⁴ É ainda maior na introdução de “construções não-oracionais”: um total de 143 conjunções em construções localizadas em final de frase (77) e em início de frase (2) e intercaladas (64).

A conjunção “conforme”, presente tanto nos jornais portugueses como nos brasileiros, em textos informativos e opinativos, inicia oito orações: seis, em final de frase; duas, em início de frase¹⁶⁵.

Por último, o introdutor “segundo” encabeça apenas sete orações: duas, em final de frase; três, em início de frase; duas, intercaladas¹⁶⁶. Contudo, enquanto introdutor de construções não-oracionais, o seu sucesso nos *corpora* é bastante superior: das 148 ocorrências registadas, 18 iniciam construções em final de frase; 98, em início de frase; 32, intercaladas. A explicação para este êxito prende-se com a necessidade de os jornalistas atribuírem a terceiros a autoria de algumas declarações ou ideias, como a seguir se exemplifica: *Segundo ele, se isso ocorrer, as sanções entram em "colapso"*. (ESP, reportagem, 24/1).

2.2.8. Contexto 10

O décimo contexto de uso da vírgula diz respeito à separação dos advérbios “sim” e “não”. Nos dois *corpora*, regista-se em todos os jornais, e com maior presença em entrevistas, crónicas e artigos de opinião. Foram identificadas **51** ocorrências do advérbio de afirmação, acompanhado por uma ou duas vírgulas, conforme a sua posição na frase. O **quadro n.º 10** permite visualizar a distribuição por género jornalístico e pela posição na frase.

	Total	Notícia			Reportagem			Entrevista			Crónica			Opinião		
		IF	FF	Int.	IF	FF	Int.	IF	FF	Int.	IF	FF	Int.	IF	FF	Int.
CM	8	--	--	--	--	--	--	7	--	--	--	--	--	--	--	1
DE	4	--	--	1	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	1	1
PUB	6	--	--	--	--	--	--	4	--	--	--	--	1	--	1	--
REC	8	--	--	--	--	--	--	4	1	1	2	--	--	--	--	--
ESP	14	--	--	1	--	--	--	3	2	2	--	--	2	--	--	4
FSP	2	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	1	--	--	--
GLO	6	--	--	1	--	--	1	--	1	--	--	--	--	--	--	3
LAN	3	--	--	--	--	--	1	--	1	--	1	--	--	--	--	--
Total	51		3			2		26			8			12		

Quadro n.º 10 – Ocorrências do advérbio “sim”

¹⁶⁵ Eis a localização destas orações: CM, notícia, 10/1; DE, reportagens, 17/1 e 31/1; ESP, notícia, 14/2 e opinião, 24/1; LAN, reportagem, 3/1 (final de frase); PUB, opinião, 10/1; GLO, reportagem, 3/1 (início de frase).

¹⁶⁶ Estas orações podem encontrar-se nos seguintes textos: CM, reportagem, 3/1 (interc.); PUB, opinião, 24/1 (FF); REC, notícia, 21/3 (FF); GLO, crónica, 7/2 (interc.); DE, notícia, 31/1; LAN, notícia, 21/2 (IF).

Nos *corpora*, identificaram-se 15 ocorrências do advérbio “sim” sem uma ou as duas vírgulas delimitativas, o que, em princípio, equivale a desvios pontuacionais. Estes serão analisados no capítulo II.

Por sua vez, nos *corpora*, são 15 as ocorrências do advérbio de negação devidamente acompanhado de vírgula: dez situam-se em início de frase, quatro encontram-se intercalados por vírgulas, e um surge em final de frase. Estas ocorrências localizam-se, principalmente, em entrevistas (nove) e crónicas (cinco), publicadas em todos os jornais, à exceção do CM. A 15.^a integra uma declaração textual presente numa reportagem do PUB.

2.2.9. Contexto 11

Por fim, de acordo com o último contexto de uso da vírgula, definido a partir dos manuais de redação, este *pontema* antecede conjunções adversativas como “mas”, “porém”¹⁶⁷, entre outras. A seguir, expõem-se as opções encontradas nos *corpora* para marcar oposição.

Perfazendo um total de **938** ocorrências, pode dizer-se que a conjunção adversativa “mas”¹⁶⁸ é bastante recorrente nos *corpora*. Esta conjunção inicia 321 frases e introduz 617 orações coordenadas adversativas. Destas últimas, apesar das prescrições relativas ao uso de vírgula antes destas orações, 56 não são antecidas por este *pontema*. A análise destes “desvios” permite-nos restringi-las quase exclusivamente aos jornais portugueses (CM – 8; DE – 8; PUB – 23; REC – 10; ESP – 3; GLO – 4), localizando-se, contudo, não só em textos redigidos pelos autores de crónicas e artigos de opinião (11 e 12, respetivamente) mas também em notícias (8), reportagens (11) e entrevistas (14). Em seis casos, esta ausência deve-se à presença do travessão antes da conjunção.

Por outro lado, nas frases iniciadas por esta conjunção também foi possível identificar dez casos em que se usa uma vírgula, inexplicável, a seguir a “Mas”, apesar de as regras a proscureverem neste contexto¹⁶⁹. Outros desvios pontuacionais poderão ser observados no capítulo II.

O **gráfico n.º 12** ilustra a distribuição dos restantes indicadores de oposição e a sua posição na frase.

¹⁶⁷ Segundo a gramática tradicional, são várias as conjunções e locuções coordenativas adversativas: “mas”, “porém”, “contudo”, “todavia”, “no entanto” (Cf. Cunha e Cintra, 1992: 576) Atualmente, em Portugal, o *Dicionário Terminológico* inclui-as numa subclasse dos advérbios, os conectivos, mantendo “mas” como única conjunção adversativa. Ora, esta nova classificação permite que estes advérbios conectores surjam entre vírgulas, mesmo no começo de uma oração.

¹⁶⁸ Acompanhado de “também”, este vocábulo introduz orações coordenadas copulativas. Estas não foram objeto de análise neste ponto.

¹⁶⁹ Estes casos serão analisados no ponto 10 do Capítulo II, da Parte II.

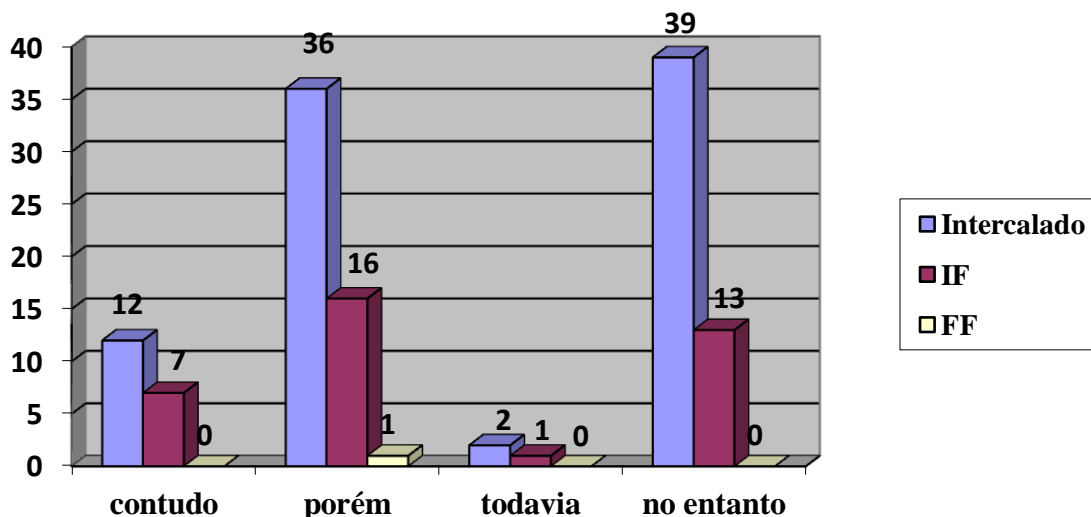


Gráfico n.º 12 – Marcadores de oposição

Das 19 ocorrências de “contudo”, constata-se que a maioria (12) vem enquadrada por duas vírgulas, localizando-se no meio da frase. Estas ocorrências distribuem-se por três jornais portugueses (um caso em cada jornal – CM, DE e PUB) e por três jornais brasileiros (ESP, 2; FSP, 6; GLO, 1). As restantes localizam-se em início de frase, sendo seguidas de vírgula em seis dos casos. Apenas uma destas ocorrências em início de frase não é delimitada por vírgula¹⁷⁰.

O conector “porém” é mais recorrente nos *corpora*. Intercalado entre vírgulas, corresponde a 36 das 56 ocorrências totais. Surge ainda antecedido por vírgula, no final de **uma** frase, e abre 15 frases, seguido de vírgula, e, **uma** frase, sem qualquer vírgula delimitativa¹⁷¹. Nas restantes três ocorrências, não assinaladas no gráfico n.º 12, “porém” introduz, efetivamente, oração adversativa, como se pode observar abaixo:

(1) Uma longa reunião para tentar alcançar um acordo tripartido, que fontes das negociações davam como "quase certo", **porém** até à hora de fecho desta edição ainda não havia confirmação (REC, notícia 2, 17/1).

(2) Custa mais, **porém** vale a pena (ESP, crónica, 7/2).

(3) "The silence kills" foi lançado por uma gravadora focada em techno e eletrônica, **porém** pelo menos três lançamentos recentes do selo, os discos de Dillon, We Love e Aérea Negrot, não são exatamente música para as pistas de dança (GLO, entrevista, 10/1).

¹⁷⁰ É este o exemplo: «**Contudo** a sociologia já é uma disciplina científica estabelecida e há tempos fixou como critério na investigação social operações de escrutínio dos dados referentes às origens sociais dos atores sob sua observação.» (ESP, opinião, 14/2).

¹⁷¹ Transcreve-se esta situação: «Porém ela pode moderar o calibre da redução.» (ESP, opinião, 17/1).

Com três únicas ocorrências nos *corpora* (uma, no PUB, duas no ESP), o conector *todavia* surge enquadrado por vírgulas em duas frases e abre uma outra frase.

Já a locução *no entanto* apresenta **52** ocorrências nos *corpora*: 37 surgem intercaladas entre vírgulas no meio da frase; duas – ambas pertencentes à reportagem publicada a 24 de janeiro no PUB –, apesar de interpostas no meio da frase, não são delimitadas por qualquer vírgula¹⁷²; as restantes 13 estão posicionadas em início de frase, seguidas de vírgula.

2.2.10. Outros contextos

Além dos 11 contextos analisados nos parágrafos anteriores, é possível associar o uso da vírgula a outras situações, designadamente a algumas expressões explicativas – “isto é”, “por exemplo”, “ou seja” –, a expressões como “sem dúvida”, a conectores, a saber, “portanto”, “pois”, “por isso”, “logo” e “por conseguinte”; e ainda a certas orações coordenadas.

Em relação às primeiras, e mais especificamente a “isto é”, foram localizadas três ocorrências desta expressão em início de frase e seguida por vírgula (DE – 1 em entrevista; ESP – 1 em artigo de opinião, 1 em crónica) e uma intercalada entre vírgulas (ESP, opinião).

Já a expressão “por exemplo” apresenta maior relevância nos *corpora* estudados: das 52 ocorrências, 40 estão intercaladas entre vírgulas, sendo transversais a todos os jornais e a todos os géneros jornalísticos; quatro surgem em final de frase, antecedidas por vírgula; oito em início de frase, seguidas por vírgula¹⁷³.

A expressão “ou seja” ocorre intercalada entre vírgulas (17 ocorrências) e em início de frase, seguida de vírgula (sete). Casos há em que esta expressão é antecedida por dois pontos ou por travessão e seguida por vírgula (uma e quatro ocorrências, respetivamente). No entanto, também se registam, curiosamente apenas nos jornais portugueses, sete situações em que esta expressão não é seguida pela segunda vírgula¹⁷⁴.

¹⁷² Eis os casos mencionados: «Atenas anunciou **no entanto** à noite que, no seguimento da reunião de ontem, "as negociações vão continuar de forma intensa, devendo o governo apresentar uma proposta formal aos privados a 13 de Fevereiro.»; «A exigência dos privados é **no entanto** combatida tanto pela Alemanha como pelo FMI, sob o argumento que agravará as dificuldades de Atenas no que toca ao reembolso da dívida e não garante a sua sustentabilidade.»

¹⁷³ No entanto, também foram encontradas ocorrências desta expressão sem qualquer vírgula, a saber: «Vejam um exemplo de equívoco: praticamente um terço do público que acompanha **por exemplo** o campeonato do Rio é de gente que entra nos estádios sem pagar [...]» (LAN, crónica, 21/2); «**Por exemplo** a gravação das audiências tem hoje muito menos percalços que há cinco anos.» (PUB, entrevista, 14/2).

¹⁷⁴ São estes os casos: «Mesmo assim, a ideia de Paris e Berlim é que "este fundo reúna uma certa quantia [25%] dos valores não comprometidos [com projectos] em 2011 nestes Estados", **ou seja** nem sequer a totalidade.» (DE, reportagem, 24/1); «Esta é a primeira noite dos desfiles de 2012, a noite do Grupo de Acesso, **ou seja** Segunda Divisão.» (PUB, crónica, 21/2); «Se o regime não implodir, instalar-se-á o caos, **ou seja** o cenário mais temido em todas as capitais [...]» (PUB, opinião 2, 7/2); «Estão, no entanto, garantidos os serviços mínimos

A expressão de opinião “sem dúvida” não tem êxito nos *corpora* analisados. Aliás, não ocorre em jornais portugueses, estando restringida a artigos de opinião e entrevistas – enquadradas em declarações dos entrevistados – nos jornais brasileiros. Assinalam-se, assim, num total de seis ocorrências, quatro em que a expressão¹⁷⁵ se encontra intercalada entre vírgulas; uma ocorrência em final de frase, antecedida por vírgula; uma ocorrência em início de frase, seguida de vírgula.

Os conectores “portanto”, “pois”, “por isso”, “logo” e “por conseguinte” surgem, principalmente, intercalados por vírgulas, apesar de nem todos se restringirem a esta posição na frase. O **gráfico n.º 13** ilustra a sua distribuição em jornais portugueses e brasileiros.

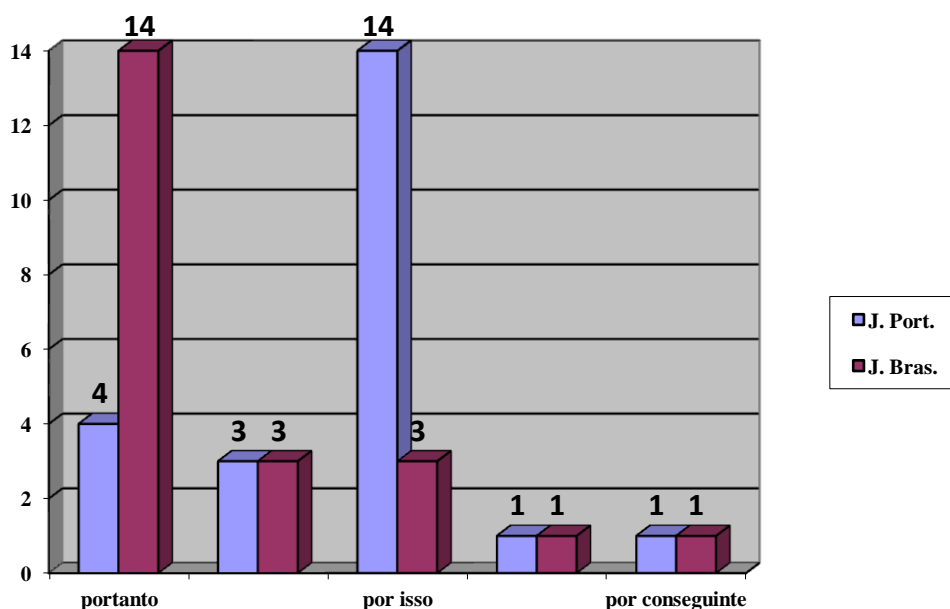


Gráfico n.º 13 – Conectores intercalados entre vírgulas

O conector “portanto” surge, ainda, em início de frase em quatro ocorrências, seguido de vírgula (uma em uma crónica do DE e uma em outra entrevista do PUB; uma em uma entrevista do ESP e uma em outro artigo de opinião da FSP). Foram, também, localizadas quatro ocorrências em jornais portugueses (uma no DE, três no PUB) em que este conector, inserido na frase, não está delimitado por qualquer vírgula.

decretados pelo tribunal arbitral, que, segundo a CP, abrangem a realização de 162 comboios, **ou seja** "cerca de 19 por cento da oferta" da CP [...]» (REC, notícia 2, 21/2); «Pela primeira vez desde que há registo, **ou seja** 1960, o número de vítimas mortais nas estradas portuguesas ficou abaixo das 700.» (REC, notícia 1, 3/1); «Em 2011 venderam-se 153.433 carros, menos 80 mil do que em 2010, **ou seja** uma queda de 31,3%: pior resultado desde 1988.» (*Ibidem*); «BOSS AC – Sim, o próprio álbum chama-se "AC para os amigos" e parto do princípio que vou ter mais amigos – **ou seja** as pessoas que vão comprar e ouvir o álbum [...]» (REC, entrevista, 7/2).

¹⁷⁵ A expressão apresenta as variantes “sem dúvida nenhuma” e “sem dúvida alguma”.

Por sua vez, o conector “pois” também surge sem estar delimitado por vírgulas em quatro ocorrências recolhidas no *corpus* português: três em artigos de opinião do CM; uma numa reportagem do DE.

O mesmo sucede com “por isso”: existem 20 ocorrências (13 no *corpus* português; sete no brasileiro) em que a expressão não é delimitada por qualquer vírgula, apesar de inserida na frase. Em quatro ocorrências (três no *corpus* português; uma no brasileiro), surge também em início de frase sem estar separada por vírgula.

Algumas conjunções e locuções conjuncionais coordenativas determinam o uso de vírgula delimitativa. Por exemplo, de acordo com Cunha e Cintra (2002: 643), sempre que a conjunção copulativa “e” introduz uma oração com sujeito diferente, é necessária uma vírgula antes desta conjunção. Devido à elevada quantidade de dados, foi-nos impossível analisar, manualmente, caso a caso, todas as ocorrências de “e”¹⁷⁶. Contudo, ao longo da análise de dados, apercebemo-nos de que aquela diretriz nem sempre é seguida. A locução “mas também”, acompanhada ou não de “não só”, introduz igualmente oração copulativa. Em relação a esta locução, identificaram-se 35 ocorrências (21, no *corpus* português; 14, no brasileiro) em que a vírgula antecede oração coordenada copulativa. Estas distribuem-se por todos os jornais dos *corpora*, à exceção do CM, e por todos os géneros jornalísticos, embora sejam predominantes em entrevistas e nos textos de opinião.

Também as orações coordenadas conclusivas, bem como os seus introdutores, a saber “portanto”, “por isso” e “logo”, motivam a existência de vírgula delimitativa. Ainda que estes casos não sejam muito representativos nos *corpora*, assinalam-se quatro ocorrências de vírgula a anteceder “portanto”, seis antes de “por isso” e uma a preceder “logo”.

Embora não possa ser considerada *pontema* neste contexto, em 369 casos, a vírgula estava inserida em números para separar a parte inteira da decimal. Este procedimento é usado em todos os jornais dos *corpora*, conforme ilustra o **gráfico n.º 14**, maioritariamente no *corpus* brasileiro e no ESP.

¹⁷⁶ A aplicação usada permite-nos contabilizar 5916 ocorrências desta conjunção (cf. Parte I, Cap. II, 4.1.).

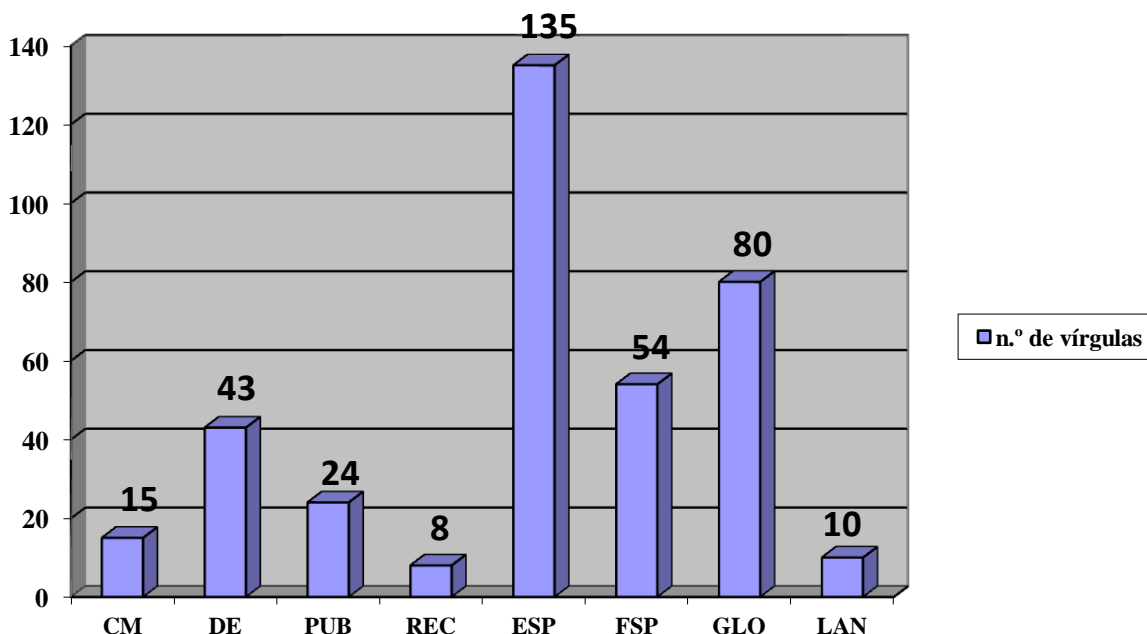


Gráfico n.º 14 – N.º de ocorrências de vírgula dentro de números

Nos *corpora*, a vírgula é usada, ainda, para separar os elementos que exercem a mesma função sintática. Assinalam-se 1625 ocorrências da vírgula neste contexto, distribuídas por todos os jornais e por todos os géneros jornalísticos. O gráfico n.º15 permite visualizar a distribuição das ocorrências da vírgula por jornal.

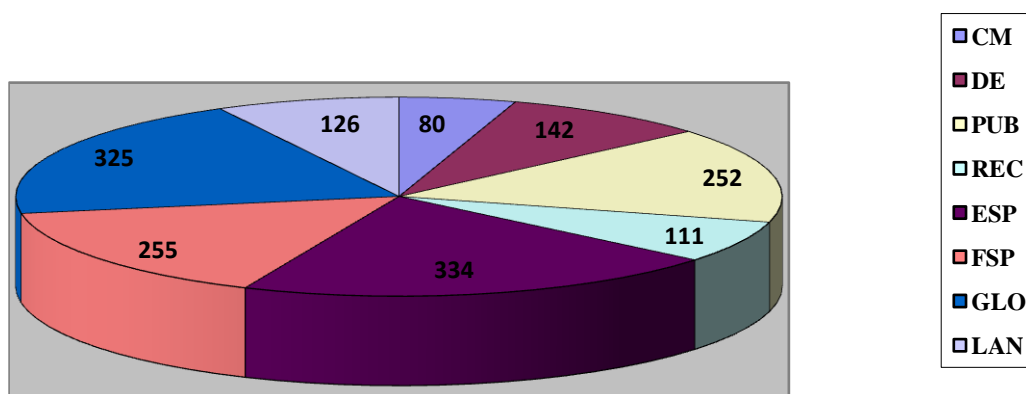


Gráfico n.º 15 – N.º de vírgulas separadoras de elementos com mesma função sintática

Como se comprova no gráfico n.º 15, no *corpus* brasileiro as ocorrências da vírgula neste contexto quase duplicam face ao *corpus* português: 1040 e 585, respetivamente.

2.3. Dois pontos

Como unidade de pontuação geral, este *pontema* correspondeu durante muito tempo à pontuação fraca ou média, entre a vírgula e o ponto final, ou seja, apresentando uma função delimitadora média. O uso deste *pontema* dependia da extensão do enunciado.

Nas obras gramaticais dos séculos XVI e XVII, os dois pontos são já prescritos para introduzir citações e discurso direto, seguidos de letra capital. Esta prática generaliza-se, gradualmente, ao longo do século XVII e, a partir do século XVIII, especializa-se no efeito de “anúncio” de citação, sentença, máxima, explicação, causa, consequência ou síntese, isolada ou em conjunto com as aspas e o travessão.

Nos manuais de redação, esta é, igualmente, a principal função que lhe é adstrita: este *pontema* deve ser usado para anunciar citações, com verbo expresso ou oculto; enumerações, exemplificações, sínteses e esclarecimentos. Deve ainda usar-se depois de vocativos que encabeçam cartas, requerimentos e ofícios, mas é proscrito em “títulos para introduzir retransmissão ou procedência e assim ganhar espaço” (Manual de Redação do ESP).

Os dois pontos ocupam a sexta posição no *ranking* dos *pontemas* mais usados nos *corpora*: 1,82%, que correspondem a **645** ocorrências, **297** em jornais portugueses e **348** em jornais brasileiros, distribuídas pelos *corpora*, conforme se observa no **gráfico n.º 16**.

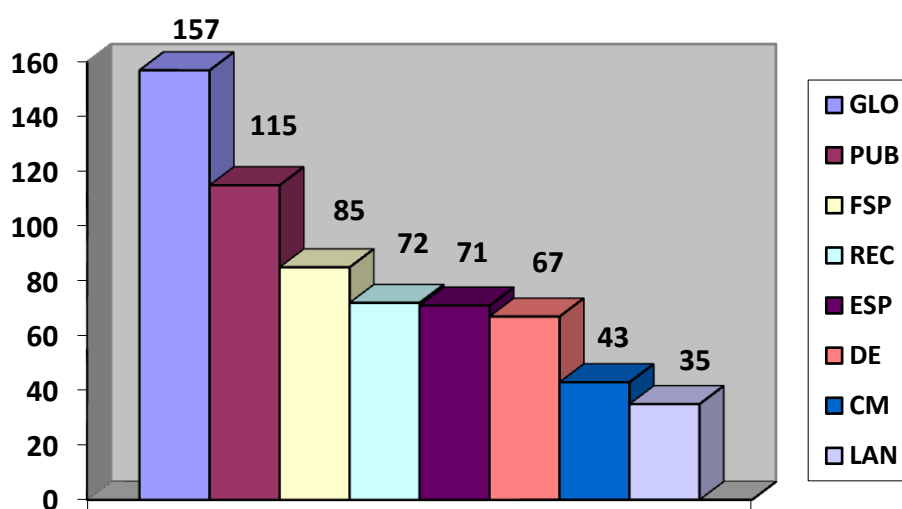


Gráfico n.º 16 – N.º de ocorrências de dois pontos por jornal

Uma das funções deste *pontema*, como referido atrás, é o anúncio de declarações textuais delimitadas por aspas duplas. O **quadro n.º 11** ilustra a distribuição das 171 ocorrências deste *pontema* nesta função, por jornal e por género jornalístico.

jornais	gênero	Notícia	Reportagem	Entrevista	Crónica	Opinião	Total
CM		7	8	---	---	5	20
DE		1	10	2	1	2	16
PUB		5	23	8	2	2	40
REC		8	14	3	1	2	28
ESP		3	3	5	10	---	21
FSP		2	1	10	7	1	21
GLO		1	---	13	---	8	22
LAN		---	1	---	1	1	3
Total		27	60	41	22	21	171

Quadro n.º 11 – N.º de dois pontos anunciadores de declaração textual por jornal e género jornalístico

Identificaram-se, ainda, sete ocorrências de dois pontos, seguidos de aspas simples, a delimitar declarações textuais incluídas em outras declarações:

- uma em uma reportagem do CM;
- uma em uma entrevista do PUB;
- quatro em três entrevistas da FSP;
- uma num artigo de opinião do GLO.

Em 45 ocorrências, os dois pontos, colocados em final de linha, anunciam discurso direto antecedido por travessão:

- duas em uma crónica do PUB;
- duas no ESP, uma em uma entrevista e outra em uma crónica;
- quatro na FSP, em uma entrevista, um artigo de opinião e duas crónicas;
- 33 em textos jornalísticos variados do GLO, mas com predomínio da notícia e da reportagem;
- quatro no LAN, em duas notícias e duas reportagens.

Por ser a solução preferida para delimitação das declarações textuais em detrimento das aspas duplas, este procedimento destaca-se no jornal *O Globo*.

Não obstante ser proscrito o uso deste *pontema* pelo manual de redação do ESP, nos títulos dos textos jornalísticos identificaram-se nove ocorrências ilustrativas deste procedimento. Destas, duas registaram-se no título de duas notícias, uma do GLO e outra do LAN. Sete foram recolhidas em jornais portugueses:

- uma no antetítulo de uma reportagem do DE;

- três no PUB: nos títulos de uma crónica, de uma entrevista e de um artigo de opinião;
- uma no antetítulo de uma reportagem do PUB;
- duas nos títulos de dois artigos de opinião do REC.

Presentes em todos os jornais e nos vários géneros jornalísticos, **395** ocorrências dos dois pontos antecedem enumerações, explicações e esclarecimentos, tal como preconizado nas gramáticas e nos manuais de redação.

Registou-se, todavia, um uso diferente no jornal *O Globo*: em 13 ocorrências repartidas por duas entrevistas, as declarações do entrevistado são precedidas pelo seu nome escrito em maiúsculas e por este *pontema*.

Foi também identificada uma ocorrência de dois pontos, seguidos de travessão sem marcação de parágrafo, a preceder uma declaração textual (entrevista de 28 de fevereiro do GLO). Não sendo este o procedimento habitual neste jornal, a explicação para esta ocorrência poderá encontrar-se na necessidade de economizar espaço.

Para finalizar, foram registadas seis ocorrências no interior de títulos de filmes, livros ou artigos citados: três no PUB; duas no ESP; uma no LAN.

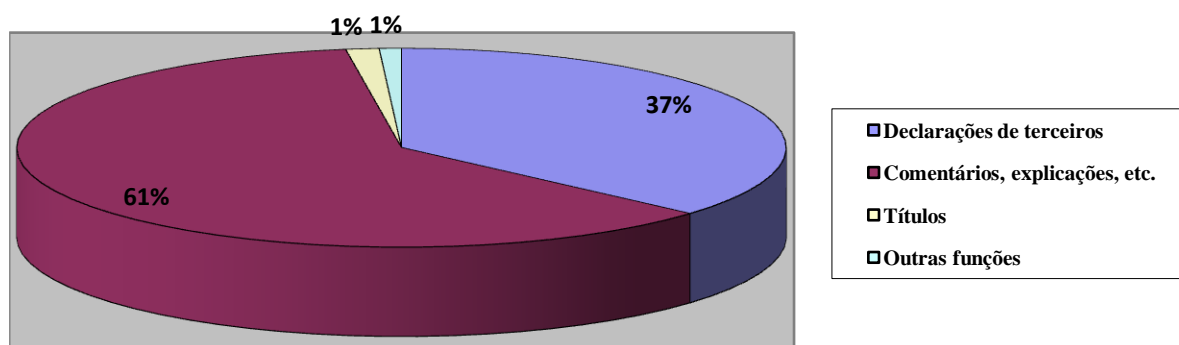


Gráfico n.º 17 – Percentagem de ocorrências de dois pontos por função

2.4. Ponto e vírgula

De uso muito raro até ao século XVII, sendo inclusive considerado por Nunes de Leão (1576: 76v) uma “invêção de pouca utilidade, e desnecessaria, e que eu não imitaria. Porque pelos pontos antigos [leia-se ponto, vírgula e dois pontos] se distingue tudo, e este faz mais torvação, que distinção, que he o fim dos pontos”, este *pontema* apresentava, no século XVII, um valor intermédio entre o valor delimitativo e distintivo dos dois pontos e o da vírgula. Além de ser usado para delimitar “sentença imperfeita”, ou seja, para separar os membros das cláusulas, preceituava-se na marcação de oposição e na introdução de uma explicação.

No século XVIII, Madureira Feijó (1734: 125-126) prescreveu-o antes das conjunções e locuções conjuncionais e para separar verbos antónimos.

Função semelhante lhe conferiram Gomes (1831) e Castilho (1870): o ponto e vírgula coloca-se “entre orações, que encerrão verbos, que tem um sentido opposto” e antes de “*Mas, Ainda que, Supposto que, Todavia, &c.*” (Gomes, 1831: 33).

Atualmente, este valor de pontuação média da frase mantém-se neste “*signe de ponctuation qui déchaîne les passions*” (Drillon, 1991: 366). Esta é, aliás, a principal função que lhe é atribuída nos manuais de redação: separa ou liga duas frases interdependentes; separa as partes de um período que já contemple o uso de vírgulas; delimita orações iniciadas por conjunção ou advérbio que indique restrição ou conclusão, quando se pretende dar destaque a esse sentido; demarca os itens das leis, enumerações, regulamentos, entre outros; divide orações coordenadas, não unidas por conjunção, desde que tenham relação entre si.

De acordo com os nossos dados, o ponto e vírgula é o *pontema* menos usado do primeiro subconjunto funcional, ocupando a nona posição no “ranking” dos *pontemas* estudados – **0,61%**, equivalentes a **217** ocorrências, **65** em jornais portugueses e **152** em jornais brasileiros.

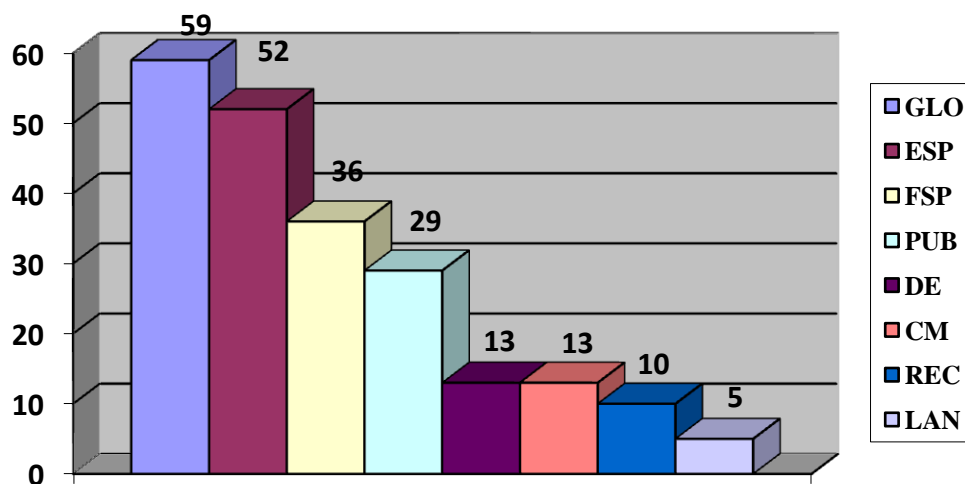


Gráfico n.º 18 – N.º de ocorrências de ponto e vírgula por jornal

Como demonstra o gráfico acima, este *pontema* surge com maior representatividade nos chamados jornais de referência (GLO, ESP, FSP, PUB) e, com destaque, nos jornais brasileiros (**70,05%**, face a **29,95%** de ocorrências nos portugueses).

Apesar da dificuldade na diferenciação dos contextos de uso desta unidade pontuacional, com base nas funções apontadas nos manuais de redação, nos nossos *corpora* definiram-se os seguintes contextos:

- a) demarcar os membros de enumerações;
- b) separar ou ligar duas orações interdependentes ligadas por conjunção: “e” (b.1); “mas” (b.2); “ou” (b.3); “logo” (b.4);
- c) outros contextos de uso.

contextos	a)	b)				Total	c)
		1)	2)	3)	4)		
jornais							
CM	4	5	--	2	--	7	2
DE	4	2	--	--	--	2	7
PUB	4	3	2	--	--	5	20
REC	5	1	--	1	1	3	2
ESP	19	6	1	4	--	11	22
FSP	5	3	--	--	--	3	28
GLO	25	1	3	--	--	4	30
LAN	5	--	--	--	--	--	--
Total	71¹⁷⁷	21	6	7	1	35	111

Quadro n.º 12 – N.º de ocorrências de ponto e vírgula por contexto e por jornal

O **quadro n.º 12** ilustra as ocorrências do ponto e vírgula em cada contexto e em cada jornal.

Em relação às ocorrências registadas em “outros contextos”, foi possível discriminar algumas situações específicas no uso do ponto e vírgula:

- no CM, uma das ocorrências delimita uma oração introduzida pela conjunção “enquanto”, indicadora de oposição;
- no DE, uma das ocorrências antecede o pronome relativo “o que”, assinalando uma consequência;
- no PUB, duas das 20 ocorrências demarcam ideias opostas;
- na FSP, das 28 ocorrências, 17 registam-se em entradas ou subtítulos de textos representativos de diferentes géneros jornalísticos: crónica, artigo de opinião, notícia, reportagem e entrevista;
- no ESP, as 22 ocorrências localizam-se também em entradas ou subtítulos dos diversos textos jornalísticos; três das mesmas anunciam oposição de ideias;
- no GLO, três das 30 ocorrências estão presentes em entradas ou subtítulos; três delimitam uma ideia oposta e duas anunciam uma conclusão.

¹⁷⁷ O último elemento da enumeração é, frequentemente, antecedido pela conjunção copulativa “e”; no entanto, essas ocorrências não foram contabilizadas no contexto b.1.

3. PONTEMAS ASSOCIADOS À EXPRESSÃO DE MODALIDADE

Este segundo subconjunto integra o ponto de interrogação, o ponto de exclamação e as reticências. Ocupando a sétima, décima e décima primeira posição do *ranking*, respetivamente, o ponto de interrogação (1,59%), as reticências (0,49%) e o ponto de exclamação (0,44%) contabilizam o seguinte número de ocorrências:

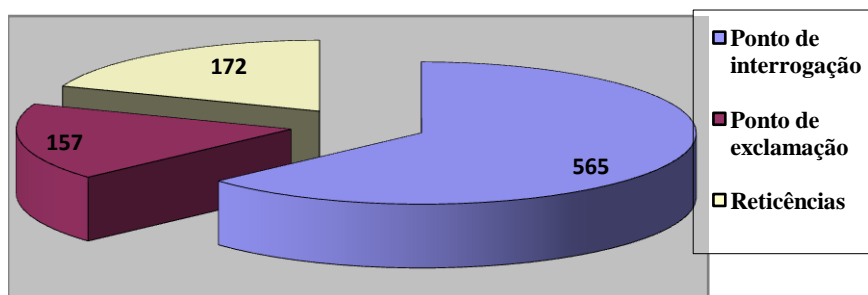


Gráfico n.º 19 – N.º de ocorrências de cada *pontema* associado à expressão de modalidade

3.1. Ponto de interrogação

A primeira ocorrência desta unidade pontuacional, que agrupa dois valores – o de pausa lógica, indicando fim de frase, e um valor modal, simultaneamente sintático e entoacional – data do século IX.

De acordo com os manuais de redação, o ponto de interrogação serve para introduzir interrogações, ainda que retóricas, sendo, todavia, proscrito nas interrogações indiretas, e devendo ser usado nos títulos apenas em casos muito especiais.

Pelas suas características técnicas, a entrevista é o texto jornalístico informativo que mais recorre a este *pontema*. Deste modo, não surpreende o facto de 352 das 565 ocorrências contabilizadas nos *corpora* se reportarem, especificamente, a entrevistas.

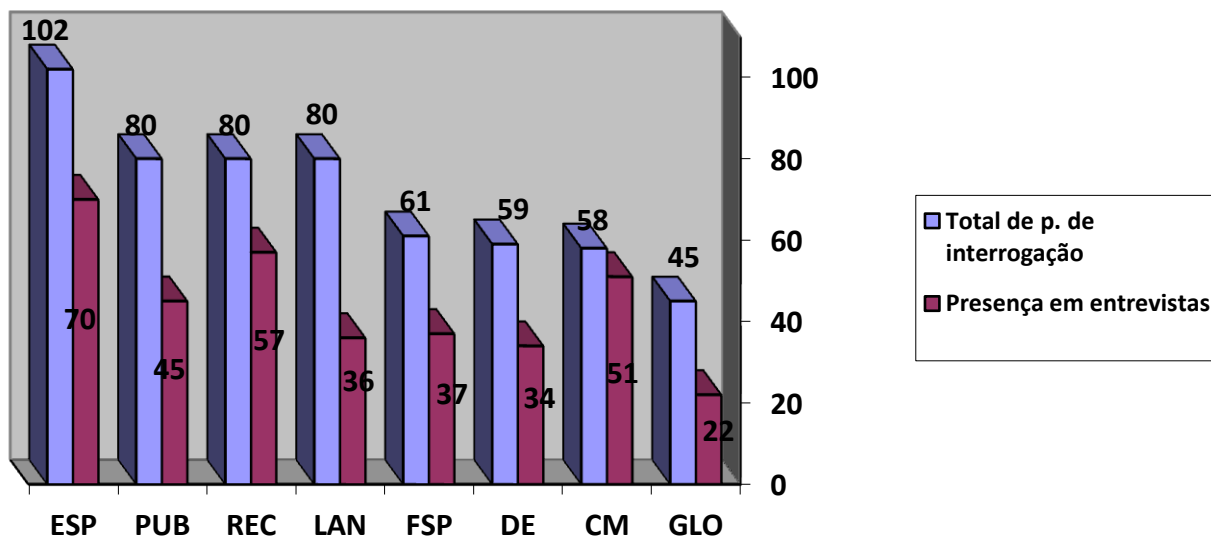


Gráfico n.º 20 – N.º total de pontos de interrogação por jornal e n.º de ocorrências em entrevistas

As restantes **213** ocorrências foram recolhidas nos restantes textos jornalísticos analisados, distribuindo-se de acordo com o **gráfico n.º 21**.

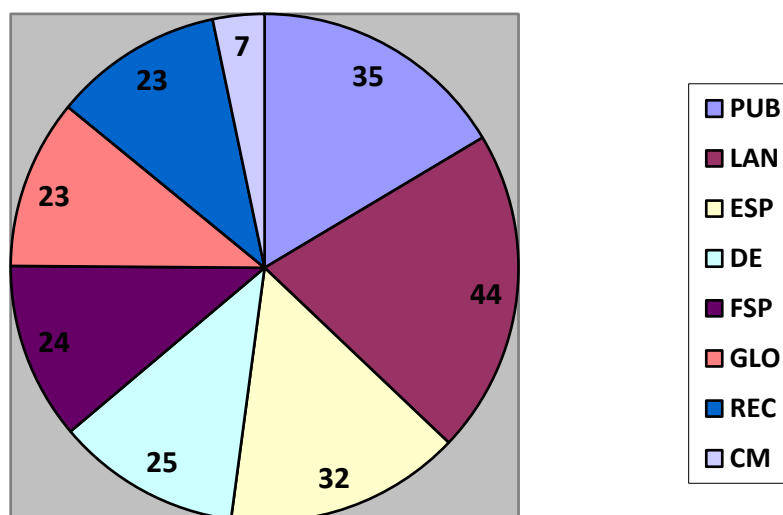


Gráfico n.º 21 – Outras ocorrências de ponto de interrogação por jornal

As sete ocorrências do CM pertencem a quatro artigos de opinião.

As 25 ocorrências do DE abrangem situações diversificadas:

- 19 em crónicas ou artigos de opinião (uma ocorrência no título de uma das crónicas);
- três em notícias (as questões levantadas pelos jornalistas foram respondidas quer pelo próprio jornalista quer por alguém ouvido em discurso direto);

- três em declarações textuais presentes em reportagens.

À semelhança do DE, 23 das 35 ocorrências do PUB figuram em crónicas ou artigos de opinião (na crónica de 28 de fevereiro, finaliza o título do texto e no artigo de opinião de 28 de fevereiro termina uma interrogação presente no subtítulo), ao passo que as restantes 12, presentes em reportagens, assinalam questões presentes nas declarações textuais de terceiros ou levantadas pelos repórteres (duas delas presentes em intertítulos de reportagens).

Quanto ao REC, não é apresentada qualquer novidade no que respeita aos usos do ponto de interrogação. Neste jornal, registam-se 23 ocorrências: 20 em crónicas e artigos de opinião (cinco – uma finaliza o título da crónica de 7 de fevereiro – e 15, respetivamente), duas em questões levantadas pelo jornalista em reportagens e uma em uma declaração textual presente em uma notícia.

As 32 ocorrências do ESP correspondem a situações similares às dos seus congéneres portugueses: 24 em crónicas e artigos de opinião; seis em notícias; duas em reportagens. Apenas um facto a salientar: uma questão ouvida pelo repórter abre a reportagem de 21 de fevereiro, não sendo, contudo, delimitada por aspas.

Das 24 ocorrências de FSP, 22 integram crónicas (a de 31 de janeiro apresenta uma interrogação no título) e artigos de opinião, enquanto duas correspondem a duas notícias (uma delas finaliza uma questão presente no título do texto).

Das 23 ocorrências de GLO, 17 registam-se em artigos de opinião e crónicas (o título da crónica de 21 de fevereiro é uma questão), e seis em declarações textuais presentes em reportagens.

No LAN, as 44 ocorrências distribuem-se desta forma: 30 em artigos de opinião e crónicas (o título da crónica e do artigo de opinião de 3 de janeiro é uma questão) e 14 numa notícia de 24 de janeiro, na qual o jornalista coloca uma série de questões.

3.2. Ponto de exclamação

Mais tardio que o seu congénere – o ponto de interrogação –, o ponto de exclamação começou a autonomizar-se progressivamente com os humanistas italianos no século XV. Contudo, até ao século XVI partilhou uma figura ou representação gráfica com o ponto de interrogação.

Desaconselhado, segundo os manuais de redação, quer em textos jornalísticos quer nos títulos destes, o ponto de exclamação deve ser usado apenas nas declarações textuais. Não obstante esta proscricção, foram contabilizadas **157** ocorrências desta unidade (**0,44%**), **125** em jornais brasileiros e **32** em jornais portugueses, distribuídas da seguinte forma:

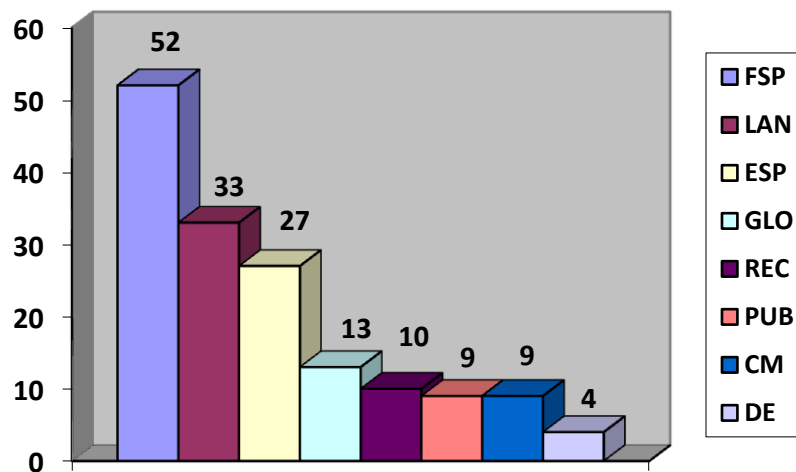


Gráfico n.º 22 – N.º de ocorrências de ponto de exclamação por jornal

Quanto às ocorrências registadas em jornais portugueses, as nove do CM foram encontradas em crónicas e artigos de opinião; as quatro do DE integram uma crónica, uma entrevista, um artigo de opinião e uma declaração textual entre aspas, presente numa notícia. As nove levantadas no PUB constam de: duas declarações textuais presentes numa reportagem (uma das ocorrências corresponde a um conjunto de três pontos de exclamação usado para salientar a emoção transmitida pela pessoa ouvida pelo jornalista), uma entrevista, um artigo de opinião e uma crónica (três ocorrências neste último texto); das dez do REC, quatro foram recolhidas em três entrevistas, uma num artigo de opinião, duas numa crónica e três em declarações textuais presentes em três reportagens.

As ocorrências dos jornais brasileiros seguem as mesmas tendências registadas nos jornais portugueses. As 27 do ESP encontram-se distribuídas da seguinte forma:

- sete presentes em declarações textuais – uma em uma notícia; cinco numa reportagem; uma em outra reportagem;

- quatro, em duas entrevistas;

- três, em três artigos de opinião;

- 13, em três crónicas (11 no mesmo texto).

Apesar de a FSP registar um número elevado de ocorrências (52), 44 foram recolhidas na mesma crónica (28 de fevereiro). As restantes constam de outra crónica (três) e de duas entrevistas (uma e quatro, respetivamente).

As 13 ocorrências do GLO apresentam a seguinte distribuição:

- sete em quatro artigos de opinião (um deles com três ocorrências);

- uma numa declaração textual presente numa reportagem;

- cinco em duas entrevistas, com duas e três ocorrências, respetivamente.

Das 33 ocorrências registadas no *Lance!*, 17 devem-se a citações do nome do próprio jornal, cujo título contempla este *pontema* (LANCE!, L! ou LANCENET!). As restantes (16) foram identificadas nas seguintes situações:

- oito em títulos, antetítulos ou subtítulos de reportagens e notícias (duas e seis, respetivamente), apesar de o uso desta unidade ser proibido pelos manuais de redação nesta situação;

- duas em duas crónicas;

- quatro em quatro artigos de opinião;

- uma em uma declaração textual presente numa reportagem;

- uma na notícia de 7 de fevereiro, que já tinha sido encabeçada por um título finalizado por ponto de exclamação.

3.3. Reticências

Não tendo ainda lugar nas obras gramaticais do século XVI a XVIII por nós analisadas, graças a novos recursos tipográficos, esta unidade pontuacional adquire estatuto de *pontema* no século XIX, motivo por que Gomes (1831) e Castilho (1870) a adota para suspender o discurso (*vide* capítulo 1, ponto 2).

Usadas para indicar suspensão de ideias, subentendidos, abreviação de enumerações muito longas e marcação de hesitação, as reticências são de evitar nas notícias e em textos jornalísticos semelhantes, mas, entre parênteses (retos, segundo o *Livro de Estilo do Público*, ou curvos, no manual de *O Estado de S. Paulo*), assinalam um corte na transcrição da declaração textual ou citação. Das **171** ocorrências registadas nos *corpora*, apenas 11 ilustram esta última prescrição (3 no CM; 2 no DE; 1 no PUB; 4 na FSP e 1 no GLO). Saliente-se o facto de todas estas ocorrências surgirem entre parênteses curvos.

Outro dado curioso diz respeito ao facto de as ocorrências encontradas nos jornais portugueses quase duplicarem as dos jornais brasileiros, como se pode comprovar no seguinte gráfico:

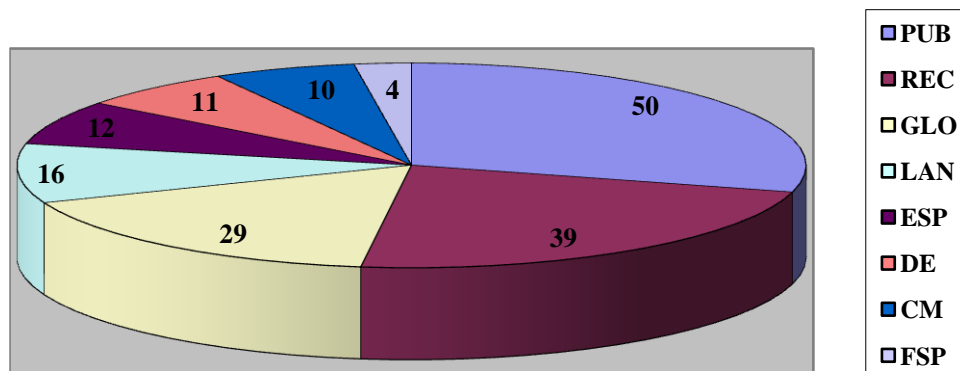


Gráfico n.º 23 – N.º de reticências por jornal

As dez ocorrências registadas no CM correspondem às seguintes situações:

- três surgem enquadradas por parênteses curvos, marcando o corte de citações (uma num editorial e duas no mesmo artigo de opinião);
- duas finalizam a declaração do entrevistado em duas entrevistas;
- uma finaliza o título de uma crónica;
- quatro são usadas em uma crónica e artigos de opinião, no fim de afirmações. Numa destas ocorrências, as reticências assinalam o *suspense* antes do anúncio de um nome¹⁷⁸.

As 11 ocorrências do DE representam estas situações:

- duas registadas em notícias, acompanhadas de parênteses curvos, indicam a supressão de uma declaração textual;
- uma finaliza o antetítulo de uma entrevista;
- em quatro entrevistas, três são usadas para finalizar afirmações dos entrevistados e uma, para demonstrar a hesitação de outro entrevistado;
- uma finaliza uma frase presente em uma crónica;
- três pretendem criar o efeito de uma contagem decrescente num artigo de opinião.

Das 50 ocorrências do PUB, 21 foram encontradas na entrevista de 21 de fevereiro, marcando a hesitação, a suspensão de ideias quer do entrevistador, quer do entrevistado. Na verdade, esta é uma situação recorrente em outras cinco entrevistas, nas quais se contabiliza um total de 11 ocorrências.

¹⁷⁸ O exemplo ilustrativo é este: “O terreno é adquirido a um preço exorbitante por uma empresa pública, a STCP, cujo presidente de então dependia organicamente de... Valentim Loureiro” (artigo de opinião de 7 de fevereiro).

Em cinco reportagens identificou-se um total de 11 ocorrências: dez finalizam declarações textuais de terceiros (9) ou frases dos repórteres (1) e, curiosamente, uma interrompe o título do texto, pretendendo causar um efeito de surpresa¹⁷⁹.

Em cinco crônicas/artigos de opinião, registaram-se seis ocorrências: quatro delimitam frases; uma assinala uma interrupção no artigo de opinião para assinalar *suspense*; uma é usada antes de ponto de exclamação no final do título de um artigo de opinião.

Por fim, as reticências são usadas dentro de parênteses curvos para truncar uma declaração textual presente numa notícia.

As 39 ocorrências encontradas no REC ilustram as mesmas situações de uso dos periódicos portugueses anteriores:

- 15 em crônicas/artigos de opinião;
- cinco em reportagens;
- 18 em entrevistas;
- uma em uma notícia.

Usando as reticências na notícia, o jornalista pretendeu criar um efeito de surpresa, ao interromper a frase¹⁸⁰, efeito esse que se repetiu, curiosamente, em oito ocorrências, abrangendo crônicas, artigos de opinião e duas reportagens (as de 10 e 31 de janeiro¹⁸¹).

Embora em menor número, as ocorrências registadas nos jornais brasileiros parecem abarcar os mesmos contextos de uso apurados nos portugueses.

Das 12 ocorrências do ESP:

- três pertencem a três entrevistas;
- sete, a três crônicas/artigos de opinião;
- duas estão presentes em duas declarações textuais presentes em uma notícia e uma reportagem.

As quatro ocorrências da FSP estão delimitadas por parênteses curvos, sendo usadas para registrar o corte de declarações textuais em duas notícias.

Das 29 ocorrências do GLO:

- 18 constam do mesmo artigo de opinião (14 de fevereiro);

¹⁷⁹ Eis o título da reportagem de 14 de fevereiro: “Países do euro deverão amanhã salvar a Grécia da bancarrota... por agora”.

¹⁸⁰ É este o exemplo recolhido na notícia 1 de 31 de janeiro: “O português tem mostrado serviço e a sua transferência poderá ser uma autêntica... surpresa.”

¹⁸¹ Eis os exemplos: “A exclusão da lista de convidados deveu-se ao facto de ter cadastro...” e “O episódio que valeu registo criminal remonta a 2009 e é digno de filme: qual Antonio Banderas em “Desperado”, West foi detido por ter duas pistolas e uma espingarda escondidas... numa guitarra.” (reportagem, 10/1); “Alésio Silva falhou a conferência de imprensa da UEFA, pois... esqueceu-se.” (reportagem, 31/1).

- cinco estão presentes em três outros artigos de opinião (uma, dentro de parênteses curvos, servindo para truncar uma declaração textual entre aspas; outra, no título de um desses artigos; e outra após a abreviatura “etc”; as restantes finalizam duas frases);

- três ocorrem na mesma entrevista: duas no final de enumerações, uma no final de uma frase;

- três repartem-se por três reportagens diferentes (uma para causar efeito de surpresa; outra no final de uma declaração textual; a última finalizando uma afirmação do jornalista).

Por fim, as 16 ocorrências do LAN abarcam os contextos de uso já mencionados:

- nove em uma crônica e seis artigos de opinião (uma no final do título de um artigo de opinião);

- três em entrevistas;

- uma numa declaração textual presente em uma reportagem;

- três em três notícias (finalizando uma declaração textual e uma enumeração e, curiosamente, um título¹⁸²).

4. UNIDADES SEQUENCIAIS OU ENUNCIADORAS-ANUNCIADORAS

Do terceiro conjunto proposto por Catach (cf. Parte I, Cap. I, 1.3.), constam as aspas (duplas e simples), o travessão, os parênteses (curvos), os colchetes (ou parênteses retos) e as chavetas. Estas últimas não foram objeto de análise no presente estudo, uma vez que não se constatou qualquer ocorrência desta unidade nos textos jornalísticos propriamente ditos. Por outro lado, conquanto os dois pontos já tenham sido objeto de descrição e de análise em 2.3., dado o seu valor “anunciador”, importa mencionar aqui este *pontema*.

Se a pontuação é uma invenção tardia, as aspas (duplas e simples) e o travessão encontram-se entre os últimos *pontemas* a serem incorporados aos sistemas pontuacionais propostos, ao longo do tempo, por vários autores. Uma das principais funções associadas àqueles três *pontemas* é a de assinalar as “declarações textuais”.

No que respeita aos manuais de redação dos jornais selecionados, importa salientar, neste ponto, as ideias neles repercutidas acerca das “declarações textuais”, procedimento tão apreciado pelos jornalistas brasileiros e portugueses para assim corroborarem a informação jornalística por eles aduzida. É, aliás, nos jornais ditos “mais sérios” que se encontra o maior número das suas ocorrências (cf. **Quadro n.º 13**). A ausência de tal procedimento prende-se, geralmente, com a menor extensão dos textos jornalísticos. Assim, o recurso às declarações

¹⁸² “É bom aproveitar...” é o título da notícia 2 de 31 de janeiro.

textuais parece ser uma prática comum no mundo da imprensa escrita, comprovada por Leonavičienė:

Étant véhicule d'information, la presse utilise plusieurs moyens possibles pour introduire des voix-témoins afin de parvenir à son tout premier but, celui d'informer et intéresser. La presse d'aujourd'hui montre la présence massive des citations, qui confirment les paroles du journaliste, créent l'effet d'objectivité, d'authenticité.

(LEONAVIČIENĖ, 2007: 160)

No *Manual de Redação do Estado* (MARTINS, 1997¹⁸³), apela-se à reprodução de declarações textuais como valorização do texto jornalístico, mostrando ao leitor a preocupação do jornalista na recolha de “opiniões ou frases originais, expressivas, marcantes, de efeito ou espirituosas”. Assim, “o leitor tenderá a confiar mais nas informações que lhe estão sendo transmitidas (não é só o repórter que está dizendo aquilo; outra pessoa está confirmando a informação)”. Todavia, convém não abusar do recurso às declarações textuais, as quais deverão ser delimitadas por aspas duplas. São ainda sugeridas algumas recomendações práticas acerca deste recurso, nomeadamente: o seu uso a cada um ou dois parágrafos; a limitação a apenas uma frase entre aspas na transcrição (somente na transcrição de trechos de discurso, documentos oficiais e outros do género será permitida a inclusão de mais de uma frase entre aspas); a colocação desta unidade dupla em abertura de notícias ou reportagens unicamente quando a sua importância o justificar; a abertura e fecho de aspas sempre que as declarações forem truncadas; a abertura deste *pontema* exclusivamente no começo e no fim do texto, e não a cada início de parágrafo, na “transcrição de íntegras, documentos, discursos e outros similares”.

No *Novo Manual de Redação da Folha* (1996), publicado *online*, acentua-se igualmente o facto de a reprodução de declarações textuais conferir credibilidade à informação, fornecer “vivacidade à reportagem e ajuda[r] o leitor a conhecer melhor o personagem da notícia”. No entanto, limita-se essa reprodução às “frases mais importantes, expressivas e espontâneas”, às “afirmações de grande impacto, por seu conteúdo ou pelo carácter inusitado que possam ter”, uma vez que “quanto menos usado o recurso da declaração textual, mais valor ele adquire”.

No *Livro de Estilo do Público* (1998) alerta-se, ainda, para a necessidade de as transcrições deverem “ser sempre curtas, resumindo as frases mais importantes, expressivas e espontâneas do entrevistado”, visto que o excesso de citações empobrece um trabalho

¹⁸³ Disponíveis na WEB, este manual e os manuais da *Folha* e do *Público* não se encontram paginados.

jornalístico. A existência de uma citação de vinte em vinte linhas ao longo de um artigo fá-lo-á ganhar “autenticidade e interesse”. Por outro lado, afirma-se que as declarações textuais, sempre verídicas e identificadas, não deverão ultrapassar os duzentos caracteres num texto “corrido”, sendo circunscritas por aspas. É preferível o uso de “uma intercalar – entre travessões, ou entre vírgulas fechando aspas antes e abrindo-as de novo depois –, na referência ao entrevistado, para não fazer a atribuição do discurso direto sempre no fim da citação”. Por outro lado, as citações devem ser evitadas no “lead”, a não ser que derivem de “fontes de autoridade indiscutível”. À semelhança dos manuais de redação dos jornais brasileiros, o *Livro de Estilo do Público* prescreve a eliminação de repetições ou palavras próprias da linguagem oral, desde que irrelevantes.

Das 213 notícias e reportagens publicadas nos oito jornais, e por nós analisadas, apenas 33 (15,5%), 13 em jornais portugueses e 20 em jornais brasileiros, não integram declarações textuais destacadas graças a qualquer marca de pontuação, como se observa no **quadro n.º 13**.

Jornais	Notícias		Reportagem		Total	
	Presença	Ausência	Presença	Ausência	Presença	Ausência
CM	12	6	9	0	21	6
PUB	18	0	9	0	27	0
DE	13	3	8	0	21	3
REC	15	3	8	1	23	4
Tot. JP	58	12	34	1	92	13
ESP	17	1	8	1	25	2
FSP	15	3	8	1	23	4
GLO	12	6	8	1	20	7
LAN	14	4	6	3	20	7
Tot. JB	58	14	30	6	88	20
Total	116	26	64	7	180	33

Quadro n.º 13 - Quantificação das notícias e reportagens com e sem declarações textuais

Saliente-se, por outro lado, que todas as notícias e reportagens do *Público*, jornal generalista e representativo de uma linha menos “sensacionalista” do que o *Correio da Manhã*, incluem declarações textuais.

As soluções pontuacionais usadas para delimitar este recurso aparentemente tão caro aos jornalistas portugueses e brasileiros serão descritas nos subcapítulos seguintes.

4.1. Aspas duplas

Na alta Idade Média, Santo Isidoro de Sevilha (cf. Parte I, Cap. I, 2.) recorre, nas suas *Etimologias*, à marcação das seguintes unidades: parágrafos; *simplex ductus* [—], para separar réplicas, substituindo o *parágrafos* nessa função; *gamma*, sinal de abertura colocado na linha ou na margem do texto; e *positura*, sinal de fecho, assinalando estes dois últimos as citações, valor que, no entender de Cunha e Arabyan (2004: 39), constitui “simultaneamente um enquadramento e uma sinalização”¹⁸⁴. Estes sinais de abertura e de fecho encontram-se na origem das aspas atuais.

Contudo, em virtude da centralidade atribuída ao sistema dos três pontos, retomado e adaptado da Antiguidade, ao longo da Idade Média o discurso direto e as citações deixarão de ser pontuados de forma específica. As réplicas passam a ser delimitadas pelo ponto e pela vírgula, por um par de vírgulas ou, ainda, por uma maiúscula e uma vírgula e frequentemente são antecedidas por verbos *dicendi*.

Já no século XVI, aparece pela primeira vez em *La manière de bien traduire d'une langue en aultre* (1540), de Étienne Dolet, uma tentativa de descrever dois *meios círculos* para “adição” ou inserção, que são o antecedente das aspas atuais. A referência à unidade pontuacional “meo circulo” surge também na *Orthographia da Lingoa Portuguesa*, de Duarte Nunes de Leão (1576). As aspas constam do segundo subsistema pontuacional proposto por este ortografista, que preceitua o uso deste *pontema* para as funções consignadas às aspas atuais.

Os sucessores seiscentistas de Nunes de Leão, a saber, Álvaro Ferreira de Vera (1631) e Bento Pereira (1666), referem-se igualmente a esta unidade, com as funções acima mencionadas. Por sua vez, o gramático João Franco Barreto (1671) inclui uma unidade semelhante no sistema pontuacional, atribuindo-lhe, todavia, uma designação diferente – “antigrapho”. Contudo, talvez devido a limitações técnicas dos impressores, o uso desta unidade não se concretiza na prática pontuacional das obras dos gramáticos aqui referidos, apenas se generalizando no decurso do século XVIII. Em alternativa, para transcreverem citações, os impressores optam por recorrer ao itálico ou letra cursiva.

Uma unidade semelhante é referida no *Tratado elementar da pontuação da lingua portugueza ensinada por meio de exemplos extrahidos dos melhores clássicos*, do conselheiro José Feliciano de Castilho e publicado no Rio de Janeiro em 1870. Nesta obra, são citadas

¹⁸⁴ Tradução nossa.

umas “*virgulas dobradas* (») que se põem á esquerda de todas as linhas de um discurso citado, a fim de o distinguir do principal” (Castilho, 1870: 8).

Concordam os manuais de redação em que as aspas duplas sejam usadas na delimitação das declarações textuais ou citações e para enfatizar ou assinalar um sentido figurado. Contudo, enquanto o *Livro de Estilo do Público* e o “manual” da *Folha de S. Paulo* prescrevem o seu uso em palavras estrangeiras (e em nomes de barcos ou animais), o “manual” de *O Estado de S. Paulo* proíbe-o, assim como no nome de obras artísticas e científicas.

Contabilizando o número de ocorrências de aspas duplas, sendo que cada par corresponde apenas a uma ocorrência, este *pontema* perfaz um total de **1816** ocorrências.

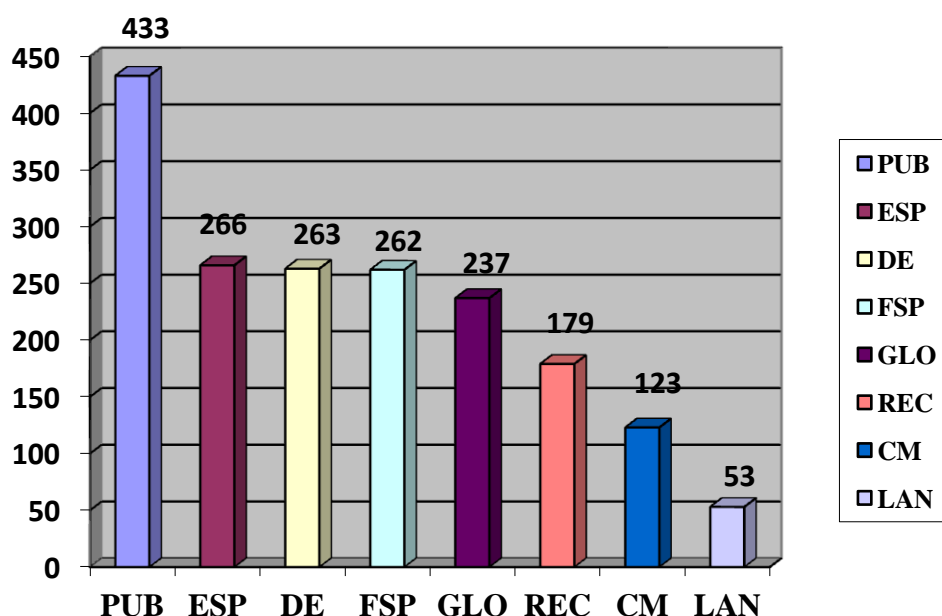


Gráfico n.º 24 – N.º de ocorrências de aspas duplas por jornal

Além da já referida função de delimitar declarações textuais, as aspas duplas são prescritas para outros contextos: nos títulos de jornais, revistas, livros, filmes, discos, músicas; em palavras estrangeiras (uso, no entanto, proscrito pelo “manual” do ESP, no qual se menciona que as palavras estrangeiras vão “em corpo comum” no texto); como forma de destaque do valor de uma palavra ou expressão.

O **gráfico n.º 25** permite-nos observar a distribuição das aspas duplas que assinalam declarações textuais, por jornal e por género jornalístico.

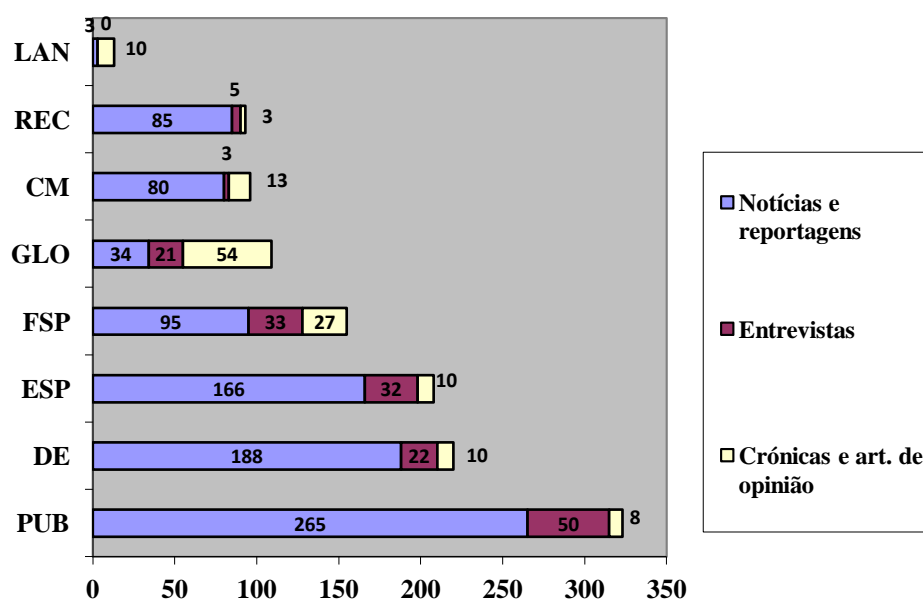


Gráfico n.º 25 – N.º de aspas duplas em declarações textuais (por jornal e género jornalístico)

O **quadro n.º 14** facultá-nos o número de ocorrências das aspas duplas e a sua distribuição pelos contextos acima mencionados.

Jornais	Declarações textuais	Títulos	Títulos dos textos	Palavras estrangeiras	Destaque	Total
CM	96	4	12	--	11	123
DE	220	8	10	2	23	263
PUB	323	11	6	1	92	433
REC	93	45	13	6	22	179
ESP	208	10	1	7	40	266
FSP	155	62	--	14	31	262
GLO	109	84	1	4	39	237
LAN	13	17	--	5	18	53
Total	1217	241	43	39	276	1816

Quadro n.º 14 – N.º de aspas por contextos de uso e por jornal

No que respeita ao uso de aspas no título de livros, filmes, músicas, peças de teatro, revistas e jornais, preceituado nos “manuais” da FSP, do ESP e do PUB, constata-se que este é mais significativo nos jornais GLO (84), FSP (62) e REC (45). Apesar de menos expressivo, aquele uso surge também nos restantes diários: quatro, no CM (curiosamente, em nenhuma das situações prescritas, mas para delimitar dois versos de um poema, um *slogan* e uma “frase feita”); oito, no DE; 11, no PUB; e dez, no ESP.

Quanto ao título dos textos jornalísticos, o uso das aspas verifica-se, frequentemente, nas entrevistas, como já se referiu, tendo-se verificado, no entanto, em outros géneros jornalísticos. É ainda de salientar uma particularidade: no *Record*, o título das entrevistas, extraído de uma declaração do entrevistado, é delimitado com aspas duplas angulares¹⁸⁵, cuja ocorrência não tem paralelo nem nos jornais brasileiros nem nos portugueses analisados, visto nestes se recorrer às aspas duplas (curvas). Esta mesma situação repete-se nos títulos de uma notícia e de duas reportagens, também extraídos de uma declaração de personalidades que são focadas nos textos.

Dos outros dois usos registados – sinalização de palavras estrangeiras e destaque de palavra ou expressão –, evidencia-se o segundo, com um total de 276 ocorrências. É de referir que, neste último contexto, o maior número de ocorrências é encontrado no jornal *Público* (92), destacando-se ainda as ocorrências dos jornais de referência como ESP, GLO e FSP, enquanto o número diminui nos jornais mais “sensacionalistas” – CM, LAN e REC (11, 18 e 22, respetivamente). Apesar de proscrito pelo “manual” do ESP, o uso das aspas para assinalar palavras estrangeiras, no conjunto dos jornais, regista um total de 39 ocorrências, sendo mais significativo na FSP (14). Curiosamente, também são encontradas sete ocorrências no jornal ESP, quatro das quais surgem em duas notícias, uma reportagem e uma entrevista, textos escritos por jornalistas, que deveriam reger-se supostamente pelo “manual” associado ao respetivo jornal. As restantes ocorrem numa crónica e num artigo de opinião.

4.2. Aspas simples

Pouco se conhece sobre o aparecimento histórico das aspas simples.

Os “manuais” dos jornais analisados concordam quanto ao uso das aspas simples: identificação de declarações dentro de outras declarações. Além disso, os “manuais” do ESP e da FSP também aceitam o uso deste *pontema* duplo – apenas em casos excecionais, segundo o primeiro, e para economia de espaço, de acordo com o segundo – nos títulos para substituir as aspas duplas. No “manual” da FSP, sustenta-se que, sendo possível o uso das aspas simples dentro de uma declaração já delimitada por aspas duplas, deve ser evitado quando seguido destas últimas.

O número total de aspas simples é bastante menor que o das duplas. Ainda assim, este *pontema* duplo ocupa a 8.^a posição do *ranking* (0,68%) das unidades pontuacionais dos

¹⁸⁵ O Código de Redação Interinstitucional (em português) publicado pela União Europeia apresenta, por exemplo, “três níveis de aspas devidamente hierarquizadas”: as angulares, as curvas duplas e as curvas simples. Cf. <http://publications.europa.eu/code/pt/pt-4100410pt.htm>.

corpora. Das **243** ocorrências registadas, **177** pertencem aos jornais portugueses, e **66**, aos brasileiros. A sua distribuição pelos oito jornais é a seguinte:

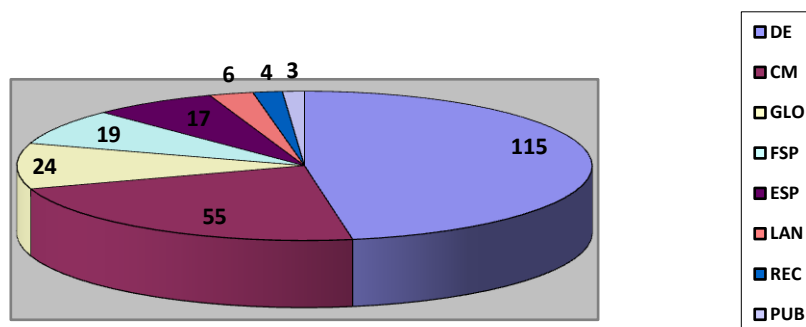


Gráfico n.º 26 – N.º de ocorrências de aspas simples por jornal

O **quadro n.º 15** permite-nos observar a distribuição das várias ocorrências de aspas simples por jornal e por cada contexto de uso.

Jornais	Declarações textuais	Títulos	Títulos dos textos	Palavras estrangeiras	Sentido figurado	Total
CM	4	31	---	3	12	50
DE	1	8	---	90	16	115
PUB	1	---	---	---	2	3
REC	---	2	---	1	1	4
ESP	---	4	5	1	7	17
FSP	5	6	2	1	5	19
GLO	3	5	4	1	11	24¹⁸⁶
LAN	---	---	2	1	3	6
Total	14	56	13	98	57	238¹⁸⁷

Quadro n.º 15 – Distribuição de aspas simples por contexto e por jornal

Como ilustra o quadro anterior, as ocorrências deste *pontema* duplo reportam-se, principalmente, ao contexto prescrito nos manuais de redação, sendo ainda usado para assinalar os títulos, as palavras estrangeiras e as palavras com sentido figurado.

Ora, nem sempre estes preceitos foram seguidos no uso desta unidade pontuacional nos *corpora* estudados. Vejamos:

¹⁸⁶ No GLO encontram-se 23 pares de aspas simples e apenas uma aspa de abertura numa das ocorrências.

¹⁸⁷ Este total não corresponde ao número total de pares de aspas simples indicado anteriormente, pois identificou-se, no CM, um contexto de uso sem correspondência nos restantes jornais: em 5 ocorrências as aspas simples foram usadas para citar/referenciar palavras, objeto de análise num artigo de opinião.

a) Das 14 declarações textuais assinaladas por aspas simples, cinco não são enquadradas por outras declarações. Contudo, foram registadas em entrevistas, crónicas ou artigos de opinião, nos quais o entrevistado e o autor falam na primeira pessoa.

b) Apenas os jornais PUB e LAN não recorrem ao uso das aspas simples para referenciar títulos, uso com cerca de um quarto da totalidade de ocorrências (listaram-se títulos de livros, jornais, programas de televisão, filmes, grupos, discos, apelidos / alcunhas de pessoas, entre outros).

Importa referir que 13 dessas 56 ocorrências surgem em declarações delimitadas por aspas, estando de acordo com os preceitos dos manuais de redação. Das restantes 43, 37 constam não só de entrevistas, artigos de opinião ou crónicas do CM (17), do DE (7) e do ESP (1) como também de notícias e reportagens do primeiro jornal (12). As restantes seis ocorrências registam-se: nos antetítulos de uma notícia do ESP, de uma notícia da FSP e de uma notícia do GLO; no texto introdutório de duas entrevistas da FSP; e em uma notícia do DE.

c) O uso das aspas simples nos títulos dos textos jornalísticos apenas ocorre em jornais brasileiros, em duas situações distintas: ou é uma declaração do entrevistado ou de uma pessoa ouvida que serve de título à entrevista ou notícia¹⁸⁸ (10 ocorrências), ou é um excerto de uma declaração acompanhado de verbo *dicendi* (3 ocorrências).

d) Apesar de não ser preceituado pelos manuais de redação, o uso das aspas simples para delimitar palavras estrangeiras ocorre muito pontualmente em todos os jornais, à exceção do PUB¹⁸⁹, sendo bastante significativo no DE – 90 ocorrências. Saliente-se que grande número destas palavras faz parte do campo lexical de negócio/economia, temática por excelência do *Diário Económico*. A título ilustrativo, arrolaram-se 37 ocorrências da palavra “troika” e 15 de “rating”. É de referir que nem todas as palavras estrangeiras surgem no título dos textos ou enquadradas em outras declarações já delimitadas por aspas duplas.

e) Segundo os “manuais”, o sentido figurado de palavras ou expressões deve ser assinalado por aspas duplas. Contudo, verificaram-se 57 ocorrências de aspas simples neste contexto. Destas, apenas 20 foram usadas em declarações textuais delimitadas por aspas duplas: duas no DE; duas no PUB; uma no REC; uma no ESP; uma na FSP; 10 no GLO; três no LAN.

Das restantes 37, 12 são do CM (8 em artigos de opinião, crónicas e entrevistas; duas no título de uma reportagem e de uma notícia; e duas em notícias); 14, do DE (recolhidas de

¹⁸⁸ Das 10 ocorrências, apenas uma foi registada numa notícia publicada no LAN a 28 de fevereiro.

¹⁸⁹ Recorde-se que o *Livro de Estilo* preceitua o uso de aspas duplas para assinalar palavras estrangeiras.

notícias, reportagens, crônicas e artigos de opinião); as seis ocorrências do ESP foram registadas em títulos, subtítulos ou intertítulos de textos jornalísticos diversos, o mesmo se observando nas quatro da FSP e em uma ocorrência do GLO.

f) Apenas no CM se registou o uso das aspas simples para referência de palavras explicadas no contexto de um artigo de opinião (cinco ocorrências).

4.3. Travessão

Numa breve retrospectiva histórica da pontuação do discurso direto, Cunha e Arabyan (2004: 37-39) fazem referência a um sinal de pontuação do discurso direto, presente no mais antigo testemunho arqueológico respeitante à literatura grega – o *paragraphos* –, espécie de travessão colocado sob a primeira letra de cada réplica, assinalando a alternância das vozes. Com poucas modificações, este travessão, que já aparece no século IX, no mais antigo manuscrito conhecido de Platão, no século XV, que herda essa tradição, figura colocado à margem do texto para marcar a alternância dos locutores, acompanhado nessa função pelos dois pontos.

Por sua vez, Catach (1994, *passim*) situa a origem deste *pontema* no século XVII, tendo como função mais importante, desde esse período, assinalar o diálogo. Contudo, o travessão não é descrito nas obras gramaticais dos séculos XVII a XIX.

De acordo com os manuais de redação, como unidade simples ou dupla, este *pontema* deve ser “usado para intercalar uma frase explicativa ou para realçar mais um complemento de frase, substituindo nessa função as vírgulas” (*Livro de Estilo do Público*), para destacar a parte final de um enunciado, para ligar palavras ou grupos distintos, para indicar a cidade de procedência de uma notícia e para marcar o diálogo (manual do ESP). Deve, contudo, ser evitado quando um período já apresenta dois travessões e para isolar os verbos de uma declaração, sendo substituído então pela vírgula. O “manual” da *Folha* proíbe terminantemente o uso do travessão para substituir ou reforçar o uso das aspas¹⁹⁰.

O travessão, simples ou duplo, ocupa a quarta posição do *ranking* de *pontemas* (3,74%)¹⁹¹, totalizando **1324** ocorrências, **594** em jornais portugueses e **730** em jornais brasileiros. Enquanto unidade dupla, que é usada, segundo os “manuais” dos jornais, para intercalar uma frase explicativa ou para realçar mais um complemento de frase, substituindo

¹⁹⁰ Na página do manual de redação, pode ler-se: “A **Folha** não usa o travessão para substituir ou reforçar aspas. A declaração deve estar entre aspas, ainda que se trate de diálogo. Veja aspas.” In http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_d.htm.

¹⁹¹ Em virtude de o travessão poder ser usado como unidade simples ou dupla, optou-se por contabilizar as ocorrências deste *pontema* separadamente, ao contrário do que fizemos com as aspas simples ou duplas.

as vírgulas nessa função, foram contabilizadas **552** ocorrências, correspondentes a **276** pares. O **gráfico n.º 27** permite-nos visualizar a distribuição das várias ocorrências pelos oito jornais.

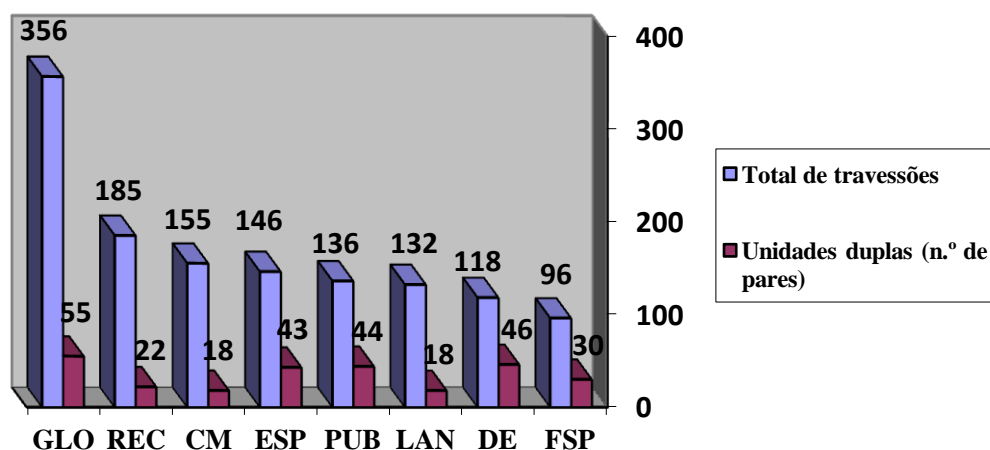


Gráfico n.º 27 – N.º de ocorrências de travessões simples e duplos

A análise do jornal GLO permitiu constatar que, ao invés dos jornais portugueses e dos restantes diários brasileiros, são usadas outras soluções no tocante à marcação das declarações textuais: recorre-se ao discurso direto e ao uso do travessão quando as declarações textuais são extensas, seguidas, em geral, por novo travessão e verbo *dicendi* (78 situações¹⁹²). Quase sempre, cada declaração é também integrada em parágrafo diferente. Já as declarações textuais menos extensas são delimitadas por aspas duplas ou simples, como demonstram os dados anteriores (cf. Pontos 4.1. e 4.2.).

Foram ainda localizadas 56 ocorrências de declarações apenas antecedidas por um travessão, encontrando-se 45 delas isoladas em parágrafos.

No jornal GLO, estas ocorrências do travessão são transversais a todos os géneros jornalísticos, como comprova a leitura do **gráfico n.º 28**.

¹⁹² Correspondentes a 156 travessões: o que antecede o discurso direto e o que precede o verbo *dicendi*.

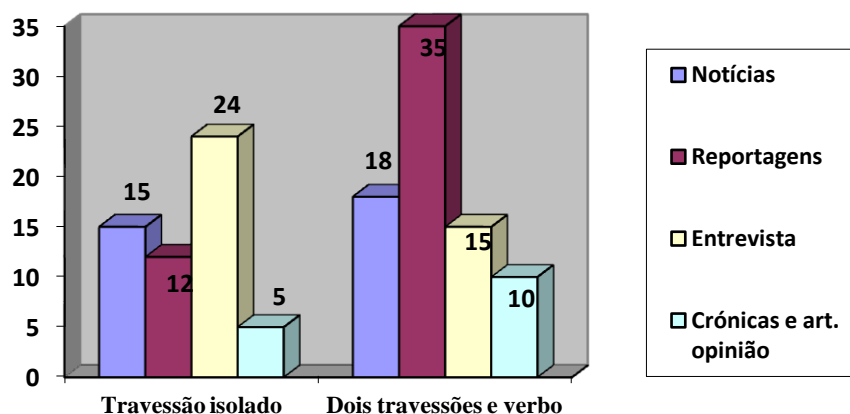


Gráfico n.º 28 – Soluções pontuacionais para as declarações textuais (GLO)

Também no *Lance!* a primeira solução – declaração isolada em parágrafo único, antecedida por travessão e finalizada por outro travessão e um verbo *dicendi* – é a preferida (37 situações¹⁹³). Ao contrário do que ocorria no jornal *O Globo*, esta solução é usada apenas em notícias e reportagens.

Encontraram-se, ainda, sete ocorrências de declarações sem o segundo travessão e verbo *dicendi* em notícias e reportagens.

Por outro lado, foi possível identificar ocorrências do travessão como marcador de discurso direto na crônica de 21 de fevereiro do PUB (com um total de sete ocorrências, duas delas antecedendo verbo *dicendi*). Na crônica de 24 de janeiro da FSP (com uma única ocorrência), esse mesmo discurso direto é antecedido por hífen, confirmando a proscrição do travessão para substituir aspas.¹⁹⁴

O travessão é ainda usado nas entrevistas do tipo “pingue-pongue” para anteceder a pergunta do jornalista e a resposta do entrevistado em dois jornais – CM (101), REC (122).

O terceiro uso mais significativo deste *pontema* enquanto unidade simples é o de destacar a parte final de um enunciado, encontrado em todos os jornais estudados, de acordo com o gráfico n.º 29.

¹⁹³ Correspondentes a 74 travessões. Ver nota anterior.

¹⁹⁴ Na página do manual de redação, pode ler-se: “A **Folha** não usa o travessão para substituir ou reforçar aspas. A declaração deve estar entre aspas, ainda que se trate de diálogo. Veja aspas.” In http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_d.htm.

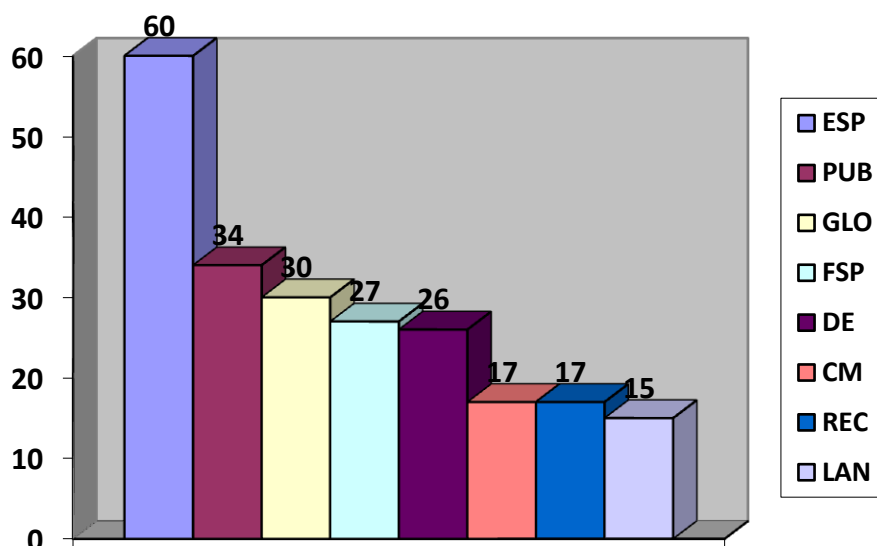


Gráfico n.º 29 – N.º de ocorrências de travessão: destaque da parte final do enunciado

As restantes ocorrências ilustram situações muito pontuais. Por exemplo, no CM, foi usado um travessão no antetítulo de uma reportagem¹⁹⁵; no PUB, foram identificados um travessão usado no antetítulo de uma notícia¹⁹⁶, um travessão duplo sem o respetivo par, dois travessões simples antes da explicação de siglas, três para ligar uma letra a uma hipótese; no REC, uma ocorrência de travessão no título de um artigo de opinião¹⁹⁷ e outra a seguir a um “P.S.” (*Post-scriptum*); no GLO, um travessão duplo sem o respetivo par e três dentro dos títulos de uma obra, um trabalho e um filme.

4.4. Parênteses (curvos)

Usados desde o final do século XIV, se bem que com presença esporádica nos manuscritos dos séculos XV e XVI, os parênteses corresponderam primeiro a uma figura de retórica que consistia na inserção de uma frase dentro de outra (explicação, comentário, voz do sujeito de enunciação), como se pode comprovar na definição proposta por Nunes de Leão (“he hũa formação de diversa sentença, e palavras estranhas, q se interpõem na clausula, e se podem tirar, ficando perfectó o sentido”, 1576: 77r).

No século XVII, com a generalização do seu uso, os parênteses autonomizaram-se como unidade pontuacional, tendo como função não só tornar mais claro o sentido da frase

¹⁹⁵ Ocorrência registada na reportagem de 3 de janeiro: “Património – Declarações no tribunal constitucional”.

¹⁹⁶ Ocorrência presente numa notícia de 24 de janeiro: “Golfo Pérsico – Dirigentes iranianos fazem disparar preço do crude ao sugerir retaliações”.

¹⁹⁷ É esta a ocorrência: “A DECISÃO DE REDUZIR AS LIGAS A 16 CLUBES VISOU TORNÁ-LAS MAIS COMPETITIVAS E MELHORAR AS FINANÇAS – E FOI BEM SUCEDIDA” (17 de janeiro).

em que se inserem, sem a alterar sintática ou significativamente, como também incluir a voz do sujeito da enunciação ou a fonte de uma citação.

Estas são, aliás, as principais funções que lhes são adstritas nos manuais de redação: servem para intercalar num texto qualquer palavra ou oração acessória (explicação, circunstância incidental, reflexão, comentário ou observação); para isolar do texto uma palavra ou expressão que se pretenda realçar; para transcrever as siglas a seguir à explicação do nome de uma entidade ou órgão; para apresentar uma referência bibliográfica ou uma data (ESP); para introduzir datas de nascimento de personagens da notícia; para registar regiões de cidades; para informar o partido e o Estado de um político; para dar informações sobre o Estado brasileiro a que pertence uma cidade e para fazer remissões para outros textos na mesma página (FSP). Devem, contudo, evitar-se quando se introduzem explicações longas e dentro de outros parênteses.

Nos *corpora* analisados, esta unidade dupla contabilizou **920** ocorrências, distribuídas da seguinte forma pelos oito jornais:

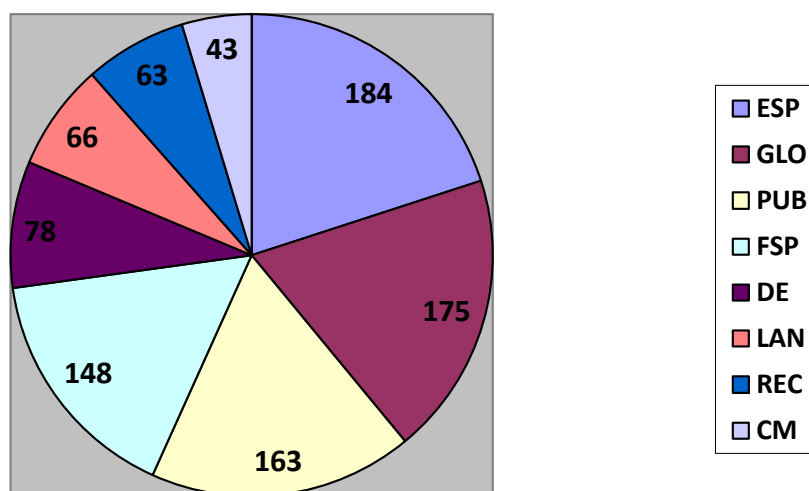


Gráfico n.º 30 – N.º de ocorrências de parênteses por jornal

Nos *corpora*, identificaram-se os seguintes contextos para este *pontema* duplo: a) comentário do jornalista/autor do texto; b) informação acessória; c) sigla; d) uso com reticências; e) possibilidade de duas leituras; f) remissão para outro texto jornalístico. O **quadro n.º 16** permite-nos observar a distribuição das 920 ocorrências dos parênteses por jornal e por contexto.

Jornais	a)	b)	c)	d)	e)	f)	Total
CM	5	25	7	3	2	1	43
DE	22	29	21	2	3	1	78
PUB	52	71	34	1	---	5	163
REC	22	35	5	---	---	1	63
ESP	15	108	59	--	1	1	184
FSP	22	96	25	4	--	1	148
GLO	20	117	36	1	--	1	175
LAN	13	36	12	---	---	5	66
Total	171	517	199	11	6	16	920

Quadro n.º 16 – Distribuição de parênteses por contexto e por jornal

Como comprovam os dados anteriores, este *pontema* duplo é preferencialmente usado para: a) inserir comentário do jornalista/autor do texto; b) acrescentar uma informação acessória; c) transcrever uma sigla. Embora nem sempre seja fácil distinguir os dois primeiros usos, os dados mostram que o segundo contexto é predominante quer nos jornais portugueses, quer nos brasileiros. Importa salientar que, entre as **517** ocorrências elencadas neste contexto, 50 dizem respeito a informações inseridas pelos jornalistas nas declarações textuais (1 – PUB; 22 – ESP; 19 – GLO; 8 – LAN). Por outro lado, 67 ocorrências correspondem a usos preceituados pelo “manual” da FSP – apresentar informação sobre o Partido (e o Estado pelo qual foi eleito) de um político e sobre o Estado a que pertence uma cidade, com predomínio da primeira situação. Sem qualquer representatividade nos jornais portugueses, estes usos foram localizados não só na FSP (29 ocorrências) como ainda nos restantes jornais brasileiros: no ESP (14), no GLO (21) e no LAN (3).

O primeiro uso adstrito aos parênteses – inserir comentário do jornalista/autor do texto – ocorre principalmente nos artigos de opinião e nas crónicas, não sendo, porém, exclusivo deste género jornalístico, visto que foram elencadas ocorrências de parênteses a intercalar comentários em reportagens¹⁹⁸ do PUB¹⁹⁹, do REC, do GLO e do LAN e, inclusive, em notícias do REC.

Já o uso de parênteses associado a siglas é bastante significativo em todos os jornais, principalmente nos jornais ditos “de referência”. Aqui talvez seja interessante distinguir dois usos: o *pontema* é utilizado para transcrever as siglas a seguir à explicação do nome de uma

¹⁹⁸ Contudo, o total destas ocorrências não é significativo: seis ocorrências no PUB, três no REC, uma no GLO e duas no LAN, sendo que uma delas se encontra dentro de uma declaração textual.

¹⁹⁹ Foi ainda identificada uma ocorrência no texto introdutório de uma entrevista deste jornal. Também nos jornais ESP, FSP e GLO foram elencados comentários entre parênteses (um, dois e dois, respetivamente) nos textos introdutórios de duas entrevistas.

entidade ou órgão ou para explicar a própria sigla. Sem ser tão significativo como o primeiro, o segundo uso ocorre muito pontualmente no PUB, no LAN (uma ocorrência em cada jornal), no ESP (duas), no GLO (quatro) e, com maior expressão, na FSP (21 ocorrências).

O **quadro n.º 17** ilustra a distribuição das 199 ocorrências deste *pontema* neste contexto, por jornal e género jornalístico.

Jornais	Notícias	Reportagens	Entrevistas	Outros	Total
CM	4	3	---	---	7
DE	13	3	---	5	21
PUB	18	6	2	8	34
REC	1	3	1	---	5
ESP	29	3	2	25	59
FSP	15	1	1	8	25
GLO	11	7	4	14	36
LAN	6	4	1	1	12
Total	97	30	11	61	199

Quadro n.º 17 – N.º de parênteses na delimitação de siglas por jornal e género jornalístico

Apesar de o uso dos parênteses com reticências – (...) – ser muito pouco expressivo nos *corpora* (11 ocorrências, 6 em jornais portugueses e 5 em brasileiros), constata-se que todos os exemplos foram usados para truncar declarações textuais presentes em notícias (sete ocorrências) e artigos de opinião.

Como demonstra o **quadro n.º 16**, foram identificadas seis ocorrências em que os parênteses são usados para possibilitar duas leituras diferentes, uso não preceituado por qualquer dos “manuais” estudados²⁰⁰.

Para finalizar, pouco há a acrescentar em relação às 16 ocorrências em que os parênteses foram utilizados para fazer remissões para outros textos na mesma página, uso prescrito pelo “manual” da FSP, mas presente em todos os jornais portugueses e brasileiros²⁰¹.

²⁰⁰ Eis os exemplos identificados: "de todos os membros da(s) administração(ões) do BPP que exerceram funções desde Dezembro de 2008 [...]" (CM, reportagem de 31/1); "é também uma forma de testar se (e quando) o País consegue voltar a pedalar sozinho [...]" (DE, artigo de opinião de 28/2); "e de serem hoje evidentes para o cidadão comum (bem) informado."; "interessada apenas em salvaguardar os (seus) privilégios adquiridos." (DE, crónica de 31/1); "A (des)ordem internacional em 2012" (ESP, título da crónica de 10/1).

²⁰¹ A título de curiosidade, vejam-se algumas das remissões encontradas: "ver mapa" (CM, not. 7/2); "ver texto ao lado" (DE, rep. 7/2); "ver infografia" (PUB, rep. 28/2); "ver quadro" (REC, not. 7/2); "Veja o Confira" (ESP, crónica de 14/2); "ver quadro à direita" (FSP, not. 10/1); "vejam no gráfico" (GLO, Op. 31/1); "leia mais abaixo" (LAN, not. 17/1).

4.5. Parênteses retos (ou colchetes)

De uso bastante recente, os parênteses retos, assim nomeados no *Livro de Estilo do Público*, devem ser usados “quando se enxerta numa citação um termo ou uma ideia indispensável à sua compreensão”. Os manuais de redação brasileiros designam-nos como colchetes, preceituando-os para intercalar observações em textos alheios (ESP) ou para introduzir breves esclarecimentos no interior do texto, em especial quando interrompem declaração textual (FSP).

Em maior número nos jornais portugueses do que nos brasileiros – a sua ocorrência apenas foi registada em *Folha de S. Paulo* –, esta unidade pontuacional dupla contabilizou um total de **97** ocorrências, **63** em jornais portugueses e **34** na FSP, ocupando a última posição do *ranking dos pontemas dos corpora*.

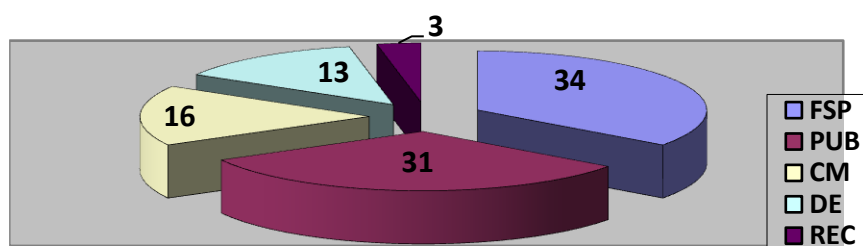


Gráfico n.º 31 – N.º de ocorrências de parênteses retos por jornal

Das **34** ocorrências recolhidas no único jornal brasileiro, a FSP, 28 ocorrem em entrevistas, sendo usadas pelos jornalistas para prestarem esclarecimentos em relação a algumas das informações mencionadas pelos entrevistados ou, em menor número (duas), presentes nas questões/afirmações daqueles. As restantes seis delimitam também observações ou breves esclarecimentos dos jornalistas junto de informações prestadas por terceiros em declarações textuais presentes em reportagens e notícias.

É também esta a finalidade das **63** ocorrências registadas nos jornais portugueses:

- Das 16 ocorrências do CM, seis estão presentes em entrevistas; sete, em declarações textuais contidas em notícias ou reportagens; três, em artigos de opinião, nos quais também introduzem comentários ou informações em relação ao que é escrito pelos autores destes textos;

- Das 13 ocorrências do DE, cinco fazem parte de entrevistas; oito, de notícias ou reportagens;

- As 31 ocorrências do PUB distribuem-se por entrevistas (23) e notícias e reportagens (8, numa delas o jornalista presta um esclarecimento acerca da hora da informação);

- As três ocorrências do REC estão integradas em entrevistas.

5. SÍNTESE CONCLUSIVA

A análise dos *corpora* jornalísticos português e brasileiro permitiu certificar-nos de que os *pontemas* neles usados são os mesmos: ponto, vírgula, dois pontos, ponto e vírgula, reticências, ponto de interrogação, ponto de exclamação, travessão, parênteses curvos, parênteses retos (ou colchetes), aspas duplas e aspas simples.

Embora as unidades ortotipográficas ditas *associadas* – maiúsculas, itálico, sublinhado, negrito, entre outras –, pertencentes ao quarto subconjunto proposto por Catach (1994: 57-69), tenham sido excluídas da nossa análise, porque a aplicação informática trabalha apenas com ficheiros de “texto simples”, e por causa dos próprios jornais, nos quais frequentemente para poupar espaço não são considerados alguns “brancos” (cf. Introdução), a observação das páginas impressas dos diários incluídos nos *corpora* permitiu-nos constatar alguns dados interessantes.

Apesar de no *Livro de Estilo do Público* se poder ler que neste jornal as aspas, por razões técnicas, substituem o itálico, foi possível atestar o uso desta unidade *associada* para destacar estrangeirismos, títulos de filmes, de álbuns musicais e mesmo de outros jornais (por exemplo, *Diário do Povo*, nome de um jornal chinês). Também no ESP se registou este uso em títulos de filmes, de canções e de jornais e, no GLO, em neologismos²⁰², em estrangeirismos e nas perguntas das entrevistas do tipo “pingue-pongue”. Por outro lado, na FSP, os artigos de opinião são grafados a itálico. Já o negrito é usado, por exemplo, no *corpus* português e no ESP, na FSP e no LAN, para assinalar as questões nas entrevistas. Além disso, serve para destacar o título do próprio jornal no CM, no REC, na FSP e no ESP²⁰³, e para salientar os títulos dos textos jornalísticos, os *leads* e as entradas. A letra capital ou maiúscula é usada no título dos jornais PUB, GLO e LAN²⁰⁴ e em alguns títulos dos textos jornalísticos como forma de destaque dos mesmos.

²⁰² Na entrevista de 21/2 encontrou-se o seguinte exemplo: *sambicídio*.

²⁰³ A designação de três destes jornais aparece por extenso – **Record, Folha, Estado** –, a do *Correio da Manhã* surge abreviada: **CM**.

²⁰⁴ O título destes jornais também é destacado por extenso: PÚBLICO, GLOBO, LANCE!. Apenas no título do DE não é usada qualquer forma de destaque: Diário Económico.

Há ainda a assinalar o recurso ao jogo de cores nas páginas dos vários jornais e à letra capital, a negrito, para iniciar muitos dos textos jornalísticos destes periódicos. É ainda frequente a repetição deste segundo recurso no início de vários parágrafos.

Cerca de 56% do total de *pontemas* dos *corpora* ocorrem no *corpus* brasileiro (19 795), face aos 44% do português (15 649). Conforme exposto na Parte I, no Cap. I, 4., o *corpus* português é constituído por menos sete textos, visto que no dia 21 de fevereiro, terça-feira de Carnaval, não saiu a edição do DE.

No conjunto dos *corpora*, a frequência de *pontemas* por número de palavras corresponde a 6,885, sendo que a referida frequência é de 7,186 no *corpus* português e de 6,647 no brasileiro, como se lê no **quadro n.º 18**.

Jornal	N.º de palavras	N.º de <i>pontemas</i>	Razão palavras/ <i>pontemas</i>
CM	17 185	2576	6,671196
DE	27 895	3770	7,399204
PUB	44 165	5965	7,404023
REC	23 222	3338	6,95686
Corpus português	112 467²⁰⁵	15 649	7,1868
ESP	40 096	5969	6,717373
FSP	29 954	4618	6,486358
GLO	42 065	6311	6,665346
LAN	19 476	2897	6,722817
Corpus brasileiro	131 591	19 795	6,64768
Total dos corpora	244 058	35 444	6,885735

Quadro n.º 18 – Razão palavras/*pontemas* por *corpus*

Da análise do mesmo quadro, se conclui que:

- Os jornais portugueses com maior número de palavras são os PUB e o DE, cuja frequência de *pontemas* (7,404 e 7,399, respetivamente) é menor que a do *corpus* português geral (7,186) e que a do total dos *corpora* (6,885).

- Apesar de ser o jornal português com menor número de palavras, no CM a frequência de *pontemas* (6,671) é mais elevada do que nos restantes diários, mas é superior à do total dos *corpora* e está bastante próxima da dos jornais brasileiros.

²⁰⁵ No que diz respeito ao número de palavras, o *corpus* português é constituído por 112 467 palavras, e o brasileiro por 131 591. Estes dados permitem-nos concluir que os *corpora* são bastante equilibrados.

▪ Os jornais brasileiros com maior número de palavras são o ESP e o GLO, e, nestes, a frequência de *pontemas* (6,717 e 6,665) está relativamente próxima da do *corpus* brasileiro (6,647) e ligeiramente acima da do total dos *corpora*.

▪ O LAN é o diário brasileiro com menos palavras, no entanto, a frequência de *pontemas* neste diário desportivo está bastante próxima da do ESP.

▪ A FSP, diário de cariz mais informativo, apresenta o menor número de palavras, em comparação com os restantes jornais enquadrados nesta tipologia, e é o jornal cuja frequência de *pontemas* é a mais elevada nos *corpora* brasileiro e português (6,486).

Em síntese, a frequência pontuacional é maior nos jornais brasileiros do que nos portugueses. No *corpus* português, há ainda a destacar o facto de a frequência das unidades pontuacionais ser mais elevada no jornal mais sensacionalista (CM) e no jornal desportivo (REC). Contudo, na FSP e no GLO, jornais de cariz mais informativo, esse mesmo valor é superior ao do jornal mais sensacionalista português, estando os dos restantes diários brasileiros – um mais informativo (ESP) e outro desportivo (LAN) – bastante próximos dos valores do CM. Da comparação dos dois periódicos desportivos (REC e LAN), constata-se que a frequência de *pontemas* é maior no LAN, embora relativamente próxima da do REC.

Os dois gráficos abaixo ajudam a visualizar a interpretação exposta nos parágrafos anteriores.

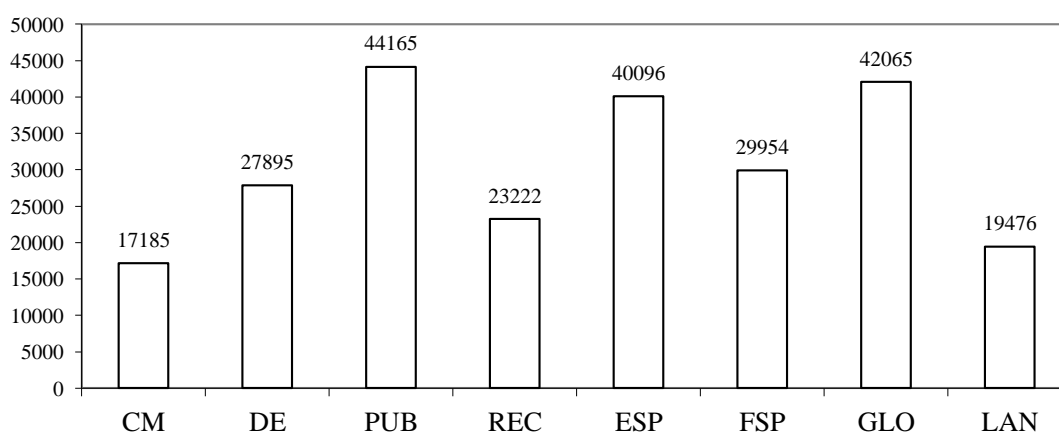


Gráfico n.º 32 – N.º de palavras por jornal

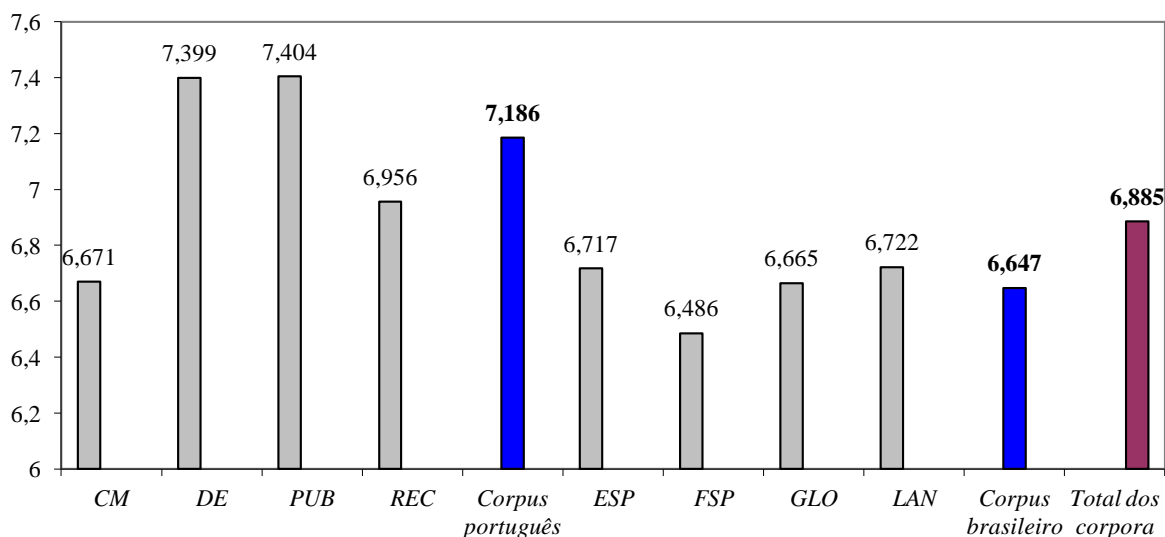


Gráfico n.º 33 – Frequência pontuacional por jornal e por corpora

Como ilustra o **quadro n.º 3** (cf. *supra* 1), os três *pontemas* mais usados nos *corpora* são a vírgula (**50,28%**), o ponto (**32,36%**), as aspas duplas (**5,12%**). Os restantes *pontemas* correspondem a pouco mais de 12%, posicionando-se no *ranking* da seguinte forma: travessão (**3,74%**); parênteses curvos (**2,6%**); dois pontos (**1,82%**); ponto de interrogação (**1,59%**); aspas simples (**0,69%**); ponto e vírgula (**0,61%**); reticências (**0,48%**); ponto de exclamação (**0,44%**); parênteses retos (**0,27%**).

Ao observar os valores acima apresentados, verifica-se que as ocorrências da vírgula correspondem a pouco mais de 50% do total de ocorrências de *pontemas* usados nos *corpora*, ao passo que as do ponto perfazem cerca de um terço deste mesmo total. Ora, estes números não surpreendem visto que estes dois *pontemas* são os que têm maior uso em qualquer texto e, principalmente, em textos informativos. Aliás, a consulta do CETEMPúblico e do CETENFolha – dois *corpora* de Extratos de Textos Eletrónicos constituídos por dados do PUB e da FSP – corrobora a preponderância destes *pontemas*²⁰⁶.

A necessidade de reproduzir as declarações textuais de terceiros, consideradas essenciais para corroborar as informações presentes nos textos jornalísticos, explica a terceira posição das aspas duplas (**5,12%**), usadas, preferencialmente, com esta função. A consulta dos *corpora* atrás referidos confirma esta percentagem²⁰⁷.

²⁰⁶ Na página da Linguateca (cf. <http://www.linguateca.pt/ACDC/>), foi possível recolher os seguintes dados: o CETEMPúblico é um *corpus* com 191,3 milhões de palavras, 13 602 367 vírgulas e 6 752 188 pontos; do CETENFolha, constam 32,5 milhões de palavras, 2 133 750 vírgulas e 1 603 186 pontos.

²⁰⁷ São 2 554 029 as ocorrências deste *pontema* duplo no CETEMPúblico e 277 362 no CETENFolha.

A análise do **quadro n.º 3** permite-nos comprovar que o uso geral dos *pontemas* é maior nos jornais brasileiros. No entanto, as aspas duplas, o travessão, os dois pontos, o ponto de interrogação, as aspas simples, as reticências e os parênteses retos/colchetes predominam no *corpus* português, ao passo que os restantes *pontemas* sobressaem no brasileiro.

Por sua vez, o **quadro n.º 19** possibilita uma análise mais pormenorizada da distribuição das ocorrências dos *pontemas* por jornal.

Jornais	,	.	“ ”	–	()	:	?	‘ ’	;	...	!	[]	Total
CM	1201	850	123	155	43	43	58	55	13	10	9	16	2576
DE	1857	1172	263	118	78	67	59	115	13	11	4	13	3770
PUB	3009	1907	433	136	163	115	80	3	29	50	9	31	5965
REC	1589	1104	179	185	63	72	80	4	10	39	10	3	3338
Total	7656	5033	998	594	347	297	277	177	65	110	32	63	15 649
ESP	3163	1929	266	146	184	71	102	17	52	12	27	0	5969
FSP	2354	1467	262	96	148	85	61	19	36	4	52	34	4618
GLO	3251	1965	237	356	175	157	45	24	59	29	13	0	6311
LAN	1396	1075	53	132	66	35	80	6	5	16	33	0	2897
Total	10 164	6436	818	730	573	348	388	66	142	61	125	34	19 795
Total	17 820	11 469	1816	1324	920	645	565	243	217	171	157	97	35 444

Quadro n.º 19 - Distribuição das ocorrências dos *pontemas* por jornal

Uma primeira observação do quadro acima comprova que o uso dos *pontemas* com função *separadora*, *delimitadora* ou *organizadora* do texto – ponto, vírgula, dois pontos e ponto e vírgula – é predominante nos jornais mais “informativos” (PUB, ESP, FSP, GLO e, por vezes, no DE).

A distribuição dos *pontemas* associados à expressão de *modalidade* – ponto de interrogação, ponto de exclamação e reticências –, cuja prescrição em textos jornalísticos é muito restrita de acordo com os manuais de redação estudados, é bastante diferente da do primeiro subsistema. Como se pode observar, o ponto de interrogação predomina no ESP, PUB, REC e LAN; já as ocorrências do ponto de exclamação encontram-se em maior número na FSP, no LAN e no ESP, ao passo que as reticências sobressaem no PUB, no REC e no GLO.

Como referido anteriormente, das unidades sequenciais – aspas (duplas e simples), travessão e os parênteses curvos e retos –, as aspas e os parênteses retos são os *pontemas* predominantes no *corpus* português. Ainda assim, é possível estabelecer uma correlação entre

o maior número de ocorrências das aspas duplas e dos parênteses e a tipologia dos jornais, pois estes *pontemas* destacam-se nos periódicos ditos “informativos”. Por sua vez, as aspas simples existem em maior número no DE, no CM e no GLO; os parênteses retos ocorrem apenas nos jornais portugueses e na FSP, e a frequência do travessão varia nos *corpora*.

Posteriormente, far-se-á uma descrição mais pormenorizada dos resultados relativos à distribuição dos *pontemas* dos segundo e terceiro subsistemas pontuacionais.

Verificou-se que o ponto, com um total de 11 469 ocorrências – 5033 em jornais portugueses e 6436 em jornais brasileiros – apresenta três valores essenciais nos *corpora*: abreviatura, marca de limite de frase e marca de parágrafo. Por outro lado, este *pontema* é usado no interior de referências a documentos alojados na internet e na separação de classes na numeração árabe (cf. *supra* 2.1.).

Também se comprovou que a frequência de ocorrências deste *pontema* é maior nos jornais brasileiros e nos ditos jornais “informativos” dos dois *corpora* – GLO, ESP, PUB, FSP e DE, –, o que poderá explicar-se pela maior extensão dos textos jornalísticos ali encontrados.

Os gráficos n.ºs 4 e 5 evidenciam que a FSP, diário com maior número de parágrafos, surge na sétima posição quanto ao uso do ponto em final de frase (663 ocorrências), posicionando-se, no entanto, em primeiro lugar quanto ao uso do ponto em final de parágrafo (780 ocorrências).

O facto de os jornais se debaterem frequentemente com a gestão do espaço no alinhamento dos textos jornalísticos poderá explicar a abundância do ponto como marcador de abreviaturas (200 ocorrências). Já a presença desta unidade na separação das classes dos algarismos, preceituada pelo *Livro de Estilo do Público*²⁰⁸ e pelo “manual” de *O Estado de S. Paulo*²⁰⁹, parece contradizer o princípio da economia de espaço. Um preceitua o uso do ponto a partir dos quatro algarismos, aquele recusa-o, como se conclui da afirmação seguinte: “Quando o número é formado apenas por quatro algarismos, estes grafam-se juntos e sem ponto”.

Embora não possa ser considerada uma verdadeira unidade pontuacional como separador das classes dos algarismos, o ponto é usado para facilitar a leitura da informação transmitida nos textos jornalísticos, funcionalidade que vai ao encontro das funções gerais dos *pontemas*. Apesar de o ponto ser proscrito quando o número é formado por apenas quatro algarismos (PUB), este uso foi identificado nos jornais portugueses DE e REC. No entanto, o

²⁰⁸ Informação disponível em: http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/16n-palavras.html.

²⁰⁹ Veja-se: <http://www.estadao.com.br/manualredacao/esclareca/numeros.shtm>.

uso de ponto na separação das classes de algarismos foi proibido pela 22.^a Conferência Geral de Pesos e Medidas²¹⁰, realizada em Paris entre 12-17 de Outubro de 2003 e organizada pelo *Bureau International des Poids et Mesures*, em que Portugal participou.

No que respeita à abreviação dos numerais ordinais, o “manual” do ESP preceitua que os numerais de um a dez, quer cardinais quer ordinais, sejam escritos por extenso. De acordo com o *Livro de Estilo* do PUB, “até nove, os ordinais grafam-se indistintamente, conforme as circunstâncias: primeiro ou 1º, terceiro ou 3º, oitavo ou 8º; a partir de 10, adota-se a forma abreviada: 20º, 36º, 89º, etc.”²¹¹. Constatou-se, todavia, a abreviatura de numerais ordinais inferiores a dez no jornal *O Estado de S. Paulo*.

Como seria de esperar, a vírgula é o *pontema* com maior número de ocorrências nos *corpora*: 7656, em jornais portugueses, e 10 164, no *corpus* brasileiro (num total de 17 820 ocorrências). Da análise do **gráfico n.º 6**, conclui-se que o uso desta unidade pontuacional predomina nos jornais ditos “informativos”. Mais uma vez, o menor número de ocorrências nos jornais CM, LAN e REC – o primeiro de cariz sensacionalista e os restantes, desportivos – prende-se com o facto de os textos neles publicados terem menor extensão.

Nos *corpora*, a vírgula é usada em oito dos onze contextos prescritos nos manuais de redação:

- delimitar o vocativo, o aposto e “palavras e locuções explicativas, retificativas e continuativas” (Manual de Redação do ESP);
- isolar verbos intercalados nas declarações ou opiniões;
- indicar a omissão de um verbo ou grupo de palavras;
- delimitar advérbios e adjuntos adverbiais mais longos, devendo-se, no entanto, evitar a virgulação excessiva;
- separar objetos pleonásticos, palavras repetidas e adjetivos com função predicativa;
- delimitar as orações reduzidas de gerúndio, particípio e infinitivo, orações adverbiais, especialmente quando antecipadas, orações ou locuções intercaladas;
- separar os advérbios “sim” e “não”;
- anteceder conjunções adversativas como “mas”, “porém”, entre outras.

Embora os manuais de redação não prescrevam outros contextos, foi possível associar-lhes o uso da vírgula nos *corpora*:

²¹⁰ Esta resolução pode ser consultada em: <http://www.bipm.org/fr/CGPM/db/22/10/>.

²¹¹ Curiosamente, neste excerto não é usado o ponto de abreviatura, ao contrário do que ocorre, na maior parte dos casos, nos *corpora* analisados.

- demarcar expressões explicativas – “isto é”, “por exemplo”, “ou seja” –, e expressões como “sem dúvida”;
- delimitar certos conectores – “portanto”, “pois”, “por isso”, “logo” e “por conseguinte”;
- separar orações coordenadas copulativas e conclusivas;
- separar os constituintes que exercem a mesma função sintática.

Nos *corpora*, também se recorre à vírgula para separar a parte inteira e a parte decimal de números, ainda que não possa ser considerada, nesse contexto, um verdadeiro *pontema*.

A análise das ocorrências deste *pontema* revelou que, à luz da chamada “lei geral da exclusão” (Tournier, 1980: 39), algumas vírgulas foram excluídas em certos contextos. Assim, nem sempre foi fácil distinguir e, sobretudo, contabilizar certas ocorrências. Vejam-se os exemplos seguintes:

(1) Maria da Conceição, a madrinha de Daniela, que adoptou as crianças, faz o balanço: "A Daniela vai mais adiantada, muito mais que o João, não tem comparação." (PUB, reportagem, 10/1).

(2) Depois, no anúncio do line up do Coachella, megafestival realizado na Califórnia, eles figuram lá no alto, como a atração para fechar a primeira noite. Por fim, eles são capa da edição de janeiro da Rolling Stone, como uma "máquina supercarregada de batidas". Para se ter a dimensão do tamanho da banda, hoje, eles escolheram o Arctic Monkeys para os shows de abertura na turnê norte-americana (ESP, entrevista, 31/1).

No primeiro exemplo, a vírgula colocada a seguir ao aposto “a madrinha de Daniela” delimita, simultaneamente, este constituinte e a oração relativa explicativa “que adoptou as crianças”. Já no segundo exemplo, a vírgula posposta ao adjunto adverbial – “no anúncio de line up de Coachella” – delimita este constituinte e, igualmente, o aposto “megafestival realizado na Califórnia”. Do mesmo modo, a vírgula anteposta ao advérbio “hoje” demarca a oração final antecipada.

Em ambos os *corpora*, a vírgula é usada, preferencialmente, para delimitar o aposto (1363 ocorrências), construções explicativas (1418), orações relativas explicativas (1281), advérbios e adjuntos adverbiais (4680), orações gerundivas (658), participiais (724), infinitivas (192) e as orações adverbiais: temporais (609), finais (185), condicionais (272), causais (249) e concessivas (322). Além disso, também delimita construções comparativas/conformativas (686) e antecede a conjunção adversativa “mas” (575 ocorrências), assim como outros conectores com valor adversativo (“porém”, 30 ocorrências;

“no entanto”, 87). Na verdade, foi possível comprovar que a presença de certas conjunções ou locuções conjuncionais e de certos conectores induz, com frequência, o uso da vírgula, independentemente do seu posicionamento na frase.

No entanto, também se verificaram outros contextos prescritos pelos manuais de redação (cf. *supra* 2.2.). Assim, foram recolhidas 51 ocorrências de vírgula na delimitação do vocativo. A análise do **quadro n.º 6** revela a presença deste contexto em todos os gêneros jornalísticos. O uso do *pontema* neste contexto em entrevistas, crônicas e artigos de opinião não causa estranheza, uma vez que o primeiro gênero é aquele que mais se aproxima do registo oral, ao passo que os segundo e terceiro, pela sua natureza e função, apresentam um maior grau de liberdade pontuacional. Nas notícias e reportagens, seis das sete ocorrências na delimitação de vocativo reportam-se a declarações textuais contidas no corpo do texto, estando a sétima presente no título de uma reportagem do *Lance!*²¹².

Nos *corpora*, 461 vírgulas isolam verbos *dicendi* intercalados ou pospostos às declarações textuais ou opiniões, tal como prescrito nos manuais de redação. Conclui-se, assim, que é frequente o jornalista recorrer a esta solução para intercalar a sua voz nas declarações textuais por ele aditadas. Estas ocorrências distribuem-se pelos vários gêneros jornalísticos – notícias, reportagens, entrevistas, crônicas ou textos de opinião –, embora nestes dois últimos sejam menos frequentes, conforme permite concluir o **quadro n.º 7**. Outro dado a reter é a inexistência de ocorrências de verbos *dicendi* intercalados ou pospostos às declarações textuais ou opiniões no jornal *Lance!* e a quase ausência no GLO (oito ocorrências), o que poderá indicar que estes diários optaram pelo travessão e os dois pontos para a delimitação de declarações textuais.

Com um sucesso muito reduzido (28 ocorrências), a vírgula indica a omissão do verbo apenas no *corpus* brasileiro. Poder-se-ia esperar, *a priori*, que este uso fosse bastante mais considerável, visto que, com frequência, os jornalistas se debatem com a falta de espaço. Esta situação poderá dever-se, eventualmente, à vontade de os mesmos facilitarem a leitura dos textos jornalísticos aos seus leitores.

Provavelmente, com o objetivo de não desperdiçar espaço ou de não dificultar a leitura dos seus textos, os jornalistas recorrem pouco (28 ocorrências) à vírgula para separar palavras repetidas ou delimitar constituintes antecipados ou realçados por esta unidade pontuacional.

Poucos são os casos em que a vírgula separa os advérbios “sim” e “não”. Esta situação não causa qualquer surpresa, uma vez que o uso dos advérbios “sim” e “não” pode associar-se

²¹² A título de curiosidade, regista-se o título da reportagem: “Espelho, espelho meu” (LAN, reportagem, 17/1).

a um estilo mais coloquial. Assim se explica também a presença do advérbio de afirmação em entrevistas, crônicas e artigos de opinião. Das cinco ocorrências de “sim” em textos jornalísticos mais informativos, a da notícia do GLO e a da reportagem do LAN explicam-se pelo facto de integrarem declarações incluídas nos textos em questão. A ocorrência da reportagem do GLO, que a seguir se transcreve – *O grupo se queixa de não ter sido avisado pelo sinal de alerta, mas, sim por vizinhos.* (3/1) –, pode ficar a dever-se à presença do repórter no local. Como se constata, o advérbio carece da segunda vírgula delimitativa. Quanto à ocorrência em notícias do DE e do ESP, não se encontra qualquer explicação para este registo mais informal por parte dos jornalistas:

(1) A única excepção é mesmo se os inquilinos não pagarem as rendas devidas e, aí sim, poderão ser despejados, independente da idade (DE, notícia 2, 17/1).

(2) Na passarela surgiram, sim, materiais alternativos (ESP, notícia 2, 24/1).

Já o *pontema* dois pontos, com 646 ocorrências, ocupa a sexta posição no *ranking* dos *pontemas* usados nos *corpora*. Se pensarmos que cerca de um terço de tais ocorrências serve para anunciar declarações textuais, procedimento tão apreciado pelos jornalistas, poderá estar encontrada a justificação para aquele posicionamento no *ranking*. Como mencionado no Capítulo I desta Parte II, em **171** daquelas ocorrências este *pontema* é acompanhado por aspas duplas, por aspas simples em **sete** e, em **45** ocorrências, quando colocado em final de parágrafo, anuncia discurso direto antecedido de travessão.

No entanto, a principal função desta unidade pontuacional é ainda a de anteceder enumerações, explicações e esclarecimentos (395 ocorrências), de acordo com o recomendado nas gramáticas e nos manuais de redação.

A dificuldade desde sempre sentida no uso do ponto e vírgula, e corroborada pelos gramáticos e estudiosos da pontuação, parece refletir-se nos nossos *corpora*, pois, tal como referido no Capítulo I (Parte II), este *pontema* apresenta apenas 217 ocorrências. Destas, mais de metade (147) foram encontradas nos jornais brasileiros de referência (ESP, FSP e GLO). Nos dois primeiros, os jornalistas e os autores dos textos de opinião parecem recorrer ao ponto e vírgula com alguma regularidade e com a função de separar as ideias principais nas entradas ou subtítulos dos diferentes géneros jornalísticos. Apesar de distante dos números registados nos seus congéneres (ESP – 22; FSP – 17), no GLO também foram recolhidas três ocorrências semelhantes.

Seria expectável que os textos jornalísticos de carácter informativo, excetuando a entrevista, dadas as suas características específicas, limitassem o uso dos *pontemas* associados à expressão de *modalidade* – ponto de interrogação, ponto de exclamação e reticências –, ao contrário dos textos de opinião, onde esse uso é perfeitamente justificável.

Como esperado, o principal uso do ponto de interrogação nos *corpora* (352 ocorrências) é finalizar as questões formuladas pelos jornalistas nas entrevistas de tipo “pingue-pongue”. A análise dos dados evidencia que este *pontema* também surge em declarações textuais em notícias e reportagens. No entanto, mostra igualmente que as restantes ocorrências desta unidade pontuacional predominam em artigos de opinião e em crónicas.

Em suma, podemos concluir que o ponto de interrogação é um *pontema* com alguma representatividade nos textos opinativos, ajudando o cronista ou o autor a envolver o leitor no texto que escreve. Em segundo lugar, este *pontema* ocorre também nas notícias e nas reportagens, assinalando quer questões presentes em declarações textuais de terceiros, quer questões levantadas pelos jornalistas ou repórteres.

À semelhança do ponto de interrogação, nos *corpora* a presença do ponto de exclamação em textos opinativos é frequente, como seria expectável em textos marcados pela subjetividade. Foi possível constatar, ainda, o uso deste *pontema* em declarações textuais presentes em notícias, reportagens e entrevistas em estilo indireto, uso aceite pelos manuais de redação. Mais invulgares são as ocorrências de ponto de exclamação em títulos, antetítulos ou subtítulos de reportagens e notícias do jornal *Lance!* e no próprio texto de uma notícia de 7 de fevereiro. A explicação para estes usos poderá encontrar-se no facto de o *Lance!* ser um jornal desportivo e apresentar um cariz mais sensacionalista que os restantes diários brasileiros.

Das 171 ocorrências de reticências, cerca de dois terços (110) pertencem ao *corpus* português. De acordo com as gramáticas, a sua principal função é a de indicar suspensão de ideias, subentendidos e marcação de ideias, principalmente nos textos com a pretensão de aproximação à oralidade. Embora em número reduzido, como se descreveu no Capítulo I, foram encontradas ocorrências ilustrativas deste contexto: num artigo de opinião do CM, as reticências assinalam o *suspense* antes do anúncio de um nome; em quatro entrevistas do DE, três encerram afirmações dos entrevistados e uma demonstra a hesitação de outro; num artigo de opinião do mesmo jornal, três pretendem criar o efeito de uma contagem decrescente; numa única entrevista do PUB, 21 marcam a hesitação, a suspensão de ideias do entrevistado e do entrevistador; em cinco outras entrevistas deste jornal, 11 têm a mesma função; numa reportagem do PUB, uma interrompe o título do texto, simulando causar o efeito de surpresa;

num artigo de opinião do PUB, uma assinala o *suspense*; numa notícia do REC, assim como em oito ocorrências de crónicas, artigos de opinião e de reportagens, as reticências pretendem também criar o efeito de surpresa; numa reportagem do GLO, uma é usada para este mesmo efeito.

A distribuição dos *pontemas* associados à expressão de *modalidade*, cuja prescrição em textos jornalísticos é muito restrita e direcionada pelos manuais de redação estudados, é bastante diferente da do primeiro subsistema. Como se pode observar, o ponto de interrogação predomina no ESP, PUB, REC e LAN; as ocorrências do ponto de exclamação encontram-se em maior número na FSP, no LAN e no ESP, ao passo que as reticências sobressaem no PUB, no REC e no GLO.

É neste subconjunto de *pontemas* que se revelam as maiores diferenças entre o *corpus* português e o brasileiro (cf. **quadro n.º 3**). Com efeito, ao contrário do que ocorria com os restantes *pontemas*, as aspas duplas e simples e os parênteses retos (ou colchetes) predominam no *corpus* português²¹³. Já o travessão e os parênteses curvos – os restantes *pontemas* deste subconjunto – predominam no *corpus* brasileiro.

Constatou-se, em páginas anteriores, que a terceira posição das aspas duplas pode ficar a dever-se ao recurso, pelos jornalistas, às declarações textuais. Nos *corpora*, identificaram-se duas soluções pontuacionais para as assinalar: as declarações são delimitadas por aspas duplas – ou simples, caso se enquadrem em outras declarações –, ou são antecedidas por travessão e, frequentemente, por mudança de parágrafo, e seguidas de verbos *dicendi*. Esta segunda solução ocorre, como se viu, nos jornais GLO e LAN, nos quais, no entanto, também se encontra a primeira solução para destacar declarações textuais menos extensas.

A análise do **quadro n.º 13** permite-nos confirmar que, das 142 notícias e das 71 reportagens dos *corpora*, apenas 33 destes textos (cerca de 15%) não recorrem a este expediente (26 e 7, respetivamente). Os jornais que menos o empregam são o LAN (quatro notícias e três reportagens), o GLO (seis notícias e uma reportagem), o CM (seis notícias) e o REC (três notícias e uma reportagem). Ora, tal facto não é surpreendente no que respeita aos jornais desportivos e ao “sensacionalista”. Contudo, uma vez que os restantes jornais ditos “informativos” parecem revelar uma maior apetência pela inclusão de declarações textuais, o número verificado no GLO causa alguma estranheza, levando-nos a deduzir que esta ausência possa atribuir-se, eventualmente, à menor extensão das notícias.

²¹³ Como já foi sublinhado, também o uso das reticências é predominante no *corpus* português.

Da análise do **gráfico n.º 25**, conclui-se que as declarações textuais não estão limitadas àqueles géneros jornalísticos, pois também se recolhem em entrevistas (partes introdutórias ou de entrevistas em estilo indireto), de crónicas ou artigos de opinião. É de salientar que a segunda solução pontuacional ocorre em todos os géneros jornalísticos no GLO (cf. **Gráfico n.º 28**), restringindo-se, contudo, às notícias e às reportagens no LAN.

Por outro lado, a análise complementar do **gráfico n.º 25** e do **quadro n.º 14** confirma que o sucesso das aspas duplas nos *corpora* se deve ao uso deste *pontema* nas declarações textuais, consoante mostra o gráfico abaixo.

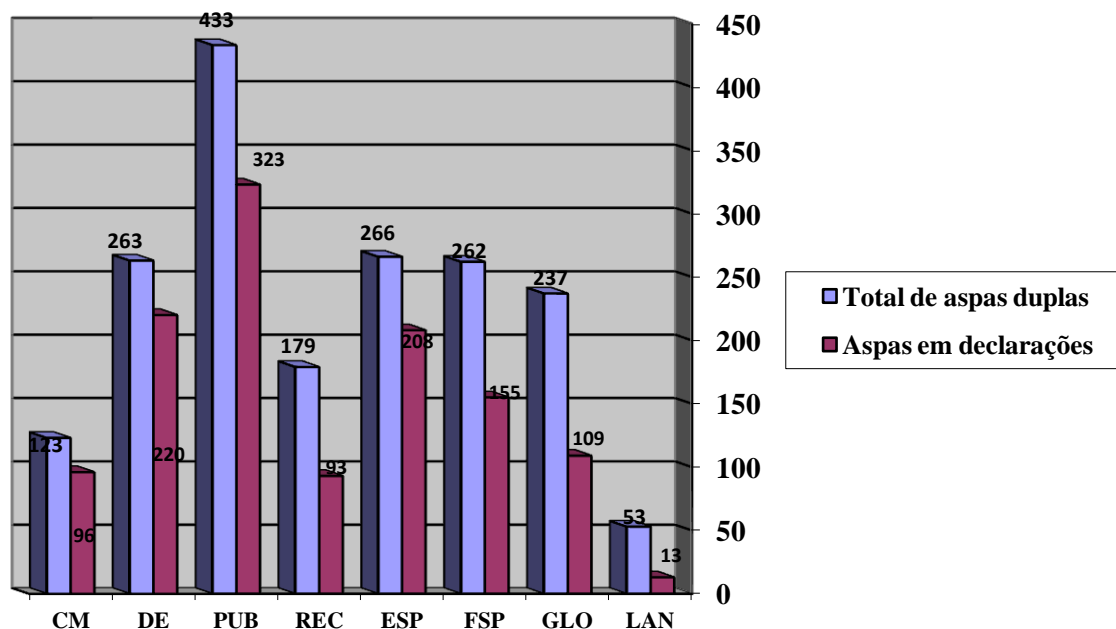


Gráfico n.º 34 – Aspas duplas: n.º total e n.º em declarações textuais

A diferença entre o número total de aspas duplas e o número de aspas usadas na circunscrição de declarações textuais prende-se com os outros usos deste *pontema*. Como mencionado no Capítulo I, em todos os jornais, as aspas duplas são usadas para delimitar títulos de livros, filmes, jornais e revistas, entre outros, para destacar o título dos próprios textos jornalísticos, para sinalizar palavras estrangeiras e para destacar, no texto, uma palavra ou expressão. O primeiro e o último contextos são os predominantes nos *corpora*.

De acordo com os manuais de redação, as aspas simples, *pontema* que ocupa a oitava posição do *ranking*, são usadas para identificar declarações textuais encaixadas em outras declarações já delimitadas por aspas duplas. Segundo os manuais de redação, o seu uso é ainda possível nos títulos dos textos jornalísticos por uma questão de economia de espaço.

Comprovou-se que nem todas as ocorrências de aspas simples obedeciam aos preceitos dos “manuais”, já que, nos *corpora*, alguns destes *pontemas* são usados para referência de títulos, para sinalização de sentidos figurados e para destaque de palavras estrangeiras, sem que surjam inseridas em declarações textuais já delimitadas por aspas duplas (cf. *supra* 4.2.). Admitindo que algumas destas ocorrências possam ser explicadas pelo facto de se considerar que, nas entrevistas, nas crónicas e nos textos de opinião, se “ouve” a voz do sujeito, outras há que se afastam de qualquer explicação, nomeadamente o uso das aspas em 90 ocorrências elencadas para assinalar palavras estrangeiras no DE, ou em 12 ocorrências para delimitar títulos (de livros e de programas televisivos, essencialmente) em notícias e reportagens do CM. Salientam-se ainda dois factos: esta unidade dupla tem pouca expressão no jornal PUB; nos *corpora* analisados, em títulos de textos jornalísticos, o seu uso é exclusivamente brasileiro.

O travessão, que ocupa a quarta posição do *ranking* dos *pontemas* mais frequentes, é usado, nos *corpora*, para intercalar uma frase explicativa ou para realçar um complemento de frase (552 ocorrências) em todos os jornais, para assinalar as declarações textuais e o discurso direto no GLO, no LAN e no PUB (293 ocorrências), para destacar a parte final de um enunciado, também em todos os jornais (226 ocorrências), e para anteceder a pergunta do jornalista e a resposta do entrevistado nas entrevistas de tipo “pingue-pongue” no CM e no REC (223 ocorrências). As restantes ocorrências ilustram situações pontuais (cf. *supra* 4.3.).

Interessa salientar, ainda, que, de acordo com o proscrito no manual de redação, nas quatro entrevistas de tipo “pingue-pongue” da FSP, a primeira questão do entrevistador e a primeira resposta do entrevistado são antecedidas por um “hífen”²¹⁴, não por travessão. Ora, tal recurso parece fugir totalmente ao que ocorre nos restantes diários.

Os dados apresentados no ponto 4.4. do Capítulo I mostram que os parênteses curvos se posicionam a seguir ao travessão no *ranking* dos *pontemas* usados nos *corpora*. Este *pontema* é usado, preferencialmente, para acrescentar uma informação acessória (517 ocorrências), para transcrever siglas (199) e para inserir comentários dos jornalistas ou autores dos textos (171). O sucesso do primeiro contexto assinalado pode dever-se à necessidade de os jornalistas esclarecerem os seus leitores, apresentando-lhes informações acessórias em relação ao que escrevem nos textos – notícias, reportagens e entrevistas. Como se viu, se o segundo contexto é privilegiado nos textos jornalísticos mais informativos – notícias, reportagens e entrevistas – (138 das 199 ocorrências), já o terceiro contexto – inserção de

²¹⁴ Recorde-se que, além do hífen, a anteceder a pergunta aparece, a negrito, o nome do jornal, igualmente a negrito. A primeira resposta é antecedida pelo nome do entrevistado, também a negrito.

comentários – associa-se aos artigos de opinião e às crónicas, ainda que também possa surgir em outros textos jornalísticos.

Por outro lado, os dados demonstram que, nos *corpora*, os parênteses curvos são usados com reticências para truncar declarações textuais presentes em notícias (sete ocorrências) e artigos de opinião. Ora, esta função é atribuída aos parênteses retos segundo o *Código de Redação Interinstitucional*.²¹⁵

No ponto 4.5. do Capítulo I, ficou claro que os parênteses retos ou colchetes, de acordo com os manuais de redação brasileiros, ocupam a última posição do *ranking* dos *pontemas*, com 97 ocorrências. Por outro lado, constatou-se que o uso desta unidade pontuacional é maior no *corpus* português, o que facilmente se explica pelo facto de, no *corpus* brasileiro, ocorrer exclusivamente na FSP (34 ocorrências), jornal que encabeça, no entanto, a lista dos que mais importância lhe concedem. Pouco há a acrescentar em relação a este *pontema*, pois este obedece ao que é prescrito nos manuais. Com efeito, os parênteses retos são usados para os jornalistas esclarecerem informações prestadas por terceiros; a seguir à FSP, é o PUB, outro jornal de referência, que apresenta maior número de ocorrências de parênteses retos. Assim, estes dois jornais abrangem cerca de dois terços do uso deste *pontema*.

Como mencionado na Parte I, Cap. II, 3., os manuais de redação prescrevem os contextos de uso dos vários *pontemas* e proíbem outros. Assim, ao fazerem as escolhas pontuacionais, visando escrever com correção, os jornalistas têm à sua disposição este conjunto de regras, já que os jornais nos ensinam “a comportar numa determinada sociedade” (Del Rio, *apud* Fontcuberta, 2002: 29).

Que conclusão se extrai da análise dos dados? Seguirão, de facto, os jornalistas e os autores dos textos de opinião essas regras postas à sua disposição?

Em primeiro lugar, apurou-se que os *pontemas* descritos nos “manuais”, por vezes ainda com base em critérios pausais, são efetivamente usados nos *corpora* português e brasileiro: ponto, vírgula, dois pontos, ponto e vírgula, reticências, ponto de interrogação, ponto de exclamação, travessão, parênteses curvos²¹⁶, parênteses retos (ou colchetes), aspas duplas e aspas simples (ou plicas).

²¹⁵ Neste pode ler-se: “Os parênteses retos empregam-se para intercalar uma frase já dentro de parênteses (curvos) e para circundar as reticências quando estas substituem parte do texto que se omitiu.” In <http://publications.europa.eu/code/pt/pt-4100409pt.htm>.

²¹⁶ Embora este *pontema* não seja referido no artigo relativo à pontuação no *Livro de Estilo* do PUB, tem um uso efetivo nesta obra, como se comprova a seguir: “As legendas das fotografias não têm ponto final. Nos números o ponto separa os milhares e as casa [sic] decimais são sempre separadas com vírgulas (os anglo-saxónicos é que usam o sistema inverso).” In http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/16p-palavras.html.

Os usos do ponto correspondem aos prescritos nos “manuais” estudados. A única divergência entre a teoria e a prática reside no emprego deste *pontema* nos numerais: proscrito pelo “manual” do PUB nos números com quatro algarismos, este uso foi encontrado em ocorrências do DE e do REC²¹⁷; proscrito pelo “manual” do ESP nas abreviaturas dos numerais inferiores a dez, este uso foi encontrado nas páginas deste diário brasileiro.

Quanto à vírgula, devido às particularidades dos textos jornalísticos, verificou-se que nem todos os contextos prescritos para este *pontema* são concretizados nos *corpora*, nomeadamente a separação, nas datas, do nome do lugar; a demarcação do nome, da rua e do número nos endereços; a separação dos elementos paralelos de um provérbio. Contudo, foi possível identificar outros contextos não prescritos pelos “manuais”, mas preceituados nas gramáticas de referência: demarcação de expressões explicativas e de certos conectores; separação de orações coordenadas copulativas e conclusivas; separação dos constituintes com a mesma função sintática. Por outro lado, embora os manuais de redação e as gramáticas prescrevam a vírgula para delimitar não só as orações como os constituintes antecipados em início de frase ou intercalados, apurou-se que este *pontema* é, ainda, usado quando estes surgem em final de frase.

Os usos prescritos para os restantes *pontemas* com função separadora – os dois pontos e o ponto e vírgula – condizem com os usos praticados nas páginas dos jornais portugueses e brasileiros. Como se constatou, o único dado curioso diz respeito ao uso do ponto e vírgula em algumas entradas e subtítulos dos textos do ESP, da FSP e do GLO para separar as ideias principais neles apresentadas.

Nos *corpora* confrontados, as maiores discrepâncias entre a teoria e a prática dizem respeito aos *pontemas* associados à expressão de *modalidade* e às unidades sequenciais ou *enunciadoras-anunciadoras*, correspondentes ao segundo e terceiro subsistemas pontuacionais.

Segundo o “manual” do ESP, o ponto de interrogação apenas deve ser usado nos títulos dos textos jornalísticos em casos especiais, muito embora o referido manual não especifique tais casos. A verdade é que foram identificadas oito ocorrências de ponto de interrogação em títulos de textos jornalísticos: na crónica de 28 de fevereiro do PUB; na crónica de 7 de fevereiro do REC; numa das notícias de 3 de janeiro da FSP e na crónica de 31 de janeiro; na crónica de 21 de fevereiro do GLO; na crónica, num dos artigos de opinião e numa das notícias de 3 de janeiro do LAN.

²¹⁷ Desconhece-se a existência de um “Livro de Estilo” apenso a estes jornais.

Por sua vez, o ponto de exclamação é proscrito, como se viu, nos “manuais” e apenas é aceite em declarações textuais, ocorrendo, contudo, em artigos de opinião e crónicas, o que não causa qualquer estranheza em textos marcados pela subjetividade. Por outro lado, as ocorrências deste *pontema* nos casos assinalados no LAN²¹⁸ infringem os preceitos dos “manuais”.

De acordo com estes, por possuírem um valor literário, também as reticências são evitáveis nas notícias e outros textos jornalísticos informativos. Apesar de tais recomendações, os dados expostos no ponto 3.3. deste Capítulo I evidenciam que este *pontema* é usado em entrevistas para marcar a hesitação e a suspensão das ideias do entrevistador e do entrevistado. Em notícias e reportagens, interrompe algumas declarações textuais e frases dos repórteres e assinala alguns efeitos expressivos, como o anúncio de surpresa: no título da reportagem de 14 de fevereiro do PUB; na notícia 1 de 31 de janeiro e nas reportagens de 10 e 31 de janeiro do REC; e na reportagem de 21 de fevereiro do GLO. Por fim, as reticências finalizam o título da notícia 2 de 31 de janeiro do LAN, sendo usadas com um valor literário bastante explícito.

Embora os três “manuais” assinem a delimitação de citações e transcrições como principal função das aspas duplas, destacando também as funções de referenciação de títulos e de sinalização de sentidos figurados, tais documentos não concordam a respeito de todos os usos das aspas duplas. Recorde-se que os “manuais” do PUB e da FSP prescrevem o uso deste *pontema* em palavras estrangeiras e no título de obras artísticas e científicas, ao passo que o do ESP o proíbe explicitamente, ainda que tenha sido possível atestar este contexto de uso em sete ocorrências neste jornal. Vejamo-las com mais atenção: na reportagem de 21/2, as aspas delimitam o nome de um bolo tradicional argentino, referido no plural, os “alfajores”; na crónica de 24/1, indicam o nome estrangeiro de uma comunidade – “slow movement”; na segunda notícia de 24/1, demarcam uns “ditos” presentes numa “plaquinhas”, ou seja, “no fur”; na entrevista de 31/1, assinalam um cognome estrangeiro «Brian "Danger Mouse" Burton»; na notícia 2 de 7/2, delimitam a palavra “download”; por fim, em duas ocorrências do artigo de opinião 2 de 7/2, caracterizam uma «saída “made in USA”». De resto, as ocorrências registadas seguem o preceituado nos “manuais”.

Um grande número de ocorrências das aspas simples nos *corpora* não se enquadra nas prescrições dos “manuais” e corresponde, basicamente, aos usos preceituados para as aspas

²¹⁸ Como mencionado anteriormente, este *pontema* ocorre em títulos, antetítulos e subtítulos de notícias e reportagens deste jornal, cf., por exemplo, a notícia 1 de 17/1; a notícia 1 de 31/1; as notícias 1 e 2 de 24/2; a reportagem de 28/2.

duplas (cf. 4.2.). Ora, algumas destas ocorrências podem ser explicadas pela sua inserção dentro de declarações textuais delimitadas por aspas duplas em notícias e reportagens. No entanto, a maior parte não obedece às prescrições. Por exemplo, das 98 ocorrências em que circunscrevem palavras estrangeiras, apurou-se que as 90 listadas no DE obedecem a um uso específico deste jornal, no qual se registaram igualmente duas ocorrências de aspas duplas neste contexto. Das restantes oito, presentes em todos os jornais à exceção do PUB, apenas duas estão inseridas em outras declarações, uma no REC e a outra na FSP²¹⁹. Os três casos registados no CM – recorde-se que não foram encontradas ocorrências de aspas duplas na sinalização de palavras estrangeiras –, e o do ESP afastam-se também das prescrições²²⁰. Já as ocorrências registadas no GLO e no LAN surgem, respetivamente, no intertítulo da notícia 2 de 17/1 e no título de um dos artigos de opinião de 17/1.

Como referido anteriormente, o uso dos restantes *pontemas enunciadores-anunciadores* – travessão, parênteses curvos e retos – segue as prescrições dos “manuais”. Salienta-se, no entanto, a solução apresentada nos “manuais” para cortar as transcrições. De acordo com o *Livro de Estilo* do PUB, para este contexto deve recorrer-se aos parênteses retos e às reticências, ao passo que o “manual” do ESP determina o uso dos parênteses curvos para indicar a interrupção da citação. Nos “manuais” apensos aos diários brasileiros, a distinção entre as funções dos parênteses curvos e retos é, na verdade, muito ténue²²¹. Esta indefinição parece repercutir-se nas páginas dos diários: observou-se que, em 50 ocorrências²²², os parênteses curvos foram usados pelos jornalistas para inserir informações dentro de declarações textuais (cf. 4.4.). Ora, na FSP e nos jornais portugueses esta função é cumprida, efetivamente, pelos colchetes.

²¹⁹ Nestas duas ocorrências, as aspas simples delimitam as palavras ‘handicap’ (REC, reportagem, 14/2) e ‘outsider’ (FSP, entrevista, 10/1).

²²⁰ No CM, correspondem a ‘charters’ (opinião 2, 10/1), a ‘lowcost’ (crónica, 17/1) e a ‘phishing’ (notícia 2, 28/2); no ESP, surge ‘Calle’ (reportagem, 21/2).

²²¹ Relembre-se o que é prescrito no “manual” da FSP: Os **colchetes** têm uma função semelhante à dos parênteses, “mas mais abrangente”, permitindo “introduzir breves esclarecimentos no interior do texto, em especial quando interrompem declaração textual”. No “manual” do ESP, menciona-se que a função dos colchetes é intercalar observações em textos alheios.

²²² Como já referido, estas ocorrências surgem no PUB (1), no ESP (22), no GLO (19) e no LAN (8).

CAPÍTULO II - DESVIOS PONTUACIONAIS NOS *CORPORA* ANALISADOS

Pero a un legislador, un periodista, una autoridad ministerial o un profesor, puede exigírseles, com toda razón, que respeten las reglas de un código que nos pertenece a todos.

(Benito Lobo, 1992: 28)

Os meios de comunicação social têm um papel primordial na divulgação de um certo modelo de língua. Os jornalistas e os textos por eles redigidos são uma referência implícita para os leitores. É esta a razão pela qual Benito Lobo exige aos jornalistas que respeitem as regras do código pontuacional. Contudo, nem sempre as práticas dos jornalistas obedecem às normas linguísticas e pontuacionais. Peñalver Castillo (2002) arrola um conjunto de “errores más frecuentes que afectan al uso de los signos de puntuación, signos de entonación y auxiliares”: ausência de vírgulas para assinalar adequadamente a oração intercalada; ausência de vírgulas para assinalar estruturas e construções absolutas intercaladas; rutura da relação entre sujeito e verbo, verbo e complemento direto pela presença injustificada de vírgulas; uso erróneo de ponto no lugar de dois pontos; uso de aspas nas estruturas oracionais de estilo indireto introduzidas por “que”²²³.

Nas páginas seguintes serão apresentados estes e outros desvios observados nos nossos *corpora*, desvios esses que, frequentemente, acarretam, no entender de Peñalver Castillo (2002), problemas não só ortográficos mas também sintático e sintático-semânticos.

1. AUSÊNCIA DE VÍRGULAS NA ORAÇÃO/ CONSTRUÇÃO ABSOLUTA INTERCALADA

São vários os casos em que não se verifica a presença da vírgula antes ou depois – ou antes e depois – das orações intercaladas, principalmente subordinadas, como ilustram os exemplos *infra*. Estas ocorrências são transversais a todos os jornais e a todos os géneros jornalísticos analisados no presente estudo, não obstante preceituarem os manuais de redação o uso deste *pontema* no contexto assinalado.

(1) Em 2010, 'vuvuzela' foi a nossa palavra do ano, **e se dúvidas existiam**²²⁴, confirmámos então que é mais fácil recordar o que pior nos faz (CM, opinião, 10/1).

(2) As dívidas acumuladas e o "vício das mulheres" **dizem os amigos**, levaram Carlos Teixeira dos picos das montanhas, onde ganhou o estatuto de rei na Volta a Portugal de 1996, até aos calabouços da Zona Prisional da Judiciária, na última quarta-feira (CM, notícia, 7/2).

²²³ São apresentados dois outros “erros”, não aplicáveis à língua portuguesa: ausência de vírgula antes de “sin embargo” quando precedido de um conector copulativo e ausência do ponto de interrogação de abertura.

²²⁴ Para melhor visualização do desvio pontuacional, optou-se por destacar a negrito a oração intercalada e sublinhar o vocábulo que pode estar na origem da ausência de vírgula.

- (3) **Mas apesar dos inúmeros cheques sem cobertura passados**, entre os amigos não lhe eram conhecidos problemas com a Justiça (CM, notícia, 7/2).
- (4) "O meu pai saiu de manhã, para ir trabalhar, **e quando chegou ao fim da tarde** encontrou a minha mãe amarrada, com um pano na boca, e com a cara amassada [...] (CM, notícia, 7/2).
- (5) Com eleições em Abril, a política partidária diverge, **encarniçada nas suas convicções – a grega, como qualquer outra** – nas respostas àquilo que ninguém pode saber: que vida há depois do sacrifício; que vida poderá haver sem sacrifício? (CM, opinião, 14/2).
- (6) **E se a criação de emprego não cabe aos governos**, muito menos devem os políticos favorecer o emprego dos jovens, ou a qualquer grupo particular (CM, opinião, 28/2).
- (7) **Porque se há coisa que os governantes não sabem mesmo**, é criar empregos (CM, opinião, 28/2).
- (8) **Mas se de facto sabem como criar emprego**, demitam-se já do governo e dediquem-se à vida empresarial. Os desempregados agradecem (CM, opinião, 28/2).
- (9) **E quando olhamos para o Sul**, nem Paul ou Santorum têm apoios detectáveis na Carolina do Sul e na Flórida (DE, entrevista, 3/1).
- (10) **E se a probabilidade de uma ruptura na união monetária ainda este ano é de "apenas" 60%**, o CEBR avisa que a probabilidade de o euro se desintegrar durante a próxima década aumentou para 99% (DE, notícia, 3/1).
- (11) **É que conjugando o financiamento de estados e da banca**, a zona euro tem cerca de 500 mil milhões para amortizar no primeiro trimestre (DE, notícia, 3/1).
- (12) **Mas como não há almoços grátis**, mais tarde ou mais cedo alguém vai ter de suportar o custo do IVA a 23 % (DE, opinião, 3/1).
- (13) **Mas se houve quem conseguisse fugir**, nas ruas da capital também não faltava quem tivesse entrado em 2012 com surpresas pouco agradáveis (DE, reportagem, 3/1).
- (14) **Mas ao fazer ameaças como a de ontem**, Angela Merkel faz pouco pela reabilitação grega e pela sua manutenção no euro (DE, opinião, 10/1).
- (15) **Mas como não acredito que os problemas se resolvem numa folha A4 (algo só ao alcance de Assunção Esteves)**, volto ao ponto essencial [...] (DE, crónica, 24/1).

(16) A revelação é feita pela Autoridade da Concorrência (AdC) **que no seu relatório trimestral aponta para uma queda de 7,1% no consumo de combustíveis no terceiro trimestre de 2011 – quando comparado com o mesmo período de 2010** –, e a procura nacional atingiu 12,3 milhões de toneladas (DE, notícia, 24/1).

(17) Outros membros do CGS, **como são os casos de João Loureiro e José Xavier de Basto – que hoje integram também a comissão para as matérias financeiras do BCP** – deverão transitar para a nova administração, com a competência da auditoria (DE, notícia, 31/1).

(18) Opinião contrária à dos sindicatos **que defendem que esta revisão é "manifestamente incompleta"** sendo apenas "um instrumento de contenção orçamental", diz a FNE (DE, notícia, 31/1).

(19) A minha expectativa é **que dada a evolução do cenário macroeconómico global desde que o programa foi concebido**, é possível que mais dinheiro seja entregue ao programa e à economia... (DE, entrevista, 7/2).

(20) Num cenário de crescimento global, **em que Portugal se comporta bem no contexto mundial e realiza boas reformas** é bastante possível que isso suceda (DE, entrevista, 7/2).

(21) A A3ES avalia ainda "outros factores que influenciam a qualidade do ensino como bibliotecas, meios informáticos ou laboratórios", explica Alberto Amaral, que sublinha **que "se o ensino estiver a ser feito em condições que claramente não cumprem esses mínimos** então não será possível conceder a acreditação." (DE, notícia, 7/2).

(22) Já se sabe **que quando a Grécia se constipa**, Portugal espirra (DE, opinião, 7/2).

(23) "O índice de confiança do ISEG apurado para Fevereiro e relativo à evolução da actividade económica portuguesa no curto prazo foi de 35 pontos **o que traduz uma descida do índice de confiança do painel na evolução da conjuntura face ao valor do índice apurado no mês de Janeiro**, que foi de 35,5", pode ler-se na nota enviada ao Diário Económico (DE, notícia, 28/2).

(24) O governo português rejeita tais exigências, advogando que o **comprimento** das mesmas implicaria uma inaceitável perda de soberania. [...] Estamos em 1928, **e não como o leitor poderia julgar**, em 2011 ou 2012 (DE, opinião, 28/2).

(25) **É que a julgar pela dispersão de discursos populistas, adventistas e nacionalistas que pululam o espaço político europeu (especialmente a Leste)**, poderíamos julgar estar perante um filme já visto (DE, opinião, 28/2).

(26) **E se nada for feito para combater os salvadores da Pátria que inevitavelmente promovem – como o nosso Salazar – propostas socialmente retrógradas, moralmente conservadoras e civicamente discriminatórias**, caminhamos a passos largos para uma infeliz "salazarização" europeia (DE, opinião, 28/2).

(27) A isto acrescem as participações de outros accionistas que subscreveram a proposta que hoje é levada à votação: a InterOceânico **que tem quase 2%** e Hipólito Pires também com uma posição perto dos 2% (DE, reportagem, 28/2).

(28) O Ministério Público **que, em Junho passado, acusou a ex-ministra da Educação e actual presidente da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), Maria de Lurdes Rodrigues, e João Pedroso de um crime de prevaricação**, viu ontem um juiz do Tribunal de Instrução Criminal do Lisboa validar a sua tese (PUB, notícia, 17/1).

(29) Ele raciocinou rapidamente **e mesmo com as pessoas aos gritos – temos um curso para lidar com o pânico** – decidiu que iria perder o navio mas salvar o maior número de pessoas" (PUB, reportagem, 17/1).

(30) **E se o visionário aposentado o diz**, eu baixo humildemente as orelhas (PUB, opinião, 17/1).

(31) Uma a uma, as economias europeias vão caindo **e se agora apenas quatro dos 17 países do euro podem regozijar-se do seu estatuto de triplo A**, a verdade é que nem o fundo de resgate europeu onde a Alemanha tem a maior quota-parte do capital investido resistiu à ofensiva da S&P (PUB, opinião, 17/1).

(32) **E se as operações de colocação de dívida da Espanha e Itália foram um sucesso**, hoje parecem apenas uma nota de harmonia num concerto cacofónico (PUB, opinião, 17/1).

(33) **Mas quando comecei o livro**, havia um sentimento de perda e saudade (PUB, entrevista, 24/1).

(34) **Mas já que fala no assunto**, receei que muitos leitores, sobretudo os urbanos, não fizessem ideia do que estava a falar (PUB, entrevista, 24/1).

(35) Sabe, cresci numa família que contribuía com dinheiro para a American Family Association, um grupo que luta pela extinção da Civil Liberties Union e da National Endowment for the Arts [direitos e liberdades individuais e o fundo nacional para as Artes **que recebe apoio do Governo federal, respectivamente**] **que** defende que a arte é uma actividade egoísta, por vezes satânica e que os talentos criativos só são justificados quando ao serviço da fé (PUB, entrevista, 24/1).

(36) Recebíamos encomendas todas as semanas **e como os meus pais achavam que a banda desenhada era entretenimento infantil**, não era detectada pelo "radar" (PUB, entrevista, 24/1).

(37) Nos dois casos, julgo **que se optasse por algo próximo do fotorrealismo**, não ia resultar (PUB, entrevista, 24/1).

(38) Vivo em Portland onde esse contraste é menos severo, **mas enquanto vivi no Wisconsin** nunca ouvi outra língua (PUB, entrevista, 24/1).

(39) A má notícia é **que se é certo que essas sanções serão eficazes do ponto de vista económico**, o mesmo não acontece do ponto de vista político (PUB, opinião, 24/1).

(40) Maria Fekter, ministra austríaca das finanças, sublinhou por seu lado **que mesmo se os bancos "não estão muito contentes"**, um incumprimento "é muito mais caro" do que o plano que está em cima da mesa (PUB, reportagem, 24/1).

(41) A história do Dakar está em África, **mas se o único factor em análise for o desportivo**, a corrida americana é realmente mais interessante (PUB, entrevista, 31/1).

(42) **Mas para continuar** terei de estar motivado, isso é certo (PUB, entrevista, 31/1).

(43) **E, mesmo que não seja adoptada por agora (à hora que escrevo não se conhece a decisão da cimeira europeia)** ela está no ar do tempo (PUB, opinião, 31/1).

(44) **Mas quando falou sobre as suas pensões**, Cavaco quebrou um tabu (PUB, opinião, 31/1).

(45) A origem do agravamento da situação portuguesa está, bem se sabe, na Grécia, **mas se no último terço do ano passado foi possível observar uma descolagem de Portugal em relação ao fim da fila dos endividados**, agora Portugal vê a Itália e a Espanha a ganharem pontos nos seus leilões de dívida [...] (PUB, opinião, 31/1).

(46) [...] **mas se caírem na tentação de colocar a representação do Estado ao nível da indignância**, estarão a dar argumentos aos que, perante a crise, vão dizendo que isto só lá vai com "um Salazar" (PUB, opinião, 7/2).

(47) **Mas sem haver necessariamente um discurso sobre a época colonial**, ela surge no filme, sobretudo na segunda parte, associada a uma dimensão espectral (PUB, entrevista, 14/2).

(48) Assim, não será difícil extinguir o feriado da Restauração, de 1 de Dezembro, **que mais do que representar o fim da Monarquia dual de Espanha e Portugal em 1640**, representava (ou devia representar) a tentativa de o país conquistar a sua verdadeira independência e identidade, tal como havia sido pensada pelos intelectuais e políticos idealistas do século XIX [...] (PUB, opinião, 14/2).

(49) Isto não impediu, no entanto, **que mesmo depois dos primeiros alertas – pelo menos desde os anos 1920** –, a sua utilidade preponderasse sobre os seus perigos (PUB, opinião, 14/2).

(50) **E como fantasia de sambódromo tem muitas partes**, eram dez Papas tipo monte-você-mesmo (PUB, crónica, 21/2).

(51) Tudo isto deriva de um problema maior **que é sermos reféns de um sistema que já não funciona**, o facto de as corporations controlarem os governos e não o contrário (PUB, entrevista, 28/2).

(52) Sem se romper este círculo vicioso da pobreza e do atraso, a ONU pode definir e voltar a redefinir metas de programas tão generosos como o Millennium; **mas enquanto morrerem todos os dias milhares ou milhões de crianças por falta de comida ou de medicamentos**, será difícil acreditar que estamos a caminho de um mundo melhor (PUB, opinião, 28/2).

(53) TM – Os portugueses navegaram pelo Mundo, conquistaram-no, **e se ficámos com este pedaço de terra**, foi porque o merecemos (REC, entrevista, 10/1).

(54) **Mas quando alguém procura resposta para determinados enigmas, carreiras fulgurantes, sucessos improváveis, milagres de competência**, não é difícil descobrir de quem é a mão que segura a ponta da meada (REC, opinião, 10/1).

(55) **E quando o guarda-redes acaba por ser, mais uma vez, a grande figura**, nenhuma equipa pode assumir-se como candidata ao título ou sequer a um lugar na Liga Europa – que começa a ser um objetivo cada vez mais difícil, agora que o Sporting está atrás de Sp. Braga e Marítimo (REC, crónica, 24/1).

(56) MH – Eu **se pudesse trabalhar com a Diana em tudo o que faço**, trabalhava (REC, entrevista, 24/1).

(57) MH – Acredito **que se o programa continuar a ter estas audiências**, é impossível não haver pelo menos mais uma série, mesmo que não se faça este ano, que se faça só para o próximo (REC, entrevista, 24/1).

(58) AG – **Mas se me convidassem para ir fazer uma coisa e não for "às cegas"**, dizia já que sim (REC, entrevista, 14/2).

(59) Provavelmente, esse bom momento justificava outra ponderação por parte de Jorge Jesus, **que ao enveredar pelo 4x1** x3x2 espartilhou as suas opções para reagir se algo corresse mal (REC, crónica, 21/2).

(60) **Mas se essa linguagem for mantida de forma constante e com grande intensidade**, torna-se apenas num ruído enervante e ineficaz (REC, opinião, 21/2).

(61) O Benfica começou a partida a cometer erros defensivos incríveis **que foram passando sem castigo**, mas a bola parada que abriu caminho ao tento vitoriano foi um claro exemplo de como a falta de agressividade pode ser penalizante (REC, crónica, 21/2).

(62) **E cada vez que a gente vai pacificando as comunidades**, é um jogo de ganha-ganha (ESP, entrevista, 3/1).

(63) **E como fundador do Comité para Democratização da Informática (CDI), ONG que atua há 16 anos na área de inclusão digital, com recursos oriundos do setor privado**, posso garantir que a grande maioria dessas instituições sem fins lucrativos atua de forma séria e comprometida (ESP, crónica, 3/1).

(64) Com relação ao nepotismo a legislação é clara, como expresso no inciso III do artigo 4.0 da lei (7.203/2010 **que exclui das vedações as nomeações, designações ou contratações realizadas anteriormente ao vínculo familiar entre o agente público e o nomeado**, desde que não caracterize ajuste prévio para burlar a lei do nepotismo) (ESP, entrevista, 10/1).

(65) O código de conduta da Comissão de Ética Pública, **subordinado à Presidência da República** afirma, porém, que "nomear, indicar ou influenciar, direta ou indiretamente, a contratação (ESP, notícia, 10/1).

(66) O espetáculo de corrupção impune enoja a opinião pública, desmoraliza as instituições, paralisa a administração pública, desvia recursos necessários às demandas da sociedade e desafia as pretensas intenções moralizadoras da própria presidente **que troca de ministros quando não pode mais segurá-los**, mas não muda a regra do rateio dos ministérios. (ESP, opinião, 17/1).

(67) O gesto mais eloquente de **que não obstante seja discreta está disposta a pôr o governo a serviço do projeto partidário**, foi a transferência da realização do Enem, o exame de avaliação de desempenho que tantos problemas causou aos estudantes do ensino médio, para depois das eleições (ESP, opinião, 24/1).

(68) Já sabemos que enquanto não desatracarmos os corpos públicos e privados, **que enquanto não acabarem as emendas ao orçamento**, as regras eleitorais vigentes, nada vai se resolver (ESP, crónica, 31/1).

(69) Mais um mérito para a dupla, **pois por mais que cada álbum traga uma nova sonoridade, uma nova experimentação**, a voz de Auerbach, rouca e doce, sua guitarra com riffs de blues em meio a acordes de punk, e as porradas na bateria de Carney estão sempre ali (ESP, entrevista, 31/1).

(70) Incluir na agenda presidencial encontros com opositores, **mesmo que para tratar de direitos humanos – na teoria, um tema caro a Dilma** – não cairia bem. (ESP, reportagem, 31/1)

(71) O PMDB baiano articula uma chapa para disputar a Prefeitura de Salvador **que pode incluir PSDB, DEM e PPS**, os três principais partidos de oposição ao governo federal (ESP, notícia, 7/2).

(72) E lembro que ele me alertou **que para usar o 3D devidamente**, eu teria que vê-lo presente já no roteiro (ESP, entrevista, 14/2).

(73) Os casacos de couro **que custavam entre US\$ 93,00 e US\$ 140,00 há um ano**, hoje custam de US\$ 160 a US\$ 350,00 (ESP, reportagem, 21/2).

(74) Lutaremos pelo fim dos privilégios no fomento à produção artística; pela reestruturação do Fundo Nacional de Cultura, de modo que este receba recursos originados do Imposto de Renda devido pelas empresas, a serem destinados a projetos aprovados por um conselho de representantes da sociedade civil **que analisarão projetos a serem financiados por leis de incentivos**, assim retirando das empresas patrocinadoras o poder decisório sobre a destinação final de tais recursos (ESP, crônica, 28/2).

(75) Trata-se do produtor Harvey Weinstein **que**, além do feito de conseguir prêmios importantes para um longa mudo e a preto e branco, **faturou ainda com a premiação de melhor atriz para Meryl Streep (A Dama de Ferro) e com a escolha de Undefeated como melhor documentário de longa-metragem**, premiações surpreendentes, pois outros eram favoritos (ESP, reportagem, 28/2).

(76) Nos nossos primeiros oito meses no Brasil, a coisa mais importante é **que agora quando se fala de JAC Motors no Brasil**, muita gente sabe o que é (FSP, entrevista, 3/1).

(77) Logo, ao financiar o porto, o governo brasileiro acredita estar contribuindo para uma aproximação com os EUA (não, **como é óbvio** um ano eleitoral como 2012) (FSP, crônica, 31/1).

(78) Somos livres, somos Zabadani", diz à Folha um jovem de 22 anos **que se define como "combatente pela liberdade"**, em um frio reduto montanhoso (FSP, reportagem, 7/2).

(79) Para Churchill, **se Hitler invadissem o inferno** até o diabo mereceria ao menos uma palavra favorável (GLO, opinião, 24/1).

(80) – Elas frequentaram a mesma escola, e a sonoridade é próxima, mas a diferença é **que enquanto Amy viveu mais do que toda a tragédia que suas letras mostram**, Adele deixa a tristeza nas canções e, **no minuto seguinte** já está se acabando de rir (GLO, entrevista, 31/1).

(81) **Mas se as condições forem boas para o mercado**, então os títulos portugueses podem cair – diz. (GLO, opinião, 31/1).

(82) Ela não deu entrevistas, **mas perguntada se iria sair para passear**, brincou com os jornalistas: (GLO, reportagem, 31/1)

(83) O ágio foi alto, **mas se fosse com os grandes operadores**, tudo bem, porque eles estão acostumados a tirar leite de pedra, mas os pequenos, talvez não – avalia o especialista em aviação Respício do Espírito Santo (GLO, opinião, 7/2).

(84) É claro que os desafios da Costa do Sol, **que administra o aeroporto de Cabo Frio** são diferentes dos recém-privatizados, que passam às mãos dos novos donos em maio (GLO, reportagem, 21/2).

(85) Mesmo sem o apoio do xerife, Romney, **que enfrenta sério risco de perder a primária de hoje em Michigan – seu estado natal** – encontra um cenário mais tranquilo no Arizona (GLO, reportagem, 28/2).

(86) Sem querer ser pessimista, ou profeta, não seria um exagero afirmar **que se os três insistirem com essa bobagem** vão dançar na competição sul-americana, e mais, provavelmente também no campeonato local (LAN, crónica, 10/1).

(87) No entanto, na hora da prorrogação, diante da LDU, no Maracanã, os jogadores **que estavam teoricamente "descansados"**, acabaram ficando sem pernas (LAN, crónica, 10/1).

(88) Nem tanto ao mar, nem tanto à terra, pois **quando "saem de cena as gerais e entram os camarotes executivos, com poltronas confortáveis, televisores de última geração e petiscos finos"**, como coloca Lopes, o que temos é o isolamento da massa (LAN, opinião, 10/1).

(89) O azar é da Argentina, que ainda não aprendeu a explorar todo o potencial de Messi – **e se quiser ser campeã do mundo novamente**, terá de montar um sistema para ele brilhar (LAN, opinião, 10/1).

(90) Kaká fazia proselitismo de uma igreja **a qual, pelo que me consta, acabou abandonando depois**, o que não quer dizer que tenha deixado de ter fé em Cristo. Somos um país laico e a crença religiosa é um direito de todo cidadão **que deve ser respeitada**, como Juca sempre respeitou (LAN, opinião, 24/1).

(91) E só resistiram **porque se aos tricolores e cruz-maltinos faltou maior ousadia para liquidar seus compromissos com maior facilidade**, a capacidade de alvinegros e rubro-negros para superar as retranscancas foi absolutamente zero (LAN, crónica, 31/1).

(92) Aliás, na média, eles **que não chegam a 10% da população**, costumam ser mais criativos, inventivos, geniais e geniosos (LAN, opinião, 7/2).

(93) **E para que se tenha uma ideia da falência do modelo atual**, com times e jogos demais, e de como a audiência diminuiu, vai aqui uma comparação entre tempos distintos. (LAN, crônica, 14/2)

(94) **E quando se fala em enxuto**, vale lembrar que em 1982 o Campeonato Carioca tinha apenas 12 clubes [...] (LAN, crônica, 14/2).

(95) Ronaldo está no mercado **e se existir uma agência interessada e o Flamengo aprovar** podemos conversar. A nova parceria dá uma liberdade maior para que isso aconteça (LAN, entrevista, 14/2).

(96) Já Bebeto, **que gosta de fazer o papel de "bom moço"** resolveu jogar na defesa (LAN, opinião, 21/2).

(97) É sempre bom lembrar **que devido a denúncias de corrupção que derrubaram Orlando Silva do Esporte**, Rebelo, o "especialista" em Código Florestal, ganhou a pasta de presente (LAN, opinião, 21/2).

Da observação dos 97 exemplos acima, conclui-se que a presença das conjunções coordenativas “e” e “mas”, antes da oração intercalada, pode determinar a inexistência da primeira, da segunda ou das duas vírgulas delimitadoras. Nos 22 casos em que ocorre a conjunção copulativa²²⁵, esta parece ter originado a ausência da primeira vírgula em 18 situações, da segunda vírgula no exemplo (43) e das duas nos exemplos (4), (29) e (95). A presença da conjunção adversativa pode ter motivado a ausência da primeira vírgula delimitadora em vinte exemplos²²⁶ e das duas nos exemplos (38) e (42).

A utilização da conjunção subordinativa completiva “que” também poderá ter influenciado na ausência da primeira vírgula delimitadora – aquela que segue imediatamente à conjunção – em 15 exemplos²²⁷ e das duas vírgulas nos exemplos (21) e (86).

O uso do pronome relativo “que” antes da oração intercalada pode estar na origem da ausência de vírgula nos exemplos (48) e (59).

Nos exemplos (7), (91) e (69), (88), a inexistência de uma das duas vírgulas delimitadoras da oração intercalada pode ser explicada pela presença das conjunções “porque” e “pois”, respetivamente.

Dezanove dos exemplos contemplam orações relativas explicativas, introduzidas pelo pronome relativo “que” e não delimitadas pela primeira ou segunda vírgula²²⁸. Nos exemplos

²²⁵ São eles os exemplos (1), (4), (6), (9), (10), (24), (26), (29), (30), (31), (32), (36), (43), (50), (53), (55), (62), (63), (89), (93), (94) e (95).

²²⁶ Exemplos (3), (8), (12), (13), (14), (15), (33), (34), (41), (44) (45), (46) (47), (52), (54), (58), (60), (81), (82) e (83).

²²⁷ Os exemplos são os (11), (19), (22), (25), (37), (39), (40), (49), (57), (67), (68), (72), (76), (80) e (97).

(16), (18) e (35) estão ausentes as duas vírgulas. O mesmo ocorre nos exemplos (20), (23) e (90), que integram orações relativas explicativas introduzidas por outros pronomes relativos²²⁹. Nos exemplos (28), (73) e (92), a ausência da primeira vírgula delimitadora da oração relativa explicativa origina um outro desvio pontuacional: a rutura entre o sujeito e o verbo pela presença da segunda vírgula.

A presença de travessão com função de inserção pode ter levado ao desaparecimento de vírgula delimitadora nos exemplos (5), (17), (70) e (85).

A inexistência da primeira ou segunda vírgula nos exemplos (2), (65), (77) e (79) não parece ter explicação direta nos contextos observados.

2. RUTURA DA RELAÇÃO ENTRE SUJEITO/VERBO

Não obstante a vírgula ser proibida no livro de estilo e nos manuais de redação analisados, foi possível identificar várias ocorrências de vírgula entre o sujeito e o verbo, como a seguir se exemplifica.

(1) O solitário que assaltou à mão armada 20 bancos na Grande Lisboa, é, afinal, um famoso ciclista do Boavista FC, que até 2002 'só' caíra, por duas vezes, nas malhas do doping (CM, notícia, 7/2).

(2) Assim, um estado que não faz bem o que lhe compete, não deve tentar outras aventuras (CM, opinião, 28/2).

(3) E encontrar uma solução única para o dilema europeu, torna-se mais urgente que nunca (DE, opinião, 10/1).

(4) Acordar que em 2015 assumiremos compromissos de reduções de emissões para entrarem em vigor a partir de 2020, é uma atitude imprudente dos governantes mundiais, perante um problema que afectará inevitavelmente as atuais e futuras gerações (DE, crónica, 10/1).

(5) A aparente cedência de Berlim, surge numa altura em que os credores internacionais estão próximos de um acordo com a Grécia para a redução voluntária de pelo menos 50% da dívida privada (DE, reportagem, 24/1).

²²⁸ Nos exemplos (28), (61), (63), (64), (66), (71), (73), (74), (75), (78), (87), (90) e (92), falta a primeira vírgula. Nos exemplos (84) e (96), a segunda.

²²⁹ No exemplo (20), cuja oração relativa explicativa é introduzida por “em que”, falta a segunda vírgula. Nos exemplos (23) e (90), com orações relativas explicativas introduzidas por “o que” e “a qual”, respetivamente, falta a primeira vírgula delimitadora.

- (6) A formação de capital do novo mecanismo de estabilidade que entrará em vigor em Julho deste ano, é "uma das razões" subjacentes a um "Orçamento rectificativo" este semestre, explicou (DE, reportagem, 31/1).
- (7) O facto "de o incumprimento da lei ser maior nos estabelecimentos em que é permitido fumar" permite-lhe concluir que "uma lei mais restritiva, terá uma elevada aceitação social" (PUB, notícia, 10/1).
- (8) Fará sentido, este despeito? (PUB, opinião, 21/2).
- (9) Em declarações à Al-Arabyia em Homs, testemunhas disseram que os hospitais controlados pelo regime não são seguros – muitos feridos para lá transportados são identificados como opositores e submetidos a tortura; alguns, desaparecem (PUB, notícia, 28/2).
- (10) A mesma equipa que esteve 10 jogos seguidos a ganhar, leva já seis sem o conseguir fazer (REC, crónica, 24/1).
- (11) O Sporting que joga o melhor futebol, apresenta os melhores jogadores, escolhe o treinador mais capaz, procura há anos, sem sucesso, uma solução para o crónico problema da arbitragem, que define como o único a separá-lo de regulares conquistas de títulos (REC, opinião, 7/2).
- (12) Cânticos da multidão para si mesma, podem ser desafios ou sublinhados de poder (REC, opinião, 28/2).
- (13) O ex-embaixador de Obama na China e considerado o mais moderado republicano na disputa, decidiu concentrar seus esforços em New Hampshire, onde ocorrem primárias na próxima semana (ESP, reportagem, 3/1).
- (14) "Pedidos de pagamentos para lazer, viagens, trocar de carro ou de apartamento, não foram acolhidos [...]" (ESP, notícia, 10/1).
- (15) As contas e indicadores de desempenho da máquina federal, registram o avanço dessa forma perversa de privatização do património público nesses nove anos (ESP, opinião, 17/1).
- (16) E o que era para ser uma entrevista, acabou se transformando quase em uma inquisição (GLO, reportagem, 31/1).
- (17) O mundo artístico e a sociedade em geral, esperam que todos os interessados, Bienal, MinC, Controladoria Geral da União, Tribunal de Contas da União, ministérios públicos federal e estadual, empenhem-se para chegar a um acordo (GLO, opinião, 28/2).

Mais uma vez se constata que estas ocorrências são transversais a quase todos os jornais – excetua-se a *Folha de S. Paulo* – e géneros jornalísticos.

A presença de uma vírgula injustificada entre o sujeito e o verbo nos exemplos (1), (2), (6), (10), (11) e (16) pode ser, eventualmente, explicada pelo facto de o sujeito integrar uma oração relativa restritiva encabeçada pelo pronome relativo “que”, sendo, portanto, mais extenso.

Nos restantes exemplos, essa vírgula injustificada poderá ter outras explicações. Vejamos: em (3), o sujeito é uma oração infinitiva; em (4), o sujeito integra uma oração completiva iniciada pela conjunção completiva “que”; em (7), está presente uma oração completiva introduzida pela conjunção “que” cujo sujeito se encontra separado do verbo por vírgula; em (8), o sujeito encontra-se posposto ao verbo, e o uso da vírgula neste contexto é possível, uma vez que marca uma retoma da informação dada e apresentada após a inserção de um complemento direto entre o verbo e o sujeito; em (13) e (14), o sujeito é extenso, incluindo o segundo uma enumeração; em (15) e (17), o sujeito é composto, e os seus membros estão ligados pela conjunção copulativa “e”.

Não se encontra justificação sintática aparente para a presença da vírgula nos exemplos (5), (9) e (12). No entanto, de acordo com os defensores do estilo oral de pontuar²³⁰ e da pontuação como representação dos aspetos prosódicos, a vírgula presente entre o sujeito e o verbo no exemplo (9) é legítima, já que o uso deste *pontema* poderá ter uma motivação pragmática, sendo uma forma de enfatizar o ato descrito através do verbo selecionado.

3. ASPAS NAS ESTRUTURAS ORACIONAIS DE ESTILO INDIRETO

Segundo Benito Lobo (1992: 28), a análise dos jornais permite constatar que não há jornalistas que distingam com clareza o estilo direto do estilo indireto. No entanto, os manuais de redação proíbem o uso de aspas neste contexto:

É preciso, no entanto, saber usar bem as aspas. Veja como a frase seria reproduzida erradamente: A advogada Denise Barros, que passava pelo local, diz que "foi horrível ficar presa no trânsito durante quatro horas". O recomendável: "Foi horrível", disse a advogada Denise Barros, que passava pelo local. "Fiquei presa no trânsito durante quatro horas." Repare que não há necessidade de nenhum outro verbo

²³⁰ Apesar de defendermos uma perspetiva fonográfica da pontuação e de aceitarmos que a pontuação se encontra relacionada com a prosódia, o nosso estudo assenta, principalmente, na função sintática da pontuação.

declarativo depois da segunda frase: fica claro que é a mesma pessoa quem fala.

(Martins, *Manual de Redação e Estilo*, 1997)

A análise dos dois *corpora* permitiu identificar vários casos, distribuídos por todos os jornais e pelos vários géneros jornalísticos, em que esta norma não foi respeitada.

(1) A lei de limitação de mandatos **determina que** "o presidente de câmara municipal só pode ser eleito para três mandatos consecutivos". E **afirma ainda que** "um presidente de câmara municipal, depois de concluídos os mandatos referidos, não pode assumir aquelas funções (de presidente "de" câmara) durante o quadriénio imediatamente subsequente ao último mandato consecutivo permitido". (CM, opinião, 3/1).

(2) Sobre os pormenores sexuais, **diz que** "foi normal, mas uma vez com o Ivo foi filmado" contou Leitão (CM, notícia, 10/1).

(3) Do gabinete redecorado **ficámos também a saber que** "quem tenha algumas luzes culturais percebe [na decoração] a alusão a Ricardo Reis e à herança cultural da antiguidade clássica" (CM, 17/1, opinião).

(4) O próprio presidente do Supremo Tribunal de Justiça **veio proclamar** que a prisão já deveria ter tido lugar e **que** "não faz sentido que a pena ainda não tenha sido executada" (CM, opinião, 24/1).

(5) **Revela ainda que** "tem mania" dos cremes, faz massagens e vai ao ginásio (CM, entrevista, 31/1).

(6) Veio o governo e **disse que** "quer agir de forma determinada" e reforçar a ligação com as instituições de solidariedade, empurrado certamente pela realidade de Janeiro (CM, opinião, 31/1).

(7) Já Villas-Boas **acredita que** "Ronaldo é mais mediático face a Messi em Portugal, mas o mesmo não acontece em Espanha ou noutros países europeus" (DE, 10/1, reportagem).

(8) O holandês Johan Crujff **não hesita em admitir que** Messi pode ganhar "cinco, seis ou sete vezes a Bola de Ouro", mesmo **considerando injusto que** "Xavi não ganhe uma" (DE, 10/1, reportagem).

(9) Sem querer avançar o valor que a TVI lhe ofereceu, Júlio Magalhães **assegura**, no entanto, **que** "o valor foi secundário" e "não pesou nada" para que aceitasse o desafio (DE, notícia, 17/1).

(10) Pressionando a reunião de ministros das Finanças do euro na próxima segunda-feira, a S&P **avisa que** "se um reforço de garantias for adoptado" poder-se-á retomar o 'rating' AAA (DE, reportagem, 17/1).

(11) "Nunca fui da opinião que o FEEF tivesse de ter necessariamente [rating] AAA", disse Merkel, **indicando inclusive que** "AA+ também não é um mau 'rating'" (DE, reportagem, 17/1).

(12) O comissário Laszlo Andor, responsável pelo Emprego, **disse** ontem em declarações a um grupo de jornalistas, entre eles o Diário Económico, **que** "esta iniciativa para reciclar os fundos é muito importante" (DE, reportagem, 24/1).

(13) O economista, que é conselheiro do primeiro-ministro francês, **defende que** "Portugal, tal como França, não são mais do que províncias da Europa" (DE, entrevista, 24/1).

(14) O mesmo relatório **conclui que** "o consumo nacional de gasolina e de gasóleo rodoviários representou 50,5% do consumo nacional total de combustíveis derivados do petróleo (contra 51,1% em média em 2010)" (DE, notícia, 24/1).

(15) Tal constatação, partilhada entre os partidos no arco governativo, recorda-me um comentário de Antero de Quental quando, insurgindo-se contra o rotativismo parlamentar estéril do século XIX, **referia que** "os partidos perdem a noção da realidade e, enquanto o mundo está em constante transformação, eles repetem maquinalmente as teses habituais de uma filosofia caduca, que nem sequer entendem" (DE, crónica, 31/1).

(16) O presidente da Comissão, Durão Barroso, **avisou** ontem **que** as reformas estruturais em Portugal e Itália "vão demorar tempo a dar resultados", durante a sua apresentação aos líderes europeus. Barroso saudou as reformas no mercado laboral adoptadas na Alemanha entre 2003/5 e **afirmou que** "a Itália e Portugal estão a decidir agora e a implementar reformas que também são de grande alcance. Mas os resultados vão demorar algum tempo a aparecer", **acrescentou**. O actual êxito da Alemanha deve pois inspirar estes países, **defendeu** (DE, reportagem, 31/1).

(17) A A3ES avalia ainda "outros factores que influenciam a qualidade do ensino como bibliotecas, meios informáticos ou laboratórios", **explica** Alberto Amaral, que **sublinha que** "se o ensino estiver a ser feito em condições que claramente não cumprem esses mínimos então não será possível conceder a acreditação." (DE, notícia, 7/2).

(18) Alberto Amaral **revela** ainda **que** "a partir de Maio começa a avaliação de todo o resto do sistema (os 3599 cursos com acreditação preliminar) divididos num ciclo de cinco anos" (DE, notícia, 7/2).

(19) O presidente **explicou que** "não podemos caminhar para o crescimento através de cortes orçamentais!" (DE, notícia, 14/2).

(20) Já Mitt Romney, favorito à nomeação republicana para as presidenciais de Novembro, **disse que** a proposta orçamental "é, um insulto para os contribuintes" e **que** "não consegue oferecer uma única ideia séria para salvar a Segurança Social". Os democratas responderam em comunicado, notando que os planos de Romney de sacrificar a Segurança Social para financiar cortes de impostos aos milionários "não parecem ter nada de senso comum" (DE, notícia, 14/2).

(21) A agência de notação financeira Fitch **avisou** ontem **que** "um incumprimento desordenado, o qual poderá incluir a saída da Grécia da zona euro, não pode ser inteiramente posto de parte" (DE, reportagem, 7/2).

(22) Já fonte do Banco Sabadell **refere que** qualquer mudança será sempre "sem dúvida" para melhorar o BCP e **que** dará sempre "o seu apoio incondicional", até porque "as relações são muito boas". A mesma fonte **refere que** a presença no BCP "nunca foi especulativa" (DE, reportagem, 28/2).

(23) José Manuel Rodrigues **declara que** "estas drogas muitas vezes são mais nefastas do que aquelas que são proibidas", nomeadamente porque não são indicadas para uso humano. [...] "Melhor seria que a lei andasse à frente das lojas", **admite** José Manuel Rodrigues, **afirmando que** "há mais de um ano" que existe um vazio legal em Portugal relativamente a estas substâncias (PUB, notícia, 3/1).

(24) Apesar de ser uma substância activa de medicamentos autorizados, o PSD **refere que** "comporta riscos de abuso e utilização ilícita" (PUB, notícia, 3/1).

(25) A palavra de ordem é "sobrevivência", sublinha, **antevendo que** "muitas empresas vão ficar pelo caminho este ano" (PUB, reportagem, 3/1).

(26) O facto "de o incumprimento da lei ser maior nos estabelecimentos em que é permitido fumar" **permite-lhe concluir que** "uma lei mais restritiva, terá uma elevada aceitação social" (PUB, notícia, 10/1).

(27) Um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros **disse que** "a ameaça, a pressão e as sanções são injustas e estão destinadas ao fracasso", quer porque o país não abdica "dos seus direitos fundamentais" (a produção de energia nuclear), quer porque "as necessidades energéticas mundiais são tais que é impossível sancionar o Irão", que tem a quarta maior reserva de petróleo do mundo (PUB, notícia, 24/1).

(28) O paradoxo é perfeitamente compreensível e, de certo modo, já estava explicado na canção de Sérgio Godinho, naquela parte em que **diz que** "Há muitos países que julgam/ que têm democracia, inclusive,/às vezes, o nosso" (PUB, opinião, 24/1).

(29) Atenas **diz que** "as negociações vão continuar de forma intensa", devendo o governo apresentar uma proposta formal a 13 de Fevereiro (PUB, reportagem, 24/1)

(30) **Afirmou que** "tudo se resumia a uma arreliadora deficiência tecnológica", uma vez que nunca pretendia publicar aquele impropério numa rede social (PUB, crónica, 31/1).

(31) Confrontado com essas práticas do seu antigo colaborador, aliás bastante comentadas no meio, Lello lá **reconheceu que** "isto não tinha muito a ver com diplomacia" (PUB, crónica, 31/1).

(32) como é que o nosso Lello se justificou? **Que** "não conhecia bem a lei e não sabia o que tinha de declarar". Já nós conhecemos muito bem José Lello (PUB, crónica, 31/1).

(33) Também o primeiro-ministro português, Pedro Passos Coelho, **defendeu que** "existem melhores maneiras de a UE garantir que o apoio que presta à Grécia será bem concretizado e Passos Coelho, primeiro-ministro português de a própria Grécia ganhar mais confiança na execução do seu próprio programa" (PUB, notícia, 31/1).

(34) Eis que a doutrina da Igreja **enfatiza**, por exemplo, **que** "o Estado se torna deletério para a sociedade quando uma intervenção directa excessivamente açambarcadora acaba por desresponsabilizar os cidadãos e produz um crescimento excessivo de aparelhos públicos mais guiados por lógicas burocráticas do que pela preocupação de satisfazer as necessidades das pessoas" (PUB, crónica, 7/2).

(35) Angela Merkel, chanceler alemã, **deixou claro que** "não pode haver, nem haverá, alterações" às medidas previstas (PUB, reportagem, 14/2).

(36) Mais a sério, o responsável brasileiro **reconhece que** "a prioridade das prioridades são os mega-eventos em que o Brasil vai ser sede" (PUB, reportagem, 21/2).

(37) O secretário de Estado adjunto do ministro da Saúde, Leal da Costa, **garantiu que** "está tudo definido: as crianças serão operadas no HPC, podendo, numa fase transitória, sê-lo no Hospital da Universidade de Coimbra". Quanto à possibilidade de criar um segundo centro, o governante **disse que** "o importante é ter Coimbra a funcionar" (REC, notícia, 7/2).

(38) O código de conduta da Comissão de Ética Pública, subordinado à Presidência da República **afirma**, porém, **que** "nomear, indicar ou influenciar, direta ou indiretamente, a contratação, por autoridade competente, de parente consanguíneo ou por afinidade para o exercício de cargo, emprego ou função pública" ofende o princípio da moralidade administrativa e compromete a gestão ética (ESP, notícia, 10/1).

(39) Questionado se a sua experiência como ministro é suficiente para administrar São Paulo, Haddad **respondeu que** "devemos enaltecer as pessoas que querem disputar um cargo tão importante e não procurar diminuir". Indagado sobre o fato de José Serra não concorrer, Haddad esquिवou-se. **Disse apenas que** "gostaria de, até amanhã (hoje), falar um pouco mais de educação e menos de Prefeitura (ESP, notícia, 24/1).

(40) "Pedimos que os líderes do Irã suspendam suas atividades nucleares imediatamente", **afirma** o texto, que **garante que** "as portas estão abertas para que o Irã entre em negociações sérias e significativas sobre seu programa nuclear" (ESP, reportagem, 24/1).

(41) Na nota, os presidentes dos clubes Militar, Naval e da Aeronáutica reclamam de Maria do Rosário **alegando que** "mais uma vez esta autoridade da República sobrepunha sua opinião à recente decisão do STF", que rejeitou a revisão da Lei da Anistia (ESP, notícia, 21/2).

(42) Os militares **ressaltaram que** "a plateia aplaudiu a fala, incluindo a sra. Presidente" (ESP, notícia, 21/2).

(43) Também por meio de nota, a Oracle **afirmou que** "como um parceiro, a NTC participou desta licitação em conformidade com as regras do processo licitatório do CNJ e venceu o negócio" (FSP, notícia, 24/1).

(44) A companhia ainda **declarou que** "mantém um alto padrão de ética e transparência e exige que seus parceiros estejam em conformidade com todas as regras e regulamentações aplicáveis" (FSP, notícia, 24/1).

(45) **Chegou a afirmar que** "o vício intrínseco do capitalismo é a partilha desigual do sucesso", enquanto "o vício intrínseco do socialismo é a partilha equitativa do fracasso" (GLO, opinião, 24/1).

(46) Ele **destacou que** "os locais turísticos estão mais controlados", mas que isso **não garante que** "de repente" as forças do Exército "entrem na Assembleia (Legislativa) e cheguem atirando e que sobre para algum turista" (GLO, notícia, 7/2).

(47) Assim como Rui Falcão, o pré-candidato do PT à prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad, também **afirmou ontem que** "já esperava" pelo anúncio da pré-candidatura de José Serra (GLO, notícia, 28/2).

(48) **(como achar que** "é fácil" jogar neste time fantástico do Barcelona, carimbando a tese com a lapidar frase: "Até minha avó faz gol lá") (LAN, opinião, 10/1).

Constata-se que, dos 48 exemplos acima transcritos, os casos (16), (17), (23), (40) e (48) apresentam outras soluções para transcrever declarações textuais, juntamente com o uso do discurso indireto introduzido por "que" e a utilização das aspas. Por outro lado, este desvio pontuacional repete-se nos exemplos (1), (8), (16), (20), (22), (23), (37), (39) e (46).

Nas páginas seguintes, serão inventariados outros desvios encontrados nos *corpora*, e não arrolados por Peñalver Castillo (2002), quanto à ausência ou à presença injustificada de vírgula.

4. APOSTO SEM VÍRGULA

Embora a vírgula seja prescrita para delimitar o aposto nos manuais de redação de *O Estado* e da *Folha*, tal como nas gramáticas tradicionais, foram encontrados casos (pontuais) de aposto sem uma das vírgulas delimitadoras.

(1) Rui Moutinho, **presidente da APIMA – Associação Portuguesa das Indústrias de Mobiliário e Afins** – está a ser investigado por fraude fiscal (CM, notícia, 17/1).

(2) O Nobel da Economia, **Joseph Stiglitz** deixou ontem o recado: Portugal é demasiado pequeno e vai precisar de mais do que o crescimento interno para se salvar (DE, opinião, 10/1).

(3) Miguel Gil, **administrador da Media Capital** já tinha feito saber, no início do ano, que o professor "está muito à-vontade com a TVI" (DE, notícia, 17/1).

(4) Pedro Miranda, **director comercial adjunto da Media Capital Rádios** vê muitas vantagens na integração de mensagens comerciais nos programas das rádios (DE, notícia, 24/1).

(5) Já Filipa Vasques Osório, **directora da OMD Portugal** também admite que é difícil estimar este valor, já que "difere entre estações de rádio" (DE, notícia, 24/1).

(6) Para além das propostas recebidas através da Internet, o ministério garante que foram ouvidos cerca de 1.500 directores e representantes de escolas de todo o País pelo ministro, pela Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário, **Isabel Leite** e **pelo o [sic] Secretário de Estado do Ensino e da Administração Escolar, João Casanova de Almeida**, durante este processo (DE, notícia, 31/1).

(7) Ana Bela Baltazar, **autora do Dicionário da Língua Gestual Portuguesa e secretária da direcção da Associação de Surdos do Porto (ASP)** defende que a iniciativa da Conde de S. Cosme merece aplauso [...] (PUB, reportagem, 10/1).

(8) "As promessas da Grécia já não são suficientes para nós", afirmou Wolfgang Schäuble, **ministro alemão das Finanças** ao Weltam Sonntag, frisando que o país não pode ser "um poço sem fundo" da ajuda europeia (PUB, reportagem, 14/2).

(9) A original, encomendada pelo presidente do PSDB, Sérgio Guerra, ao ex-vice de José Serra no governo de São Paulo – depois governador durante a campanha – **Alberto Goldman**, chegou a ser

divulgada, mas foi recolhida e substituída por um texto mais ameno assinado pela Executiva, mas não submetido ao exame do colegiado (ESP, opinião, 17/1).

(10) Com dívidas crescentes, eles foram obrigados a vender o acervo da companhia de 250 filmes ao Goldman Sachs, **um dos maiores bancos de investimento do mundo** por US\$ 50 milhões, algo como queimar os móveis para manter o ambiente aquecido (ESP, reportagem, 28/2).

Em nove dos dez casos acima transcritos, falta a segunda vírgula, à exceção do exemplo (9), sem a primeira vírgula, provavelmente devido à presença de travessão antes do aposto. Ora se no exemplo (1) a inexistência da vírgula poderá explicar-se pela presença de um travessão antes do aposto, já em (6) a explicação poderá encontrar-se na presença da conjunção copulativa “e”. Nos exemplos (8) e (10), poder-se-á justificar a ausência da segunda vírgula pelo facto de o aposto ser seguido de uma oração gerundiva²³¹ e de uma oração explicativa precedidas por vírgula, respetivamente. Não se encontra uma razão plausível para a ausência de vírgula nos restantes exemplos.

5. ADJUNTO ADVERBIAL OU ADVÉRBIO INTERCALADO SEM VÍRGULA

A vírgula é prescrita para separar adjuntos adverbiais ou advérbios, “principalmente quando deslocados e extensos” (*Novo Manual de Redação da Folha*). Contudo, este desvio é recorrente nos *corpora*, encontrando-se a sua origem em justificações semelhantes às que foram identificadas no ponto 1, relativo à ausência de vírgula na delimitação de oração/construção absoluta intercalada.

(1) O voo foi calmo **e à chegada a um aeroporto com alguns vestígios de neve**, a temperatura rondava um grau negativo (CM, reportagem, 28/2).

(2) A crise permitiu que as compras de Natal fossem feitas a preço de saldo e que o revéillon ficasse mais em conta, **mas no regresso ao trabalho**, a regra foi outra (DE, reportagem, 3/1).

(3) **Mas desta vez**, mesmo a factura do supermercado vai subir (DE, reportagem, 3/1).

(4) Inspirei-me nas palavras de José Luis Sampedro, renomado economista espanhol, **que com a sabedoria dos seus 94 anos**, tem sido um dos apoiantes do movimento de "Los indignados", em Espanha (DE, crónica, 10/1).

²³¹ Antes da oração gerundiva encontra-se ainda o complemento indireto do verbo.

- (5) Os resultados da Conferência do Clima (COP-17) **em Durban**, parecem claramente insuficientes para abrandar a tendência das mudanças climáticas em marcha (DE, crónica, 10/1).
- (6) O Governo português "não tem margem de manobra para conduzir uma estratégia", já que é obrigado a seguir uma política de austeridade imposta pela Europa e pelo FMI, "uma estratégia que não tem futuro", defende **em entrevista ao Diário Económico**, Jean-Paul Fitoussi (DE, entrevista, 24/1).
- (7) **E desde então**, as acções europeias iniciaram um rali que se traduziu numa valorização superior a 10%, ao mesmo tempo que o euro somou um ganho de 3,6% face ao dólar (DE, notícia, 28/2).
- (8) Julga-se que a solução para os problemas do País passam pelo auxílio externo, **e para o efeito**, solicita-se um avolumado empréstimo à comunidade internacional (DE, opinião, 28/2).
- (9) "É sempre assim", diz a professora Paula, lembrando que o dia da cirurgia do colega foi, **para o resto da turma** "um dia perdido" (PUB, reportagem, 10/1).
- (10) Devo dizer **que oito anos depois**, os meus pais aceitaram Blankets (PUB, entrevista, 24/1).
- (11) **E depois**, outro paradoxo, os portugueses elegem-nos outra vez (PUB, opinião, 24/1).
- (12) **Mas em termos ambientais**, traz uma mensagem clara: a de que as acções do presente podem ter efeitos futuros que ou não antecipamos, ou simplesmente negligenciamos (PUB, opinião, 14/2).
- (13) Quando tal acontecer, os gregos perceberão que tudo foi em vão, **que depois de tantos erros**, Berlim e Bruxelas apenas pensaram no seu interesse ao encenar o caminho da Grécia para a bancarrota (PUB, opinião, 14/2).
- (14) **Mas depois**, nem sequer acredito nisso (PUB, entrevista, 14/2).
- (15) **E a partir de 2000 (Sydney)**, a média saltou para as 51 medalhas nas três últimas participações (PUB, reportagem, 21/2).
- (16) R – **E no desporto**, como é quando assiste às corridas do Tiago Monteiro? (REC, entrevista, 17/1).
- (17) Dir-se-ia **que com números destes**, não há equipa que possa manter altas as ambições (REC, opinião, 7/2).
- (18) Não está em causa o amor e empenho **que, certamente** as claques do FC Porto e Sporting têm pelas equipas que suportam (REC, opinião, 28/2).

(19) Sempre que convocado, participei de reuniões administrativas com a equipe do ministério, sendo **que em algumas ocasiões**, o ministro se fez presente (ESP, entrevista, 10/1).

(20) Bellocchi disse **que na época em que governou o TJ-SP – símbolo da resistência ao CNJ** –, foi criada uma Comissão de Orçamento que analisava os pleitos dos magistrados por benefícios acumulados (ESP, notícia, 10/1).

(21) Segundo o jornalista, a ideia do ônibus começou a ser discutida no fim de 2010 e veio da vontade de contemplar quem não está em casa para ver o programa ou quem, **na hora do almoço** "está na padaria vendo a TV no mudo" (ESP; entrevista, 17/1).

(22) Auerbach conta **que a cada álbum**, as músicas vão nascendo de forma espontânea (ESP, entrevista, 31/1).

(23) E bem conhecido o fato de que a maioria dos oprimidos no mundo são negros ou mestiços – e **nos EUA**, os descendentes de espanhóis são igualmente discriminados. Não posso fazer nada a esse respeito, mas posso cantar algo que traduza o que sinto (ESP, entrevista, 21/2).

(24) Mariano, vendedor de uma loja de roupa masculina na avenida Santa Fe, diz que os turistas brasileiros sempre pedem desconto: "Sempre tenho de explicar **que na Argentina**, o desconto é coisa rara..." (ESP, reportagem, 21/2).

(25) Talvez, **mas, sem vazão** não há pensamento (ESP, crônica, 24/1).

(26) **Mas para a Presidência**, o Serra e o Aécio continuam sendo os dois nomes fortes do PSDB? (ESP, entrevista, 28/2).

(27) "Ia lá **todas as semanas**, assistir a bandas como Pavement, Fugazi e Sonic Youth." (FSP, entrevista, 10/1).

(28) Também por meio de nota, a Oracle afirmou **que "como um parceiro**, a NTC participou desta licitação em conformidade com as regras do processo licitatório do CNJ e venceu o negócio" (FSP, notícia, 24/1).

(29) A política externa de Mitt Romney se preocupa com "países fracos demais para se defender sozinhos" e também com "países falidos ou em falência", como Somália, Yemen, Afeganistão e Paquistão, **e num grau alarmante**, nosso vizinho México" (GLO, opinião, 10/1).

(30) O problema é **que além da questão nacional**, há dimensões étnicas e religiosas (GLO, entrevista, 14/2).

(31) O absurdo é tão grande **que das 27 Federações**, 21 não representam nenhum clube na Ia divisão (GLO, crónica, 28/2).

(32) Para justificar guerras (e isso não é de hoje), preconceitos e discriminações, "explicar" as injustiças e desgraças da vida, **mas agora**, além de jogar bola, parece que Jesus entrou no octógono e partiu para a pancadaria (LAN, opinião, 24/1).

(33) **E dentre suas principais características**, chama a atenção a de pegador de pênaltis, conquistada ainda nas divisões de base (LAN, notícia, 31/1).

(34) **Se no futebol**, a gestão de Patrícia Amorim vai de uma crise a outra, na área social e nos esportes olímpicos, a evolução é reconhecida pela oposição (LAN, notícia, 7/2).

(35) **E pelo visto**, o divórcio está fora de cogitação (LAN, notícia, 28/2).

A justificação para a inexistência de uma das vírgulas – quase sempre a primeira, salvo raras exceções²³² – pode encontrar-se não só na presença de conjunções como também do pronome relativo “que” antes do adjunto adverbial ou do advérbio.

Assim, nos exemplos (1), (7), (8), (11), (15), (16), (23), (29), (33) e (35), a privação de vírgula poderá estar relacionada com a presença da conjunção copulativa “e”. Já nos exemplos (2), (3), (12), (14), (25), (26) e (32) encontra-se a conjunção adversativa “mas”.

A conjunção completiva “que” poderá ser responsável pela eliminação de vírgula nos exemplos (10), (13), (17), (19), (20), (22), (24), (28) e (30), assim como a conjunção consecutiva “que” e condicional “se” nos exemplos (31) e (34), respetivamente.

Nos exemplos (4) e (18), a ausência de uma das vírgulas poderá encontrar-se no uso do pronome relativo “que” antes do adjunto adverbial e do advérbio seguintes.

Não se encontra qualquer justificação para a inexistência de uma das vírgulas nos exemplos (5), (6), (9), (21) e (27). Saliente-se que a ausência da segunda vírgula delimitadora no exemplo (5) origina outro desvio pontuacional já citado: a rutura entre o sujeito e o verbo pela presença injustificada da primeira vírgula. No exemplo (27) a vírgula separa a locução verbal “ia assistir”.

Como se constatou nos exemplos anteriores, a presença do pronome relativo ou da conjunção completiva “que” parece gerar, com alguma frequência, alguns desvios pontuacionais, que poderão ser explicados pela falta de conhecimento das estruturas sintáticas por parte dos jornalistas ou dos cronistas, autores dos textos constantes dos *corpora*.

²³² A “falha” da segunda vírgula ocorre apenas nos exemplos (9), (18), (21) e (25).

Nos pontos seguintes, serão observados outros desvios advindos do uso de “que”: ausência de vírgula antes de relativa explicativa em final de frase encabeçada pelo pronome “que”; presença de vírgula antes de orações relativas restritivas iniciadas pelo pronome “que”; presença de vírgula antes de oração completiva começada por “que”.

6. ANTES DE ORAÇÃO RELATIVA EXPLICATIVA EM FINAL DE FRASE

(1) "Nota-se em tudo", conta Maria Ferreira dos Santos **que**, à saída de um supermercado no centro de Lisboa, **foi apanhada desprevenida pelo aumento no rolo de carne** (DE, reportagem, 3/1).

(2) Veremos se a aplicação deste novo regulamento não irá de facto redundar no crescimento dos estudantes **que terão apenas o valor da propina para pagarem às suas universidades e institutos politécnicos** (DE, entrevista, 10/1).

(3) E seria fácil evitar isto: bastaria que os diretores "avaliadores" integrassem um universo diferente dos restantes avaliados, como aconteceu, aliás, com o processo de avaliação dos professores **que**, não obstante a crítica que sempre nos mereceu, **impediu que "avaliadores" pertencessem ao mesmo universo dos avaliados e partilhassem as mesmas quotas** (PUB, opinião, 3/1).

(4) Até lá, têm o direito de considerar que se ofenderam os mais elementares princípios de justiça, equidade, universalidade e transparência **que deveriam presidir a um processo desta importância na vida profissional dos dirigentes escolares** (PUB, opinião, 3/1).

(5) Martin Kotthaus, porta-voz do ministério das Finanças, afirmou de manhã em Berlim que a nota não passa de um "documento de trabalho" para "ver o que é que é possível fazer quando um programa de reformas persiste em derrapar", como é o caso da Grécia **onde "tudo indica que há um défice" de aplicação das medidas acordadas em troca de uma primeira ajuda de 110 mil milhões de euros da zona euro e do FMI** (PUB, notícia, 31/1).

(6) Diz que a paralisação é uma "natural expressão de indignação dos trabalhadores" **que têm sido muito prejudicados desde que estalou a crise financeira mundial** (PUB, reportagem, 31/1).

(7) Durante mais de 90 minutos, a artista deslumbrou, com a sua voz possante, apresentando melodias novas e covers incluídos em Mounqaliba, como Rivertnan, de Nick Drake, e Lawhazat Nashwa, épico dos irmãos Rahbani, celebrizado pela libanesa Fairouz, mas também Mon Amie la Rose, canção de Françoise Hardy **que Natacha**, numa interpretação magistral, **oferece à sua mãe desde que ela morreu em 2006** (PUB, entrevista, 28/2).

(8) Raúl **que**, recorde-se, **saiu de Madrid com a chegada de Mourinho** (REC, opinião, 3/1).

(9) O Sporting está a atravessar esse ciclo de ineficácia **que já se tornou num círculo vicioso** (REC, opinião, 7/2).

(10) Em Coimbra, os gilistas foram os primeiros e os últimos a aproveitar melhor a onda de entusiasmo pelas conquistas mais recentes e quase tudo lhes correu bem, consumando o assalto ao 7.º lugar da Liga, ultrapassando a Briosa **que estava a um ponto de distância** (REC, crónica, 14/2).

(11) Tendo sempre o meu melhor", frisou Marko **que**, em novembro de 2010, **alcançou a sua melhor posição de sempre na lista ATP (628.º)** (REC, notícia, 28/2).

(12) Na verdade, os escândalos que envolvem as organizações não governamentais têm sua origem num grupo de políticos corruptos **que abusam de sua autoridade para desviar dinheiro público em benefício próprio** (ESP crónica, 3/1).

(13) Eleições em 24 países, inclusive nos EUA, na França, na China e na Rússia, definirão os novos líderes **que terão de enfrentar os desafios impostos pelas incertezas e instabilidades.** (ESP, crónica, 10/1)

(14) "Uma saudação grande a meu irmão **que em Savona finalmente desembarcará para tirar férias.**" (ESP, reportagem, 17/1).

(15) "Vamos circular por São Paulo, na porta dos treinos e na saída das escolas, onde tem uma molecada com boa energia, que é a cara do programa", explica Leifert **que**, na última quinta-feira, **completou três anos como apresentador e editor-chefe do Globo Esporte** (ESP, entrevista, 17/1).

(16) A prova foi alvo de erros e problemas, como o vazamento de questões, e transformou-se em marca negativa da gestão de Haddad **que os adversários pretendem atacar** (ESP, notícia, 24/1).

(17) Como diz o embaixador Melantônio, a crise síria é uma "obra em progresso" **que**, por isso mesmo, **exige avaliações e reavaliações a cada 24 horas** (FSP, crónica, 7/2).

(18) A ascensão da cantora ofuscou a parafernália – marketing, publicidade, escândalo, moda e música – do fenómeno Lady Gaga **que**, a bordo de seu terceiro disco, "Born this way" (2011), **atingiu apenas um terço das vendas de Adele** (GLO, entrevista, 31/1).

(19) Tudo isso é uma receita para depressão, doenças mentais e mágoas **que**, às vezes, **são descontadas nas patroas e nas crianças delas** (GLO, opinião, 31/1).

(20) Esta soberba provocou a ira de Deus **que**, para castigá-los, **confundiu-lhes as línguas e os espalhou por toda a Terra** (GLO, opinião, 7/2).

Curiosamente, os exemplos foram detetados em todos os jornais, à exceção do *Correio da Manhã* e do *Lance!*, abarcando os diferentes géneros jornalísticos. Mais uma vez se verifica que a ausência de vírgula pode ser explicada pelo pronome relativo “que”, à exceção do exemplo (5), cuja oração relativa explicativa é encabeçada por “onde”.

Num sentido diametralmente oposto, os jornalistas incorrem, por vezes, noutros desvios pontuacionais relacionados com a presença injustificada de vírgula antes de oração relativa restritiva e de oração completiva iniciada pela conjunção “que”, como a seguir se demonstra.

7. ORAÇÕES RELATIVAS RESTRITIVAS ANTECEDIDAS POR VÍRGULA

Embora a vírgula seja proscrita na delimitação de uma oração restritiva no *Manual de Redação do Estado*, foram identificados casos em que este *pontema* é usado em tal contexto.

(1) Para além destes, terão acesso aos descontos, através do Passe Social+, os agregados com rendimentos mensais brutos até 1258 euros, **que incluam dois sujeitos passivos e dois dependentes (idosos ou jovens)** (CM, notícia, 24/1).

(2) Por exemplo, um agregado familiar com os pais e um filho estudante no ensino superior, **em que os pais ganhem 500 euros por mês cada um deles**, equivale a dizer que o filho tem direito a bolsa de estudo, mas apenas receberá o valor da propina e nada mais (DE, entrevista, 10/1).

(3) Como se percebe, não se pode dizer que um agregado que no conjunto, entre pai e mãe, dispõe de mil euros por mês, **que tem um rendimento elevado** (DE, entrevista, 10/1).

(4) O estudo "peca pela desactualização", porque é feito com números de 2008 a 2010 e não tem em conta a tendência recente, **que no último fez disparar os processos para 290**, mesmo com os critérios do Governo (PUB, reportagem, 7/2).

(5) Além do IST, há outras universidades, **onde a aplicação da lei terá o mesmo tipo de consequências** (PUB, notícia, 28/2).

(6) CARLOS MENDES – Já antes de fazermos o "Só nós três", eu e o Fernando queríamos fazer um trabalho juntos e convidar uma voz feminina, **que não fosse da nossa geração** (REC, entrevista, 21/2).

8. VÍRGULA ANTES DE “QUE” (CONJUNÇÃO COMPLETIVA)

Também proibida antes de uma oração completiva ou integrante, no *Manual de Redação de O Estado*, a vírgula surge, ainda que muito pontualmente, neste contexto.

(1) Temos um líder europeu, a Alemanha, que **é claro e admitido por todos, que** não quer nenhuma destas duas soluções (DE, entrevista, 24/1).

(2) "É muito mau. **Parece, que** os gregos estão a destruir a sua civilização [...]" (DE, reportagem, 14/2).

(3) **É logo no ponto 1 da agenda, que** aparece a proposta de alteração do contrato da sociedade, tendo em vista a adopção de um Conselho de Administração, Comissão de Auditoria e Revisor Oficial de Contas, bem como a criação de um Conselho Estratégico Internacional (DE, reportagem, 28/2).

(4) Quer isto **dizer, que**, se a tradição imperar, Jesus pode começar a encomendar as faixas (REC, reportagem, 17/1).

(5) Ontem, o ex-presidente da Câmara Newt Gingrich voltou a cobrar de Romney explicações sobre as atividades da Bain Capital, especializada em reestruturações de outras empresas, **afirmando, que** ela "saqueava essas companhias, deixava as pessoas desempregadas e saía com milhões de dólares" (GLO, reportagem, 10/1).

(6) **É, que** segundo ela, não foi a primeira e nem vai ser a última vez que ocorrerá a um cubano (LAN, notícia, 17/1).

9. ANTES DE “MAS”

Como se demonstrou nos pontos 1, 4 e 5, a utilização da conjunção adversativa “mas” parece suscitar dúvidas entre os jornalistas e autores de crónicas e artigos de opinião. Ditam as normas pontuacionais que esta conjunção deva ser precedida por uma vírgula, mas nunca deve ser seguida pelo mesmo *pontema*, a não ser que preceda uma oração intercalada. Apesar de os autores dos textos jornalísticos incluídos nos *corpora* usarem vírgula antes desta conjunção em **636** ocorrências, como se prescreve no *Novo Manual de Redação da Folha*, como se verificará, nos dois próximos pontos, a mesma conjunção, frequentemente, não é antecedida por vírgula ou é, inexplicavelmente, seguida de vírgula, ao arrepio das normas e da proibição terminante do *Manual de Redação de O Estado*.

(1) – Fui a um casting para televisão **mas** não posso falar sobre o assunto (CM, entrevista, 10/1).

(2) Prefiro fazer trabalhos mais cuidados e, apesar de não parecer, numa série grava-se menos **mas** sempre com o cuidado de ver as coisas ficarem perfeitas (CM, entrevista, 10/1).

(3) – Preocupo-me com o futuro **mas** não é coisa que me tire o sono (CM, entrevista, 17/1).

- (4) Na senda do slogan desse Isaltino brasileiro que foi Ademar de Barros: "Rouba **mas** faz." (CM, opinião, 24/1).
- (5) Lembrámo-nos do tempo em que Natália Correia discordou à letra **mas** em verso com certo deputado do CDS, o que defendeu que o acto sexual servia unicamente à reprodução (CM, opinião, 24/1).
- (6) - Não estava à espera de fazer este tipo de trabalhos **mas**, uma vez que não estou a trabalhar, não me importo nada (CM, entrevista, 7/2).
- (7) Dedicou-se ao tráfico **mas** foi apanhada (CM, notícia, 14/2).
- (8) A inspiração do ministro chegou-lhe sem poder avistar a Grécia **mas** com a Grécia no pensamento (CM, opinião, 28/2).
- (9) A ESFG, detentora da maioria do capital do BES, tem ainda o problema adicional de não estar sediada em Portugal **mas** sim no Luxemburgo (DE, notícia, 3/1).
- (10) Inês Lourenço não poupa no exemplo. "Estamos em época de saldos **mas** acho que as compras em roupa terão de esperar." (DE, reportagem, 3/1).
- (11) Lionel Messi é o melhor do Mundo **mas** Cristiano Ronaldo ainda vale mais (DE, reportagem, 10/1).
- (12) Os detalhes são muitos **mas** entre as novas exigências está o facto de a política de remuneração dever ser "adequada e proporcional à dimensão, organização interna, natureza, âmbito e complexidade da actividade da instituição" (DE, notícia, 10/1).
- (13) Os portugueses acabaram por sair do capital da concessionária brasileira para poderem desenvolver negócios noutras paragens **mas** ficou a ligação entre os responsáveis das duas entidades (DE, opinião, 17/1).
- (14) Não se avançaram com novos recursos, apenas fundos europeus que já estavam previstos **mas** ainda não foram gastos (DE, reportagem, 31/1).
- (15) E enquanto isto a "nova vaga" teima em se apresentar, refém que se encontra da impossibilidade sistémica de ser significativa, se não intervir no espaço alemão, francês ou em Bruxelas; razão evidente **mas** que não justifica a falta de alternativas parcelares nos países periféricos europeus, Portugal incluído (DE, opinião, 14/2).
- (16) "Não podem haver duas prioridades, é necessário que a União Europeia e o Governo português passem da prioridade da austeridade para a prioridade do emprego", desafiou o líder socialista, que

defendeu não se mostrou contra a austeridade **mas** avisou que esta tem que ter "uma dose suficiente" e ser "inteligente" (DE, entrevista, 28/2).

(17) Por outro lado, se olharmos para o passado ou para países que têm uma justiça muito célere, que é um objectivo que se procura **mas** nem sempre resulta numa justiça justa, nem todos têm uma boa economia (PUB, entrevista, 3/1).

(18) Podemos pensar numa reforma global **mas** isso é para segundas núpcias. Imediatamente não precisamos de reformas nem de mexer na lei (PUB, entrevista, 3/1).

(19) Os mais de um-para-um poderiam continuar de graça **mas**, a partir de dois destinatários, deveriam custar tanto como o selo mais barato (PUB, crónica, 10/1).

(20) Abel, que defrontou o argentino em Setembro de 2008 quando o Sporting foi a Barcelona na fase de grupos da Liga dos Campeões (os "leões" perderam por 3-1 **mas** Messi não marcou nenhum golo), diz que os dois são igualmente difíceis de marcar (PUB, entrevista, 10/1).

(21) A receita em cima da mesa, feita de medidas duras **mas** para o futuro ou de fundos de socorro que tardam em ver a luz do dia, não funciona (PUB, opinião, 17/1).

(22) Ele raciocinou rapidamente e mesmo com as pessoas aos gritos – temos um curso para lidar com o pânico – decidiu que iria perder o navio **mas** salvar o maior número de pessoas (PUB, reportagem, 17/1).

(23) Os patrões chamam a isto "competitividade" **mas** avisam que esta não chega (PUB, crónica, 24/1).

(24) Não tentei fazer uma documentação etnográfica da sociedade árabe. Abracei esse orientalismo **mas** em simultâneo comento os efeitos do imperialismo americano no mundo (PUB, entrevista, 24/1).

(25) Reestruturação da dívida grega sim **mas** só se for "aceitável" (PUB, reportagem, 24/1).

(26) Para isso, no entanto, os ministros francês e alemão das finanças, François Baroin e Wolfgang Schäuble, insistiram ontem em que, além da reestruturação da dívida, Atenas terá de intensificar o pacote de reformas estruturais com que se comprometeu **mas** que continuam a fazer-se esperar (PUB, reportagem, 24/1).

(27) O Presidente da Assembleia, Jaime Gama, bem lhe notou que o seu computador não era de uso pessoal **mas** da Assembleia. Lello insistiu afirmando que os deputados "não podem estar sujeitos ao voyeurismo" (PUB, crónica, 31/1).

(28) Por seu lado, os países do euro terão de definir o montante final da ajuda, que começou por ser fixado em 130 mil milhões de euros **mas** poderá ter de ser aumentado em 10 a 15 mil milhões devido à deterioração da situação económica (PUB, notícia, 31/1).

(29) A greve geral que paralisou a Bélgica **mas** não afectou o encontro dos líderes europeus (PUB, reportagem, 31/1).

(30) Pelo contrário, Tino, de 47 anos, trabalha nos serviços de distribuição de correio da Comissão Europeia **mas** ontem fez greve (PUB, reportagem, 31/1).

(31) Somando a isto a crise que atingiu a democrática partidocrática, criou-se a ideia de que o juiz pode e deve prestar aos cidadãos aquilo em que os políticos falharam: não apenas uma ânsia incomensurável de justiça **mas** a salvação e a regeneração da própria democracia (PUB, crónica, 14/2).

(32) E que, portanto, tudo viesse associado a uma ideia de extinção. Extinção que pode ser a da época colonial **mas** que também pode ser só a extinção do brilho da juventude (PUB, entrevista, 14/2).

(33) Também, por isso, pensámos que seria melhor centrar a primeira parte não na Aurora **mas** noutra personagem, a da vizinha Pilar [Teresa Madruga], que passa o tempo a tentar lidar com as culpas dos outros (PUB, entrevista, 14/2).

(34) No Parlamento, a revolta também se fez sentir, embora de forma pacífica, através da rebelião de 42 deputados dos dois partidos que apoiam o governo de união nacional de Lucas Papademos – Pasok (socialista) e Nova Democracia (conservador) – **mas** votaram contra o programa (PUB, reportagem, 14/2).

(35) "O futebol passou a ser o caminho para a estruturação e consolidação da identidade nacional [do Brasil], diferencia o nacional do não nacional, não através da guerra **mas** do futebol", assinala Fernandes (PUB, reportagem, 21/2).

(36) "Finalmente vamos ter um espaço de estudo, com horário alargado, algo que já existe na Asprela **mas** que aqui no centro não tínhamos", diz (PUB, notícia, 21/2).

(37) Familiares do ex-PIDE insistiam que fosse retirada tal referência **mas**, em nome da liberdade de expressão, os tribunais absolveram os então réus, já que não fazia sentido falsificar a memória e sobretudo os registos históricos (nos quais, aliás, se baseava a peça) (PUB, opinião, 21/2).

(38) Isto porque lembrará o facto de Espanha ter ficado com aquele território português, numa anexação tacitamente consentida **mas** não reconhecida em qualquer tratado. O PS já fez, até, um pedido de esclarecimento ao Governo (PUB, opinião, 21/2).

(39) Não evoluímos **mas** regredimos, quase até ao sistema feudal da Idade Média, quando todos os poderes eram os do dinheiro. Quis que este álbum fosse uma declaração política (PUB, entrevista, 28/2).

(40) A defesa vila-condense é apanhada em contrapé **mas** tem de ser um central leonino a fazer o golo que os avançados ontem não conseguiriam marcar, mesmo que o jogo tivesse durado o dobro do tempo (REC, crónica, 3/1).

(41) A poucos meses dos Jogos Olímpicos, a vice-campeã europeia mostra algumas cautelas **mas** não esconde que o objetivo é um lugar no pódio (REC, entrevista, 10/1).

(42) TM – Não apontava para o ouro **mas** cheguei lá e senti que podia ganhar (REC, entrevista, 10/1).

(43) Amado por um e odiado por outros, Tacuara é um jogador que divide opiniões **mas** a quem os números traduzem a utilidade (REC, crónica, 17/1).

(44) O que fica como conclusão do jogo de Olhão é positivo para a equipa de Sérgio Conceição (que soube resistir à tentação de arriscar de forma desordenada) **mas**, mais uma vez, negativo para o Sporting (REC, crónica, 24/1).

(45) Os leões parecem ter entrado numa espiral incontrolável em que nada lhes sai bem **mas** para a qual não são capazes de encontrar solução (REC, crónica, 24/1).

(46) Falta de confiança ou má forma física – o argentino começou o ano lesionado – têm sido algumas das razões apontadas para o menor rendimento **mas** o agente do jogador, Jose Irribaren, tem outra opinião (REC, notícia, 24/1).

(47) As grandes novidades do mercado estão guardadas para hoje **mas**, no mercado internacional, há clubes que se anteciparam ao último dia para tratar de entradas e saídas (REC, notícia, 31/1).

(48) Eles não vão ao Jamor **mas** também brilham (REC, crónica, 14/2).

(49) [...]; um ponta-de-lança à beira da epilepsia competitiva – vai a todas as bolas **mas** não acerta coordenadamente em nenhuma (REC, opinião, 21/2).

(50) O quadro é pior quando se olha para as categorias de indústrias: as de eletricidade e fornecimento de água aumentaram 4,1%; a construção civil, 3,8%; a extração mineral, 3,0% – **mas** a indústria de transformação cresceu apenas 1,2%, ante um crescimento do PIB de 3,2% (ESP, opinião, 3/1).

(51) Talvez ele dissesse: Se acelerar muito, a música vai junto **mas**, depois de certo ponto, a arte perde o fôlego... (ESP, crónica, 24/1).

(52) Do ponto de vista político, o fortalecimento das classes médias tende a favorecer a consolidação dos regimes democráticos – **mas** desde que suas aspirações não sejam frustradas (ESP, opinião, 28/2).

(53) O destino do dinheiro que os sortudos ganham nas loterias federais – **mas** se esquecem de buscar – pode mudar (GLO, notícia, 3/1).

(54) Segundo porque guerras são brutais **mas**, muitas vezes, escolhemos não pensar em que o "brutal" realmente quer dizer (GLO, crônica, 14/2).

(55) Carnaval sempre foi sexo – tudo bem – **mas**, antes, havia uma doce inibição no ar, havia a suave caretece, uma moralidade mínima, havia clima de amor romântico nos bailes (GLO, opinião, 21/2).

(56) Além de contar com um voo regular de carga semanal de Miami da ABSA – empresa da LAN, agora soda da TAM – a empresa, que conta com cerca de 500 funcionários, incluindo terceirizados, recebe cerca de 10 voos semanais com cargas, em frete. Trip e Azul voam regularmente para lá – esta última, a princípio, apenas na alta temporada – **mas** muitos voos charters de Argentina, Uruguai e Chile aterrissam lá no verão, chegando a três pousos internacionais por sábado (GLO, reportagem, 21/2).

À exceção dos exemplos (34), (50), (52), (53), (55) e (56), nos quais a inexistência de vírgula antes da conjunção pode ser explicada pela presença do travessão, não se encontra qualquer justificativa para esta ausência nos restantes 50.

Por outro lado, é curioso constatar que este desvio ocorre em todos os jornais, à exceção de *Folha de S. Paulo* e *Lance!*, destacando-se no jornal *Público*, que contabiliza 24 ocorrências, e em todos os gêneros jornalísticos, ao passo que no diário *O Estado de S. Paulo* abrange apenas crônicas e artigos de opinião.

10. DEPOIS DE “MAS”

(1) **Mas, nem o Governo português, nem o francês**, têm a menor margem de manobra para conduzir uma estratégia (DE, entrevista, 24/1).

(2) **Mas**, a minha ideia é que, ultimamente, as políticas em curso em Portugal apresentam um sucesso potencial [...] (DE, entrevista, 7/2).

(3) **Mas, isso** não pode nem deve corresponder a um tratamento de favor (DE, crônica, 14/2).

(4) **Mas**, cresce entre os políticos a percepção de que o efeito de uma vitória substancial agora não significa necessariamente que as estruturas municipais lhes garantirão uma colheita de votos tão boa quanto, daqui a dois anos (ESP, opinião, 10/1).

(5) Esta correria seria ótima se fôssemos chegar a alguma coisa, a uma estação Finlândia, a um terminal qualquer; **mas**, aonde chegaremos? (ESP, crónica, 24/1).

(6) **Mas**, é natural que a nova presidente mude nomes na diretoria... (ESP, entrevista, 24/1).

(7) **Mas**, o que é a mentira? A verdade são os crimes evidentes que a PF e a mídia descobrem ou os desmentidos dos que os cometeram? Não há mais respeito, não digo pela verdade; não há respeito nem mesmo pela mentira (ESP, crónica, 31/1).

(8) **Mas**, tudo está ficando tão claro, tão insuportável que temos de correr esse risco, temos de contemplar a mecânica da escrotidão, na esperança de mudar o País (ESP, crónica, 31/1).

(9) **Mas**, é preciso remover o mais rapidamente possível as amarras que impedem o setor de alçar voo (GLO, opinião, 21/2).

(10) **Mas**, quase não precisamos das canções, nessa época convulsa (GLO, opinião, 21/2).

Destes dez exemplos, três foram transcritos de entrevistas do *Diário Económico* e de *O Estado de S. Paulo*, ao passo que os restantes sete estão presentes em crónicas e artigos de opinião dos jornais *Diário Económico*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, ou seja, não podem ser atribuídos aos jornalistas.

11. ORAÇÕES ANTECIPADAS SEM VÍRGULA

Segundo as normas pontuacionais, quando uma oração é antecipada, esta deve ser seguida de vírgula. É o que prescrevem os manuais de redação dos dois jornais brasileiros analisados. No entanto, foram identificados 36 exemplos em que esta norma não é aplicada.

(1) **Quando subir** vou notar", diz à saída de um supermercado em Lisboa onde a factura "não foi maior que a habitual" (DE, reportagem, 3/1).

(2) **Se não o fizer** perde o direito a esta protecção. No final dos cinco anos, o senhorio pode actualizar a renda, sem que o arrendatário possa invocar a situação de dificuldades financeiras. **Se nessa altura não tiver meios para pagar renda** pode, então, pedir o subsídio de renda (DE, notícia, 17/1).

(3) **Apesar de ter caído AA+** conseguiu colocar com êxito 8,59 mil milhões de euros, a uma taxa ainda mais baixa que no passado (DE, reportagem, 17/1).

(4) **Além da quebra no consumo a produção nacional de combustível** também caiu face ao período homólogo, na ordem dos 10% (DE, notícia, 24/1).

(5) **Para satisfazer a procura** foi necessário um maior recurso à importação, conclui a análise do regulador (DE, notícia, 24/1).

(6) **Se esta abordagem produzir bons resultados** podemos expandi-la a outros estados membros", concluiu (DE, reportagem, 31/1).

(7) **Se as companhias aéreas – responsáveis por 3% das emissões de CO2 e por isso incluídas no sistema de comércio de emissões da UE – não pagarem a nova taxa** incorrem numa multa de 100 euros por tonelada de carbono emitida e, em último caso, podem ver suspensos os direitos de voo no espaço europeu (DE, notícia, 7/2).

(8) **Caso o curso não venha a ser acreditado pela A3ES** "deixa de poder admitir novos alunos e deve encerrar em dois anos, funcionando apenas para alunos que queiram acabar os cursos", alerta Alberto Amaral (DE, notícia, 7/2).

(9) **Para mudar os estatutos** hoje bastam 32% dos accionistas votarem a favor, o que está garantido (DE, reportagem, 28/2).

(10) **Para isto ser aprovado** são precisos dois terços dos 48% dos votos presentes [...] (DE, reportagem, 28/2).

(11) **Contactada** a Teixeira Duarte preferiu não fazer comentários. Fonte oficial lembrou que, como subscritora das propostas, a empresa revê-se nos argumentos que justificaram as mesmas (DE, reportagem, 28/2).

(12) **Segundo o Diário Económico soube** não está prevista uma intervenção na AG do presidente cessante, Carlos Santos Ferreira, como era tradição sua (DE, reportagem, 28/2).

(13) **Quando comecei a participar no Dakar** era um sonho só estar ali (PUB, entrevista, 31/1).

(14) **Quando o filme acaba** tem-se vontade de voltar às personagens iniciais, mas elas já não estão lá (PUB, entrevista, 14/2).

(15) **7. Quando encontramos a Ala do Clero** é o reconhecimento da espécie (PUB, crónica, 21/2).

(16) **Se tivéssemos conseguido o golo mais cedo** até podíamos ter saído daqui com outro resultado, sem esconder que o Rio Ave, nas transições rápidas, também podia ter resolvido o jogo (REC, entrevista, 3/1).

(17) **Para o quadro ser completo** só faltaram um grupo de trabalho pela introdução das "novas" tecnologias da bola e outro pelo reconhecimento e legalização das apostas online (REC, opinião, 3/1).

(18) TM – **Assim que terminaram os Jogos de 2008** começámos logo um novo ciclo, e tudo é feito nesse sentido (REC, entrevista, 10/1).

(19) AR – **Quando fui mãe** tinha uma certa dificuldade em comprar livros, porque às vezes tinha uma história gira ou livros didáticos, mas eram só isso (REC, entrevista, 17/1).

(20) **Quando os jogadores ouvem os nomes que formam a equipa titular** precisam de acreditar na fórmula proposta (REC, opinião 17/1).

(21) MARCO HORÁCIO – **Quando vi o formato do "Salve-se quem puder" e do "Ganha num minuto"** houve qualquer coisa que me disse que era capaz de apresentar aquilo (REC, entrevista, 24/1).

(22) **Quando lhe falhou a retaguarda** foi como se lhe abrisse debaixo dos pés o alçapão que recentemente engolira outros treinadores bem menos capacitados (REC, opinião, 24/1).

(23) GONÇALO WADDINGTON – **Quando o programa estreou** estava fora, a fazer uma peça na Holanda. Fui acompanhando o grande impacto que teve através do Facebook, do Twitter e do "feedback" que recebia do Bruno (REC, entrevista, 31/1).

(24) **Quando cheguei** é que encarei a realidade: na rua chamavam-me nomes, diziam-me coisas como "acorda porco", etc. (REC, entrevista, 31/1).

(25) **Após o jogo entre Roménia e Espanha** realizaram a última sessão de trabalho antes da partida (REC, reportagem, 7/2).

(26) Mas, segundo analistas, **se o ex-governador de Massachusetts vencer mais uma vez na Carolina do Sul** será muito difícil impedir que a vagado Partido Republicano fique com ele (ESP, reportagem, 10/1).

(27) **Quando estive em São Paulo há três anos** cantei músicas de Jobim e também Like a Lover (O Cantador), de Dori Caymmi (ESP, entrevista, 21/2).

(28) **Para resumir sua primeira visita ao país** usaram uma simples palavra: "Adoramos!", disse Cleide (ESP, reportagem, 21/2).

(29) **Sem entrar nas especulações** o vice-líder do governo no Congresso, deputado Gilmar M6 do (PT-MG), lembrou que o Ministério de Ciência e Tecnologia cresce em importância devido aos fundos, cujos recursos podem ser contingenciados pela equipe económica (GLO, notícia, 10/1).

(30) **Para enganar nossos ouvidos** é necessário um sistema bem complexo. (GLO, crónica, 7/2)

(31) **Além de contar com um voo regular de carga semanal de Miami da ABSA – empresa da LAN, agora sócia da TAM** – a empresa, que conta com cerca de 500 funcionários, incluindo terceirizados, recebe cerca de 10 voos semanais com cargas, em frete (GLO, reportagem, 21/2).

(32) **Se amanhã quiser seguir outros rumos** é um direito que cabe a ele, não a Maradona, decidir (LAN, opinião, 17/1).

(33) **Quando o atleta se forma no curso superior** tem a opção de ser recrutado por uma equipe profissional [...] (LAN, opinião, 17/1).

(34) **Se aplicarem a cultura que aprenderam com os conceitos básicos do esporte – trabalhar em grupo, responsabilidade, pontualidade, superação, etc.** – se tornarão bons profissionais em qualquer outra área (LAN, opinião, 17/1).

(35) **Sem mexer na mobilidade urbana** a solução encontrada é paliativa (LAN, opinião, 21/2).

(36) **Quando recebi o livro** notei que o capítulo sobre o Brasil, embora tenha sido um dos que menos gostei, recebeu o título de "Como o Futebol Explica a Sobrevivência dos Cartolas" (LAN, opinião, 28/2).

Como se conclui dos exemplos acima, a ausência da vírgula para delimitar a oração subordinada ou infinitiva antecipada é mais frequente nas orações introduzidas pela conjunção temporal “quando” (13 casos) e pela conjunção condicional “se” (sete casos), não se restringindo, todavia, a estas conjunções.

12. DELIMITAÇÃO DA EXPRESSÃO “OU SEJA”

As normas pontuacionais determinam que o marcador discursivo “ou seja” esteja delimitado por duas vírgulas quando não surge em início de frase. No entanto, foram identificados seis casos em que uma das vírgulas não é usada e um caso (6) em que não se regista qualquer uma das vírgulas delimitativas.

(1) Mesmo assim, a ideia de Paris e Berlim é que "este fundo reúna uma certa quantia [25%] dos valores não comprometidos [com projectos] em 2011 nestes Estados", **ou seja** nem sequer a totalidade (DE, reportagem, 24/1).

(2) 10. Esta é a primeira noite dos desfiles de 2012, a noite do Grupo de Acesso, **ou seja** Segunda Divisão (PUB, crónica, 21/2).

(3) Se o regime não implodir, instalar-se-á o caos, **ou seja** o cenário mais temido em todas as capitais, incluindo as do ocidente e as dos vizinhos da Síria (PUB, opinião, 7/2).

(4) Pela primeira vez desde que há registo, **ou seja** 1960, o número de vítimas mortais nas estradas portuguesas ficou abaixo das 700 (REC, notícia, 3/1).

(5) Em 2011 venderam-se 153.433 carros, menos 80 mil do que em 2010, **ou seja** uma queda de 31,3%: pior resultado desde 1988 (REC, notícia, 3/1).

(6) BOSS AC – Sim, o próprio álbum chama-se "AC para os amigos" e parto do princípio que vou ter mais amigos – **ou seja** as pessoas que vão comprar e ouvir o álbum – e o primeiro passo numa amizade é a apresentação (REC, entrevista, 7/2).

(7) Estão, no entanto, garantidos os serviços mínimos decretados pelo tribunal arbitral, que, segundo a CP, abrangem a realização de 162 comboios, **ou seja** "cerca de 19 por cento da oferta" da CP, que tinha previsto a circulação de 841 comboios (REC, notícia, 21/2).

Excetuando o exemplo (6), em que a ausência da primeira vírgula pode ser explicada pela presença do travessão, não parece existir qualquer razão para a eliminação de uma das vírgulas na delimitação desta expressão introdutora de explicação.

13. DELIMITAÇÃO DE OUTROS CONECTORES

(1) **Por outro lado** questionam se os administradores que são advogados dos accionistas "entram para o 'board' na qualidade de representantes dos seus clientes ou se estão como administradores independentes?", referindo-se aos casos de André Luiz Gomes (advogado de Berardo) e a António Faustino (advogado da Teixeira Duarte) (DE, reportagem, 28/2).

(2) **Por exemplo** a gravação das audiências tem hoje muito menos percalços que há cinco anos (PUB, entrevista, 3/1).

(3) Atenas anunciou **no entanto** à noite que, no seguimento da reunião de ontem, "as negociações vão continuar de forma intensa, devendo o governo apresentar uma proposta formal aos privados a 13 de Fevereiro (PUB, reportagem, 24/1).

(4) A exigência dos privados é **no entanto** combatida tanto pela Alemanha como pelo FMI, sob o argumento que agravará as dificuldades de Atenas no que toca ao reembolso da dívida e não garante a sua sustentabilidade (PUB, reportagem, 24/1).

(5) A exigência dos privados é **no entanto** combatida tanto pela Alemanha como pelo FMI, sob o argumento que agravará as dificuldades de Atenas no que toca ao reembolso da dívida e não garante a sua sustentabilidade (PUB, reportagem, 24/1).

(6) **Mas portanto**, a ideia era trabalhar alguma coisa extinta ou em vias de desaparecer (PUB, entrevista, 14/2).

(7) Você veja que o segundo mandato do presidente Lula foi muito melhor que o primeiro porque houve estabilidade para governar. Em 2012, quero colaborar com a reeleição do prefeito Eduardo Paes, **sem dúvida** o melhor prefeito da história da cidade do Rio (ESP, entrevista, 3/1).

(8) Reduziu-se a introdução e boa parte dos textos em que o governo é analisado ponto a ponto, mostrando as discrepâncias entre o discurso oficial e a realidade da economia, saúde, educação, **investimentos etc** (ESP, opinião, 17/1).

(9) **Porém** ela pode moderar o calibre da redução (ESP, opinião, 17/1).

(10) Estou muito mais velho agora, **e por isso**, resta pouco tempo, se é que há algum. (ESP, entrevista, 14/2)

(11) **Contudo** a sociologia já é uma disciplina científica estabelecida e há tempos fixou como critério na investigação social operações de escrutínio dos dados referentes às origens sociais dos atores sob sua observação (ESP, opinião, 14/2).

(12) Algo como se fosse possível calcular o custo de uma casa sem telhado, piso, **luz etc...** (GLO, opinião, 7/2).

(13) Na ponta do Google, o sistema de buscas está em meio a uma complexa mudança de sua própria política. Impossível entrar em qualquer um de seus serviços – a própria busca, Gmail, YouTube **etc** – sem que uma mensagem não salte aos olhos: estamos mudando nossa política de privacidade, quer ler sobre ela? (GLO, crônica, 21/2).

(14) Vejam um exemplo de equívoco: praticamente um terço do público que acompanha **por exemplo** o campeonato do Rio é de gente que entra nos estádios sem pagar [...] em função da lei da gratuidade, criada pelos políticos, que também precisa ser revista (LAN, crônica, 21/2).

Observando os 14 exemplos acima transcritos, constata-se que, à exceção dos exemplos (6) e (10), nos quais a inexistência da primeira vírgula se pode explicar pela presença da conjunção “mas” e “e”, respectivamente, não se encontra justificção para a eliminação da vírgula nas restantes situações.

14. DELIMITAÇÃO DE “SIM”

De acordo com o manual de redação do *Estado*, a vírgula deve ser usada para separar os advérbios “sim” e “não”. Contudo, os 16 exemplos que a seguir se apresentam comprovam que, no tocante ao advérbio de afirmação, esta prescrição nem sempre é cumprida nos nossos *corpora*.

(1) "Eu não temo um exército de leões liderado por uma ovelha, e **sim** um exército de ovelhas liderado por um leão." (CM, opinião, 7/2).

(2) A ESFG, detentora da maioria do capital do BES, tem ainda o problema adicional de não estar sediada em Portugal mas **sim** no Luxemburgo (DE, notícia, 3/1).

(3) São 3 desejos que não serão apenas válidos para o próximo ano, mas **sim** para a década em que vivemos (DE, crónica, 10/1).

(4) A única exceção é mesmo se os inquilinos não pagarem as rendas devidas e, aí **sim**, poderão ser despejados, independente da idade (DE, notícia, 17/1).

(5) Nada se faz sem uma palavra do banqueiro, **esse sim**, o patrão dos banqueiros portugueses (e não a associação do sector, liderada por António de Sousa) (DE, opinião, 31/1).

(6) **Sim** mas... (DE, entrevista, 7/2).

(7) "Não proporia cortes se não tivesse absolutamente que os fazer", lamentou o chefe de Estado, sublinhando imediatamente que não faz cortes "sobre aquilo que precisamos", mas **sim** "sobre o que é supérfluo" (DE, notícia, 14/2).

(8) Note-se que a perversidade não está nos visados, pessoas estimáveis, mas **sim** num sistema que a facilita (PUB, opinião, 3/1).

(9) Reestruturação da dívida grega **sim** mas só se for "aceitável" (PUB, reportagem, 24/1).

(10) Sucede, todavia, que tão deslocado como revisitar Mounier é omitir a influência – **essa sim**, com maior importância – da doutrina social da Igreja sobre os fundadores do PSD (PUB, crónica, 7/2).

(11) Entenda-se por estabilidade não o temor da novidade, ou imobilismo burocrata, **mas sim** a necessidade de operar as mudanças de forma faseada, pré-testada, entendida como bondosa pelos agentes finais (REC, opinião 17/1).

(12) Ah, **nisso sim**, põe-se entre as potências (ESP, crónica, 10/1).

(13) Acompanhamento política **sim** (FSP, entrevista, 28/2).

(14) O grupo se queixa de não ter sido avisado pelo sinal de alerta, mas, **sim** por vizinhos (GLO, reportagem, 3/1).

(15) Os blocos de "sujos", **esses sim**, com uma alegria selvagem e sem frescuras, inconscientemente velam pelos carnavais do passado, por uma inocência perdida (GLO, opinião, 21/2).

(16) Não falamos mais exatamente de estádios e **sim** de arenas, com seus "naming rights", nomes vendidos a multinacionais (LAN, opinião, 10/1).

Nos exemplos (1) e (16), o advérbio é antecedido pela conjunção copulativa – precedida por vírgula em (1), mas sem vírgula em (16). Nos exemplos (2), (3), (7), (8) e (11), é a conjunção adversativa que precede o advérbio. Nos exemplos (6) e (9), o advérbio é, por sua vez, seguido da conjunção adversativa sem qualquer vírgula delimitadora. No exemplo (14), o advérbio é precedido por esta mesma conjunção e por uma única vírgula demarcadora. Nos restantes, à exceção do exemplo (13), no qual o advérbio aparece em final de frase sem qualquer vírgula a precedê-lo, o advérbio surge intercalado entre vírgulas, juntamente com outros advérbios ou pronomes.

15. ANTES DA CONJUNÇÃO COPULATIVA “E”

Quando esta conjunção copulativa liga duas orações com o mesmo sujeito ou dois elementos coordenados com o mesmo valor, ditam as normas ser dispensável a vírgula. Contudo, se a conjunção coordenar orações com sujeitos diferentes, a vírgula torna-se necessária. Outras situações há em que, segundo as normas pontuacionais, se pode usar vírgula antes desta conjunção. Por exemplo, se a oração encabeçada por “e” tiver um valor explicativo²³³ ou servir para isolar um elemento sintático que se pretende destacar, aquela oração pode ser precedida por vírgula. Noutras situações, a presença de vírgula antes da conjunção poderá estar relacionada com a intercalação de complementos adverbiais ou de orações intercaladas²³⁴.

No entanto, nem sempre as normas pontuacionais acerca do uso de vírgula em presença desta conjunção são respeitadas, como comprovam os exemplos abaixo transcritos.

²³³ Por exemplo: *Não só 'Cavalo de Guerra' promete ser mais um sucesso de bilheteira, e candidato aos Óscars, como ainda se divertiu durante a apresentação do filme em Londres.* (CM, reportagem, 10/1)

²³⁴ Veja-se, a título de exemplo, a frase seguinte: – *Como explica as manifestações em Luanda, no ano passado, e as comparações com as revoltas no Norte de África?* (CM, entrevista, 21/2)

- (1) Portugal deve aproveitar isso, e do facto de não ter de depender de informações erradas dos mercados, porque não tem de depender tanto dos mercados pode usar o tempo para tomar as medidas certas e depois sair da crise fortalecido (DE, entrevista, 17/1).
- (2) Fê-lo, mas a crise, e as dificuldades dos accionistas de referência do Millennium (também) fizeram o resto (DE, opinião, 31/1).
- (3) - Os atenienses confluíam para a avenida Stadiou, e com mágoa fotografavam o velho edifício onde os bombeiros procediam às operações de rescaldo (DE, reportagem, 14/2).
- (4) Mas o canal privado Mega também voltou a recordar a megamanifestação de domingo, e imagens de dois respeitados anciãos atenienses que compareceram no protesto [...] (DE, reportagem, 14/2).
- (5) Prevendo a impossibilidade (que se não deseja) de ultrapassar as condições atuais, potencialmente geradoras de desordens e do seu alastramento, haverá que prever a existência de legislação, de meios humanos e materiais, e de planos prontos a serem ativados contra eventuais surtos de violência que venham a eclodir (PUB, opinião, 10/1).
- (6) Atenas terá de fechar rapidamente um acordo com os seus credores privados para o perdão de 100 mil milhões de dívida pública, e terá de negociar com as instituições europeias e o FMI um aperto suplementar da austeridade e novas reformas estruturais para reforçar a competitividade do país (PUB, notícia, 31/1).
- (7) A oposição, que boicotou o referendo, denunciou a votação como uma manobra do regime para ganhar tempo, e falou em fraude (PUB, notícia, 28/2).
- (8) Faz uma pausa, perde ou empata com o Barcelona, e começa tudo de novo: joga, goleia, tritura (REC, opinião, 14/2).
- (9) "Ficávamos quatro ou cinco dias gravando, e depois tínhamos que ir fazer show (ESP, entrevista, 31/1).
- (10) Onde estará a beleza de ver um filme aos 10 anos de idade, aos 25 e então aos 60, e perceber que o significado daquela história mudou completamente? (ESP, entrevista, 14/2).
- (11) Conheço algumas pessoas que não conseguem ver profundidade, mas eu consigo, e sempre gostei (ESP, entrevista, 14/2).

(12) Em entrevista coletiva, respondendo a uma pergunta do Estado, o candidato lembrou a proximidade de Chávez com o PT brasileiro, e o apoio público de Lula ao presidente venezuelano na última eleição presidencial, em 2006 (ESP, reportagem, 14/2).

(13) “Os brasileiros tem dinheiro, vem [sic] aqui principalmente para comprar, e gastam muito! (ESP, reportagem, 21/2).

(14) Notaram que os preços aumentaram gradativamente, e dispararam desde 2010 (ESP, reportagem, 21/2).

(15) A decisão judicial que abre os dados confidenciais do ex-prefeito é extensiva a dois ex-secretários municipais, Carlos Henrique Pinto (Negócios Jurídicos), e José Francisco Kerr Saraiva (Saúde) (ESP, notícia, 28/2).

(16) Imagine, e orgulhe-se (FSP, crônica, 10/1).

(17) Minha professora falava: "Que menina safada, nua em cima de um cavalo!", e contava para o meu pai (FSP, entrevista, 24/1).

(18) Aprendi a andar a cavalo com meus primos, eu tinha uns 12 anos, e ia nua tomar banho no açude (FSP, entrevista, 24/1).

(19) Aos 18 anos, "para fugir da solidão", como ela mesma declarou, começou a tocar piano, e compôs as suas primeiras canções (GLO, entrevista, 10/1).

(20) Mesmo tendo pouco contato com a terra natal, e declarando sentir uma certa confusão de identidade, Dillon disse em entrevista ao portal UOL Brasil que gosta de Caetano Veloso e de Elis Regina, e também que tem vontade de tocar no Brasil (GLO, entrevista, 10/1).

(21) A interlocutores, Dilma já avisou que o eventual substituto de Mercadante será um nome de sua confiança, e que manterá na pasta a estrutura montada no primeiro ano de governo (GLO, notícia, 10/1).

(22) O debate sobre o alcance da Lei da Anistia, e o papel que a Comissão da Verdade pode ter no esclarecimento de fatos históricos, têm rendido diversas manifestações de leitores e merecem ser retomados com novas informações (GLO, opinião, 17/1).

(23) – Trago uma brasilidade muito evidente, e agora quis misturá-la ainda mais com o black e com a música negra como um todo (GLO, entrevista, 24/1).

(24) A desempregada Maria dos Santos, o marido, e as duas filhas do casal, de 14 e 15 anos, moraram oito anos Pinheirinho: (GLO, notícia, 24/1).

(25) Churchill não era de desistir, e usava cada tropeço para se reerguer com mais determinação ainda (GLO, opinião, 24/1).

(26) Ele era realista o suficiente para não esperar escolhas democráticas fantásticas, e costumava dizer que o melhor argumento contra a democracia era uma conversa de cinco minutos com um eleitor médio (GLO, opinião, 24/1).

(27) A ONG Human Rights Watch tem documentado maus-tratos de domésticas no mundo árabe, e tem feito campanhas para melhorar as condições de trabalho delas (GLO, opinião, 31/1).

(28) Corta ainda mais nas faixas que ouvimos menos, se há um agudo numa frequência seguido de outro agudo numa frequência bem parecida, junta os dois, e segue neste processo fazendo economias e cortes e junções (GLO, crónica, 7/2).

(29) O grupo que ganhou a disputa pelo Aeroporto Juscelino Kubitschek, de Brasília, é o mesmo que ganhou o de São Gonçalo do Amarante e ainda não conseguiu terminar o project finance, e por isso está tendo dificuldade de se financiar (GLO, opinião, 7/2).

(30) O projeto prevê a criação de até três fundos, um para cada poder: Executivo, Judiciário, e Legislativo (GLO, notícia, 14/2).

(31) O conjunto de medidas incluiu a aprovação de ampla reforma tributária, novos impostos para as multinacionais que se instalam no exterior e exportam empregos, e redução de tributos para as empresas de transformação e de alta tecnologia, além de programas de treinamento profissional especializado (GLO, opinião, 14/2).

(32) É preciso inverter a lógica, e apostar na força e pujança do setor produtivo brasileiro (GLO, opinião, 21/2).

(33) Casado há 23 anos, natural de Recife, e morador de Duque de Caxias, o motorista é pai de dois filhos, de 10 e 22 anos (GLO, entrevista, 28/2).

(34) Procuradas pela reportagem, tanto a BOA quanto a Wada não quiseram se pronunciar, e apenas repassaram as notas oficiais que publicaram sobre o conflito (LAN, reportagem, 31/1).

(35) Jogo das estrelas Jeremy Lin pode ser chamado às pressas, e tem números para concorrer ao MVinP! (LAN, reportagem, 21/2).

Embora se possa considerar que a presença da vírgula nos exemplos (8), (11), (13), (16) e (20) decorra da vontade de destacar as orações encabeçadas pela conjunção copulativa, nos exemplos (4), (5), (12), (15), (22), (24) (30), (31) e (33), este *pontema* torna-se redundante, uma vez que os elementos já se encontram coordenados pela mesma conjunção. Por outro lado, a presença da vírgula interrompe a concordância entre sujeito e verbo nos exemplos (2) e (22).

16. ANTES DE EXPRESSÕES/ ORAÇÕES EXPLICATIVAS

Foram encontrados casos de orações explicativas sem uma das vírgulas delimitativas, como comprovam os exemplos abaixo transcritos.

(1) Os descontos dos passes sociais para estudantes, **4-18 e sub-30** terminam no final deste ano lectivo, ou seja, a 30 de Junho (CM, notícia, 24/1).

(2) Aproximação excessiva do Costa Concordia da Ilha de Giglio, na Toscana, seria parte de um gesto de simpatia do comandante Francesco Schettino **dirigido** ao chefe dos garçons do cruzeiro – que é originário do local e sairia de férias ao desembarcar (ESP, reportagem, 17/1).

(3) O Brasil compete pouco com os países de alta sofisticação tecnológica e elevada produtividade do trabalho **como é** o caso da Alemanha, Suíça, Bélgica, Dinamarca, Suécia, Japão, Inglaterra e outros (ESP, crónica, 17/1).

(4) No meu novo selo, Motema, tenho liberdade de misturar tudo, como fiz no CD Voice of My Beautiful Country, que reúne canções folk como John Henry (sobre um escravo que trabalhou na construção de estradas de ferro) rock **como** White Rabbit (sobre o consumo de substâncias lisérgicas por Alice, a do país das maravilhas), jazz **como** Strange Meadow Lark (hit de Dave Brubeck) ou até mesmo recriar o som da Motown com Just My Imagination (ESP, entrevista, 21/2).

(5) No dia seguinte à festa de reinauguração do Sambódromo, o som que se ouvia ontem na Sapucaí ainda era o do bater de martelos e estacas: as estruturas que vão suportar as frisas começaram a ser instaladas e, em alguns trechos, a cobertura especial, **de easy floor (revestimento encaixável de material emborrachado)** já estava sendo colocada durante a manhã (GLO, reportagem, 14/2).

(6) Ônibus estacionados no meio da Dutra impedindo a circulação, **uma situação lamentável** e boa parte dos fiéis, em vez de se comportar como cidadãos, mais preocupada em orar (LAN, opinião, 24/1).

17. OUTROS DESVIOS

Registaram-se ainda outros desvios, ilustrados nos exemplos abaixo.

(1) Já Mitt Romney, favorito à nomeação republicana para as presidenciais de Novembro, disse que a proposta orçamental "**é** um insulto para os contribuintes" e que "não consegue oferecer uma única ideia séria para salvar a Segurança Social" (DE, notícia, 14/2).

(2) A saída do francês irá permitir à formação de Edy Reja encaixar uma verba que permitirá desbloquear a contratação do japonês Keisuke Honda, **aos russos do CSKA Moscovo** (REC, notícia, 31/1).

(3) O histórico recente de arbitragens tem desagradado profundamente aos leões, que já no jogo com o Beira-Mar (vitória do Sporting por 2-0) se queixaram, pela voz de Carlos Freitas, **(director desportivo)** de perseguição a João Pereira. E com o Nacional para a Taça, o Sporting entende que foi mal invalidado um golo a Capel (CM, reportagem, 21/2).

(4) É provável que o Governo o junte agora à sua lista de razões para justificar a ambição **(justificada)**, de aproximar as condições dos dois regimes laborais, o público e o privado, para criar assim um mercado de trabalho mais justo (DE, opinião, 31/1).

(5) **E admite**, "podem assumir inúmeras formas, como unir a personalidade de um animador a um produto, espectáculos ao vivo com integração de marcas ou a criação de músicas com letras criadas para passar uma mensagem comercial", explica (DE, notícia, 24/1).

(6) Todas as empresas estão declaradas, **(...)**, isso já foi explicado" **disse o ministro**, que afirma ter declarado as empresas à Receita Federal (FSP, notícia, 7/2).

(7) Mas os alertas dos amigos de Cavaco parecem mais preocupados com o corte nas respectivas reformas milionárias, **do que** com a exiguidade dos serviços públicos (CM, crónica, 31/1).

(8) Durante **os próximos, dias** a tutela do ministro Nuno Crato vai analisar os restantes contributos para que depois venha a ser apresentada uma versão final da revisão curricular (DE, notícia, 31/1).

(9) DP – Sou muito calma. Só quando ele está a lutar pelos três primeiros lugares fico mais ansiosa. Vejo que existe luta, eles estão muito perto um dos outros **pode** acontecer alguma coisa, podem bater e ele ficar em último e acabou (REC, entrevista, 17/1).

(10) Você jogou na Europa muito tempo, pelo Fenerbahçe (TUR) e o **Vagner Love pelo CSKA (RUS)** (LAN, entrevista, 31/1).

(11) **Primeiro nas principais praças financeiras – que rejeitam o resgate –, depois junto das organizações internacionais; que acedem**, mas impondo condições: equilíbrio orçamental,

implementação de um conjunto de medidas de austeridade e a permissão da presença de equipas de peritos internacionais no país para verificação da implementação de tais medidas (DE, opinião, 28/2).

De acordo com as normas pontuacionais, não se deve usar vírgula entre o verbo e o predicativo do sujeito, sendo aquela igualmente desnecessária entre o complemento direto e o indireto. Contudo, os exemplos (1) e (2) demonstram a existência desses desvios em duas notícias do *corpus* português.

Nos exemplos (3) e (4) a presença de parênteses parece ter influído nos desvios assinalados: enquanto em (3)²³⁵ a vírgula está colocada, indevidamente, antes do parêntese de abertura, em (4)²³⁶ é totalmente desnecessária.

Os exemplos (5) e (6) prendem-se com a presença de verbos *dicendi* e de declarações textuais: ao passo que em (5) ocorre uma novidade em relação à apresentação da declaração textual, antecedida do verbo *dicendi* “admite” e vírgula, em (6), falta uma vírgula a seguir à declaração e antes do verbo “disse”. Ainda no exemplo (6), os parênteses e as reticências assinalam que a declaração textual foi truncada, tendo-se mantido, contudo, as vírgulas antes e após aqueles *pontemas* duplos.

No exemplo (7), a oração comparativa foi cortada pela presença da vírgula, o que não é habitual.

No exemplo (8), a presença da vírgula entre o adjetivo e o nome não tem explicação à luz das prescrições dos manuais de redação.

Em (9), percebe-se que falta a vírgula a separar orações assindéticas²³⁷. O exemplo (10) carece de duas vírgulas, uma antes da conjunção copulativa que encabeça uma oração com um sujeito diferente e a outra para substituir o verbo “jogar” nessa mesma oração.

No exemplo (11), não se percebe a justificação para a presença do ponto e vírgula que antecede a oração relativa explicativa.

O quadro abaixo permite a visualização do número de desvios por contexto e por jornal.

²³⁵ Esta poderia ser uma pontuação correta segundo as normas: “[...] que já no jogo com o Beira-Mar (vitória do Sporting por 2-0) se queixaram, pela voz de Carlos Freitas (**diretor desportivo**), de perseguição a João Pereira. O aposto encontra-se intercalado entre parênteses, e a vírgula, depois do parêntese de fecho, serve para assinalar o final do elemento intercalado – “pela voz de Carlos Freitas”.

²³⁶ A vírgula seria necessária se não tivessem sido usados os parênteses: “para justificar a ambição, **justificada**, de aproximar as condições dos dois regimes laborais [...]”.

²³⁷ Constata-se, aliás, a agramaticalidade da própria frase, à qual faltam os conectores, apresentando falta de concordância: “eles estão muito perto **um** dos outros”.

Contexto	CM	DE	PUB	REC	ESP	FSP	GLO	LAN	Total
1	8	19	25	9	14	3	7	12	97
2	2	4	3	3	3	--	2	--	17
3	6	16	14	1	5	2	3	1	48
4	1	5	2	--	2	1	--	--	11
5	1	7	7	2	8	3	3	4	35
6	--	2	5	4	5	1	3	--	20
7	1	2	2	1	--	--	--	--	6
8	--	3	--	1	--	--	1	1	6
9	8	8	23	10	3	--	4	--	56
10	--	3	--	--	5	--	2	--	10
11	--	12	3	10	3	--	3	5	36
12	--	1	2	4	--	--	--	8	15
13	--	1	5	--	5	--	2	1	14
14	1	6	3	1	1	1	2	1	16
15	--	4	3	1	7	3	15	2	35
16	1	--	--	--	3	--	1	1	6
17	2	5	--	2	--	1	--	1	11
Total	31	98	97	49	64	15	48	37	439

Quadro n.º 20 – N.º de desvios por contexto e por jornal

18. SÍNTESE CONCLUSIVA

Segundo o “manual” da FSP, a **vírgula** é o “sinal gráfico mais usado, por isso mesmo aquele que ocasiona a maior quantidade de erros de pontuação”, a saber, separação do sujeito e do verbo, de verbo e complemento, e uso de uma vírgula isolada em intercalações. A nossa análise evidenciou a existência destes e de outros desvios pontuacionais nos *corpora* (cf. Capítulo II). Comprovou-se que estes desvios são transversais a todos os géneros jornalísticos analisados no presente estudo e que a maior parte também o é a todos os jornais, apesar das recomendações dos “manuais”.

Como demonstram os dados apresentados no capítulo em questão, em muitos dos casos, a ausência de vírgula na delimitação de orações ou de construções absolutas intercaladas pode ser explicada pela existência de outros *pontemas*, como o travessão e os parênteses, e pela presença das conjunções coordenativas “e” e “mas”, da conjunção subordinativa completiva “que” ou de outras conjunções subordinativas antes daquelas. Os mesmos dados evidenciam a confusão sentida pelos jornalistas e pelos autores das crónicas e artigos de opinião ao pontuarem algumas orações subordinadas, nomeadamente as relativas explicativas e restritivas, introduzidas pelo pronome “que”, e as completivas iniciadas pela conjunção subordinativa “que”. Assim, não é usada a vírgula antes de oração relativa explicativa

intercalada ou em final de frase ou, em sentido diametralmente oposto, está presente de forma injustificada antes de oração relativa restritiva e de oração completiva iniciada pela conjunção “que”.

Por outro lado, a conjunção adversativa “mas” está na origem de dois tipos de desvios referidos anteriormente: ou não é antecedida por vírgula ou é seguida por este *pontema*, ao arrepio das normas e da proibição terminante do *Manual de Redação de O Estado*.

Embora em menor número do que nos contextos anteriores, em todos os *corpora*, à exceção da FSP e do LAN²³⁸, a vírgula separa o sujeito do verbo em todos os tipos de textos jornalísticos, uso totalmente proscrito nos “manuais” e nas gramáticas. Pode-se concluir que este tipo de desvio é mais recorrente quando o sujeito integra orações ou é composto.

Os nossos dados atestam, ainda, a observação de Benito Lobo (1992: 28) a respeito das dificuldades sentidas pelos jornalistas na distinção entre discursos direto e indireto. Contra o preceituado nos “manuais”, as aspas são usadas nas estruturas oracionais de estilo indireto introduzidas pela conjunção subordinativa “que” em 48 exemplos²³⁹. O DE e o PUB são os dois jornais que recolhem a quase totalidade de desvios, com 16 e 14 casos, respetivamente. Seguem-se-lhes o CM (6), o ESP (5), o GLO (3), a FSP (2) e o REC e o LAN com um caso isolado.

De acordo com os dados e os desvios identificados, os jornalistas sentem ainda outras dificuldades, uma vez que algumas construções sintáticas, como o aposto, ou palavras ou expressões, como o adjunto adverbial ou advérbio intercalado, a expressão explicativa “ou seja” e outros conectores e o advérbio de afirmação “sim” não se encontram pontuados com as vírgulas preceituadas. Muitos dos desvios são justificados pelas razões expostas para os contextos anteriores.

Por outro lado, nem sempre as orações antecipadas são pontuadas nos *corpora* com a vírgula obrigatória de acordo com os “manuais”. Outras situações há em que ela não é necessária, mas é usada. Veja-se, por exemplo, o ponto 15 deste capítulo.

De acordo com o **quadro n.º 18**, os desvios pontuacionais ocorrem em todos os jornais analisados. Curiosamente, ao revés do que seria expectável, os jornais com maior número de desvios são o PUB (97), o DE (93) e o ESP (64), jornais de referência nos países respetivos. Na FSP, jornal mais “sério”, são bastante menos os casos de desvios. Os jornais

²³⁸ Recorde-se que, neste contexto, a distribuição dos desvios pelos *corpora* é a seguinte: DE (4); PUB (3); ESP (3); REC (3); GLO (2) e CM (2).

²³⁹ Uma vez que alguns exemplos apresentam mais do que um caso – exemplos (1), (8), (16), (20), (22), (23), (37), (39) e (46) –, este número é ainda maior (cf. Parte II, Cap. II, 3.).

desportivos (REC e LAN) e sensacionalista (CM) apresentam um número menor de casos que o GLO.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou demonstrar os princípios que norteiam as práticas pontuacionais na imprensa escrita portuguesa e brasileira e, conseqüentemente, dar resposta às questões enunciadas por nós na introdução: (1) compreender em que medida as práticas pontuacionais patentes nos diferentes textos jornalísticos do *corpus* seguem a norma linguística ou um estilo próprio; (2) determinar a existência ou não de diferenças entre o *corpus* português e o *corpus* brasileiro que, ao arripio da maior nivelção da língua escrita, possam ser atribuídas a um “estilo português” ou a um “estilo brasileiro”; (3) saber em que medida, na atualidade, a imprensa escrita apresenta ou não usos particulares, próprios de uma atividade tão específica como fazer circular diferentes tipos de informação em “letra de forma”; (4) verificar se os jornais poderão ou não ser tidos como modelos de práticas pontuacionais.

Que a pontuação é um tema complexo e objeto de divergências entre os vários gramáticos e escritores, passados e contemporâneos, é o que se conclui da leitura do ponto 1. do Capítulo I da Parte I. Descritas no ponto 2. do referido capítulo, as particularidades históricas que envolveram a pontuação ajudam a compreender dois aspetos: por um lado, são poucos os *pontemas* passíveis de “normatização”, resultando a escolha dos sinais de pontuação da intencionalidade comunicativa de quem escreve; por outro lado, a noção de “estilo de pontuação” radica quer na existência de flutuação no modo de pontuar um texto, quer no desvio relativamente às prescrições tradicionais, veiculadas em materiais didáticos e académicos – vejam-se as gramáticas e outras obras referidas na Parte I, Cap. I, 2.1., e profissionais, como é o caso dos manuais de redação analisados no ponto 3., Cap. II, Parte I. Se é verdade que as obras dedicadas à pontuação têm carácter essencialmente prescritivo e/ou proscritivo, não é menos certo que, frequentemente, divergem quanto às regras que norteiam o uso dos *pontemas*. Tais obras baseiam-se essencialmente em critérios pausais por considerarem o sistema pontuacional um reflexo de certas virtualidades da oralidade, quando a história da pontuação revela que esta evoluiu no sentido de uma progressiva complexidade funcional à medida que foi sendo colocada ao serviço da arquitetura das estruturas sintáticas, possibilitando sucessivos encaixes e, inclusive, algumas inversões e relações lógicas impossíveis no exercício oral da língua.

Obras de cariz normativo, os manuais de redação analisados (cf. ponto 3., Cap. II, Parte I) definem ainda os *pontemas* com base nos princípios atrás referidos, embora os critérios sintáticos predominem na descrição dos usos específicos das unidades pontuacionais. É o caso do ponto e vírgula, definido no manual da *Folha de S. Paulo* (FSP) como marca de uma pausa

maior que a da vírgula e menor que a do ponto, devendo ser usado em três contextos específicos, a saber, “para separar orações coordenadas, não unidas por conjunção, que guardem relação entre si”; “para separar orações coordenadas, quando pelo menos uma delas já tem elementos separados por vírgula”; “para separar os diversos itens de uma enumeração, principalmente quando há vírgulas em seu interior” (cf. Novo Manual da Redação da *Folha* online, disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_p.htm.). Além disso, as normas pontuacionais incluídas nesses manuais de redação chegam, inclusivamente, a contradizer-se em alguns pontos (cf. Parte I, Cap. II, 3. e Parte II, Cap. I, 5.). Apesar destas divergências, a publicação de tais manuais evidencia a preocupação dos profissionais da imprensa relativamente à correção da escrita e à transmissão, ao seu público, da mensagem pretendida.

No ponto 2.2. do Capítulo I da Parte II, comprova-se que a pontuação está intimamente associada à sintaxe, ao serem analisadas as ocorrências de vírgula nos diversos contextos de uso. Concluiu-se que a vírgula é, no nosso *corpus*, usada preferencialmente para delimitar advérbios e adjuntos adverbiais (4680 ocorrências), construções explicativas (1418), o aposto (1363), orações relativas explicativas (1281), orações participiais (724), gerundivas (658), infinitivas (192) e as orações adverbiais: temporais (609), concessivas (322), condicionais (272), causais (249) e finais (185). Além disso, também separa elementos com a mesma função sintática (1625), delimita construções comparativas/conformativas (686) e antecede a conjunção adversativa “mas” (575 ocorrências), assim como outros conectores com valor adversativo (“porém”, 30 ocorrências; “no entanto”, 87). Com efeito, foi possível concluir que a presença de certas conjunções ou locuções conjuncionais e, ainda, de certos conectores demanda, com frequência, o uso da vírgula, independentemente da sua posição na frase. Todos estes dados reforçam a ideia de que, na escrita, a pontuação apresenta não só uma função lógico-gramatical como também argumentativa ao estar intimamente associada à explicitação de relações lógicas, expressadas por vários tipos de subordinação, e, ainda, à produção da argumentação. No entanto, a pontuação não se restringe a estas funções, uma vez que “pontuar, na língua escrita, é mais do que empregar sinais gráficos obedecendo a um critério estritamente lógico-gramatical, [pois reduzir] a pontuação à sintaxe é limitar-lhe o emprego” (Camara, s/d). Na verdade, a pontuação tem um papel importante na construção do sentido do texto e faz a mediação entre a produção do texto (autor) e a recepção dele (leitor), como veremos nos parágrafos seguintes.

É sabido que se pontua de forma diferente consoante o gênero textual, e que a pontuação de um texto publicitário ou de um texto poético difere da pontuação de um texto

informativo. Ora, o confronto dos diferentes géneros jornalísticos do nosso *corpus* permitiu comprovar que a pontuação diverge em função da tipologia textual, sendo, não raro, originada pela presença de construções sintáticas e/ou elementos associados, preferencialmente, a este ou àquele género textual. A título ilustrativo, o **quadro n.º 6** confirma que a vírgula delimitativa do vocativo é mais frequente nos textos jornalísticos opinativos, com 37 ocorrências face a 14 nos textos informativos. Por sua vez, o **quadro n.º 7** revela que a vírgula usada para intercalar os verbos *dicendi* “dizer” e “afirmar” ocorre preferencialmente nos textos informativos, por nestes serem predominantes as declarações textuais. Esta é, ainda, a razão pela qual as aspas duplas, cuja principal função é delimitar as declarações textuais que corroboram as informações obtidas pelos jornalistas, e os dois pontos anunciadores de declarações textuais, predominam nos textos informativos (cf. **gráfico n.º 25 e quadro n.º 11**). Nestes contextos, a vírgula, as aspas e os dois pontos cumprem uma função enunciativo-discursiva ao evidenciarem a existência de diferentes vozes no texto – a do jornalista e a das suas “fontes”. Do mesmo modo, o advérbio de afirmação “sim”, acompanhado por uma ou duas vírgulas conforme a sua posição na frase, ocorre com maior frequência nas entrevistas (26), nas crónicas e artigos de opinião (20), nos quais a formação da subjetividade do locutor ou enunciador e, inclusive, a ênfase colocada no advérbio podem determinar uma pontuação dupla. Esta frequência contrasta com a registada em notícias e reportagens, que apresentam apenas cinco ocorrências (cf. **quadro n.º 10**).

Em relação a outros *pontemas*, não causa surpresa o facto de o uso do ponto de interrogação sobressair nas entrevistas, devido às peculiaridades deste tipo de texto, pois a entrevista traduz, na escrita, um ato comunicacional em que a entoação pode requerer esta pontuação: das 565 ocorrências deste *pontema*, mais de metade ocorre em entrevistas, tendência que se mantém em todos os jornais, à exceção do GLO e do LAN (cf. **gráfico n.º 20**). As restantes ocorrências do ponto de interrogação encontram-se, em todos os jornais, em crónicas e artigos de opinião, visando o cronista ou o autor envolver o leitor no texto que escreve e levá-lo a participar na construção do sentido textual. Do mesmo modo, o uso do ponto de exclamação e o das reticências prevalece nas crónicas, nos artigos de opinião e nas entrevistas. Comprovou-se igualmente que os parênteses curvos para inserir comentários ocorrem principalmente nos artigos de opinião e nas crónicas. No entanto, recorre-se ao mesmo *pontema* duplo, que predomina em textos informativos, não só para acrescentar uma informação acessória como também para transcrever siglas (cf. **quadro n.º 17**). Usados nas duas primeiras funções referidas, os parênteses interferem na interpretação do texto, visto que

nele inserem a voz do jornalista ou do autor e contribuem para a expressão de efeitos de sentido.

A descrição do uso dos *pontemas* na imprensa escrita portuguesa e brasileira, principal objetivo do presente estudo, foi levada a cabo com o auxílio das aplicações informáticas descritas na Parte I, Cap. II, 4.1, as quais, não obstante as limitações mencionadas, possibilitaram não só a contagem dos *pontemas* e o tratamento automático dos *corpora* como ainda a construção dos gráficos e quadros. Por conferirem a objetividade necessária ao tratamento dos *corpora*, uma vez que fornecem uma interpretação mais rápida e objetiva dos dados, além de evidenciarem informação quantitativa, estes recursos agilizaram a análise qualitativa complementar e contribuíram para responder às questões inicialmente formuladas.

Em primeiro lugar, demonstrou-se que o sistema pontuacional utilizado na imprensa escrita em Portugal e no Brasil é basicamente idêntico: o ponto, a vírgula, os dois pontos, o ponto e vírgula, as reticências, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, o travessão, os parênteses curvos, os parênteses retos, as aspas duplas e simples integram este sistema pontuacional comum. A única diferença apurada diz respeito aos parênteses retos, que no Brasil recebem habitualmente a denominação de “colchetes”, e cujo uso se verificou apenas num dos diários brasileiros – a *Folha de S. Paulo* –, não obstante os manuais de redação do ESP e da FSP (cf. **quadro n.º 2**) prescreverem os contextos de uso para este *pontema*.

Apesar de as unidades pontuacionais *associadas* – itálico, sublinhado, letra capital e negrito – não terem sido analisadas pelas razões aduzidas na Introdução, no ponto 5. do Capítulo I da Parte II comprovou-se que, no *corpus*, se dá um uso particular a estas unidades *associadas*: por um lado, o itálico (ou grifo) é usado não só em estrangeirismos e neologismos como ainda nos textos opinativos (FSP) e nas perguntas das entrevistas de tipo “pingue-pongue” (GLO). Por outro lado, nos restantes jornais as perguntas destas entrevistas são assinaladas a negrito, unidade ortotipográfica usada igualmente para destacar o título dos próprios jornais (CM, REC, FSP e ESP) e dos textos jornalísticos. No entanto, a letra capital é usada como forma de destaque não só nos títulos dos jornais PUB, GLO e LAN como também em alguns títulos de textos jornalísticos destes diários. Concluiu-se, igualmente, que o uso daqueles recursos pontuacionais não é idêntico nos *corpora* nem é transversal a todos os jornais. Em síntese, se o negrito é usado em todos os jornais, salvo no GLO, já o itálico apenas tem lugar no PUB, ESP, FSP e GLO, e a letra capital, no PUB, GLO e LAN (cf. Parte II, cap. I, 1.).

Em segundo lugar, da análise quantitativa dos usos e ocorrências pontuacionais nos *corpora* apurou-se que cerca de 56% dos *pontemas* identificados pertencem ao *corpus*

brasileiro, no qual a frequência de pontuação por número de palavras é superior à do *corpus* português: 6,647 e 7,186, respetivamente. Como ficou demonstrado no Capítulo I da Parte II, o uso geral dos *pontemas* é mais elevado no *corpus* brasileiro do que no *corpus* português. Sem qualquer surpresa, a vírgula e o ponto lideram o *ranking* dos *pontemas* mais frequentes, seguidos das aspas duplas, cuja terceira posição é explicada pelo facto de delimitarem as declarações textuais integradas nos textos jornalísticos (cf. **gráfico n.º 34**). O ponto e vírgula – *pontema* menos usado do primeiro subconjunto funcional, posicionado na nona posição no *ranking* dos *pontemas* mais usados – é mais frequente nos jornais brasileiros do que nos portugueses: 152 e 65 ocorrências, respetivamente. Também o uso do ponto de exclamação se destaca nos jornais brasileiros: 125 ocorrências, face às 32 dos diários portugueses (cf. **gráfico n.º 22**).

Não menos interessante e relevante era a hipótese de existirem diferenças entre os jornais de vários tipos (cf. Parte I, Cap. II, 2.), tendo-se verificado que, entre os portugueses, são o CM e o REC, um jornal “sensacionalista” e um desportivo, os que apresentam maior frequência pontuacional, embora tal frequência seja inferior à dos jornais informativos brasileiros GLO e FSP. Na verdade, este último é o diário informativo com menor número de palavras, mas cuja frequência pontuacional é superior à de qualquer outro jornal (cf. **quadro n.º 19**). Por outro lado, comprovou-se que o uso dos *pontemas* do primeiro subsistema pontuacional, a saber, vírgula, ponto, dois pontos e ponto e vírgula, e bem assim das aspas duplas e dos parênteses curvos, é superior nos jornais informativos. A título ilustrativo, o ponto e vírgula e a vírgula separadora de elementos com a mesma função sintática predominam nos jornais informativos: ESP, GLO, FSP, PUB e DE (cf. **gráficos n.º 15 e n.º 18**). Embora ocupem a última posição no *ranking* dos *pontemas* mais frequentes, os parênteses retos surgem preferencialmente em dois dos chamados jornais de referência – a FSP e o PUB –, reunindo estes cerca de dois terços do total de ocorrências do mesmo *pontema*. No que respeita aos restantes *pontemas* – ponto de interrogação, ponto de exclamação, reticências, travessão e aspas simples –, não foi possível estabelecer uma correlação entre a frequência mais elevada destes *pontemas* e o tipo de jornal (cf. Parte II, Cap. I, 3.1., 3.2., 4.2. e 4.3). No entanto, o travessão que destaca a parte final de um enunciado predomina nos jornais informativos, como ilustra o **gráfico n.º 29**.

Os aspetos acima aduzidos colocam-nos perante possíveis respostas à questão central deste trabalho: saber se as práticas pontuacionais nos jornais portugueses e brasileiros espelham a(s) norma(s) prescrita(s) em obras gramaticais de referência e nos manuais jornalísticos publicados com intuito normativo. Uma das respostas mais evidentes é que, ao

pontuar um texto, a maior parte dos jornalistas alinha com o discurso prescritivo dos manuais de redação. Esta fidelidade manifesta-se, primeiramente, no facto de os *pontemas* usados no *corpus* jornalístico serem os descritos nestes “manuais”, conforme salientado acima. Em segundo lugar, ao longo do Capítulo I da Parte II comprovou-se que os usos destes *pontemas* obedecem, amiúde, às prescrições e proscricções dos mesmos compêndios e das gramáticas de referência. No entanto, nos *corpora* registam-se usos não enquadráveis naquele discurso normativo. Recorde-se, por exemplo, o uso do ponto nos números com quatro algarismos, proscrito pelo “manual” do PUB, encontrado, porém, nas páginas do DE e do REC, ou, ainda, o uso do ponto nas abreviaturas dos numerais ordinais inferiores a dez, proscrito pelo “manual” do ESP, mas presente nas páginas deste diário. Condenados pelos “manuais”, no que toca aos textos informativos, o ponto de exclamação e as reticências ocorrem, contudo, no *corpus*: o primeiro *pontema*, nas páginas do LAN, e o segundo, não só nas entrevistas para marcar a hesitação e a suspensão das ideias do entrevistador e do entrevistado, numa tentativa de refletir na escrita o registo oral, mas também em notícias e reportagens, para assinalar alguns efeitos expressivos, como o anúncio de surpresa (cf. Parte II, Cap. I, 5.). Porém, a falta de concordância entre prática e teoria é mais evidente em relação às aspas simples: preceituadas apenas para delimitar declarações textuais inseridas em outras declarações, e admitidas nos títulos para substituir as aspas duplas, somente em casos excepcionais e para economia de espaço, os usos deste *pontema* duplo correspondem, basicamente, aos determinados para as aspas duplas, em concreto, circunscrever palavras estrangeiras (98 ocorrências, 90 registadas no DE), referenciar títulos e assinalar sentidos figurados (cf. **quadro n.º 15**).

Do mesmo modo, parece registar-se alguma confusão entre os usos dos parênteses curvos e dos retos. De acordo com o *Livro de Estilo* do PUB e o *Código de Redação Institucional*, deve recorrer-se aos parênteses retos e às reticências para indicar a interrupção da citação. Já o “manual” do ESP prescreve os parênteses curvos para o mesmo contexto. No entanto, os parênteses retos e as reticências não são usados no *corpus* com esta função, tendo-se registado, todavia, 11 ocorrências dos parênteses curvos e das reticências para truncar declarações textuais presentes em notícias e artigos de opinião da FSP (4), do CM (3), do DE (2), do GLO (1) e, inclusivamente, do PUB (1). Como se mencionou no ponto 5. (Cf. Parte II, Cap. I), nos “manuais” apensos aos diários brasileiros a distinção entre as funções dos parênteses curvos e retos é, na verdade, muito ténue. Por outro lado, os parênteses retos apenas ocorrem na FSP, como já se referiu. Assim, em 50 ocorrências (1, PUB; 22, ESP; 19, GLO e 8, LAN) os parênteses curvos servem para os jornalistas inserirem informações em

declarações textuais que constam em reportagens e notícias e no corpo de entrevistas. Já na FSP e nos jornais portugueses esta função é cumprida, efetivamente, pelos parênteses retos.

Plasmada nos vários gráficos e quadros, que traduziram quantitativamente os dados obtidos, a análise dos *corpora* permitiu concluir que existem, por um lado, pequenas diferenças pontuacionais entre o *corpus* jornalístico português e o brasileiro e, por outro, soluções pontuacionais características deste ou daquele jornal. Revisitemo-las: a primeira diz respeito ao uso do ponto de exclamação no LAN não só em títulos, antetítulos ou subtítulos de reportagens e notícias (oito ocorrências) como também no texto de uma notícia. No GLO e no LAN, recorre-se ao travessão para assinalar as declarações textuais, sobretudo quando estas são extensas. Geralmente, são seguidas por outro travessão e um verbo *dicendi*. Se no LAN esta solução pontuacional ocorre apenas em notícias e reportagens, no GLO estende-se a todos os géneros jornalísticos (cf. **gráfico n.º 28**). Curiosamente, como marcador de discurso direto, o travessão ocorre igualmente na crónica de 21 de fevereiro do PUB (com um total de sete ocorrências, duas delas antecedendo verbo *dicendi*). Importa referir que a autora, Alexandra Lucas Coelho, escreve a crónica a partir do Rio de Janeiro. Já na crónica de 24 de janeiro da FSP, embora numa ocorrência isolada, esse mesmo discurso direto é antecedido por hífen, confirmando a proscricção do travessão em substituição das aspas. Do mesmo modo, nas quatro entrevistas de tipo “pingue-pongue” da FSP, a primeira pergunta do entrevistador e a primeira resposta do entrevistado são antecidas de “hífen”, e não de travessão. No GLO, em duas entrevistas de tipo “pingue-pongue” as declarações do entrevistado são precedidas pelo seu nome em maiúsculas e por dois pontos. Em três jornais brasileiros – FSP, ESP e GLO –, o ponto e vírgula é usado em entradas e subtítulos de diferentes géneros textuais, de modo a separar as ideias apresentadas naquelas partes. Em 67 ocorrências dos jornais brasileiros, seguindo as prescrições do “manual” da FSP, os parênteses curvos são usados para apresentar informação sobre o Partido a que pertence um político e o Estado pelo qual foi eleito e sobre o Estado a que pertence uma cidade. Ora, esta função dos parênteses curvos é uma singularidade do *corpus* brasileiro. Admitidas pelo “manual” da FSP em títulos de textos jornalísticos, em vez das aspas duplas, para economia de espaço, as aspas simples ocorrem neste contexto exclusivamente em jornais brasileiros, perfazendo um total de 13 ocorrências (ESP – 5; FSP – 2; GLO – 4; LAN – 2), embora tenham sido registadas, igualmente, duas ocorrências de aspas duplas no ESP e no GLO naquele contexto. Nos jornais portugueses são usadas apenas as aspas duplas no mesmo contexto, sendo que, no *Record*, o título das entrevistas, extraído de uma declaração do entrevistado, é delimitado por meio de aspas duplas angulares, cuja ocorrência não tem paralelo nem nos jornais brasileiros nem nos

portugueses analisados, visto nestes se recorrer às aspas duplas curvas. Esta mesma situação repete-se nos títulos de uma notícia e de duas reportagens, também extraídos de uma declaração de personalidades em foco nos textos. Esta poderá ser uma forma de dar maior destaque a esses mesmos títulos, uma vez que, de acordo com o *Código de Redação Interinstitucional*, as aspas angulares correspondem a um primeiro nível de hierarquia deste *pontema*. Por fim, as aspas simples são usadas no CM para referenciar títulos de livros e de programas televisivos em notícias e reportagens e, principalmente, em entrevistas.

Os dados acima apresentados permitem-nos validar uma das hipóteses formuladas: a possível existência de diferenças entre o *corpus* português e o *corpus* brasileiro que, ao arremetimento da maior nivelção da língua escrita, possam ser atribuídas a um “estilo português” ou a um “estilo brasileiro”. Em primeiro lugar, o facto de a frequência do ponto de exclamação ser mais elevada no *corpus* brasileiro do que no português comprova que, pelo menos nos artigos de opinião e nas crónicas, o “estilo brasileiro” de pontuar é mais vivo, mais dado à expressão de subjetividade, devido à natureza deste *pontema*. Esta maior subjetividade é visível também nas entrevistas e nas declarações textuais inseridas em notícias e reportagens do *corpus* brasileiro, nas quais a frequência do ponto de exclamação é mais elevada do que em textos idênticos do *corpus* português (cf. Parte II, Cap. I, 3.2.). As ocorrências de ponto de exclamação em notícias do LAN ilustram manifestamente este estilo pontuacional mais subjetivo. Em segundo lugar, a existência do segundo subsistema pontuacional usado no *corpus* brasileiro para delimitar as declarações textuais – travessão duplo e verbo *dicendi* –, que tem o efeito de aproximar o discurso jornalístico do ficcional, confere um maior grau de inovação ao “estilo brasileiro” de pontuar. Dois outros aspetos do *corpus* brasileiro indiciam o carácter inovador do “estilo brasileiro”: o uso do ponto e vírgula para separar as ideias apresentadas nas entradas e subtítulos no *corpus* brasileiro, concretizado em todos os géneros jornalísticos do ESP, FSP e GLO; o uso exclusivo das aspas simples nos títulos dos textos jornalísticos, para economia de espaço. Do mesmo modo, a solução encontrada nas páginas da FSP para as entrevistas de tipo “pingue-pongue” – recorde-se que as perguntas são antecedidas por hífen, e não por travessão – denota um maior grau de “liberdade pontuacional” no *corpus* brasileiro.

Mas, quanto à vírgula, conclui-se que as diferenças linguísticas entre o PE e o PB – ortográficas, lexicais, morfológicas e sintáticas –, não têm propriamente reflexo significativo na pontuação, o que se comprovou, por exemplo, no ponto 2.2.5. (Parte II, Cap. I). Aqui se evidencia que a vírgula delimitativa dos advérbios e adjuntos adverbiais é mais frequente no *corpus* brasileiro do que no português, e que a opção por um ou outro advérbio intercalado na

frase e delimitado por vírgulas é diferente entre os *corpora*, de que é exemplo a preferência pelo advérbio “afinal” no português e pelos advérbios “também” e “principalmente” (cf. **gráfico n.º 7**). No entanto, esta opção não origina uma diferença pontuacional. É o que também sobressai da leitura dos pontos 2.2.7 a 2.2.7.7., pois nos dois *corpora* ocorrem as mais diversas orações, pontuadas da mesma forma e introduzidas pelas mesmas conjunções ou locuções conjuncionais, não obstante as ligeiras diferenças entre os jornais. Na verdade, esta constatação corrobora a ideia de que a função sintática é ainda, no *corpus*, a principal função da pontuação, sendo esta última concebida como um sistema integrado no sistema gráfico, o qual é, por sua vez, uma representação do sistema oral, embora com características específicas. Ora, tanto a ortografia, a dimensão normativa da escrita, como a pontuação necessitam de uma aprendizagem formal, precisamente porque não são mero decalque do material oral.

Salvo pequenas exceções, como acima foi mencionado, os jornais concretizam os usos pontuacionais preceituados pela “norma padrão”; logo, poderão servir de modelo para essas práticas pontuacionais, uma vez que as diferentes opções estilísticas de um ou outro jornal, e principalmente dos jornais brasileiros, não são suficientes para prejudicar o papel destes como divulgadores de uma padronização, no que toca à pontuação. Mas o que se poderá concluir dos desvios pontuacionais identificados no capítulo II da segunda parte? Por ser um dos *pontemas* mais usados no *corpus*, a vírgula é responsável por todos os desvios pontuacionais analisados, à exceção das aspas nas estruturas oracionais introduzidas por “que”. A maior parte destes desvios corresponde a usos proibidos pelos manuais de redação, a saber, a rutura entre sujeito e verbo pela presença de vírgula, a presença de aspas nas estruturas oracionais de estilo indireto, a presença de vírgula antes de conjunção completiva “que” ou antes de orações relativas restritivas, a ausência de vírgula antes de oração relativa explicativa, entre outros. Por outro lado, comprovou-se que os desvios são transversais a todos os géneros jornalísticos e a todos os jornais (cf. **quadro n.º 18**). Deste modo, os desvios não podem ser imputados apenas aos autores das crónicas e artigos de opinião, mas também aos jornalistas; nem se restringem aos jornais que não constituam referência. Como ficou demonstrado, os jornais com maior número de desvios são o PUB (97), o DE (93) e o ESP (64), ao passo que os jornais desportivos (REC e LAN) e sensacionalista (CM) apresentam um número de casos inferior ao oferecido pelo GLO. Por outro lado, alguns dos desvios podem ser explicados pela presença de outros *pontemas*, como o travessão e os parênteses, originando ausência de vírgula na delimitação de orações ou de construções absolutas intercaladas, e pela presença

das conjunções coordenativas “e” e “mas”, da conjunção subordinativa completiva “que” ou de outras conjunções subordinativas, antes de algumas orações ou construções sintáticas.

Que os jornalistas e os autores das crónicas e artigos de opinião sentem, igualmente, certa hesitação ao pontuar algumas orações subordinadas – as relativas explicativas e restritivas introduzidas pelo pronome “que” e as completivas iniciadas pela conjunção subordinativa “que” – e algumas construções sintáticas, como o aposto, ou palavras ou expressões, como o adjunto adverbial ou advérbio intercalado, a expressão explicativa “ou seja” e outros conectores, é o que os dados analisados permitem concluir. Para responder à questão formulada no início do parágrafo anterior, consideramos que os autores dos textos jornalísticos são propensos aos desvios pontuacionais mais comuns.

Ora, certos desvios podem constituir, em nosso entender, “sintomas de evolução que possivelmente vingarão” (Peres e Mória, 1995: 41), nomeadamente a ausência de vírgula antes da conjunção adversativa “mas” e da conjunção copulativa “e”; no entanto, a maior parte dos desvios identificados são passíveis de ser rejeitados pela comunidade de falantes e resultam, frequentemente, do desconhecimento e da falta de domínio das estruturas sintáticas, em particular quando existe, como já se viu, uma estreita vinculação entre pontuação e sintaxe da língua escrita. Que estes desvios bastem para que os jornais deixem de ser vistos como modelos de práticas pontuacionais, não nos parece uma conclusão razoável. Fará mais sentido um maior investimento nos sistemas educativos português e brasileiro e uma nova abordagem no ensino e aprendizagem da pontuação.

Em suma, o nosso estudo comprovou que a imprensa escrita portuguesa e brasileira é “um manancial de informação precioso” acerca de novos usos linguísticos, e, no presente caso, pontuacionais, e que a consulta de *corpora* eletrónicos incluindo textos jornalísticos é “um valioso instrumento na tarefa de chegar a uma descrição pormenorizada e a uma visão abrangente sobre o sistema gramatical português” (Mória, 2008: 8), e, no caso em apreço, sobre o sistema pontuacional partilhado pelas duas variedades do português escrito.

Reforçando as palavras presentes no *Livro de Estilo do Público*, o “jornalismo assenta numa técnica apurada de comunicação que não se confunde com a literatura, mas que não prescinde do talento e da criatividade de quem o exerce”, devendo, por isso, o estilo jornalístico

marcar a diferença pela inovação da escrita jornalística: linguagem fácil, mas moderna, viva e coloquial, em que a inventiva e a criatividade dos seus redactores assumem papel decisivo. Pode-se e deve-se inovar, criar novas

palavras e novas expressões, em sintonia com a linguagem comum e o pulsar da língua na sua constante renovação.

(cf. *Livro de Estilo*, http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/13-rigor-e.html)

Dada a relevância do tema do presente trabalho e da consulta de *corpora* que incluem textos jornalísticos, consideramos que seria interessante alargar a análise não só às unidades pontuacionais *associadas* – itálico, sublinhado, letra capital e negrito –, que não foram objeto de estudo aprofundado na presente tese, como ainda às práticas pontuacionais em novos jornais portugueses e brasileiros e, eventualmente, em diários de países de língua oficial portuguesa, por forma a aprofundar a questão das diferenças entre os “estilos de pontuar” nas variedades da língua portuguesa escrita. Do mesmo modo, pensamos que seria pertinente comprovar se estas diferenças pontuacionais se mantêm em jornais eletrónicos.

Por outro lado, a conceção de uma aplicação informática que agilizasse a identificação automática de desvios face às “normas pontuacionais” constituiria um passo importante para um estudo desta natureza, uma vez que a identificação levada a cabo neste trabalho foi feita manualmente, logo suscetível a eventuais falhas humanas e restringida a um volume inferior do que seria possível através de um tratamento informático.

Para finalizar, citando Saramago, “a pontuação é uma convenção [...], não é mais do que aquilo que numa estrada são os sinais de trânsito: cruzamento, redução de velocidade, essas coisas que aparecem” (Reis, 1998: 101-102), e, tal como a ortografia, dimensão normativa da escrita, o sistema pontuacional ajuda a regular certas práticas na língua escrita. No entanto, o alcance da pontuação ultrapassa o pendor normativo, sendo o ato de pontuar mais do que o uso de *pontemas* que obedecem a critérios gramaticais e sintáticos. Em nosso entender, a pontuação representa igualmente um exercício estilístico inovador e original, ao serviço da constituição de efeitos de sentido no texto. E, assim sendo, confirmamos a hipótese de que os jornais portugueses e brasileiros podem ser tidos como modelos de práticas pontuacionais.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Sandra (2012): “Em busca de uma ressignificação para os sinais de pontuação: um estudo semântico-pragmático das funções da pontuação operante na enunciação do discurso em gêneros de hipertexto”. *Anais eletrônicos*. 4º Simpósio Hipertexto e tecnologias na educação. Disponível em: <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2012/SandraReginadaSilvaMartinsdeAlbuquerque-Embuscadeumaressignificacaoparaossinaisdepontuacao....pdf> [Consulta em 16-06-2014].
- ANDRADE, Ana Rebello (2003): “Os Corpora Linguísticos: uma nova forma de “fazer Lexicografia?””. In *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (orgs. Amália Mendes e Tiago Freitas). Lisboa: (Colibri), pp.103-110.
- ANIS, Jacques (1983): “Pour une graphématique autonome”. *Langue Française*, n.º 59, pp. 31-44.
- _____ (1988): *L'Écriture: théories et descriptions*. Col. Prismes – Problématique 10. Bruxelas: Éditions Universitaires / De Boeck.
- _____ (2004): “Les linguistes français et la punctuation. In *L'information grammaticale*, n.º 102, pp. 5-10.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de (1725): *Regras da Lingua Portuguesa, Espelho da Lingua Latina, ou disposição para facilitar o ensino da lingua Latina pelas regras da Portuguesa... / pelo padre Dom Jeronymo Contador de Argote, Clerigo Regular, e Academico da Academia Real da Historia Portuguesa. - Muyto accrecentada, e correcta. Segunda impressaõ*. Lisboa: Officina da Musica. Disponível em: <http://purl.pt/10>.
- BARBOSA, Jerónimo Soares (1822): *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem / por J. S. B.* Lisboa: Academia Real das Sciencias. Disponível em: <http://purl.pt/128>.
- BARBOSA, Marialva Carlos (2008): “Jornalismo no Brasil: dois séculos de história”. In *Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa: perspectivas luso-brasileiras*. Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa, pp. 129-154.
- BARRETO, João Franco (1671): *Ortografia da lingua Portuguesa*. Lisboa: Na Oficina de João da Costa.

- BARROS, João de (1971 [1540]): *Gramática da Língua Portuguesa*, reprodução fac-similada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BASTOS, Hélder (2000): *Jornalismo electrónico: internet e reconfiguração de práticas nas redacções*. Col. “Comunicação”. Coimbra: Minerva.
- BEAUZÉE, Nicolas (1767): *Grammaire générale ou exposition raisonnée des éléments nécessaires du langage pour servir de fondement à l'étude de toutes les langues*, 2 vols. Col. Grammatica Universalis. Stuttgart-Bad Cannstatt: Friedrich Fromman Verlag.
- BENITO LOBO, José A. (1992): *La puntuación: usos y funciones*. Madrid: Edinumen.
- BERNARDES, Ana C. A. (2002): *Pontuando alguns intervalos da pontuação*. Tese de Doutorado. Campinas: IEL, Unicamp, Brasil.
- _____ (2005): “Algumas considerações sobre o tema da pontuação na escrita inicial”. In *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n.º 47, 1-2, janeiro-dezembro, Campinas: UNICAMP, pp. 109-117. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1519> [Consulta em 16-06-2014].
- BESSONAT, Daniel (1991): “Enseigner la ... «ponctuation»? (!)”. *Pratiques*, n.º 70. Metz, pp. 9-45.
- BIDERMAN, Maria Tereza (2001): “O Português Brasileiro e o Português Europeu: Identidades e contrastes. *Revue belge de philologie et d'histoire*, vol. 79, fasc. 3. Langues et littératures modernes – Moderne taal-en letterkunde, pp. 963-975. Disponível em: [/web/revues/home/prescript/article/rbph_0035-0818_2001_num_79_3_4556](http://web.revues/home/prescript/article/rbph_0035-0818_2001_num_79_3_4556) [Consulta em 27-07-2014].
- BOUCHERON, Sabine (1997): “Parenthèse et tiret double: étude linguistique de l'opération de décrochement typographique”. *L'Information Grammaticale*, n.º. 72, pp. 47-49.
- BRANCO, António, Amália MENDES, Sílvia PEREIRA, Paulo HENRIQUES, Thomas PELLEGRINI, Hugo MEINEDO, Isabel TRANCOSO, Paulo QUARESMA, Vera Strube de LIMA & Fernanda BACELAR (2012): *The Portuguese Language in the Digital Age – A Língua Portuguesa na Era Digital* (eds. Georg Rehm and Hans Uszkoreit), White Paper Series. Berlin: Springer Verlag. Disponível em: <http://www.meta-net.eu/whitepapers> [Consulta em 16-06-2014].
- CAMARA JR., J. Mattoso (1997): *Dicionário de Linguística e Gramática*, 18.^a ed. Petrópolis: Ed. Vozes.

CAMARA, Tania M. N. I. (2008): “Pontuação: chave de leitura do texto literário”. Disponível em:

http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/047/TANIA_CAMARA.pdf [consulta em 17-06-2014].

_____ (s/d). “Pontuação: operador de textualidade”. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno05-17.html> [consulta em 12-06-2014].

CARDET, Ricardo (1988): *Manual de jornalismo*, 6.^a ed. Lisboa: Caminho.

CASCAIS, Fernando (2001): *Dicionário de jornalismo: as palavras dos media*. Lisboa: Verbo.

CASTILHO, José Feliciano de (1870): *Tratado elementar da pontuação da língua portugueza ensinada por meio de exemplos extrahidos dos melhores classicos, etc.* Rio de Janeiro: Casa dos editores E. & Laemmert.

CASTRO, Ivo (2003): “O linguista e a fixação da norma”. In *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (orgs. Amália Mendes e Tiago Freitas). Lisboa: APL, pp. 11-24. Disponível em: www.clul.ul.pt/files/ivo_castro/2003_linguista_e_norma.pdf [Consulta em 16-06-2014].

CATACH, Nina (1977-79): *La ponctuation. Recherches historiques et actuelles* (Actes de Colloque), 2 vols. Paris-Besançon: Publication du CNRS.

_____ (1980): “La punctuation”. *Langue française*. Vol. 45, n.º 1, pp. 16-27.

_____ (1986): “The grafem: its position and its degree of autonomy with respect to the system of the language”. In *New Trends in Graphemics and Orthography* (ed. Gerhard Augst). Berlin: Gruyter, pp. 1-10.

_____ (1988): “Retour aux sources”. *Traverses 43 – Le génie de la ponctuation*. Paris: Centre Georges Pompidou, pp. 33-47.

_____ (1991): “La ponctuation et l’aquisition de la langue écrite”. In *Pratiques*, n.º 70. Metz, pp. 49-59.

_____ (1994): *La ponctuation*. Col. “Que sais-je?”. Paris: PUF.

_____ (1998): “La ponctuation et les systèmes d’écriture: dedans ou dehors?”. In *À qui appartient la ponctuation? Actes du colloque international et interdisciplinaire de Liège* (eds. Jean-Marc Defays, Laurence Rosier, Françoise Tilkin). Bruxelles: Ed. Duculot, pp. 31-43.

- CEBRIÁN, Juan Luis (2004): *Cartas a um jovem jornalista*, 2.^a ed. Lisboa: Bizâncio.
- CHACON, L. (1997). “A pontuação e a demarcação de aspectos rítmicos da linguagem.” *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, vol. 13, 1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000100001 [consulta em 12-06-2014].
- _____ (2003): “Oralidade e letramento na construção da pontuação”. *Revista letras*, n.º 61, especial. Curitiba: UFPR, pp. 97-122. Disponível em: www.letras.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/chacon.pdf [Consulta em 20-06-2014].
- CHRISTOFOLETI, Rogério (2010): *Indicadores da qualidade no jornalismo: políticas, padrões e preocupações de jornais e revistas brasileiros*. Série Debates CI, n.º 3, Novembro de 2010. Brasília: Unesco. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001899/189915por.pdf> [Consulta em 18-06-2014].
- COELHO, Sónia (2011): “As ideias linguísticas nos Prólogos das gramáticas de Pedro José da Fonseca (1799) e de Jerónimo Soares Barbosa (1822)”. In *XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 168-181. Disponível em: <http://www.apl.org.pt/docs/26-textos-seleccionados/Coelho.pdf> [consulta em 16-06-2014]
- CORREIA, João Carlos (2008): “História do jornalismo em Portugal: o pós-25 de Abril”. In *Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa: perspectivas luso-brasileiras*. Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa, pp. 118-129.
- CORREIO DA MANHÃ: “Datas importantes do Correio da Manhã”. Disponível em http://30anos.correiomanha.xl.pt/historia_cm.php [consulta em 09-01-2012].
- CORRÊA, Manoel. L. G. (1994): “Pontuação: sobre seu ensino e concepção”. In *Leitura: Teoria e prática*, 24, São Paulo: Campinas, pp. 52-65.
- COUTO, Manuel Amor (2004): “Gramática e teorização linguística em Portugal: a Gramática Filosófica de Jerónimo Soares Barbosa”. *Revista Galega de Filoloxía*, 5, pp. 11-31. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2183/2613> [consulta em 17-06-2014].
- CRATO, Nuno (1982): *A imprensa. Iniciação ao jornalismo e à comunicação social – I*, 2.^a ed. Lisboa: Ed. Presença.
- CUNHA, Dóris A.C. & Marc ARABYAN (2004): “La ponctuation du discours direct des origines à nos jours”. *L'information grammaticale*, n.º 102, pp. 35-45. Disponível

- em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/igram_0222-9838_2004_num_102_1_2562 [Consulta em 20-06-2014].
- CUNHA, Celso & Lindley CINTRA (1992): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 9.^a ed. Lisboa: João Sá da Costa.
- DAHLET, Véronique (2002). “A pontuação e a sua metalinguagem gramatical”. *Revista de Estudos da linguagem*, v. 10, n.º 1, Belo Horizonte, pp. 29-41. Disponível em: www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/2330/2279 [Consulta em 16-06-2014].
- _____ (2006): *As (man)obras da pontuação: usos e significados*. São Paulo: Humanitas.
- _____ (2007): “A pontuação e as culturas da escrita”. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, n.º 8, Universidade de São Paulo, pp. 287-314. Disponível em: <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/Dahlet.pdf> [Consulta em 17-06-2014].
- DARGNAT, Mathilde (2006): *L’oral comme fiction*. 2 vols. (tese de Doutorado). Aix-en-Provence: Université de Provence (Aix-Marseille I), Laboratoire Parole & Langage; Université de Montréal/Departement d’Études Françaises. Disponível em: <http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/13/60/43/PDF/theseMDTELMars07.pdf> [Consulta em 17-06-2014].
- DEFAYS, Jean-Marc, Laurence ROSIER & Françoise TILKIN eds. (1998): *À qui appartient la ponctuation? Actes du colloque international et interdisciplinaire de Liège*. Bruxelles: Ed. Duculot.
- DELOMIER, Dominique & Monique ESQUENET-BERNAUDIN (1991): “L’écrit dans le sillage de l’oral, mais encore?”. *Langue française*, n.º 89, pp. 86-98.
- DESBORDES, Françoise (1990): *Idées romaines sur l’écriture*. Lille: Presses Universitaires.
- DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO (2008): *o Dicionário Terminológico para consulta em linha*. Disponível em: <http://dt.dgicd.min-edu.pt>.
- DOPPAGNE, Albert (2006): *La bonne ponctuation: clarté, efficacité et précision de l’écrit*. Bruxelles: Ed. Duculot.
- DRILLON, Jacques (1991): *Traité de la Ponctuation Française*. Paris: Gallimard.
- DUARTE, Inês (2000): *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- DUBOIS, Jean *et al.* (1973): *Dicionário de Lingüística* (trad. Frederico Pessoa Barros *et al.*). São Paulo: Cultrix.

- FAUSTINO, Paulo (2004): *A Imprensa em Portugal: Transformações e Tendências*. Lisboa: MediaXXI / Formalpress, Lda.
- FAYOL, Michel (1989). “Une approche psycholinguistique de la ponctuation. Etude en production et en compréhension”. *Langue française*, n.º 81 (La ponctuation), pp. 21-39.
- FEIJÓ, João de Moraes Madureira (1734): *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portugueza para uso do excellentissimo Duque de Lafoens / pelo seu mestre João de Moraes Madureyra Feyjo....* Lisboa Occidental: na Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Senhor Patriarca. Disponível em: <http://purl.pt/13>.
- FERRAZ, Telma Leal & Gilda Guimarães LISBÔA (2002): “Por que é tão difícil ensinar a pontuar?”. *Revista Portuguesa de Educação*, 15 (1). Braga: Universidade do Minho, CIED, pp. 129-146. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37415107> [Consulta em 07/06/2014].
- FONTCUBERTA, Mar de (2002): *A notícia. Pistas para compreender o mundo*, 2.ª ed. Col. “Media e Sociedade – 7. Lisboa: Editorial Notícias.
- FOLHA ONLINE: História da Folha. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm [Consulta em 09-01-2013].
- FROMM, Guilherme: “O uso de *corpora* na análise linguística”. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/comet/artigos/O%20uso%20de%20corpora%20Guilherme.pdf> [Consulta em 16-06-2014].
- FURLANETTO, Maria Marta (2000): “Não se usa vírgula entre o sujeito e o predicado”. *Revista de Letras*, n.º 22, vol. 1/2, jan/dez. Universidade Federal do Ceará, pp. 31-36. Disponível em: www.revistadeletras.ufc.br/rl22Art04.pdf [Consulta em 16-06-2014].
- GAILLARD, Philippe (1971): *O jornalismo*, 3.ª ed. Lisboa: Europa América.
- GOMES, António Gil (1831): *Regras Elementares sobre a Pontuação, Segunda Parte da Orthographia, Escriptas por [...]*. Rio de Janeiro: Typog. Imperial e Constitucional de E. Seignot-Flancher.
- GONÇALVES, Maria Filomena (1992): *Madureira Feijó, Ortografista do século XVIII. Para uma História da Ortografia Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- _____ (2003): *As Ideias Ortográficas em Portugal. De Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / FCT.

- _____ (2007): “A “arte de pontuar” no século XVI e os *Tratados* de Fernão Cardim”. *Estudos Linguísticos XXXVI* (2), maio-agosto, pp. 10-21. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/filomena.PDF> [Consulta em 17-06-2014].
- GRUAZ, Claude (1980): “Recherches historiques et actuelles sur la ponctuation”. *Langue française*, vol. 45, n.º 1, pp. 8-15.
- GRADIM, Anabela (2000): *Manual de Jornalismo. Livro de Estilo do Urbi et Orbi* [Online]. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.pdf> [Consulta em 12-06-2014].
- GRILLO, Sheila: “A oralidade no jornalismo impresso: estilo e regras de representação para o discurso citado”. Disponível em: http://www.gelne.org.br/RevistaGelne/arquivos/artigos/art_13eb28e0df50980dac5ff5fcc32690ad_68.pdf. [Consulta em 20-06-2014].
- HIGOUNET, Charles (1986 [1955]): *L'Écriture*. Col. “Que sais-je?”. Paris: PUF.
- JARNO-EL HILALI, Guénola (2011): *Enseigner et apprendre la grammaire. Le cas de la phrase et de la ponctuation au cycle II*, vol. I (tese de Doutoramento). Toulouse: Universidade de Toulouse. Disponível em: <http://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00625451>.
- JEAN, Georges (1987): *L'Écriture. Mémoires des Hommes*. Paris: Gallimard.
- KADER, Cárta & Marcos RICHTER (2013): “Linguística de corpus: possibilidades e avanços”. *Instrumento – Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*, v. 15, n. 1, jan./jun. Disponível em: <http://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/view/2641/1903> [Consulta em 20-06-2014].
- KEMMLER, Rolf (2013): “Para uma melhor compreensão da história da gramática em Portugal: a gramaticografia portuguesa à luz da gramaticografia latino-portuguesa nos séculos XV-XIX”. *Veredas. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas* (ed. de Raquel Bello Vásquez), v. 19. Santiago de Compostela: AIL, pp. 145-176.
- KOVRT, Manfred (1986): “The term ‘graphem’ in the history and theory of linguistics”. In *New Trends in Graphemics and Orthography* (ed. Gerhard Augst). Berlin: Gruyter, pp. 80-96.
- KOMUR, Greta (2009): “Que se cache-t-il sous les guillemets dans la presse écrite française?”. *Synergies*, n.º 6. Pologne: Gerflint, pp. 69-78.

- LAUFER, Roger (1980): “Du ponctuel au Scriptural. *Langue française*, vol. 45, n.º 1 (La punctuation), pp. 77-87.
- LAVRENTIEV, Alexei (2010): *Tendance de la punctuation dans les manuscrits et incunables français en prose, du XIII^e au XV^e siècle*, vol. I (tese de Doutoramento). Lyon: Université de Lyon. Disponível em: <http://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00494914> [Consulta em 17-06-2014].
- LEÃO, Duarte Nunes de (1983): *Ortografia e Origem da Língua Portuguesa*. Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu: Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- _____ (1576): *Ortographia da lingoa portvguesa: obra vtil & necessaria, assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol, como Latina & quaisquer outras que da Latina teem origem. Item hum tractado das clausulas / pelo Licenciado Duarte Nunez de Lião* (versão digital consultada em). Lisboa: João da Barreira. Disponível em: <http://purl.pt/15>.
- LEONAVIČIENĖ, Aurelija (2007) “Le discours direct dans la presse politique.” *Kalbotyra*, n.º 57(3), Vilnius: Department of German Philology of Vilnius University, pp. 160-168.
- LETRIA, Joaquim & J. GOULÃO (1986): *Noções de Jornalismo*, 2.^a edição. Lisboa: Livros Horizonte.
- LETRIA, Joaquim (1999): *Pequeno breviário jornalístico: géneros, estilos e técnicas*. Lisboa: Editorial Notícias.
- LEWIS, M. ed. (2009): *Ethnologue: Languages of the World*, 6.^a ed. Disponível em: <http://www.ethnologue.com> [Consulta em 16-06-2014].
- LIMA, Margareth B. Q. (2003): *O uso e a compreensão das marcas de pontuação por crianças* (Dissertação de Mestrado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco/CFCH. Psicologia. Disponível em: <http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20040520084352.pdf> [Consulta em 17-06-2014].
- LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia (2002): “O emprego da vírgula no português a partir da reflexão sobre a organização estrutural das frases: possibilidades e desafios”. *Estudos Linguísticos*, v. 31, São Paulo. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/comunica/CCI10a.htm> [Consulta em 17-06-2014].

- LUEGI, P., M. A. COSTA & I. H. FARIA (2007): “Mover para ler: o movimento dos olhos durante a leitura de textos”. In *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (orgs. Maria Lobo e Maria Antónia Coutinho). Lisboa: APL, pp. 431-445.
- MACHADO, José Pedro (1977): *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte.
- MACHADO FILHO, Américo V. Lopes (2004): *A pontuação em manuscritos medievais portugueses*. Bahia: EdUFBA. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/159/1/A%20pontuacao%20em%20manuscritos%20medievais.PDF> [Consulta em 17-06-2014].
- MANGUEL, Alberto (1998): *Uma História da Leitura*. Lisboa: Ed. Presença.
- MARCUSHI, Luiz Antônio (2001): “Fala e escrita: uma visão não dicotômica”. *Revista do GELNE*, vol. 3, n.º 1, pp. 1-7. Disponível em: http://www.gelne.org.br/RevistaGelne/arquivos/artigos/art_05019f619e056a4d9127aee6f34450d8_91.pdf [Consulta em 20-06-2014].
- MARIN, Louis (1988): “Ponctuation, étym. Lat. PUNCTUM”. *Traverses 43 – Le génie de la ponctuation*. Paris: Centre Georges Pompidou, pp. 19-28.
- MARMENTINI, Viviane & Alceu VANZING (2013): “Vírgula: explicação ou complicação?”. *Lingu@ Nostr@ - Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística*, vol. 1, n.º 1, janeiro/junho, pp. 151-168. Disponível em: <http://linguanostra.ipuc.edu.br/Linguanostra/article/download/43/40> [Consulta em 18-06-2014].
- MARQUILHAS, Rita (2000): *A Faculdade das Letras. Leitura e Escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- MARTÍNEZ DE SOUSA, José (1998): “La puntuación”. *Acta* (online). Disponível em: http://www.acta.es/medios/articulos/ayudas_y_herramientas/007061.pdf [Consulta em 17-06-2014].
- MARTÍNEZ-MARIN, Juan (1994): “La estandarización de la puntuación en español: siglos XV-XVII”. In *Actas del Congreso Internacional de Historiografía Lingüística, Nebrija V Centenario*, vol. III (eds. R. Escavy, M. Hdez Terrés, A. Roldán). Murcia: Universidad de Murcia, pp. 437-450.
- MARTINS, Eduardo (1997). *O Estado de S. Paulo. Manual de Redação e Estilo*. Disponível em <http://www.estadao.com.br/manualredacao/esclareca/p.shtm> [Consulta em 09-01-2013].

- MARTINS, Nilce Sant'Anna (1989): *Introdução à Estilística*. T. A. Queiroz (Ed). São Paulo: EDUSP.
- MATEUS, Maria Helena, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE & Isabel Hub FARIA (2003): *Gramática da Língua Portuguesa*, 6.^a ed. Lisboa: Caminho.
- MATEUS, Maria H. M. (2005). “A mudança da língua no tempo e no espaço”. In M. H. M. Mateus e F. B. Nascimento orgs., *A língua portuguesa em mudança*. Lisboa: Caminho, pp. 13-20. Disponível em: www.iltec.pt/pdf/wpapers/2005-mhmateus-mudanca_lingua.pdf [Consulta em 16-06-2014].
- MEDIAVILLA, Fidel (2000): *La Puntuación en el Siglo de Oro. Teoría y Práctica* (Tesis Doctoral). Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona/Departamento de Filología Española. Disponível em: www.tdx.cat/bitstream/10803/4855/1/fsm1de2.pdf [Consulta em 12-08-2014].
- MELO, José Marques de *et al.* (2008): *Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa: perspectivas luso-brasileiras*. Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa.
- MENDES, Mafalda (2009): “Que lugar para a pontuação no ensino da escrita no 1.º ciclo do ensino básico?”. In *Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 339-353. Disponível em: www.apl.org.pt/docs/24-textos-seleccionados/23-Mendes.pdf [Consulta em 16-06-2014].
- MILEA-LE FLOCH, Vasilica: “Les signes de ponctuation comme marqueurs de subjectivité dans un corpus littéraire”. Disponível em: http://www.revue-texto.net/docannexe/file/2348/ponctuation_vasilica.pdf [Consulta em 16-06-2014].
- MÓIA, Telmo (2004): “Algumas áreas problemáticas para a normalização linguística – disparidades entre o uso e os instrumentos de normalização”. In *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 109-125.
- _____ (2008): *Inovação e Desvio no Português Europeu Escrito do Século XXI* (online). Disponível em: http://www.clul.ul.pt/files/telmo_moia/tmoia_ILTEC2008.pdf [consulta em 10-06-2014]
- _____ (2010): “Expressões de medição temporal: norma, variação e desvio”. In *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, pp. 623-641. Disponível em:

http://www.clul.ul.pt/files/telmo_moia/tmoia_APL2009.pdf [Consulta em 16-06-2014].

MONTEIRO, José (1999): “Erro gramatical ou preconceito linguístico?”. *Revista do GELNE*, n.º 2, pp. 32-33. Disponível em: http://www.gelne.org.br/RevistaGelne/arquivos/artigos/art_e27b761d9f2bb2ae22fb999185e317f2_165.pdf [Consulta em 20-06-2014].

MORAIS, José (1994): *L’Art de Lire*. Paris: Éditions Odile Jacob.

MOREIRA, Fabiana Barbosa (2006): *Os valores-notícia no jornalismo impresso: análise das ‘características substantivas’ das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O estado de São Paulo e O Globo* (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/7773> [Consulta em 09-01-2012].

NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do (1996): “Apresentação da Mesa-redonda sobre corpora linguísticos”. In *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (eds. Isabel Hub Faria e Margarita Correia), vol. 1. Lisboa: Colibri, pp. 19-20.

NOGUEIRA, Rodrigo de Sá (1989): *Guia Alfabética de Pontuação*. Porto: Clássica Editora.

NUNBERG, G. (1990): *The Linguistics of Punctuation*. Stanford: Centre for the Study of Language and Information / Stanford University.

NUNES, Cristina Maria de Sousa (2006): *A pontuação na Península Ibérica: doutrinas e prática em textos metalinguísticos portugueses e castelhanos do século XVII* (tese de Mestrado inédita). Évora: Universidade de Évora/Departamento de Linguística e Literaturas [165 pp.].

_____ (2013): “A pontuação num corpus jornalístico português e brasileiro: o caso do discurso citado”. *Confluência*, n.º 44/45. Rio de Janeiro: Revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário, pp. 267-287. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/1216.pdf>.

OKSEFJELL, Signe & Diana SANTOS (1998): “Breve panorâmica dos recursos de português mencionados na Web”. In *III Encontro para o Processamento Computacional do Português Escrito e Falado (PROPOR’98)* (ed. Vera Lúcia Strube de Lima). Porto Alegre, RS (3-4 de Novembro de 1998), pp. 38-47. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/documentos/recursos.pdf> Resumo. [Consulta em 20-06-2014].

- OLIVEIRA, Fernão de (2012): *Gramática da linguagem portuguesa*, Fac-simile, introdução e edição actualizada e anotada por José Eduardo Franco e João Paulo Silvestre. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____ (1988 [1536]): *Gramática da Linguagem Portuguesa*, ed. fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- OLIVEIRA, Lúcia P. (2009): “Linguística de corpus: teoria, interfaces e aplicações”. *Matraga*, v. 16, n.º 24, jan/jun. Disponível em: www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga24/arqs/matraga24a02.pdf [Consulta em 16-06-2014].
- OTHERO, Gabriel de A. (2006). “Lingüística Computacional: uma breve introdução”. *Letras de Hoje*, v. 41, n.º 2, pp. 341-351. Disponível em: <http://ling.auf.net/lingBuzz/000455>
<http://caioba.pucrs.br/fale/ojs/include/getdoc.php?id=135&article=30&mode=pdf> [Consulta em 10-06-2014].
- PACHECO, Vera (2006): “Percepção dos sinais de pontuação enquanto marcadores prosódicos”. *Estudos da Língua(gem)*, n.º 3, Vitória da Conquista, pp. 205-232. Disponível em: <http://www.estudosdalinguagem.org/seer/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/70/141> [Consulta em 16-06-2014].
- PAOLACCI, Véronique & Claudine GARCIA-DEBANC (2005): “Comment former à l’enseignement de la ponctuation? Analyse de pratiques effectives de formation initiale”. *Pratiques*, n.º 125-126, pp. 85-114.
- PASSERAULT, Jean-Michel (1991): “La ponctuation. Recherches en psychologie du langage”. *Pratiques*, n.º 70, pp. 85-104. Disponível em: http://www.pratiques-cresef.com/p070_pa1.pdf [Consulta em 16-06-2014].
- PEÑALVER CASTILLO, Manuel (2002): “Problemas de puntuación en el español peninsular”. *Estudios filológicos*, n.º 37, pp. 103-116. Disponível em: http://mingaonline.uach.cl/scielo.php?pid=S0071-17132002000100006&script=sci_arttext [Consulta em 12-06-2014].
- PEREIRA, Bento (1666): *Regras gerais, breves e comprehensivas da melhor Orthografia com que se podem evitar erros no escrever da lingua Latina. & Portugueza, Para se ajuntar à Prosodia, Ordenadas pelo Author della o P. D. Bento Pereyra da Companhia de Jesus, Qualificador do S. Officio. Aprovadas por Varões peritissimos em huma & outra lingua. Dividemse em tres partes: a primeira he das regras*

commuas à lingua Latina, & Portugueza. A segunda he das tocantes só à Latina. A terceyra he das tocantes só à Portugueza. Lisboa: por Domingos Carneiro.

- PEREIRA, José Esteves (1982): *Manual prático de jornalismo*, 2.^a ed. Lisboa: Ed. Notícias.
- PERES, João Andrade & Telmo MÓIA (1995): *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- PERROT, Jean (1980): “Ponctuation et fonctions linguistiques”. *Langue française*, vol. 45, n.º 1 (La punctuation), pp. 67-76.
- PÉTILLON, Sabine (2013): “La punctuation: histoire, theories & métaphore”. *Acta fabula*, vol. 14, n.º 3 (Notes de Lecture). Disponível em: <http://www.fabula.org/revue/document7727.php> [Consulta em 12-06-2014].
- PÉTILLON-BOUCHERON, Sabine (2003): *Les détours de la langue: étude sur la parenthèse et le tiret double*. Bibliothèque de L'Information Grammaticale. Paris: Leuven Peeters.
- PINCHON, Jacqueline & Mary-Annick MOREL (1991): “Rapport de la ponctuation à l'oral dans quelques dialogues de romans contemporains.” *Langue française*, n.º 89, pp. 5-19.
- PIZARROSO QUINTERO, Alejandro (1996): *História da Imprensa*. Lisboa: Planeta Editora.
- PONTES, José A. V. *O Estado de S. Paulo*. Disponível em <http://site.estadao.com.br/historico/resumo/conti1.htm> [Consulta em 09-01-2013].
- PÚBLICO (1998): *Livro de Estilo*. Lisboa: Público, Comunicação Social, SA. Disponível em: http://static.publico.pt/nos/livro_estilo [Consulta em 09-01-2013].
- PURNELLE, Gérald (1998): “Théorie et typographie: une synthèse des règles typographiques de la ponctuation”. In *À qui appartient la ponctuation? Actes du colloque international et interdisciplinaire de Liège* (ed. Jean-Marc Defays, Laurence Rosier, Françoise Tilkin). Bruxelas: Ed. Duculot, pp. 211-221.
- PUZZO, Miriam Bauab (2012): “Revisitando questões de gramática e de ensino de um ponto de vista bakhtiniano”. *Revista de Estudos do Discurso*, 7 (1), pp. 161-177. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732012000100010&lng=en&tlng=pt.%2010.1590/S2176-45732012000100010 [Consulta em 12-06-2014].
- QUARESMA, Paulo (2013): “Análise linguística de documentos da Biblioteca Pública de Évora: uma abordagem informática”. In *Património Textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova Filologia*. (coord. Maria Filomena Gonçalves e Ana Paula Banza). Biblioteca Estudos & Colóquios. Série E-books, n.º 1. Évora: CIDEHUS, pp.

- 139-156. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/10468/1/e-book.pdf> [Consulta em 16-06-2014].
- RACILAN, Marcos & Tony C. C. LABANCA (2006): “Um estudo da pontuação no ensino médio: critérios dos alunos versus manuais didáticos”. *Revista Pé da Letra*, vol. 8, pp. 29-44. Disponível em: <http://www.revistaaopedaletra.net/volumes/vol%208/Vol8-marcos-racilan-tony-charles.pdf> [Consulta em 16-06-2014].
- RAPOSO, Eduardo Bozaglo Paiva, Maria Fernanda Bacelar do NASCIMENTO, Maria Antónia MOTA, Luísa SEGURA & Amália MENDES (2013): *Gramática do Português*, 3 vols. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- REBELO, José (2002): *O discurso do jornal. O como e o porquê*, 2.^a ed. revista. Col. “Media e Sociedade – 9. Lisboa: Editorial Notícias.
- RECORD. *Record – A história*. Disponível em <http://www.record.xl.pt/info/historia.aspx> [Consulta em 09-01-2013].
- REIS, Carlos (1998): *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Editorial Caminho.
- _____ (Coord.) (2009): *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação/dgide.
- ROCHA, I. L. V. (1997): “O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva”. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, vol. 13 (1), pp. 83-118. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501997000100005&script=sci_arttext [Consulta em 12-06-2014].
- _____ (1998): “Flutuações no modo de pontuar e estilos de pontuação”. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, vol. 14 (1), pp.1-12. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000100001&lng=en&nrm=iso [Consulta em 12-06-2014].
- ROCHA, Paulo Alexandre & Diana SANTOS (2000): “CETEMPúblico: Um corpus de grandes dimensões de linguagem jornalística portuguesa”. In *V Encontro para o processamento computacional da língua portuguesa escrita e falada* (PROPOR 2000) (ed. Maria das Graças Volpe Nunes). São Paulo: ICMC/USP, pp. 131-140. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/documentos/RochaSantosPROPOR2000.pdf>. [Consulta em 20-06-2014].
- RODRIGUES, Luís Paulo (2011): “Um retrato dos cinco diários generalistas portugueses”. In blog *Comunicação integrada*.

- Disponível em: <http://luispaulorodrigues.blogspot.com/2011/06/um-retrato-dos-cinco-diarios.html> [Consulta em 09-01-2012].
- ROSELLÓ VERDEGUER, Jorge (2012): “El tratamiento de la puntuación en los libros de estilo periodísticos”. *Normas. Revista de Estudios Lingüísticos Hispánicos*, n.º 2. Disponível em: http://www.uv.es/normas/2012/ARTICULOS/Rosello_2012.pdf [Consulta em 12-06-2014].
- SANTIAGO, Ramón (1998): “Apuntes para la historia de la puntuación en los siglos XVI e XVII”. In *Estudios de Grafemática en el dominio hispano*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 243-280.
- SANTOS, Diana (1999): “Disponibilização de corpora de texto através da WWW. In *Linguística Computacional: Investigação Fundamental e Aplicações. Actas do I Workshop sobre Linguística Computacional da APL* (ed. Palmira Marrafa e Maria Antónia Mota), pp. 323-335. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/Diana/download/SantosWLC99.pdf> [Consulta em 20-06-2014].
- SANTOS, Diana & RANCHHOD, Elisabete (1999): “Ambientes de processamento de corpora em português: Comparação entre dois sistemas”. In *Actas do IV Encontro sobre o Processamento Computacional em Língua Portuguesa (Escrita e Falada), (PROPOR)* (ed. Irene Rodrigues e Paulo Quaresma), pp. 257-268.
- SANTOS, Diana & Luís SARMENTO (2003): “O projecto AC/DC: acesso a corpora/disponibilização de corpora”. In *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (ed. Amália Mendes e Tiago Freitas). Lisboa: APL, pp. 705–717. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/documentos/SantosSarmientoAPL2002.pdf> [Consulta em 20-06-2014].
- SANTOS, Mônica C. V. (2008): *A interferência dos sinais de pontuação em textos em prosa na proficiência de leitura oral* (dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-7LSPYL/1200m.pdf?sequence=1> [Consulta em 20-06-2014].
- SARDINHA, Tony B. (2000a): “Linguística de corpus: histórico e problemática”. *Revista D.E.L.T.A.* [online], vol. 16, n.º. 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v23n2/a09v23n2.pdf> [Consulta em 12-06-2014].

- _____ (2000b): “O que é um corpus representativo?”. [online], Disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers44.pdf> [Consulta em 12-06-2014].
- _____ (2004): “Linguística de Corpus: uma entrevista com Tony Berber Sardinha”. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL* [online], vol. 2, n.º. 3. Disponível em: http://www.pessoal.utfpr.edu.br/paulo/revel_3_entrevista_tony_berber_sardinha.pdf [Consulta em 12-06-2014].
- SARMENTO, Luís & Belinda MAIA (2003): "Gestor de corpora - Um ambiente Web integrado para Linguística baseada em Corpora". In José João Almeida ed., *Corpora Paralelos, Aplicações e Algoritmos Associados (CP3A)*. Braga: Universidade do Minho, pp. 25-30. Disponível em: http://www.linguateca.pt/documentos/cp3a_gc_art.pdf [Consulta em 16-06-2014].
- SCLIAR-CABRAL, Leonor & Bernardete RODRIGUES (1994): “Discrepâncias entre a pontuação e as pausas”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 26. Campinas, pp. 63-77. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/3030/2510> [Consulta em 20-06-2014].
- SERÇA, Isabelle (2004): “La ponctuation: petit tour d’horizon. *L’information grammatical*, n.º 102, pp. 11-17.
- SEVILHA, San Isidoro de (1993): *Etimologias*, vol. II (edição bilingue preparada por José Oroz Reta y Manuel A- Marcos Casquero; introd. Geral por Manuel C. Díaz y Díaz). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- SILVA, Anderson Cristiano da (2009): “O uso das vírgulas por uma abordagem enunciativa”. In *Anais do XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação*. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/0011_0004_01.pdf [Consulta em: 16-06-2014].
- _____ (2010): “A aprendizagem da pontuação por alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental: uma análise a partir da produção de diferentes gêneros textuais”. *Cadernos de Educação*, n.º 35, janeiro/abril, pp. 139-169. Pelotas: FaE/PPGE/UFPel. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1618/1501b> [Consulta em 16-06-2014].

- _____ (2011): “A pontuação e a constituição dos sentidos: um estudo dialógico em texto midiático impresso”. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 11 (1), pp. 73-93. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982011000100005&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1984-63982011000100005 [Consulta em 12-06-2014].
- SILVA, Alexsandro da & Artur Gomes MORAIS (2011): “Entre tradição e inovação: um estudo sobre mudanças no ensino de gramática em livros didáticos brasileiros de Língua Portuguesa”. *Revista Portuguesa de Educação*, n.º 24, 1 [Online]. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37421276006> [Consulta em 12-06-2014].
- SILVA, Inês Maria Lopes (2005): *Contributos para o ensino da escrita. A materialidade da escrita em textos de alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Asa.
- SILVA, Inocêncio F. (1973 [1859]): *Diccionario Bibliographico Portuguez*, 23 vols. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SILVA, Jorge L. L. (2010): “O ensino de pontuação nos livros didáticos do PNLD 2010: O que é proposto como atividades nesses manuais? O que diz o manual do professor?”. In *Anais do IX Encontro do CELSUL*. Universidade do Sul de Santa Catarina.
- SIM-SIM, Inês, et al. (1997): *A Língua Materna na Educação Básica: Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*: Lisboa: Min. da Educação-Dep. De Educação Básica.
- SOUSA, Jorge Pedro (2001): *Elementos do jornalismo impresso*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf> [Consulta em 17-06-2014].
- _____ (2008a): “Uma história breve do jornalismo no Ocidente”. In *Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa: perspectivas luso-brasileiras*. Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa, pp. 12-93.
- _____ (2008b): “Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974”. In *Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa: perspectivas luso-brasileiras*. Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa, pp. 93-118.
- SOUSA, Jorge Pedro (s/d): *António Rodrigues Sampaio: o jornalista e o pensador do jornalismo*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-antonio-rodrigues-sampaio-o-jornalista.pdf> [Consulta em 17-07-2014].

- SOUSA, Jorge e AROSO, Inês (2003): *Técnicas Jornalísticas nos Meios Electrónicos (princípios de radiojornalismo, telejornalismo e jornalismo on-line)*. Lisboa: Ed. Universidade Fernando Pessoa.
- TEIXEIRA, José (2003): “Norma linguística e Erro – Uma abordagem cognitiva”. *Revista Portuguesa de Humanidades*, vol. 7, Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa, pp. 125-131. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5363/1/normaErro.pdf> [Consulta em 20-06-2014].
- TENANI, Luciani & Geovana SONCIN (2010): “O emprego de vírgulas: evidências de relações entre enunciados falados e escritos”. *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. Anais do II SIMELP* (ed. de Maria João Marçalo *et al.*). Évora: Universidade de Évora. Disponível em: <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg11/05.pdf> [Consulta em 16-06-2014].
- TIMBAL-DUCLAUX, Louis (1986): “La ponctuation, outil de lisibilité. *Communication et languages*, n.º 69, 3ème trimestre, pp. 26-38.
- TOURNIER, Claude (1980): “Histoire des idées sur la ponctuation, des débuts de l’imprimerie à nos jours”. *Langue française*, vol. 45, n.º 1 (La ponctuation), pp. 28-40.
- TRAQUINA, Nelson (org.) (1999): *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*, 2.ª ed. Lisboa: Vega.
- TRAQUINA, Nelson *et al.* (2001): *O jornalismo português em análise de casos*. Lisboa: Caminho.
- UNIÃO EUROPEIA. *Código de redação interinstitucional*. Disponível em: <http://publications.europa.eu/code/pt/pt-4100400pt.htm> [Consulta em 15-06-2014].
- VÉDÉNINA, L. G. (1989): *Pertinence linguistique de la présentation typographique*. Paris: Peeter-Selaf.
- VERA, Álvaro Ferreira (1631): *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua Portuguesa. Com hum tratado de memoria artificial, outro da muita semelhança, que tem a lingua Portuguesa com a Latina*. Lisboa: Mathias Rodrigues.
- VERDELHO, Telmo (1982): “Historiografia linguística e reforma do ensino. A propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal”. *Brigantia*, vol. II, n.º 4, pp. 347-356. Disponível em: http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Historiografia_linguistica_memoria_ensino.pdf [Consulta em 17-07-2014].

- VIEIRA, Célia & Isabel R. NOVO (2010): “Mudanças linguísticas em curso em alunos do Ensino Superior”. In *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. Anais do II SIMELP* (ed. de Maria João Marçalo *et al.*). Évora: Universidade de Évora. Disponível em: <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg23/04.pdf> [Consulta em 16-06-2014].
- VIEIRA, Joaquim (2007): *Jornalismo contemporâneo: os media entre a era Gutenberg e o paradigma digital*. Lisboa: Edeline.
- VIEIRA, Renata & Vera L. S. de LIMA (2001): “Linguística computacional: princípios e aplicações”. In *As Tecnologias da informação e a questão social: Anais 2001*. In Ana Teresa Martins e Díbio Leandro Borges eds. Fortaleza. Disponível em: <http://www.inf.unioeste.br/~jorge/MESTRADOS/LETRAS%20-%20MECANISMOS%20DO%20FUNCIONAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20-%20PROCESSAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20NATURAL/ARTIGOS%20INTERESSANTES/lingu%EDstica%20computacional.pdf> [Consulta em 16-6-2014].
- VIEIRA, Renata (2004): “Linguística Computacional: uma entrevista com Renata Vieira”. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, vol. 2, n.º. 3 [online]. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_3_entrevista_renata_vieira.pdf [Consulta em 16-6-2014].
- VIGNEAU-ROUAYRENC, Catherine (1991): “L’oral dans l’écrit: histoire(s) d’E”. *Langue française*, n.º 89, pp. 20-34.
- VILELA, Mário (1995): *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- WITTMANN, Luzia, Tânia PÊGO & Diana SANTOS (1995): “Português Brasileiro e Português de Portugal: algumas observações”. In *XI Encontro Nacional da APL*. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/Diana/download/WittmannPegoSantosAPL95.pdf> [Consulta em 27-07-2014].
- XAVIER, Lola G. (2010): “Da *performance* à competência linguística”. *Máthesis*, n.º 19, Viseu: Universidade Católica Portuguesa, pp. 9-18. Disponível em: http://z3950.crb.ucp.pt/Biblioteca/mathesis/Mat19/Mathesis19_9.pdf [Consulta em 12-06-2014].
- XAVIER, Maria Francisca (1996): “Dos problemas de constituição às potencialidades de utilização de *corpora*: o caso do CIPM”. *Actas do XI Encontro Nacional da*

Associação Portuguesa de Linguística, vol. 1 (ed. Isabel Hub Faria e Margarita Correia). Lisboa: Colibri, pp. 159-164.

Sítios na internet

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS: <http://www.anj.org.br> [Consulta em 16-06-2014].

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O CONTROLO DE TIRAGEM E CIRCULAÇÃO: <http://www.apct.pt/> [Consulta em 05-01-2012].

BANDEIRA, José de Sousa: <http://araduca.blogspot.pt/2013/03/escritores-vimaranenses-53-jose-de.html> [Consulta em 16-06-2014].

_____ : http://www.csarmento.uminho.pt/ndat_33_det.asp?jornalID=1 [Consulta em 16-06-2014].

BARRETO, João Franco: <http://www.arqnet.pt/dicionario/francobarretoj.html> [Consulta em 16-06-2014].

BARROS, João de: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/jbarros1.htm> [Consulta em 16-06-2014].

Bureau international des Poids et Mesures: <http://www.bipm.org/> [Consulta em 16-06-2014].

_____ : <http://www.bipm.org/fr/CGPM/db/22/10/> Consulta em 16-06-2014].

Código de Redação Interinstitucional: <http://publications.europa.eu/code/pt/pt-4100409pt.htm> [Consulta em 16-06-2014].

CONTADOR DE ARGOTE, Jerónimo: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/argote.htm> [Consulta em 16-06-2014].

Correio da Manhã: http://30anos.correiomanha.xl.pt/historia_cm.php [Consulta em 16-06-2014].

COSTA CABRAL: [http://www.infopedia.pt/\\$antonio-bernardo-da-costa-cabral](http://www.infopedia.pt/$antonio-bernardo-da-costa-cabral) [Consulta em 16-06-2014].

DADOS ESTATÍSTICOS – FALANTES DE PORTUGUÊS. Observatório da Língua Portuguesa: <http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/dados-estatisticos/falantes-de-portugues>. [Consulta em 16-06-214].

D’ALEMBERT: http://www.biografiasyvidas.com/biografia/d/d_alembert.htm [Consulta em 16-06-2014].

DIDEROT: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/d/diderot.htm> [Consulta em 16-06-2014].

HERCULANO, Alexandre: <http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=331>
[Consulta em 16-06-2014].

LINGUATECA: <http://www.linguateca.pt> [Consulta em 16-06-2014].

LINGUÍSTICA COMPUTACIONAL: [http://www.infopedia.pt/\\$linguistica-computacional](http://www.infopedia.pt/$linguistica-computacional)
[Consulta em 16-06-2014].

Livro de Estilo do Público: http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/16p-palavras.html
[Consulta em 16-06-2014].

Manual de Redação de O Estado de S. Paulo: <http://www.estadao.com.br/manualredacao/>
[Consulta em 16-06-2014].

MANÚCIO, Aldo, o Jovem: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/manuzio.htm>
[Consulta em 16-06-2014].

Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo:
http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_d.htm [Consulta em 16-06-2014].

OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA: <http://observatorio-lp.sapo.pt/pt/dados-estatisticos/as-linguas-mais-faladas/10-linguas-mais-faladas-no-mundo> [Consulta em 16-06-2014].

OLIVEIRA, Fernão: <http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/c16.html> [Consulta em 16-06-2014].

PEREIRA, Bento:
http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Historiografia_linguistica_memoria_ensino.pdf
[Consulta em 16-06-2014].

PINA MANIQUE: <http://www.arqnet.pt/dicionario/pinamanique.html> [Consulta em 16-06-2014].

RICQUIER, Léon: <http://viaf.org/viaf/34609650/> [Consulta em 16-06-2014].

TABLOIDE: <http://www.infoescola.com/jornalismo/tabloide/> [Consulta em 16-06-2014].

VARGAS, Getúlio: <http://www.historiabrasileira.com/biografias/getulio-vargas/> [Consulta em 16-06-2014].

VERA, Álvaro Ferreira de: <http://purl.pt/45> [Consulta em 16-06-2014].

ANEXOS

Anexo 1

Autores e títulos e dos textos jornalísticos (por semana e por jornal)

Textos analisados nos vários jornais portugueses e brasileiros (Semana 1: 3 de janeiro de 2012)

Jornais	Notícias		Reportagem	entrevista	crónica	Artigos de opinião	
Correio da Manhã	“Encapuzados roubam banco à mão armada”, última página (Catarina Gomes Sousa)	“Foi uma noite de muita aflição” (Magali pinto e Joana Domingos Sá)	Jornalismo de investigação: “Isaltino tem 369 mil euros na Suíça” (António Sérgio Azenha)	“Trata-se de uma ilusão contabilística” (entrev. a um economista) (Luís Figueiredo Silva)	“O paraíso dos ricos” (Armando Esteves Pereira)	“Sem honra nem glória”, Paulo Morais, professor universitário,	“Laços familiares” (Fernanda Cachão, editora)
Diário Económico	“Zona Euro deve perder um país já em 2012” (Luís Reis Pires)	“Holdings dos bancos não podem usar directamente a linha de recapitalização” (Maria Ana Barroso)	“No ano novo em busca de velhos preços” (Filipe Garcia)	Entrevista a William Gaston (Pedro Duarte)	“Melhor era impossível” (Dakar 2012) (Ricardo Leal dos Santos)	“Millennium bcp precisa de mudar de vida” (diretor António Costa)	“Descolar da Grécia, custe o que custar”: Editorial
Público	“Queda de 31% nos carros vendidos” (Pedro Crisóstomo)	“PSD e CDS-PP avançam para a proibição das drogas vendidas legalmente em <i>smartshops</i> ” (Rita Araújo)	“Aumento do IVA na restauração” (vv. Idália Revez)	A Rui Patrício, advogado: “Há uma crise no modo como o cidadão percebe a justiça” (Mariana Oliveira)	“Engordar devagar” (Miguel Esteves Cardoso)	“Avaliação dos dirigentes escolares: uma oportunidade perdida” (José Eduardo Lemos)	“Encolher o serviço público”: Editorial
Record	“Estradas estão a matar menos” (NA)	“Medicamentos com novos preços” (NA)	“Serena Williams diz que prefere compras ao ténis” (M.A.)	“Fomos castigados pelo que não fizemos” – entrev. a Domingos Paciência (Ricardo Vasconcelos e Paulo Paulus)	“Rio Ave encostou Sporting às cordas e teve o KO à vista no último segundo” (Eugénio Queirós)	“O erro de André” (Octávio Ribeiro)	“Os protectores” (João Querido Manha, jornalista e comentador da TVI)
O Estado de S. Paulo	“Após ano de crise, Cabral usa UPPs para se recompor” (Luciana Nunes Leal)	“Vendas de automóveis batem recorde em 2011” (Marcelo Rehder)	“Corrida republicana à Casa Branca começa hoje em Iowa...” (Gustavo Chacra)	A Sérgio Cabral: “Vou colaborar muito na reeleição de Dilma” (Luciana Nunes Leal)	“Hora de regulamentar o Terceiro Setor” (Rodrigo Baggio)	“País gasta muito com seguro-desemprego” (José Pastore)	“A substituição das indústrias pelos serviços é ilusória” (Ed. económico)
Folha de S. Paulo	A5: “Que fim levou?” (Breno Costa)	A9: “Arquivo Nacional recebe fotos e cartas de Prestes” (Marco Antônio Martins)	“Bonitos, bacanas, sacanas, modernos” (Silas Martí)	Entrevista a Sérgio Habib (Venceslau Borlina Filho)	“Condenado a torcer por Obama” (Clóvis Rossi)	“A roda brasileira da produção” (Michael Klen)	“Editorial: O culto dos desvios”
O Globo	“Acre no limite” (Cleide Carvalho)	“Prémio esquecido pode ir para a saúde” (Marcio Allemand)	“Chuva e pavor voltam a atormentar Friburgo” (Isabel Araujo e Luiz Ernesto Magalhães)	“Roteirista por acaso, entre cinema e TV” (Mauro Ventura)	“O risco de ficar refém” (Percy Rodrigues)	“Além dos números” (Merval Pereira)	“Vénias e mortais” (Luiz Garcia)
Lance!	“Falcão assina com o Orlandia” (Felipe Mendes)	“Apo ganha site e transparência” (Michel Castellar)	“Vem? Enfim, Flamengo envia oferta por Vagner Love e aguarda” (Claudio Portella, Eduardo Mendes e Pedro H. Torre)	A Rafael Hettsheimeir (Fábio Aleixo)	“Que tal, como Raul, dar pipocas...” (Roberto Assaf)	“A estupidez humana” (João Carlos Assumpção)	“Por que a CBF ignora a copinha?” (Alessandre Lozetti)

NA – não assinada/o

Textos analisados nos vários jornais portugueses e brasileiros (Semana 2: 10 de janeiro de 2012)

Jornais	Notícias		Reportagem	entrevista	crónica	Artigos de opinião e / ou editorial	
Correio da Manhã	“Catroga em cargo milionário” (António Sérgio Azenha)	“Rei Ghob filma sexo com vítima” (Magali Pinto)	“Spielberg aposta forte no ‘cavalo’” (Paulo Portugal, enviado especial a Londres)	“Ritmo das novelas não me agrada” – entrev. a Sandra Cóias (Sofia Martins Santos)	“Regime de part-time” (Eduardo Dâmaso, diretor-adjunto)	“Poder e associados”, Paulo Morais,	“O valor das palavras” – editorial (Fernanda Cachão, editora)
Diário Económico	“Salários dos bancários passados a pente fino” (Maria Ana Barroso)	“Berlim avisa que próxima tranche...” (Luís Reis Pires)	“Lionel Messi é o melhor do Mundo...”, (Paulo Jorge Pereira e Marta Talhão)	Entrevista a Luísa Cerdeira: "O valor das bolsas terá tendência a baixar este ano" (Ana Petronilho)	“Três desejos para 2012” (Miguel Setas)	“Amigos, amigos, tranches à parte” (subdiretora)	“Crédito malparado e liquidez bancária”: editorial
Público	“Chávez diz estar ao lado do Irão para travar ‘loucura imperialista’” (Ana Fonseca Pereira)	“Estudo aponta para a proibição de fumar...” (Graça Barbosa Ribeiro)	“Os 21 especiais” – P2, (Patrícia Carvalho)	“Os defesas torturados pelo craque argentino, na 1.ª pessoa” (Filipe Escobar de Lima)	“Partilhar sai caro” (Miguel Esteves Cardoso)	“Prevenir a violência social para evitar a sua repressão” (José Loureiro dos Santos)	“Um inquérito bastante original” - Editorial
Record	“Crédito volta a dar que falar” (NA)	“Hat-trick de ouro” (João Picanço)	“Delonte West barrado na Casa Branca” (M.A.)	“Tenho o sonho de ganhar uma medalha em Londres” – entrev. a Telma Monteiro (Pedro Ponte)	“Estupidez real”, (Alexandre Pais)	“Azeite a ferver” (Octávio Ribeiro)	“De avental” (João Querido Manha)
O Estado de S. Paulo	“Depois de pôr irmão em estatal, ministro deu cargo...” (Marta Salomon)	“TJ pagou 500 mil a desembargador” (Fausto Macedo)	“Republicano promete atacar” (Denise Chrispim Marin)	A Clementino Coelho: “Coloquei o meu cargo à disposição por diversas vezes” (Vannildo Mendes)	“A (des)ordem internacional em 2012” (Rubens Barbosa)	“Efeito efêmero” (Dora Kramer)	“O otimismo do secretário de Política Econômica”: Editorial econômico
Folha de S. Paulo	“Irmão adiou cobrança de dívida de ministro” (Breno Costa)	“IPVA com desconto de 3% começa a vencer amanhã em São Paulo” (Marco Cézari)	“Romney ganha força em corrida eleitoral” (Verena Fornetti)	A Brian Molko: “Placebo sempre foi casa para outsiders”, afirma Brian Molko” (Iuri de Castro Tôrres)	“Sentimentos brasileiros” (Janio de Freitas)	“Andar, conviver e dormir” (Soninha Francine)	Editorial: “Melhoria nos EUA”
O Globo	“Com verba extra, cobiça pela Ciência e Tecnologia” (Roberto Maltchik e Cristiane Jungblut)	“Projetos de US\$850 milhões contra enchentes” (Fabio Vasconcellos)	“Romney busca vitória inédita” (Fernando Godoy, enviado esp.)	“ ‘Berlin calling’” (Cristina Ruiz-Kellersmann)	“Sob instabilidade” (Rubens Barbosa)	“AL sem Brasil” (Merval Pereira)	“PM na UFF” (Luiz Garcia)
Lance!	“Criador e criatura” (Fábio Aleixo)	“Embalos da capitã” (Rafael Carvalho)	“São os novos tempos” (Rodrigo Lois)	Bate bola a Rodrigo Caetano (Rodrigo Lois)	“A síndrome do time reserva está de volta” (Roberto Assaf)	“Estádio ‘Shopping center’” (João Carlos Assumpção)	“Dizem que falta algo a Messi” (Thiago Rocha)

NA – não assinada/o

Textos analisados nos vários jornais portugueses e brasileiros (Semana 3: 17 de janeiro de 2012)

Jornais	Notícias		Reportagem	entrevista	crónica	Artigos de opinião e / ou editorial	
Correio da Manhã	“Mãe de vítima chora”, (Magali Pinto)	“Patrão dos móveis suspeito de fraude” (Catarina Gomes de Sousa e Tânia Laranjo)	“Leão gasta 28 milhões e está pior na Liga” (Nuno Miguel Simas)	“As pessoas gostam muito de mim” – entrev. a Rui Porto Nunes (Sofia Martins Santos)	“O ajudante Magalhães” (diretor-adjunto)	“Cerca eléctrica” (Paulo Morais, professor universitário)	“Problema de decoração” - editorial (Fernanda Cachão)
Diário Económico	“Estado vai pagar mais caro pelo empréstimo da EU” (Luís Rego)	“Senhorios não podem despejar idosos com mais de 65 anos” (Paula Cravina de Sousa)	“Marcelo quer renovar contrato com a TVI” (Catarina Madeira e Rebeca Venâncio)	Entrevista a Angel Gurria: “Não se preocupem excessivamente com a Grécia” (Mónica Silveiras)	“Quem é o Maçom?” (José Reis dos Santos)	“Vitória de Pirro ou uma finta à madeirense” (diretor executivo, Bruno Proença)	“Privatizações e empresários portugueses”: editorial
Público	“João Pedroso ainda deve 35 mil euros por não ter cumprido contrato com Governo socialista” (Mariana Oliveira)	“Autores de agressão exibida no Facebook só vão presos se não voltarem à escola” (Rita Araújo)	“Manobra “não-autorizada” fez naufragar o Costa Concordia” (Ana Gomes Ferreira)	“Ribeiro e Castro lamenta “maioria de aluguer”” (Sofia Rodrigues)	“Bendito chicharro” (Miguel Esteves Cardoso)	“Quero ser um Catroga” (Jorge Marmelo)	“Retorno da turbulência aos mercados”: Editorial
Record	“Mamã Clijsters incentiva campeã portuguesa” (Norberto Santos)	“Maratona para tentar acordo” (NA)	“Rivais siameses” (Aurélio de Macedo)	“Sempre me agradou bastante escrever” – entrev. a Diana Pereira (NA)	“Entre o mimo e a exigência” (Bernardo Ribeiro, subdiretor)	“Urge estabilidade” (Octávio Ribeiro)	“Alargamento” (João Querido Manha, jornalista e comentador da TVI)
O Estado de S. Paulo	“Verbas para a saúde põem Alckman em colisão com Dilma” (Rafael Moraes Moura e Daiene Cardoso)	“Sob acusação de estupro participante do BBB é eliminado” (Pedro Dantas)	“Homenagem de capitão a tripulante provocou naufrágio, diz jornal italiano” (Jamil Chade)	Apresentador do Globe Esporte inicia caravana por São Paulo” (Aline Dauroiz)	“A conjuntura não justifica artifícios pró-consumo” (José Pastore)	“De aço ou renda” (Dora Kramer)	“A conjuntura não justifica artifícios pró-consumo”: Editorial econômico
Folha de S. Paulo	“Para reduzir pena, presos leem ‘O Pequeno Príncipe’” (Marco Antônio Martins)	“Juro pode parar de cair antes do previsto” (Mariana Schreiber)	“Com crise econômica na Grécia, famílias perdem...” (Sabina Righetti)	“Depoimento de Rodrigo Cunha” (Sílvia Freire)	“O caso vai avançar” (Janio de Freitas)	“A loteria Enem” (Nelson José Machado)	Editorial: “Dilema federal”
O Globo	“Daniel, modelo, é afastado do ‘BBB12’ após suspeita de abuso sexual” (Florença Mazza e Roberta Freire)	“OGX faz descoberta na Bacia de Santos” (Ramona Ordonez)	“Argentina investiga prática de cartel por Petrobrás e outras petrolíferas” (Janaína Figueiredo)	“Bartolomeu de Campos de Queirós, escritor” (Guilherme Freitas)	“Maratona no Pantanal (por dentro do Globo)”	“Conciliação ainda” (Merval Pereira)	“Terreno instável” (Miriam Leitão)
Lance!	“R10 viaja, mas no domingo se recusou a entrar em campo...” (Claudio Portella e Roberto Murad)	“Sotaque cubano embala o Minas” (Rafael Carvalho)	“Espelho, espelho meu” (Bruno Marinho)	Bate bola a Edinho (Bruno Marinho)	“Sonho e pesadelo nos jogos da CBF” (Roberto Assaf)	“Os ataques a Leonardo” (João Carlos Assumpção)	“A preguiça de pensar dos boleiros” (Alessandro Abate)

Textos analisados nos vários jornais portugueses e brasileiros (Semana 4: 24 de janeiro de 2012)

Jornais	Notícias	Reportagem	entrevista	crónica	Artigos de opinião e / ou editorial		
Correio da Manhã	“Descrença total e fê em Patrício” (Nuno Miguel Simas)	“Alunos ficam sem descontos” (Raquel Oliveira)	“Sinal digital deixa aldeias sem emissão” (Paulo Marcelino / Helga Nobre)	“O namoro está a correr bem” – entrev. a Rita Mendes (Sofia Martins Santos)	“A bomba demográfica” (diretor-adjunto) (Paulo Morais, professor universitário)	“A fraude do truca-truca” (Fernanda Cachão)	
Diário Económico	“Conteúdos patrocinados já são moda na rádio” (Catarina Madeira e Rebeca Venâncio)	“Consumo de combustível caiu 7% no terceiro trimestre” (Cátia Simões)	“Portugal poderá reciclar os fundos europeus não usados” (Luís Rego)	Entrevista a Jean-Paul Fitoussi: “É impossível satisfazer as exigências do FMI e relançar o crescimento” (Mónica Silves)	“Concertação judicial” (Paulo Marcelo)	“Ficção impossível” (Helena Cristina Coelho, subdiretora)	“Transportes públicos e contribuintes”: editorial
Público	“Sindicatos da polícia sondados há meses pelo MAI sobre substituição do director nacional” (Mariana Oliveira)	“Irão desvaloriza embargo sem precedentes da EU às suas exportações petrolíferas” (Ana Fonseca Pereira)	“Reestruturação da dívida grega sim mas só se for ‘aceitável’ (Isabel Arriaga e Cunha, Bruxelas)	Entrevista a Craig Thompson: “Memórias de um coming out religioso” (José Marmeleira)	“Vergonha e desemprego” (José Vítor Malheiros)	“Democratas e baleias” (Jorge Marmelo)	“O jogo das sanções e das ameaças”: Editorial
Record	“Não se pode pedir sempre o máximo a Gaitán” (Miguel Belo e Nuno Ponto)	“O meu Barça é melhor que o teu” (NA)	“Belenenses sofre uma razia no plantel” (Alexandre Reis e Pedro Ponte)	Entrevista a Marco Horácio: “Já me apresentaram formatos que recusei” (NA)	“Patrício salvou o ponto” (José Carlos Freitas)	“Mourinho treme” (Octávio Ribeiro)	“Malmequer” (João Querido Manha, jornalista e comentador da TVI)
O Estado de S. Paulo	“Dilma lança ‘vacina eleitoral’ para Enem” (Tânia Monteiro e Rafael Moraes Moura)	“Uso de peles de animais leva ativistas...” (Valéria França / Flávia Guerra)	“Europa anuncia embargo a petróleo iraniano...” (Jamil Chade)	A José Sérgio Gabrielli: «Este é apenas um ciclo que se fecha» (Irány Tereza)	“A música segundo Tom Jobim” (Arnaldo Jabor)	“Muito além do estilo” (Dora Kramer)	“Parafusos espanados” (José Paulo Kupfer)
Folha de S. Paulo	“Dirigente do CNJ divulgou empresa a juizes” (Flávio Ferreira)	“Sacolinha estimula reciclagem de orgânico” (Toni Sciarretta)	“Capital da Revolução” (Karen Marón)	“Nua há meio século” (Alexandre Aragão)	“Sinal do Recorde” (Janio de Freitas)	“O resgate do Brasil colônia” (Alfredo Bonduki)	Editorial: “Sucesso adiado”
O Globo	“Confronto continua, e até biblioteca é queimada” (Marcelle Ribeiro)	“Pagamento do IPVA é prorrogado novamente” (Isabel de Araujo e Ana Paula Viana)	“Choque de realidade” (Isabela Bastos, Ludmilla Lima e Rafaela Santos)	“Aos 27 anos, Qinho avalia os efeitos do tempo em novo CD” (Luiz Felipe Reis)	“No front (Por dentro do Globo)”	“As lições de Churchill” (Rodrigo Constantino)	“O doleiro do TRT” (Luiz Garcia)
Lance!	“A luta continua!” (Bruno Braga e Roberto Murad)	“Libertadores de 2012” (Rodrigo Lois)	“Planejamento é comemorado...” (Eduardo Mendes na Bolívia)	A Gomes (Marcelo Braga)	“Um candidato ao ‘febeapá’ de 2012” (Roberto Assaf)	“Cristo no octógono” (João Carlos Assmpção)	“Tudo igual. Oba!” (Mauro Betting)

NA – não assinada/o

Textos analisados nos vários jornais portugueses e brasileiros (Semana 5: 31 de janeiro de 2012)

Jornais	Notícias		Reportagem	entrevista	crónica	Artigos de opinião e / ou editorial	
Correio da Manhã	“Foi terrível sentir a pistola na minha cabeça” (João Tavares)	“Ferido em queda de 120 metros” (Francisco Manuel)	“Rendeiro convoca 100 testemunhas” (António Sérgio Azenha / Miguel Alexandre Ganhão)	“Eu e os meus filhos somos fãs do Zoo” – entrev. a Elsa Gervásio (Sabrina Hassanali)	“O estado da pensão” (diretor-adjunto)	“A Mão no Poder” (Paulo Morais, professor universitário)	“Vou teimoso” – Editorial (Fernanda Cachão)
Diário Económico	“BCP cria Conselho Estratégico para a Internacionalização” (António Costa e Maria Ana Barroso)	“Crato quer revisão curricular em Março” (Ana Petronilho)	“Segundo resgate não depende de Portugal” (Luís Rego)	Três perguntas a Luís Parente (Hermínia Saraiva)	“Filosofia caduca” (José Reis Santos)	“A última oportunidade” (diretor, António Costa)	“Separados pelo código do trabalho”: editorial
Público	“Troika dá mais tempo ao Governo para reformar justiça” (Mariana Oliveira)	“Zona euro quer programa de ajuda à Grécia fechado até ao fim de semana” (Isabel Arriaga e Cunha, Bruxelas)	“A greve geral que paralisou a Bélgica mas não afectou o encontro dos líderes europeus” (Susana Almeida Ribeiro)	Entrevista a Stéphane Peterhansel: “Ainda não sei se vou continuar a competir no Dakar” (Paulo Curado)	“Dicionário Lello” (Pedro Lomba)	“A Europa aqui tão longe” (José Vítor Malheiros)	“As escolhas erradas do Presidente”: Editorial
Record	“Ronda final do mercado promete maior animação” (Bruno Fernandes)	“Roberto Carlos termina carreira” (NA)	“Queremos começar bem” (Cláudia Marques)	Entrevista a Gonçalo Waddington: “Era bom um ‘Último a sair perdidos na selva’” (NA)	“Benfica a trabalhar melhor” (Bernardo Ribeiro, subdiretor)	“Árbitro e favorito” (Octávio Ribeiro)	“A encomenda” (João Querido Manha, jornalista e comentador da TVI)
O Estado de S. Paulo	“TJ-SP quer cobrar união por processos” (Fausto Macedo)	“Cotado para assumir presidência do INEP...” (Rafael Moraes Moura)	“Longe de dissidentes, Dilma chega a Cuba” (Lisandra Paraguassu)	“O foguete do The Black Keys” (Pedro Antunes)	“Os canalhas nos ensinam mais” (Arnaldo Jabor)	“Trabalho distante, problemas próximos” (José Pastore)	“Muito chão pela frente” (José Paulo Kupfer)
Folha de S. Paulo	“PT indica a Dilma dois nomes para substituir Lupi no Trabalho” (Simone Iglesias)	“TJ-SP investiga pagamentos fora do contracheque a juizes” (Frederico Vasconcelos e Flávio Ferreira)	“Europa aprova multa contra país gastador” (Rodrigo Russo)	A Zoé Valdés: “Fidel criou o produto de marketing que se chama Revolução Cubana” (Eleonora de Lucena)	“Brasil, professor de capitalismo” (Clóvis Rossi)	“Caso das embalagens tem 4 partes diretamente afetadas” (Priscila Borin Claro)	Editorial: “Armadilha fiscal”
O Globo	“O triste recomeço visto pelas janelas do medo” (Isabel de Araujo e Waleska Borges)	“Eike Batista agora quer ser um produtor de café” (Ramona Ordenez)	“As mazelas que Dilma não verá” (Chico de Gois)	“Do balcão de um café ao topo do mundo” (Luiz Felipe Reis)	“Mais perto da notícia (Por dentro do Globo)”	“O choque cultural de ser uma doméstica na Arábia” (Rasheed Abou Alsamh)	“Contágio português” (Miriam Leitão)
Lance!	“O Love está no ar!” (Roberto Murad)	“É bom aproveitar!...” (Bruno Braz e Luiz Guilherme Freitas)	“Discórdia olímpica” (Rafael Valesi)	A Deivid (Roberto Murad)	“O velho dilema do anúncio do biscoito” (Roberto Assaf)	“Tropeços nos campos e nos pequenos” (Bruno Saldanha)	“Gente que pensa e passa” (Mauro Betting)

NA – não assinada/o

Textos analisados nos vários jornais portugueses e brasileiros (Semana 6: 7 de fevereiro de 2012)

Jornais	Notícias		Reportagem	entrevista	crónica	Artigos de opinião e / ou editorial	
Correio da Manhã	“Rei da montanha nas malhas do crime” (Henrique Machado / Filipe A. Ferreira / Nelson Rodrigues)	“Amarrada e assassinada” (João Tavares)	“Idosos mais seguros” (André Pereira)	“Em Portugal já não há trabalho” - Entrevista a Catarina Mira (Vânia Nunes)	“O Carnaval de Passos” (Manuel Catarino, subdiretor)	“Ambrósio” (Paulo Morais, professor universitário)	“Capacidade de percepção” - Editoria (Fernanda Cachão)
Diário Económico	“Guerra do carbono? prejudica sector europeu da aviação” (Pedro Duarte)	“Mais de 31 mil alunos frequentam cursos em risco de encerrar” (Ana Petronilho)	“Grécia condenada a aceitar mais austeridade” (Luís Rego)	“Portugal parece-se com a Irlanda” (Luís Leitão)	“O António, o José e o Seguro” (subdiretor)	“Sobreendividamento e relançamento económico” (subdiretor Francisco Ferreira da Silva)	“Descolar da Grécia, custe o que custar”: editorial
Público	“Antena 3 não quer ser uma estação de música portuguesa” (Margarida Gomes)	“Bares da zona dos Clérigos querem ajudar a pagar concerto dos relógios da torre” (Patrícia Carvalho)	“Cabeceiras de Basto acredita que proposta para fechar novo tribunal é um engano” (Samuel Silva)	“Emanuel Furtado volta com missão de “formar” cirurgiões de transplantes hepáticos pediátricos” (Graça Barbosa Ribeiro)	“O fim da “social-democracia” (Pedro Lomba)	“Os reis do Carnaval” (Jorge marmelo)	“As fronteiras da desordem síria”: Editorial
Record	“Transplantes reativados” (NA)	“Frederico Gil ganha título ATP em pares” (Isabel Dantas e Norberto Santos)	“Malapata a quebrar” (Cláudia Marques)	Entrevista a Boss AC (NA)	“Que segredo esconde Rinaudo?” (Nuno Farinha, diretor-adjunto)	“Trauma leonino” (António Magalhães, diretor adjunto)	“Capitão Sporting” (João Querido Manha)
O Estado de S. Paulo	“Direitos humanos vira ‘arma’ em ano eleitoral” (João Domingos)	“Receita vai libertar programa para declarar IR mais cedo” (Renata Verfssimo)	“EUA retiram diplomatas e fecham embaixada na Síria por ‘segurança’” (Gustavo Chacra)	A Luiz Carlos Mendonça de Barros: «Privatização está de volta à agenda do país» (Glauber Gonçalves)	“Café especial” (Xico Graziano)	“Pequena empresa não elege ninguém” (Paulo Feldmann)	“Saída made in USA” (José Paulo Kupfer)
Folha de S. Paulo	“Presidente cobre ‘atitude republicana’” (Flávia Foreque e Márcio Falcão)	“Dilma reúne juntamente...” (Natuza Néry e Sheila D’Amorim)	“Território rebelde vira símbolo...” (Karen Marón)	Ao ministro da Justiça: “Grevistas abusam e fazem vandalismo, afirma ministro” (Natuza Néry)	“Não houve licença para matar” (Clóvis Rossi)	“O espantoso leilão dos ares” (Vinicius Torres Freire)	Editorial: “Triste Bahia”
O Globo	“EUA sugerem que americanos evitem Bahia” (Roberto Maltchik)	“Petrobrás faz licitação milionária de plataformas de pré-sal” (Ramona Ordonez)	“Jubileu de diamante para Elizabeth II” (Simone Ribeiro Barreto)	A José Eduardo Cardozo: «Governo não vai tolerar atos de vandalismo e crimes» (Jailton de Carvalho)	“No iPod, música sem qualidade” (Pedro Doria)	“Ninguém sabe quanto custará a copa” (Gil Castelo Branco)	“Nas asas estatais” (Miriam Leitão)
Lance!	“O cenário ideal” (Bruno Marinho e Guilherme Martins)	“O reduto de Patrícia” (Marcelo Damato)	“Laureus pode vir para o Brasil” (Thiago Rocha)	A Deco (N.A.)	“Luxemburgo deu tiro no próprio pé” (Roberto Assaf)	“O retorno da laranja mecânica” (Bruno Saldanha)	“Nossos pés esquerdos” (Mauro Betting)

Textos analisados nos vários jornais portugueses e brasileiros (Semana 7: 14 de fevereiro de 2012)

Jornais	Notícias		Reportagem	entrevista	crónica	Artigos de opinião e / ou editorial	
Correio da Manhã	“Despedido por ‘namorar’ com o FCP” (Nuno Simas)	“Cem mil euros levam professora ao crime” (Magali Pinto)	“Sátira reina em Ovar e Estarreja” (Ana Sofia Coelho / Francisco Manuel)	“Amo este novo contexto familiar” - Entrevista a Flor (Sofia Martins Santos)	“Inquéritos prévios” (Eduardo Dâmaso, diretor-adjunto)	“Mal maior” (Paulo Morais, professor universitário)	“Sacrifício grego” (Fernanda Cachão)
Diário Económico	“Marinha não cumpre lei de subsídio de maternidade” (Filipe Garcia)	“Obama eleva carga fiscal para os mais ricos” (Pedro Duarte)	Reportagem: “Atenas recupera de feridas profundas” (Pedro Caldeira Rodrigues)	a Diego Iscaro: "Saída da Grécia do euro não é uma solução impossível" (Luís Rego)	“Um golo na própria baliza?” (António Costa)	“O artista” (José Reis Santos)	“A tormenta das construtoras”: editorial
Público	“Empresas exigem a Godinho 1,6 milhões de indemnizações” (Mariana Oliveira)	“Jovem que pontapeou jornalista sujeito a apresentações periódicas” (Rita Araújo)	“Países do euro deverão amanhã salvar a Grécia da bancarrota... por agora” (Isabel A. e Cunha)	Entrevista a Miguel Gomes: “Senti-me livre para não fazer uma ficção exemplar” (Luís Miguel Oliveira)	“O caso Garzón” (Pedro Lomba)	“Aí vai a história...!” (Luís Reis Torgal)	“Lições dos episódios do caos da Grécia”: Editorial
Record	“Prodígio espanhol bate Frederico Gil” (Norberto Santos)	“Cavaco mostra ‘apreensão’ (NA)	“Zenit em desvantagem porque Danny é influente” (Nuno Martins)	Entrevista a Ana Guiomar: "A TV tem um cantinho especial no meu coração" (NA)	“Eles não vão ao Jamor mas também brilharam” (Tiago Almeida)	“Efeito especial” (Nuno Farinha, diretor adjunto)	“Paciência” (João Querido Manha)
O Estado de S. Paulo	“Fazenda reduz previsão de crescimento a 4,5%” (Renata Veríssimo e Célia Froufe)	“Pátria entra na compra de energia” (Marina Gazzoni)	“Rival de Chávez quer aliança com Brasil” (Lourival Sant’Anna)	A Martin Scorsese: «"O projetor mudou meu mundo"» (Pedro Caiado)	“Preços predatórios” (Celso Ming)	“As cidades e o sertão” (Luiz Werneck Vianna)	Editorial econômico: “BC facilita operações de bancos pequenos e grandes”
Folha de S. Paulo	“Comissão de ética decide investigar Pimentel” (Flávia Foreque)	“Índice coloca o Brasil à frente...” (Patrícia Campos Mello)	“Em dia de revolução Atenas tem 50 prédios queimados” (Rodrigo Russo)	“Ainouiz começa a rodar...” (Fabio Cypriano)	“A vontade de viver” (Jairo Marques)	“Farmácias vitaminadas” (Vinicius Torres Freire)	Editorial: “Grécia no limite”
O Globo	“Aids: gays são substituídos em vídeo” (Evandro Eboli)	“Governo cobra apoio de base para votar fundo” (Cristiane Jungblut)	“Batucada de obras incessante no Sapuca” (Simone Candida e Maria Elisa Alves)	A Raquel Rolnik: «"Há o mesmo mecanismo de exclusão do Brasil"» (Daniela Kresch)	“As escolhas de cada dia” (Pedro Doria)	“Aposta certa” (Armando Vergílio)	“Angústias de um colarinho branco” (Arnaldo Jabor)
Lance!	“Vai ficar mais fácil” (Eduardo Mendes)	“Nos pés deles” (Alexandre Araújo e Bruno Braz)	“O príncipe de NY” (Ivo Filipe)	A Assis (Eduardo Mendes)	“Os estaduais estão se autodestruindo” (Roberto Assaf)	“Exemplo e alerta que vêm de África” (Bruno Saldanha)	“Dúvidas do 4-2-3-1” (Mauro Betting)

NA – não assinada/o

Textos analisados nos vários jornais portugueses e brasileiros (Semana 8: 21 de fevereiro de 2012)

Jornais	Notícias		Reportagem	entrevista	crónica	Artigos de opinião e / ou editorial	
<i>Correio da Manhã</i>	“Devemos nove resgates da troika” (Raquel Oliveira)	“Incesto pode ser despistado” (Ana I. Fonseca / Tânia Laranjo)	“Sporting apresenta 10 erros do juiz” (Nuno Miguel Simas)	“Angola não é país de norte de África” - Entrevista a Bento Kangamba (António Pereira)	“E depois do Carnaval...” (diretor-adjunto)	“Privataria” (Paulo Morais, professor universitário)	“Memória selectiva” (Fernanda Cachão)
<i>Diário Económico</i>	Não houve edição						
<i>Público</i>	“Bashar al-Assad acusa países estrangeiros de financiarem e armarem...” (Ana Gomes Ferreira)	“Pólo zero já vai estar ao serviço dos estudantes em 2012/2013” (Patrícia Carvalho)	Notícia desenvolvida: “Mundial de futebol e Jogos Olímpicos vão custar 28 mil milhões...” (Filipe Escobar de Lima)	“Os actores amavam Raúl Ruiz porque ele amava os actores” (Lucinda Canelas)	“No sambódromo”, (Alexandra Lucas Coelho)	“Geopolítica da crise europeia e futuro de Portugal” (José Loureiro dos Santos)	“O preço de querer voltar à guerra fria”: Editorial
<i>Record</i>	“Há quem jogue pior e esteja no top 100” (Norberto Santos)	“Dia de Carnaval com greve na CP” (NA)	“Salvador faz frente a Ulisses Pereira” (Alexandre Reis)	Entrevista a Carlos Mendes: “É um espetáculo muito português” (NA)	“Vitória da humildade” (Vitor Pinto)	“Gestos de Sá Pinto” (Octávio Ribeiro)	“Águia sai da zona de conforto” (António Magalhães, diretor-adjunto)
<i>O Estado de S. Paulo</i>	“TJ-SP pagou 300 juízes de forma antecipada” (Fausto Macedo)	“Militares criticam opiniões de ministras e omissão de Dilma” (Tânia Monteiro)	“Susto com inflação na Calle Florida” (Ariel Palacios, corresp.)	A René Marie: “RENÉ CANTA FREUD” (Antonio Gonçalves Filho)	“Cachaça boa, ‘marvada’ pinga” (Xico Graziano)	“Sob a mira, as cadernetas” (Celso Ming)	“Desafios de financiamento do agronegócio” (António M.Buainain)
<i>Folha de S. Paulo</i>	“Partidos aliados a Dilma vão ser adversários...” (Maria Clara Cabral e Simone Iglesias)	“Curso superior não tem elevado renda, diz estudo” (Mariana Schreider)	“Grande retrospectiva mostra potência cromática de Chagall” (Silas Martí, enviado especial a Madri)	A Jennifer Lopez: «NÃO SOU O TIPO QUE BEBE CERVEJA» (NA)	“No sofá” (Keila Jimenez)	“Manhã de Carnaval” (Nizan Guanaes)	Editorial: “Brasil democrático”
<i>O Globo</i>	“União repassará obras dos Jogos de 2016” (Fábio Vasconcellos)	“Em 3 dias, 122 mortes nas estradas federais” (Carolina Brígido)	“Cabo Frio sai na frente” (Henrique Gomes Batista, enviado especial)	“O poeta e o seu desassossego” (Luiz Felipe Reis)	“Privacidade para quê?” (Pedro Doria)	“Aposta certa” (Armando Vergílio)	“O Carnaval é um comício dançante” (Arnaldo Jabor)
<i>Lance!</i>	“Cristovão revela conversa com Bernardo, que não falou em sair do clube” (Bruno marinho e Rodrigo Ciantar)	“CBF: votação sob ameaça” (Daniela Leal e Marcelo Damato)	“All in star game” (Fernando Santos, env. Especial aos EUA)	A Sérgio Landau (NA)	“Os estaduais vão se autodestruir (II)” (Roberto Assaf)	“A dupla Bebeto e Romário” (João Carlos Assumpção)	“Pescaram as camisas dos grandes” (Bruno Saldanha)

NA – não assinada/o

Textos analisados nos vários jornais portugueses e brasileiros (Semana 9: 28 de fevereiro de 2012)

Jornais	Notícias		Reportagem	entrevista	crónica	Artigos de opinião e / ou editorial	
Correio da Manhã	“Menina de 9 anos vê mãe morrer no carro” (Francisco Manuel / Nelson Rodrigues)	“Jovem burla 100 vítimas pela net” (Tânia Laranjo)	“Título europeu na mira de CR7” (António Pereira, enviado especial à Polónia)	“Contento-me com prémio português” – entrev. a Rita Pereira (Nelson Rodrigues)	“As falsas prioridades” (diretor-adjunto)	“Não sabe, não mexe”, (Paulo Morais, professor universitário)	“Capacidade de percepção” (Fernanda Cachão)
Diário Económico	“Perspectivas negativas mantêm-se” (Paula Cravina de Sousa)	“Último balão de oxigénio do BCE dá esperança para nova subida nas bolsas” (Luís Leitão)	“Assembleia geral do BCP reúne 48% dos accionistas” (Maria Teixeira Alves e Maria Ana Barroso)	“Este é o Conselho Europeu de regresso à normalidade” (Inês David Bastos)	“O dono que faltava” (António Costa)	“Portugaliser” (José Reis dos Santos)	“A folga da 'troika'”: Editorial
Público	“Universidades alertam para risco de paralisação e exigem alteração à Lei dos Compromissos” (Samuel Silva)	“Nova constituição síria diz que Bashar al-Assad se manterá no poder até 2018” (Ana Gomes Ferreira)	“EDP quer a arquitectura e a arte a tornar as barragens património” (Lucinda Canelas)	Entrevista a Natasha Atlas: “Há duas maneiras de escravizar uma nação: pela espada e pela dívida” (Margarida Santos Lopes)	“Onde param a ministra, o CDS e a CAP?” (Pedro Garcias)	“Por que é que os sistemas informáticos falham tão facilmente?” (Paulo Esteves Veríssimo)	“Uma fusão serena”: Editorial
Record	“Foi Durant e depois”, (Pedro Ponte)	“Mark Djokovik à sombra de Novak” (NA)	“Portugal só sabe ganhar” (José Carlos Freitas)	Entrevista a Mário Daniel: “É um espetáculo para todas as idades” (NA)	“Ora digam lá se isto não é um candidato” (António Mendes)	“Claques sem bola” (Octávio Ribeiro)	“Sporting de Braga ameaça fazer história” (Nuno Farinha, diretor-adjunto)
O Estado de S. Paulo	“Justiça quebra sigilo bancário do Dr. Hélio” (Fausto Macedo)	“Alimentos recuam e IGP-M registra deflação de 0,06%” (Márcia De Chiara)	“Fenômeno construído” (Uribatan Brasil, env. esp. a L.A.)	A Fernando Henriques Cardoso: “Para FHC, disputa em SP 'revitaliza' Serra e não o tira do páreo presidencial” (Gustavo Chacra)	“Escritores pela liberdade” (Joaquim Maria Botelho)	“A força das classes médias” (Celso Ming)	Editorial econômico: “Agora é urgente definir o reajuste dos combustíveis”
Folha de S. Paulo	“Aliado a Tucanos em SP, PSB apoiará...” (Cátia Seabra e Natuza Néry)	“Entulho resultante do incêndio se torna um problema ambiental” (Claudio Angelo e Simone Iglesias)	“Agência classifica dívida grega como ‘calote seltivo’” (Rodrigo Russo)	Vítor Suarez Cunha: “Sou um garoto comum” (em depoimento a Cláudia Antunes)	“Óscar 2012! Engolimos um sapo!” (José Simão)	“Oportunidade” (Benjamin Steinbruch)	Editorial: “Impunidade no poder”
O Globo	“PT e PSD serão aliados em outros municípios” (Marcelle Ribeiro e Guilherme Voitch)	“Mais uma vítima reconhece acusado de estupro” (Renata Leite e Ludmilla Lima)	“Xerife linha-dura é estrela no Arizona” (Flávia Barbosa, enviada esp.)	“O ‘Super homem’ é que é um herói” (Waleska Borges)	“A crise da CBF” (Marcio Braga)	“A Bienal sob risco” (Rubens Barbosa)	“Meninos, eu vi...” (Arnaldo Jabor)
Lance!	“Promessa do Mito” (Rodrigo Ciantar)	“‘Só sai se quiser’”(Bruno Braga)	“Legado já começou!” (Thiago Rocha, env. a Londres)	A Wellington Nem	“Na hora certa, Fluzão virou Máquina” (Bruno Saldanha)	“A sobrevivência dos cartolas” (João Carlos Assumpção)	“Respostas e respostas” (Mauro Betting)

NA – não assinada/o

